

A romantic couple is shown in profile, about to kiss. The man has a beard and is shirtless. The woman has dark hair and is also shirtless. In the foreground, a pair of bare feet is visible, with a pair of light-colored ballet slippers lying on the floor next to them. The background is dark and out of focus.

Outra vez o amor

Autora best-seller da Amazon
DIANE BERGHER



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

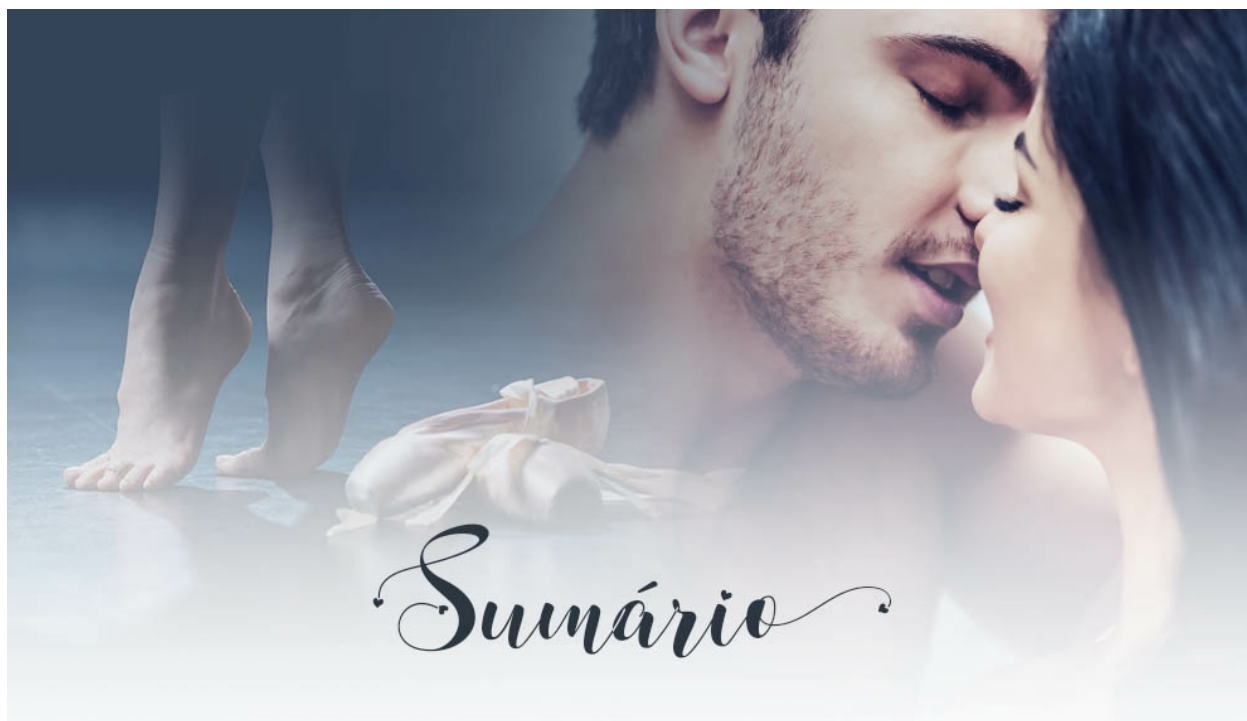
Outra vez o *amor*

Autora best-seller da Amazon
DIANE BERGHER

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Sumário

[Sinopse](#)

[Nota da Autora](#)

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Outras obras](#)

[Sobre a autora](#)

[Contato](#)

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON



Depois de alcançar o estrelato como uma das mais importantes bailarinas do Teatro Bolshoi, Betina é chamada pelo tio adoentado, a única pessoa que lhe deu carinho, a voltar para casa. Órfã de mãe e sem saber o paradeiro do pai, dependeu da generosidade dos parentes para sobreviver. Tímida e retraída, cresceu sem chamar a atenção de ninguém. Suas sapatilhas sempre lhe serviram como único consolo.

De volta a Toledo, descobre que sua vida não passou de um emaranhado de mentiras, cuja verdade a fará questionar suas escolhas. No meio

de recordações dolorosas e feridas não cicatrizadas, reencontra Hugo, sua paixão da adolescência, agora um pediatra bem-sucedido, mas tão ou mais sedutor do que fora um dia e ainda mais bonito do que recordava.

Decidida a não deixar se afetar por Hugo, Betina tenta afastá-lo, sufocando o amor que sempre sentiu. Mas Hugo não está disposto a deixá-la partir sem saber a verdade que sempre guardou consigo.

Entre encontros e desencontros, Betina e Hugo se entregam à paixão e o desejo os conduz à descoberta do amor. Mas o destino não facilita, exigindo que decisões sejam tomadas para que os erros do passado não os afastem novamente.

PERIGOSAS NACIONAIS

Copyright © 2019 Diane Bergher

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Revisão: Camille Chiquetti

Preparação de texto: Julia Lollo

Capa e projeto gráfico: Layce Design

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9.610./98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição digital | Criado no Brasil

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A Jairo, meu companheiro e meu amor eterno.

PERIGOSAS ACHERON



Escrever sobre o amor é um dos temas que mais me instiga, porque o amor move o mundo e nos faz pessoas com mais empatia. Entretanto, o amor nem sempre é a decisão mais fácil ou mesmo o caminho mais seguro a se percorrer, já que o coração pode ser duramente testado nesta incrível jornada.

Alguns desistem no meio do caminho, exaustos pela dor que uma desilusão amorosa pode provocar; outros simplesmente não se sentem fortes o suficiente para persistir na busca de sentimento tão audacioso.

Seja como for, o amor sempre estará lá a nos mover e a nos fazer buscar coisas que sequer imaginávamos serem possíveis; principalmente quando ainda não fomos tocados por sentimento tão sublime.

Amores vão e vem, mas somente os verdadeiros se tornam eternos, ousando quebrar as barreiras do tempo e da distância.

Assim aconteceu o amor de Hugo e Betina, cuja história eu divido com vocês, meus queridos leitores.

Com carinho,
Diane Bergher.



Capítulo 01

A vida nos prega peças. Quando achamos que tudo está perfeitamente planejado, uma notícia nos joga dentro de um turbilhão de emoções, repletos de saudades do que não se viveu. Sim, eu sentia saudades do que nem cheguei a viver apenas em olhar para o mundo que eu deixaria para trás. Moscou tinha sido minha cidade por quase 10 anos e o Teatro Bolshoi era minha casa.

Cheguei em Moscou acompanhada de meu tio Breno, apenas com uma mochila e minhas sapatilhas da sorte. Não eram as minhas preferidas, mas foram dadas por meu tio assim que completei

18 anos; foi o jeito que encontrou de amenizar minha dor por eu ter perdido as antigas. Breno Carvalho era meu tio emprestado, o marido da irmã de minha mãe. Não conheci meu pai, e mamãe não gostava de falar sobre ele, mesmo estando à beira da morte, recusou a revelar o nome de meu verdadeiro pai ou seu paradeiro, deixando-me só. Minha tia Luiza nunca gostou de mim e nunca fez questão de saber seus motivos.

Eu havia nascido e crescido em Toledo, mas era como se nunca tivesse estado lá, e apesar de jurar não pisar mais naquele chão esquecido por Deus, meu amor por tio Breno e seu delicado estado de saúde me fizeram largar minha carreira e pegar o primeiro avião para o Brasil.

Coloco os fones de ouvido e escolho uma *playlist* com músicas clássicas na vã tentativa de me livrar de recordações que sempre me aterrorizaram. Não fui a mais bonita da escola ou mesmo a mais popular, diferente de minha prima Isabela, que já tinha o “bela” como parte integrante de seu nome, uma verdadeira preciosidade como dizia minha tia aos quatro cantos de Toledo.

Tio Breno era um cirurgião renomado e muito

respeitado. Havia conhecido minha tia quando ainda fazia faculdade na capital e casaram-se assim que descobriram que ela estava grávida de meu primo André. Meu avô o convenceu a tentar a sorte como médico em Toledo e foi assim que tudo começou.

Remexo-me muitas vezes na poltrona do avião e não consigo encontrar sossego. Minha preocupação com o estado de saúde de tio Breno é cada vez maior. André não quis me adiantar nada, apenas que meu tio inspirava cuidados e que os médicos não lhe deram esperanças de que pudesse sobreviver.

Cochilo algumas vezes, mas minha preocupação não me deixava desgrudar os olhos da tela que fica embutida na poltrona da frente, e antes mesmo da comissária de bordo nos dar bom dia, já observava os primeiros raios de sol. Serviram-nos o café da manhã e logo em seguida nos avisaram para apertar os cintos.

— Senhoras e senhores, por favor, acomodem-se em suas poltronas que dentro de poucos minutos daremos início aos procedimentos de aterrissagem.
— Fala em inglês.

Apesar de tudo ter sido de última hora, havia conseguido um voo para Paris com conexão no Brasil. André prometeu me buscar no aeroporto de Florianópolis e me levar até Toledo; só esperava que não tivesse esquecido, pois sempre foi um avoadado.

Assim que consegui pegar minha mala na esteira, atravesso as portas à procura de André. Olho para todos os lados e não o encontro; temo que tenha me esquecido como muitas vezes já fez. A solução era pegar um táxi e torcer para que aceitasse cartão de crédito, estava sem dinheiro na carteira.

Peço informações para algumas pessoas que encontrei e quando estou prestes a tomar a direção que me foi indicada, avisto um homem alto e loiro com uma grande placa em mãos com meu nome gravado: Betina Bittencourt. Não podia existir mais de uma Betina Bittencourt. Ou podia?!

Aproximo-me sem jeito, temerosa por ser indiscreta, mas nunca saberia se era eu quem procurava se não perguntasse.

— Com licença! — Chamo sua atenção e quando nossos olhos se encontram, meu coração

PERIGOSAS ACHERON

sofre um pequeno abalo. Era ele, só podia ser ele. — Hugo, o que faz aqui?! — Pergunto sem jeito, sentindo meu rosto esquentar como se pudesse voltar a ser uma adolescente.

— Betina! — Ele sorri para mim e todas as recordações do quanto sempre foi um idiota invadem minha memória com tudo. — Você está diferente!

— Claro que estou diferente! — Resposta errada, penso ainda mais encabulada. — Quer dizer, todos nós estamos diferentes, mais velhos e mais... — Só acabo ainda mais enrolada. — O que faz aqui? — Pergunto tentando parecer natural.

— Vim quebrar um galho para o André! — Coloca as mãos no bolso como sempre fazia para chamar a atenção das garotas. Eram tantas que até perdi a conta. — Conhece teu primo, sempre enrolado! — Se aproxima e me beija no rosto como se não houvesse passado 10 anos. — Onde estão as sapatilhas? — Olha para meus pés, provavelmente estranhando minhas botas de salto alto, que não me eram uma opção quando mais jovem por me deixarem ainda mais alta e magra do que eu era. Não que eu houvesse encolhido ou engordado,

PERIGOSAS NACIONAIS

apenas aceitei o fato de que não haveria forma de cortar um pedaço das pernas.

— Sapatilhas agora só para os espetáculos! — Sorrio timidamente.

— Tenho acompanhado sua carreira na Rússia! — Se abaixa para agarrar a alça de minha mala. — Quer dizer, André sempre me deixa a par e Toledo a aguarda ansiosamente. — Cansei de contar os pedidos que recebia dos prefeitos da cidade para que voltasse e fizesse uma apresentação especial.

— Não pretendo me apresentar enquanto estiver em Toledo, Hugo! — Falo irritada. Sabia que era um capricho meu recusar um pedido, mas os moradores de Toledo não mereciam qualquer consideração de minha parte, nunca tiveram o mínimo interesse em mim quando não passava de uma bailarina em início de carreira.

— Você que sabe! — Dá de ombros, chamando a atenção das mulheres que passavam. Hugo nunca teve um pinga de vergonha na cara e seu jeito “galinha” atraía garotas como mel atraía abelhas. — Mas as garotas que sonham em ser você irão ficar tristes.

PERIGOSAS ACHERON

— Como sabe disso? — Pergunto curiosa enquanto dou uma checada em seu traseiro. Pelas sapatilhas! O homem conseguiu ficar ainda mais atraente com o tempo e as calças jeans justas só faziam melhorar a visão.

— Tenho várias clientes bailarinas que sonham em conhecer você, Senhorita Betina!

— Interessante! Passou a pegar bailarinas!? — Não podia perder a piada. Eu e Hugo nos evitávamos, por mais que fosse platonicamente apaixonada por ele. Ele era o *badboy* e pegador oficial do colégio e eu a bailarina desengonçada que usava óculos e sapatilhas baixas quando todas as outras garotas só pensavam em azarar os caras mais populares e dar voltinhas de carro ao redor da praça.

— Sou pediatra e minhas pacientes são meninas que fazem aula de balé. — Revira os olhos e abre a porta do carro para que eu possa entrar.

— Não sabia que havia se tornado um cavalheiro! — Comento.

— Sempre fui! — Responde com um sorriso marcando seu rosto. A barba por fazer o deixava

ainda mais misterioso e só consigo pensar nos convites que dispensou para vir até a capital. Considerando a ausência de aliança em suas mãos, sequer estava noivo.

— Menos comigo! — O passar dos anos havia me deixado mais solta para não perder as oportunidades da vida. Talvez eu tivesse assustado Hugo com meu novo jeito de ser, mas eu já não me importava com o que os outros pensariam. — Não me recordo de você ser tão gentil e atencioso.

Ele não respondeu e apenas abriu mais um sorriso maroto. Continuava o mesmo provocador do passado e não me admiraria se continuasse a colecionar bolinhas de gude para contabilizar as garotas com quem ficava. Ele e André eram dois cafajestes e ainda não me conformo em ter sido apaixonada por ele, totalmente caída na dele.

Durante o trajeto até o carro tentei saber mais sobre a doença de meu tio, mas Hugo não sabia muito mais do que eu ou não estava disposto a revelar mais caso soubesse; questões éticas, pelo que entendi. Cansada e ainda sentindo a troca de fuso horário, não insisti em saber mais.



As memórias de minha vida em Toledo retornavam com força à medida que a paisagem mudava na estrada. Não conseguia dormir enquanto Hugo dirigia ao meu lado, mas também não conseguia afastar as recordações de um tempo que pensei ter deixado para trás.

A época em que saía do balé cansada por treinar exaustivamente o *fouetté* ditam os minutos de minha viagem de volta ao passado. Recordações dos esforços em me superar e, mesmo assim, quando chegava a hora de me apresentar eu errava e acabava sendo humilhada pela professora. Sempre acabava chorando e com raiva por não ter sido capaz de conter a ansiedade e o temor de enfrentar os olhos exigentes da Senhorita Josephine, minha primeira professora de balé.

Em uma dessas oportunidades, apenas mais uma de muitas, eu olhava para todos os lados à procura de meu tio Breno. Todas terças e sextas fazia questão de me levar até Joinville para minhas aulas de balé. Ele sabia o quanto queria ser aceita no Bolshoi. Mas em seu lugar acabei por avistar

meu primo André e estranhei por não estar com titio, e sim com Hugo, seu melhor amigo, o cara que me fazia suspirar mais do que desejava.

Lembro como se fosse hoje quando André veio ao meu encontro e acabou me abraçando, percebendo meus olhos vermelhos pelo choro que me dominou logo depois de ser repreendida pela professora.

— De novo, Betina? — Ele perguntou, me puxando para seu abraço fraterno.

— Me odeio por ser tão ruim! — Falei sentindo as lágrimas se acumularem em meus olhos.

— É claro que você não é ruim! Essa professora é uma carrasca. — André continuou me abraçando e me conduziu até o carro. — Papai foi chamado a Toledo com urgência. Terá que voltar comigo e com Hugo. — Falou sem desviar a atenção de mim. Me sentia pequena e frágil e apenas queria me esconder do mundo, não queria ter que encarar Hugo e seu humor sarcástico que nunca deixava de zoar com minha cara.

— A bailarina está chorando mais uma vez! — Sorriu e só senti mais vontade de chorar.

— Cara, não zoa a menina! Faz meses que ela tenta executar o *fouetté*. — André olhou feio para o amigo, expressando sua reprovação com a brincadeira.

— Só não entendo porque esses passos de balé têm nomes tão difíceis. — Falou para meu primo, como se eu não estivesse presente.

— É francês! — Respondi secando as lágrimas e sentindo vontade de voltar à Toledo a pé só para não ter que encarar Hugo.

Uma recordação que me fez sorrir sozinha. Só esperava que Hugo não percebesse e exigisse explicações.

Eu o amava ou acreditava amá-lo, já que ter 15 anos e ser apaixonada desde sempre pelo melhor amigo do primo não é um bom termômetro para saber o que é amor. Dizem os poetas que é algo sublime e espetacular, o que não é bem meu caso. Hugo era irritante, me achava criança demais e não perdia a oportunidade de lembrar o quanto eu era estranha por querer ser bailarina sendo mais alta do que a maioria das garotas da minha idade. A verdade é que sempre fui estranha e desengonçada e gostar de música clássica ou balé foi de longe a

PERIGOSAS ACHERON

pior das minhas esquisitices.

André e Hugo não eram apenas amigos, mas haviam escolhido cursar medicina e fizeram cursinho pré-vestibular em Joinville, onde dividiram um apartamento para não ter que pegar estrada todo dia. Eu os via eventualmente aos finais de semana e acabava chateada por isso, ao mesmo tempo em que me sentia aliviada por não ter que ver Hugo todos os dias.

Deixei as recordações de lado quando percebi que chegamos em Toledo, uma cidade pequena, que tinha não mais do que 15 mil habitantes. Uma típica cidade do interior de Santa Catarina, florida e arborizada, onde todos se conheciam, fato que não me agradava em nada, já que todos me olhavam com pena por ter crescido sem uma mãe e ter dependido da generosidade da família de minha tia.

Quando Hugo abriu a porta do carro para me ajudar a desembarcar, fui arremessada novamente para dentro das recordações do dia em que ele e André me trouxeram de Joinville. Naquele dia, meu sofrimento não os impediu de dar um rolé pela cidade. Era sexta-feira, o dia perfeito para pegar garotas.

Mas também foi naquele dia que tive meu primeiro contato com um lado de Hugo que ele não costumava revelar para todos:

— Bailarina! – Hugo me chamou e quando me virei, dei de cara com ele, o que acabou por me assustar. Troquei de cor, me lembro perfeitamente, porque sempre ficava envergonhada quando se aproximava. — Deixou cair um livro. – Me mostrou meu exemplar de Olhai os Lírios do Campo, meu clássico favorito da literatura brasileira.

— Muito obrigada! – Respondi sem jeito, assim como voltei a fazê-lo no dia de hoje, cada vez mais me sentindo deslocada com seu olhar avaliador, sabendo que devia tentar puxar conversa e quebrar o clima estranho que sempre parecia nos envolver.

Eu sonhava com o dia em que eu pudesse me declarar para ele. Várias cenas diferentes se passavam em minha cabeça, todas elas reproduzindo meus filmes favoritos envolvendo o momento da declaração. O mais absurdo deles havia sido eu e ele como Rose e Jack ao som de Celine Dion.

— Não devia ficar tão chateada por não

PERIGOSAS ACHERON

conseguir fazer o passo! – Acariciou meu rosto me deixando chocada com sua gentileza. Hugo sempre me foi uma incógnita e havia chegado à conclusão de que sofria de bipolaridade. Ao mesmo tempo que apreciava me fazer de palhaça, me tratava com carinho.

Lembro que respondi de forma atrapalhada, agarrando fortemente o livro para que não pudesse perceber o quanto me afetava. Eu tinha vergonha, sempre tive, e isso não me ajudava em nada e, por essa razão, eu continuei BV por muito tempo. Uma boca virgem que sonhava que seu primeiro beijo seria com um príncipe como Hugo, que de príncipe só tinha os cabelos loiros e os olhos claros.

— Preciso ir! Obrigada de novo! – Agradeço a carona, sentindo a terra firme embaixo dos meus pés, o que me tirou das lembranças do passado, tentando me manter firme no presente.

— Tchau, bailarina! – Fala alto, acenando quando me viro em sua direção. O desgraçado era bonito e sabia disso, o que me deixava emputecida. A família de Hugo morava no mesmo condomínio que meus tios e ele aproveitou para cumprimentá-los.

Despedimo-nos e parto em direção da casa que há muito havia deixado para trás e quando Rosane, a antiga governanta da família, abre a porta, uma emoção profunda me toma. Ela era, além do meu tio, a única pessoa que um dia se importou comigo. Atravesso o portão correndo para abraçá-la, torcendo para que não encontrasse com Isabela, como sempre acontecia no passado.

Isabela, minha prima e apenas um ano mais velha do que eu, sempre tentava me intimidar de todas as formas. Sabia que eu era apaixonada por Hugo e usava o fato para me humilhar. Sabendo que nutria uma paixão platônica por ele, sempre fez uso da informação para se beneficiar, obrigando-me a fazer seus trabalhos de escola e tudo porque eu morria de medo que contasse para Hugo que era apaixonada por ele.

Eram nos dias em que eu errava os passos no ensaio que Isabela mais me atormentava com suas brincadeiras sem graça, mas que me feriam muito. A verdade era que havia crescido junto a pessoas que nunca me amaram e somente me toleravam. Se não fosse tio Breno e André, teria fugido para longe, para qualquer lugar distante de Toledo, de

peessoas que apenas me sufocavam e faziam me sentir a pior das garotas.

Eu acabava sempre me refugiando em meu quarto, subindo as escadas correndo, querendo me livrar dos olhos de Isabela e de sua voz debochada. Passava por minha tia e não me dava ao trabalho de cumprimentá-la, temendo ser humilhada ainda mais.

Era no quarto que me entregava à dança, era minha tábua de salvação. A dança era meu maior tormento nos momentos em que eu errava os passos e não conseguia executá-los da forma mais precisa, mas também o único bálsamo capaz de me acalantar.

Foi em uma dessas noites que eu decidi aprender o *fouetté*. Decidi que eu acertaria o passo, nem que precisasse me acabar de tanto dançar. Uma bailarina só seria perfeitamente impecável se conseguisse enfrentar seu público ao mesmo tempo em que se concentrava nos passos mais difíceis.

Lembro que as horas passavam, voavam e o peso do cansaço de um dia de ensaio, uma apresentação frustrada e mais uma noite de treino fizeram com que as paredes se movessem ao meu

PERIGOSAS ACHERON

redor. Mais uma vez, eu pensava, sempre mais uma vez, e não conseguia parar, por mais que meu corpo exigisse uma pausa. Eu queria e precisava ensaiar mais, treinar até ficar exausta. E assim o fiz, até não ser capaz de manter-me com os olhos abertos e desabar de cansaço no chão, sentindo meus ossos gelarem à medida que o corpo esfriava. Seria uma noite fria, havia ouvido na previsão do tempo e já devia estar dentro do conforto dos cobertores, mas era teimosa e obstinada e precisava dançar. Tentava me levantar do chão, mas o corpo não me obedecia, tudo girava e não me sentia encorajada o suficiente para abrir os olhos.

Ao compasso dessas recordações foi que Rosane soltou do meu abraço e me acolheu com um sorriso.



Capítulo 02

— Menina ingrata! – Rosane ralha comigo com razão, enchendo seus olhos enrugados de lágrimas, estendendo seus braços aconchegantes novamente para que eu pudesse ser acolhida como na infância, quando me machucava ou não conseguia dar o meu melhor no balé para ser aprovada no Bolshoi.

— Que saudade, Rosane! – Falo, deixando-me levar pelo coração e pela alegria de ser querida por alguém.

— Venha logo! Deve estar com fome. – Não seria Rosane se não se preocupasse com nossos estômagos. Era uma descendente de alemães e seus

doces eram os melhores de Toledo. Eu amava suas cucas com recheio de creme de vinho. — Quando André me falou que voltaria, tratei de fazer tua cuca preferida. — Minha boca saliva em resposta.

Entrei na velha casa e tudo havia mudado, mas já esperava por isso, considerando que minha tia dava um dedo por uma reforma e se preocupava em acompanhar as tendências em *design*.

— Não sei se eu deveria ficar aqui, Rosane! Mas não sabia para onde ir. — Confesso, sentindo o temor de ser mal recebida por minha tia.

— É sua casa também, meu bem! — Responde com o rosto fechado, fazendo-me lembrar o quanto a temia quando estava brava. Os alemães tinham fama de serem frios, mas era apenas fama. Eram tímidos e fechados, mas só até pegarem confiança. — Lembre que seu avô deixou isso registrado em seu testamento.

— Pena que tia Luiza não pense o mesmo. — Falo em tom debochado e quando me volto para a porta que dá acesso à cozinha, encontro minha tia, tão soberba e orgulhosa quanto minha memória era capaz de recordar. — Tia! — Exclamo assustada por ter sido pega de surpresa.

— Que bom que se dignou a voltar por seu tio, já que esqueceu a família quando ficou famosa! — Ela não tinha o direito de me cobrar. Não havia movido um dedo para me apoiar, sequer havia perdido um dia para me acompanhar em um ensaio ou mesmo em uma seletiva. Sempre havia sido eu e meu tio, às vezes André e até mesmo Hugo, mas ela e Isabela nunca se importaram com meus sonhos de bailarina.

Dei as costas para ela e segui Rosane até a cozinha. Não era mais uma menina frustrada e carente com sua vida, que tentava chamar a atenção de uma tia que não a queria por perto. Nunca a entendi direito e não seria agora que passaria a entendê-la, já que seu coração parecia ainda mais fechado do que antes.

Ela também não fez questão de me seguir, com isso pensei que talvez não fosse ser tão ruim assim dividir a casa com ela. Toledo não tinha hotéis ou pousadas e não havia necessidade de alugar um lugar para mim. Esperava que meu tio se recuperasse rapidamente e eu pudesse retomar minha vida na Rússia o quanto antes.

— Bailarina! — Sinto um beijo na bochecha e o

abusado do André chegando para roubar meu pedaço de cuca.

— Seu tratante! — Me levanto para abraçá-lo.
— Como pôde ter mandado Hugo me buscar e não avisa?!

— Deixa disso, mulher, bem sei que você gostou da surpresa! — Pisca para mim, me dando aquela indireta que só ele sabe dar. André sabia que eu havia nutrido uma “paixonite” pelo amigo e desde que não passasse disso, para ele estava tudo bem. — Mas ele se comportou? Porque se não te tratou como a princesa que é, chuto as bolas dele. — Reviro os olhos, sabendo que não era para tanto e que um podia implicar com o outro, mas não se separavam.

— Se comportou sim! Embora não me recorde de nada, pois dormi a viagem toda até aqui. — Minto descaradamente.

— “Zuretona”, bailarina! — Pergunta se referindo ao *jet lag*. Eu ainda levaria um tempo para me adaptar ao fuso horário do Brasil.

— Senta aqui e me conte sobre titio! — Toco em seu braço e o faço sentar.

— Não queria falar sobre isso!

— Como não, André?! Me faz sair da Rússia como uma louca e não quer falar?!

— O pai teve uma AVC, Betina! Está em coma desde então e não tenho boas notícias para dar, eu queria poder dizer que ele vai se recuperar, mas como médico, não posso enganá-la. — Seu rosto revelava derrota e um aperto no peito me tomou. Talvez eu houvesse chego tarde demais para agradecê-lo e dizer o quanto foi importante em minha vida. — Não chore, bailarina! — Pega minha mão e beija com carinho de irmão. — Ele não gostaria de vê-la chorando. Desculpe fazê-la vir de uma hora para outra, mas eu queria que você pudesse se despedir também. Ele a amava como uma filha.

— Obrigada! — Falo secando as lágrimas com a manga da camiseta, sentindo meu chão desaparecer. Tio Breno era importante em minha vida, era como um pai e eu sentia tanto em perdê-lo! — Obrigada por me chamar e me dar a oportunidade de poder me despedir, mas me recuso a aceitar que iremos perdê-lo.

— Temo que se ele sobreviver não será mais o

PERIGOSAS ACHERON

mesmo!

— Sequelas? — Pergunto e André apenas confirma com a cabeça.

— Não sabemos ainda a extensão dos danos, mas foi forte e isso nos preocupa.

— Se ele sobreviver, não importa como, vamos cuidar dele! — Falo, tentando me convencer de que tudo ficará bem.

— Não sei se quero ver meu pai vegetando! É de Seu Breno que falamos e nem sei se ele gostaria de uma vida assim.

— Não pensemos nisso agora! Quero vê-lo e o quanto antes. Apenas me dê tempo de tomar um banho e trocar de roupa.

— Eu preciso ir! Mas você pode pegar o carro do pai que está na garagem. — Olho-o na esperança que reconsidere ou teria que ir a pé até o hospital, o que era uma boa pernada. — Sempre esqueço que não gosta de dirigir. — O fato não era que eu não gostava, na verdade, eu havia tirado a carteira e logo depois me mudado para Moscou, onde não precisava de carro para me deslocar. Resumo da peça, eu não havia praticado e o pouco que sabia já

devia ter esquecido.

— Nunca precisei praticar a direção na Rússia, então...

— Não sabe dirigir?! Eu preciso ir mesmo, porque é meu dia de plantão no hospital. Mas vou pedir para alguém te levar.

— Não precisa! – Falo lembrando que esse alguém iria ser Hugo e não quero voltar a vê-lo. Minha história com ele era suficientemente atrapalhada e seu jeito espaçoso me deixava sem jeito, sem saber o que falar, como se eu voltasse a ser uma adolescente envergonhada novamente e jogada para dentro de recordações que mereciam ficar guardadinhas. — Vou de táxi.

— Seu Soares se aposentou faz tempo e não tem mais táxi em Toledo.

— Uber! – Falo, só para teimar.

— Está em Toledo, minha cara prima! Não temos Uber.

— Vou de bicicleta e aproveito para me exercitar.

— Enferrujou! – André levanta, enfiando mais

um pedaço de cuca na boca, porque sempre foi um “perna oca”. — Hugo te leva, bailarina! O carro dele estava estacionado na frente de casa quando cheguei.

E sai sem me dar a chance de retrucar.

Hugo.

Sempre Hugo.

Talvez estivesse na hora de enfrentar o carro e sair cantando pneus pelas ruas de Toledo só para não ter que vê-lo de novo.



Quando piso no meu antigo quarto lembro do dia em que desmaiei por ter ensaiado demais. Acabei sendo internada no hospital que titio trabalhava, o único de Toledo.

Havia treinado até a exaustão e tio Breno me proibiu de retomar as aulas de balé. Minha saúde nunca foi das melhores e vez ou outra lhe dava um susto em razão da anemia que nunca curava.

— O que falamos sobre o balé, mocinha? — Parecia que ele estava ao meu lado, repetindo as palavras que havia me dito naquela ocasião,
PERIGOSAS ACHERON

sentado aos pés da cama e não em um leito de hospital lutando pela vida.

Eu queria apenas ser a melhor bailarina e entrar para a Escola Bolshoi em Joinville. Queria ter uma vida na qual eu pudesse me orgulhar, longe de Toledo e do sufoco que todos me faziam sentir e, na maioria das vezes, não conseguia explicar isso para tio Breno, temendo machucá-lo, a única pessoa que realmente se importava comigo.

Nem a psicóloga que ele pagava dava conta da tormenta e da angústia que eram meus sentimentos. Tentava explicar que não conseguia fazer as coisas que a psicóloga sugeria, era demais para mim.

— Tudo bem! Não a obrigo ir à psicóloga, por mais que ache que lhe faça bem, mas não pode ser omissa com sua saúde, Betina. — Sempre falava em nossas conversas sérias, sempre sentado aos pés da minha cama, me olhando com olhos carinhosos.

Eu apenas pedia desculpa a ele, não desejando ser um peso em sua vida. E por mais que tio Breno fizesse questão de lembrar que eu lhe era importante, a sua menininha como afirmava, eu sabia que não era tão importante quanto Isabela ou André.

Sentia-me mal por ter que viver de esmolas. Era órfã, sabia, e nada foi capaz de mudar minha situação, mas me sentir como um estorvo era ainda pior do que não ter mãe ou pai.

Foram muitas as vezes que eu desejei saber quem era meu pai, exigindo que tio Breno me contasse. Alguém devia saber, mas todos se negavam me ajudar a acabar com a dúvida de minha origem.



Eu estava sentada dentro do carro ao lado de Hugo e mal conseguia tirar os olhos dele. Parecia ainda mais sedutor do que me lembrava. Seus olhos enrugados pareciam ainda mais indecifráveis do que costumavam ser. Houve o tempo em que desejei descobrir seus segredos através deles, mas acabei desistindo assim que entendi que era impossível descobrir sua essência quando acabava enfeitiçada pela fome de vida que enxergava dentro de suas íris. Seus cabelos castanhos claros continuavam desalinhados como me lembrava, era como voltar no tempo e ficar encantada e esperançosa quando apenas me olhava. Um tempo

PERIGOSAS ACHERON

em que queria mais dele, mas que me conformava com uma simples troca de olhar.

— Precisa aprender a dirigir e fazer jus à carta que tirou antes de deixar o Brasil.

— Não sei se vai precisar! — Respondo frustrada e cansada de tentar me manter alheia à sua presença, ao efeito que me causava por estar tão próximo, um misto de raiva e vontade de beijá-lo, de dizer o quanto me fez sofrer quando só ansiava que me enxergasse como uma garota. — Não pretendo ficar muito tempo em Toledo. Tenho uma agenda de espetáculos para cumprir em Moscou. Minha vida não é mais aqui, Hugo!

— Não estou certo de que irá retornar para a Rússia tão cedo. — Fala sem desviar a atenção da estrada. — O quadro de seu tio não é dos melhores e, conhecendo você como conheço, sei que não o deixará para trás para seguir com sua vida.

— Não sabia que me conhecia tão bem! — Deixo transparecer o sarcasmo de propósito.

— A conheço mais do que imagina, Betina. E não precisa ficar brava!

— Não estou brava! — Solto em uma lufada. A

verdade era que eu estava ansiosa por reencontrar meu tio, o único que me deu amor e se preocupava de verdade comigo; além disso, estava me sentindo incomodada com a presença de Hugo, alguém que me feriu mais do que podia suportar.

Ele não fez questão de responder mais e eu agradei por isso. Não tinha cabeça para lidar com toda a tormenta que foi Hugo em minha vida, com todas as recordações que me trazia e com todas as frustrações que senti por nunca ter me dado uma chance.

Amar sozinha foi de longe a pior experiência de minha introvertida adolescência. Eu podia ter escolhido outro mais simples, menos galinha e mais parecido comigo para suspirar e sonhar acordada, mas foi Hugo que meu coração escolheu para tombar como um tolo.

E isso me custou tanto. Ah... como custou. Me custou minha autoconfiança, que acabava mais enterrada a cada vez que o via beijando outra garota.

Hugo estacionou o carro e me conduziu até a entrada dos funcionários, um caminho mais rápido para chegar até meu tio. Vê-lo ligado a tantos

PERIGOSAS ACHERON

aparelhos apertou meu coração e ele estava certo quando disse que não teria coragem de deixá-lo para trás quando havia sido tão importante em minha vida.

Deixei as lágrimas saírem sem me importar por parecer fraca. Estava cansada de demonstrar a força que nunca tive. Apenas queria poder voltar no tempo e ter tido a oportunidade de dizê-lo que o amava, que sempre o considerei o pai que não tive. Eu podia ter o sangue de outro homem, mas foi Breno que me amou como um pai e isso ninguém podia negar ou tentar tirar de mim. Era minha única verdade.

— Ele pode me ouvir? — Pergunto quando noto a aproximação de Hugo.

— Não sabemos ao certo se um paciente em coma pode ouvir ou sentir. Mas prefiro acreditar que ele sinta e saiba que você está aqui com ele. — Aproxima-se mais de mim e me conforta com seus braços calorosos. Não o afasto, porque preciso desse carinho e deixo minha cabeça apoiar em seu peito enquanto sinto seus lábios em minha cabeça.

— Devia ter vindo antes! Ele sempre me cobrava que precisava voltar para o Brasil, mas fui

PERIGOSAS ACHERON

tão egoísta. — Confesso sem temer ser julgada por Hugo ou mesmo assumir meus medos diante daquele de quem tanto fugi.

— Está aqui agora e é isso que importa! — Hugo ergue meu queixo com seus dedos e acabo envolvida pelo aconchego que me oferece. Ali era ele apenas, o meu Hugo, e todo o sentimento que achei ter enterrado retorna e me deixa atônita, confusa demais. — Você voltou e não a deixaremos fugir novamente. — Beija a ponta do meu nariz com carinho. — Não a deixarei partir, Betina, sem que saiba o que sempre escondi.

Sentindo-me invadida e um tanto confusa com suas palavras me afasto de Hugo. Eu temia ser lançada novamente naquela paixão platônica que me fez sofrer tanto. As pessoas costumam dizer que paixões de adolescência não são marcantes e não passam de fogo de palha, mas comigo foi tão diferente e custei tanto para seguir com minha vida, me esforcei tanto para deixá-lo para trás e não ansiar por um namorado que o lembrasse. E quando eu acredito estar curada dessa paixão, o destino acaba por me colocar novamente sob a mira dele, me fazendo questionar minhas próprias escolhas.

Mas eu sabia que havia feito o certo em ir embora do Brasil. Eu havia seguido o único sonho que valia a pena e fui feliz por isso ou acreditava ter sido feliz.

Hugo respeitou minha necessidade de isolamento e deixou-me a sós novamente com meu tio. Não podia ficar muito tempo dentro da UTI e nem teriam me deixado entrar caso não chegasse ao hospital na sua companhia.

Aproveitei o pouco tempo para dizer que o amava, que o queria de volta, que o proibia de nos deixar. Tio Breno não podia nos deixar, não podia me deixar. Eu o amava tanto e se não voltasse por mim, eu não teria mais ninguém para contar na vida.

— Betina! — Viro-me e dou de cara com Hugo encostado na parede fria do corredor. — Estamos fazendo o possível e o impossível. — Eu sabia, eu havia percebido o carinho com que o tratavam. As enfermeiras eram prestativas e os médicos fizeram vista grossa quando me viram na sala fora do horário de visita. — Você precisa ser forte! — Ele fala e acabo correndo para seus braços, querendo ser amparada. Eu queria me sentir amada uma vez

na vida e a única pessoa que me fazia sentir assim jazia em uma cama de hospital, sobrevivendo por meio de aparelhos, lutando pela vida.

— Se ele morrer... Se ele morrer, não sei o que será de mim! Não tenho ninguém, nunca tive... Ele foi o único que me amou nessa vida, que me deu carinho, que me ensinou a ser o que sou. — Desabafo, deixando-me levar pelo descontrole que havia tomado conta de minha alma. Houve um dia em que prometi não derramar mais nenhuma lágrima, nem as de felicidade, mas diante da força do destino que queria tomar de mim a pessoa que mais amava no mundo, eu apenas conseguia chorar.

— Como pode dizer que você não tem ninguém? E eu e André?! — Abraça-me com tanta força que temo jamais querer sair dali. Era como sempre devia ter sido, penso frustrada, cansada de lutar contra os sentimentos que Hugo sempre me despertou.

— Você nunca contou!

— Como pode falar isso com tanta certeza, Betina?! Eu sempre me preocupei com você, com sua segurança, com sua felicidade.

— Como a uma irmã! — Grito frustrada, esgotada de esconder dentro de mim um sentimento tão forte. — Talvez como a prima órfã de seu melhor amigo, droga! Nunca quis isso de ti, nunca...

— Por favor, compreenda que você sempre me foi importante, tão preciosa que temia machucá-la.

— Pois você me machucou da pior maneira. — Grito, sem me importar em parecer uma histérica. Eu sofria por meu tio estar acamado, por tudo que me foi privado, e ouvi-lo dizer que eu lhe era importante atijou um lado meu que não fazia ideia possuir. Eu queria bater nele, fazê-lo sofrer toda a angústia que foi amá-lo em silêncio, vê-lo tocar em outras e mendigar-lhe uma atenção que nunca foi minha.

— Betina... — Ele corre atrás de mim, mas não estou disposta a ouvi-lo. — Eu não a entendo! Droga, não custa nada você me deixar te entender. — Pega em um dos meus braços e me faz fitá-lo nos olhos.

— O que faz? — Pergunto sem desviar de seu olhar penetrante e que muitas vezes me fez desviá-lo pelo medo de que descobrisse que o amava. —
PERIGOSAS ACHERON

Vai me beijar como daquela vez para depois falar para todo mundo que não passou de uma brincadeira boba?! – Não o deixaria me humilhar novamente como fizera anos antes ao brincar com as esperanças de uma tola apaixonada.

Ele parece hesitar, mas não se afasta, não deixando de me encarar, e minhas pernas amolecem quando seus lábios tocam os meus com ardor; possessivamente invade-me com sua língua exigente, fazendo-me sua cativa como muitas vezes eu desejei. Hugo me beija com uma fome que me assusta na exata medida de que me faz querer correspondê-lo e, equivocadamente, me joga em seu beijo com vontade, querendo desfrutar de tudo que está disposto a me oferecer.

Eu ardia em chamas com seu toque possessivo, sentindo-me arruinada e dependente de seu toque. Havia sonhado em beijá-lo tantas vezes que minha memória não deu conta, mas nenhuma delas chegou perto da realidade do sentimento a que fui arremetida quando senti sua língua enrolada à minha, esforçando-se para me cativar e dominar. Eu sempre havia sido dele, desde sempre e desconfiava que para sempre.



Me afastei de Hugo e corri para longe, assombrada pela lembrança da noite em que me beijou para ganhar uma aposta.

Eu estava sozinha em um dos cantos da boate quando o vi entrar na companhia de uma das garotas que costumava sair. Hugo trocava de “ficante” conforme a lua. Todas sempre eram lindas, as beldades que todo garoto queria levar para cama. Com certeza as levava e depois quando já estava cansado, as dispensava.

Hugo não prestava e eu havia sucumbido ao seu charme sem nem provar de seu beijo que todas diziam ser viciante. O melhor beijo do mundo. Pude comprovar naquela noite fatídica e relembrar no dia de hoje.

Na noite em que me beijou pela primeira vez, levei um susto quando ele apareceu do nada ao meu lado. A música eletrônica estava alta demais, o que dificultou perceber sua aproximação. Minha falta de empolgação com a festa era perceptível a quilômetros de distância. Odiava festas do tipo, regadas a bebidas e “pegações”, em que todo

mundo competia para ver quem fazia mais fiasco.

Naquela noite Hugo me pediu que quebrasse um galho para ele. Estranhei quando ele quis dançar comigo, mas acabei aceitando por não ver qualquer mal. Acabamos os dois no meio da pista. Eu dançava balé e era boa, modéstia à parte, mas danças em boates me intimidavam e eu me sentia um peixe fora d'água com todos nos olhando.

Mas Hugo estava determinado a se livrar da morena gostosa com quem havia chegado e me abraçava cada vez mais com intimidade, fazendo com que meu corpo se arrepiasse com seu perfume, com a quentura de seu corpo tão próximo ao meu.

— Não sei dançar esse tipo de música. — Foi a desculpa que tentei usar para afastá-lo.

— Como não sabe, bailarina?! — Sorriu e acabei aconchegada contra ele. Tirar uma casquinha não era nada mal. Ao contrário, era meu sonho de princesa se tornando realidade.

— Danço músicas clássicas, do tipo Balé dos Cisnes, Quebra Nozes...

— Só mexa o corpo, Betina! Deixe a música te levar que o resto fica por minha conta.

E assim eu deixei. Hugo me conduziu pela pista, ora me soltava para que eu pudesse dar um giro, ora me puxava para perto do seu corpo e me enlaçava pela cintura com possessividade. Ele me protegia dos olhares curiosos que nos seguiam e me fazia sentir querida, estimada, e por que não dizer amada?

Quando as batidas da música eletrônica deram lugar a um ritmo mais lento meu coração apertou no peito. A voz de Laura Pausini cantando *Strani Amore* nos embalou e nossa proximidade tornou-se mais intensa, mágica, me fazendo querê-lo para sempre. Seu hálito quente aqueceu meu pescoço, fazendo-me arrepiar e meu coração saltitou ante a expectativa de algo que eu queria muito, que eu ansiava muito que acontecesse.

As mãos de Hugo chegaram ao meu pescoço e seus dedos tocaram gentilmente meu queixo, fazendo com que o fitasse apaixonadamente. Ainda me lembro como se fosse hoje. Olho no olho e ali me perdi de tanta paixão que sentia. Ele podia me beijar, pensei ansiosa na ocasião, e quando seus lábios tocaram os meus, fui transportada para um dos meus sonhos bons, um em que eu era sua

namorada e não existiam outras.

Hugo me beijou com delicadeza como o fez hoje. Mas também me beijou com posse e tanto ardor que sentia temor em não ser boa o suficiente para ele. Em sonhos, tudo era mais simples e fácil. Sonhos sempre eram perfeitos. Uma realidade alternativa que nosso coração pedia para viver.

Foi meu primeiro beijo e foi perfeito, como sempre imaginei. Levei para sempre o seu gosto comigo. Tudo era incrível e mágico. Nada mais existia a não ser eu e Hugo e nosso amor naquele momento.

Mas, então, algo nos tirou do torpor, Hugo foi chamado de volta à sua realidade de garanhão por alguém e tudo terminou da pior maneira.

— Não devia ter feito isso! — Ele falou atordoado, segurando com força meu braço. — Foi um erro! — As lágrimas insistiram em sair dos meus olhos, me humilhando ainda mais.

— Eu sei! — Falei por falar, sentindo a decepção me tomar em passos largos e agonizantes.

— Foi apenas uma brincadeira! Não levou a sério, não foi?! — Me fitou na ocasião com olhar de

pena.

— O quê?! – Minha vontade foi socá-lo como se fosse um saco de batatas. Hugo podia ter feito tudo, menos me humilhar na frente dos outros e ter me tornado o principal assunto da escola pelos próximos dias, talvez meses, não me recordo muito bem.

— O que foi, garota? – A morena gostosa me olhou sorrindo além do que podia tolerar. — Acha mesmo que Hugo iria te beijar se não fosse uma brincadeira?! – Debochou da minha cara sem dó, sem piedade e fez sentir minha primeira humilhação.

— Do que ela fala? – Encarei Hugo nos olhos, virando as costas para a garota que não havia sido chamada para a conversa.

— Ela tem razão! Desculpe, mas não passou de uma aposta boba.

— Você apostou me beijar?! Beijar a garota desengonçada?! Para que me humilhar assim? – Virei-lhe as costas, tentando juntar a dignidade que me restava, se é que ainda me restava alguma.

— Não leve por esse lado, Betina! Droga, foi

apenas uma brincadeira, uma sem graça, eu sei, mas que podemos fazer de conta que não aconteceu.

Deixei-o falando sozinho e saí em passadas curtas para fora daquele lugar, assim como fiz no hospital. Nunca mais consegui pisar em uma boate novamente e muito menos sabendo que poderia encontrá-lo lá. Meu maior sonho havia se tornado meu pior pesadelo e reviver isso foi uma experiência estranha.

Ansiei ser beijada por ele, foram muitas as vezes que me perdi no pensamento de sentir seu gosto, de compartilhar momento tão doce, e quando aconteceu tudo não havia passado de uma brincadeira. Há coisas que nos marcam para sempre e ser beijada por Hugo no auge de devaneios juvenis talvez jamais pudesse ser apagado de minha mente, de minha alma. O sabor agri-doce de um sonho realizado, misturado com a decepção de não passar de uma brincadeira para ganhar uma aposta idiota que alguém lhe propôs.

E voltar a beijá-lo me fez sentir a mesma tormenta agri-doce. Foi bom, delirante, mas dolorido ao mesmo tempo e apenas quis ir para

PERIGOSAS NACIONAIS

longe, sozinha.

PERIGOSAS ACHERON



No dia seguinte despertei envolta em recordações de uma vida que fiz questão de esquecer, mas que estava mais presente do que imaginava. Era como se eu houvesse trancado tudo dentro de uma represa, que acabou rompida assim que senti os lábios de Hugo encostados em minha boca.

Ele havia me beijado e, diferente da primeira vez anos antes, não me pediu desculpas, não falou que não havia passado de uma brincadeira, uma aposta para se vangloriar. Ele simplesmente havia me beijado e me deixado voltar para casa sozinha.

Tomei uma ducha, procurei uma calça e uma camiseta confortável, anotando para lembrar de ir comprar roupas mais apropriadas para o clima do Brasil. Mesmo sendo inverno e estarmos no Sul do País, não chegava nem perto das baixas temperaturas da Rússia.

Ao descer para comer qualquer coisa, encontrei Hugo sentado em uma das poltronas da sala de estar e acabei corando quando seus olhos encontraram os meus.

— Bom dia, bailarina! — Ele fala e acabo cumprimentando-o com uma empolgação que não devia estar ali. De jeito algum devia estar ali.

— O que faz aqui, Hugo? — Pergunto, não conseguindo esconder minha vergonha por me recordar de seu beijo doce e exigente.

— Prometi ensiná-la a dirigir de verdade! — Ele reduz a distância que nos separava, passando por cima da mesinha de canto. — E beijá-la, se quiser!

— Ohhh... — Levo as mãos à boca diante de seu atrevimento.

— Aliás, eu pensei que podia te beijar agora mesmo! — Sinto seu hálito quente cada vez mais

próximo, seu perfume único cada vez mais marcante. — Você me deixa te beijar, bailarina?

— Só se não for uma brincadeira, umas dessas que você era acostumado a me pregar. — Ele sorri timidamente, um sorriso amarelo que revelava que é consciente do quanto foi idiota no passado.

— Aquele beijo, Betina, foi o melhor beijo da minha vida! E apesar de não saber na época, eu gostei dele. Foi tão bom que o levei na memória e no coração para o resto da vida. — Ele parecia estar sendo sincero, mas eu ainda não conseguia confiar nele. Havia me feito sofrer e brincado com meus sentimentos como outro não ousou fazê-lo.

— Mesmo assim deixou que todos falassem que eu beijava mal!

— Fui um tolo!

— O maior de todos! — Não discordo de sua confissão.

— Mas posso ser diferente, se me aceitar. — Pega uma de minhas mãos e a leva para perto de seu coração. — Me deixe mostrar que você pode confiar em mim. Prometo que tudo será diferente. — Eu queria que fosse diferente, mas temia me

entregar a alguém que já havia me feito sofrer uma vez.

Minha determinação em repeli-lo acaba arruinada quando sua língua se enrola à minha, deixando-me amolecida e extasiada pelo seu toque quente, delicioso e tão possessivo que faz minha pele arder.

Arrebatada.

Hugo havia me arrebatado novamente com tanta facilidade que sentia medo do que seriam meus próximos dias em Toledo em sua companhia.

Mas eu era adulta, mais madura e podia viver o momento, tirar a prova dos nove e me resguardar da decepção. Sim, eu podia e não via motivos para tentar afastá-lo quando meu corpo o queria com tanta intensidade que o juízo ameaçava entrar em greve sem data para retornar à atividade.

— Acho que posso lidar com isso! — Sorrio assim que consigo me desgrudar de sua boca. — Mas se ficar mal falada de novo por sua causa, juro que vou me vingar. — Ele solta uma gargalhada contra meu pescoço.

— Desculpe por aquilo, Betina! Depois que te

vi indo embora do hospital, consegui perceber do que falava quando perguntou se era mais uma de minhas brincadeiras. Fui um cretino!

— Você costumava ser um cretino, Hugo! A maior parte do tempo; e não sei se quero me envolver com você.

— Não vou te deixar ir embora sem que saiba o que sinto por você. — Seus dedos voltam a puxar meu queixo de maneira que consiga fitá-lo, olho no olho, como se precisasse falar com a alma. — Sempre fiz a coisa errada contigo, bailarina, por ser jovem e imaturo demais para entender o que você me fazia sentir. Mas o pior não foi isso! — Desvia o olhar.

— O que foi pior? — Imito seu gesto anterior e puxo seu queixo para que volte a me encarar. Ele havia começado a abrir seu coração e eu queria ir até o fim. Não tínhamos mais idade para lidar com meias verdades. Éramos adultos e não dois adolescentes que mal compreendiam a verdade do que sentiam.

— Deixa para lá! Talvez um dia eu consiga explicar a confusão que eu era e você me dê uma chance. — Ah Hugo, mal sabe você o quanto eu

PERIGOSAS ACHERON

desejava ter lhe dado uma chance, todas que você estivesse disposto a aceitar. — Vamos logo que hoje tirei a manhã para te ensinar a dirigir.

— E beijar?! – Pergunto insinuando-me. Essa coisa toda de beijá-lo era atrativa. E por mais que soubesse não ser o certo, eu ansiava por mais de seus beijos, por mais de seu sabor.

— Também, desde que seja uma boa aluna. — Acabo sorrindo pelo seu jeito despojado de transformar uma conversa carregada de tensão em algo corriqueiro e leve.

— Serei a melhor! – Provoco-o, puxando-o para fora de casa e, pela primeira vez na vida, sentindo vontade de dirigir.

Hugo nos levou para uma estrada quase deserta, sem trânsito, onde eu podia errar sem a pressão de ter que fazer certo. Não era difícil dirigir seu carro com câmbio automático, mas foi sua empolgação que me moveu rumo a uma euforia que só podia ser comparada ao friozinho na barriga em dia de estreia de espetáculo.

— Betina, por favor, reduza a velocidade! – Me olha assustado e com razão, havia me empolgado e

passava facilmente dos 100 Km/h.

— Sinto muito, mas dirigir é demais! – Solto uma gargalhada.

— Criei um monstro! – Ele brinca sorridente.

— Lembra daquela vez que você e André tentaram me ensinar a dirigir? – Pergunto como se não houvesse passado tanto tempo. Eu o conhecia melhor do que ninguém, melhor do que ele próprio, desconfio.

— Como esquecer? Quase morremos!

— Não seja maldoso! O problema é que não tínhamos o câmbio automático e eu me atrapalhava com as marchas.

— Um detalhe que meu pescoço nunca esqueceu! – Caímos os dois na gargalhada. Eu sempre fui péssima no volante e trocar as marchas era a parte que me tornava uma motorista terrível.

Jogamos conversa fora e acabamos chegando em Joinville. Recordar é viver, dizem os mais sábios, e estão certos. Fazer aquele trajeto novamente na companhia de Hugo foi reviver um momento, um dos muitos que se perderam na curva do tempo e que eu fazia questão de que ficasse por

PERIGOSAS ACHERON

lá, mas o gosto de dar a ele um sabor diferente foi incrível e tão realizador que não custava nada voltar mais um pouco no tempo e pisar na antiga escola da Senhorita Josephine.

— Tem certeza de que quer reencontrar a bailarina recalcada? — Hugo desce do carro e abre a porta para mim. Ele e André tinham uma teoria acerca de Josephine. Acreditavam que era uma daquelas bailarinas frustradas que não tiveram sucesso em suas carreiras e acabaram sendo obrigadas a se tornarem professoras de balé.

— Tenho sim! Aprendi com você que reencontrar o passado não é tão ruim assim!

— Fala como se eu houvesse te trazido muita dor. — Ele fecha a cara e eu devia ter segurado a língua, mas havia falado e não podia privá-lo da verdade pelo resto da vida. Hugo desejava se reaproximar de mim e parecia sentir alguma espécie de afeto. Eu ainda não havia conseguido compreender que tipo de sentimento lhe tomava, mas podia tentar deixá-lo demonstrar, não custava nada, e só esperava não sair mais machucada do que na época em que havia deixado tudo para trás anos antes.

— Talvez não dor, mas muita raiva! – Decido ser honesta. — Mas vamos lá!

Entrar na minha antiga escola de dança não foi tão emocionante quanto eu imaginei; porém, não foi uma tragédia e minha antiga professora demonstrou felicidade ao me ver. Todos sempre me viam como a estrela da casa e estar ali apenas reforçava o quanto eu havia conseguido ir longe em minha carreira.

O que mais me incomodava era sentir o gosto agri-doce. Sempre havia um “porém”, uma mágoa maculando minhas recordações, fazendo me sentir retraída pelas coisas que eu desejei tanto que fossem diferentes. Mas aquela era minha história e eu havia chegado onde me encontrava como resultado de tudo o que havia vivido.

Hugo preferiu não me acompanhar e o agradei por isso. Já era constrangedor encarar meu passado, a dureza dos dias solitários que havia vivido naquela pequena escola de balé, ter que compartilhá-lo com Hugo apenas faria tudo ficar ainda mais difícil.

Eu compreendia o medo que as pessoas tinham em enfrentar suas assombrações. Era como reviver

PERIGOSAS ACHERON

todas as dores que lhe feriram a alma, que lhe marcaram com ferro. As cicatrizes ficavam ali como uma dor fraquinha sim, mas que lhe faziam lembrar os piores momentos, nos fazendo sentir o agri-doce em tudo.

— Satisfeita? – Encontro Hugo sentado no capô do carro, incrivelmente sexy com seus óculos de sol da última moda.

— Foi melhor do que esperava. – Falo sentindo-me aliviada por ter enfrentado um monstro do meu passado e por ter compreendido que se sou o que sou hoje, devo muito à minha professora exigente.

— Às vezes revisitar o passado tem suas vantagens. – Ele pisca, demonstrando sua confiança irritante. Hugo sempre foi o tipo de homem que exalava confiança e atitude, que sabia o porquê de ter nascido e para que veio ao mundo, tão diferente de mim que sempre fui insegura e medrosa.

— Devo concordar com seu ponto de vista! – Minha barriga solta um daqueles barulhos indiscretos que nos fazem envermelhar de vergonha.

— Com fome? — Abaixa os óculos e acabo capturada pelos seus belos e impressionantes olhos claros, um misto indecente entre castanho e verde.

— Muita! — Confesso ao sentir o estômago reclamar novamente.

Fomos para um pequeno bistrô onde era servido o melhor marreco recheado da região. Não era meu prato favorito, mas estava com saudades de comer uma boa comida alemã e me faltar em um pedaço de torta de ricota como sobremesa.

Hugo, sempre atencioso, me fazia perguntas sobre minha vida na Rússia, sobre os espetáculos e como era viver em um país culturalmente tão diferente, onde precisei aprender até um novo alfabeto. Tudo estava perfeito, delicioso e divertido, mas quando ele se sentou ao meu lado e me ofereceu um pedaço de seu doce de abóbora, meu coração disparou freneticamente no peito, minhas mãos começaram a suar como se eu voltasse a ser aquela adolescente desengonçada e sem graça, que usava óculos e que era alta demais para ser uma bailarina.

— Por que fica tão afetada quando me aproximo? — Pergunta como se não soubesse que

PERIGOSAS ACHERON

estarmos tão próximos não fosse algo diferente para mim. Evito respondê-lo e apenas aceito um pedaço de seu doce de abóbora, o mais incrível doce do mundo, preciso ser justa.

Acabo me lambuzando e quando coloco a língua para fora, Hugo me surpreende com um beijo, deixando-me mole, excitada, exposta e totalmente dependente de seu toque. Retribuo sua provocação, aproximando-me de seu corpo, facilitando-lhe o acesso para minha boca e deixo-me levar pelo sentimento de plenitude que me tomava cada vez mais. Beijar Hugo era uma prévia poderosa do que seria uma transa com ele e eu não devia nutrir tais pensamento ou acabaria sendo mais uma de suas bolinhas de gude.

Uma bolinha de gude.

Eu não podia me converter em mais uma estatística infame para Hugo.

— O que pretende ao me beijar toda hora? — Pergunto na vã tentativa de afastá-lo, mas apenas o suficiente para recobrar o juízo e pensar a partir da lógica.

— Por que tem que ser tão desconfiada? —

Ainda tem coragem de me fazer essa pergunta, como se não soubesse de sua fama de galinha. Hugo era tão cretino e ao mesmo tempo tão lindo. E todas as mulheres da região sabiam disso, talvez melhor do que eu.

— Você sempre me evitou, Hugo! E do nada resolve me beijar em qualquer lugar, como se fôssemos namorados. Coisa que não somos. — Repreendo-o, mas sendo incapaz de afastar-me de seu abraço.

— Já falei que eu era um idiota! E se tivesse percebido antes o quanto é maravilhosa não a teria deixado ir para a Rússia.

— Idiotas não mudam assim do nada! — Provoco-o e acabo envolvida em mais um dos seus beijos possessivos e quentes como o inferno. Hugo me jogava em um fogaréu sem precisar muito. E se um dia eu achei que me sentia atraída por ele, não fazia ideia do que poderia sentir ao ser beijada de verdade por ele.

— Por que não nos beijamos e deixamos o passado no passado? — Fala ainda enroscado em minha boca.

— Talvez porque o passado ainda me importe!
— Correspondo ao seu beijo, deleitando-me com seu sabor temperado pelo doce de abóbora. Hugo sempre amou doce de abóbora, assim como um bom pudim de leite. Apesar de mais velho e aparentar ser mais centrado, continuava o mesmo garoto cheio de manias de outrora.

Acabamos nos beijando mais do que pretendia ter deixado; e com todos os prazeres saciados, pagamos a conta e voltamos para Toledo. Fiz questão de dirigir, por me sentir mais confiante ao volante. Hugo não gostou da ideia, mas não me impediu.

Conversamos sobre sua escolha em se tornar pediatra, pois estava intrigada com isso. Hugo poderia ter escolhido qualquer outro ramo, sempre o imaginei como um cirurgião renomado e não um pediatra. Por outro lado, a paixão que emanava em suas palavras era um indicativo mais do que suficiente de que era feliz com a escolha e que a havia feito com o coração.

Estacionei o carro e puxei o freio de mão, sentindo-me a mais poderosa por pilotar uma máquina. Hugo sempre teve bom gosto, tanto para

carros quanto para mulheres, por mais que odiasse admitir sempre saiu com as mais belas, modelos estonteantes.

— Obrigada pela lição de volante e pelo passeio! — Agradeço-o de maneira sincera. Eu havia apreciado cada minuto em sua companhia, por mais que o houvesse julgado mal de início.

— Foi um prazer! — Abre um sorriso encantador, que acaba por me fazer soltar um suspiro. — O que acha de sairmos hoje à noite?

— Não sei se devemos! — Temia não ser capaz de evitá-lo e dos beijos poderíamos passar rapidamente para o segundo estágio, e esse tipo de envolvimento não era o mais aconselhável. Era de Hugo que falávamos e eu iria acabar com o coração pisado no final.

— Me dê uma chance, Betina! O que custa me dar um chance? — Custava meu coração, que já havia se machucado tanto por ele. Eu sabia o que era amar sem ser correspondida e não fazia questão de reviver isso novamente.

— Não faça essa cara de “pidão”! — Acaba se aproximando e me prendendo contra a lataria do

carro. A proximidade nublou meus pensamentos e acabo beijando-o antes que meu corpo acabasse se humilhando, pedindo por mais de seu toque, sem me importar por estarmos grudados na frente de nossas casas, ou naquelas que foram nossas casas um dia. Mas sabíamos que uma coisa não havia mudado naquele bairro de cidade pequena: as fofocas se espalhavam como vento e logo já estariam anunciando nosso casamento. — Preciso ir, Hugo! Ainda quero passar no hospital para ver tio Breno e conversar com André sobre seu estado de saúde.

— Posso ir com você se quiser!

— Não precisa! – Hugo estava sendo um amigo incrível e lhe seria grata por isso, mas não queria que ele deixasse de viver sua vida. Não era aconselhável deixá-lo se aproximar mais. Ele havia sido o grande amor de minha adolescência, meu sonho de consumo, o príncipe que sonhei poder dançar a valsa dos 15 anos, e ter que lidar com isso já era uma complicação enorme. Hugo também não precisava ser promovido ao grande amor de minha vida adulta.

— Se precisar, é só me ligar! – Tira o celular da

minha mão e grava seu número. Sempre foi espaçoso e haviam traços que não mudavam, o tempo apenas o amenizavam. — Te pego às 8, bailarina! – Beija minha testa e entra no carro sem olhar para trás para meu deleite, porque apreciar seu corpo musculoso devia ser um daqueles momentos que toda mulher devia viver na vida, nem que fosse apenas uma vez.



Subi os degraus da mansão apreensiva com a tormenta de emoções que Hugo despertou dentro de mim.

Quando ele me beijou pela primeira vez, anos antes, acabei sendo falada, todos apenas faziam comentar o quanto Betina beijava mal e havia servido para ganhar uma aposta. Queria matar Hugo na época, fazer picadinho de seu corpo e enterrá-lo a sete palmos do chão.

O pior de tudo foi ter que encarar os olhares curiosos quando passava pelo portão da escola e considerei a possibilidade de usar capuz ou aderir à moda dos emos. Uma solução interessante, mas que não combinava com uma bailarina.

Isabela não deixou barato e acabou por zoar a história do beijo de Hugo mais do que eu era capaz de suportar. Eu tentava não lhe dar ouvidos, mas teve uma tarde em específico que, cansada de ser provocada, acabei revidando e brigando feio com minha prima.

— Não tem vergonha de continuar indo para a escola depois de virar piada? – Perguntou sorrindo naquela tarde infernal.

— Fala como se eu tivesse opção! – Respondi, encarando-a pela primeira vez com coragem.

— Tem razão, você nem devia ter nascido. Mamãe costuma falar que seu nascimento foi uma vergonha para a família. – Foi a gota d'água e quase arranquei seus cabelos.

Minha mãe foi uma moça à frente de seu tempo, ainda mais que Toledo era um ovo de tão pequena e opressora. Todos esperavam que uma garota encontrasse um homem e se casasse, mas mamãe fez diferente, foi estudar arquitetura na capital e voltou com ideias avançadas para a época.

Ninguém poderia se importar com suas escolhas, mas acontece que é sempre os mais fracos

que sofrem pelos erros deles e eis que virei a filha do pecado, como se eu tivesse uma etiqueta luminosa grudada na testa e que me fez um ser de alta periculosidade, tudo porque sou fruto de uma produção independente.

— Vergonha ou não, eu nasci e estou aqui! — Respondi, dando as costas para minha prima maldosa, na minha ingenuidade, sempre tentando me manter indiferente às suas provocações. A última vez que não consegui, acabei duas semanas de castigo.

— Um peso desnecessário para a família! — Ela sempre tentou me tirar do sério.

Não tinha culpa por não ter tido um pai, por ser filha de mãe solteira, e muito menos por ter ficado órfã.

Era sua casa, eram seus pais, era seu irmão. Era tudo dela e sempre fazia questão de me lembrar disso a todo momento.

Tinha dias em que só queria que Toledo desaparecesse do mapa, como em um passe de mágica, que eu não tivesse nascido e que Isabela não passasse de um projeto de “piranha”, um mero

rascunho do destino.

O pior de tudo era amar Hugo em segredo. Olhá-lo todos os dias sorridente, chamando a atenção por onde passava; e saber que poderia escolher qualquer uma. Era ele estalar os dedos e elas caíam em penca em seu colo.

Ser adolescente em Toledo foi um dos piores momentos de minha miserável existência, mas ter sido uma apaixonada pelo garoto errado, que passava mais tempo em sua casa do que o necessário para lhe lembrar de sua paixão, e que ainda te dava carona umas duas vezes na semana, era o inferno.

Pior que isso só mesmo voltar a viver tudo depois de anos distante, lutando para esquecê-lo.



Separei um vestido elegante, um par de sapatos de salto e escovei meu cabelo, preferindo deixá-los soltos. Eu iria sair com Hugo Medeiros e ainda não acreditava nisso. Não fazia ideia para onde me levaria, mas eu gostava de surpresas, mesmo sabendo que Toledo continuava a ser uma cidade pequena com poucos lugares para um casal ter um primeiro encontro.

Primeiro encontro?!

Não sei se podia chamar de primeiro encontro, mas Hugo havia dado a entender que seria um, ao menos não negou que não fosse. E desde então

tenho agido como uma garota nervosa pelo seu primeiro encontro.

Eu tive encontros com garotos depois de superar ou tentar superar minha paixão pelo médico e penso que até fui bem ao conseguir manter alguns relacionamentos.

Desci as escadas da mansão e atravessei a porta em silêncio. Não queria que Luiza notasse minha presença e exigisse explicações que não queria dar. Se soubesse que estava saindo com Hugo morreria de desgosto e ainda me deixaria azeda pelo veneno que destilaria.

Minha tia sonhava que Isabela se casasse com Hugo, um sujeito de família rica e bem posicionada. Os Medeiros eram donos da única fábrica de Toledo e só por isso eram tidos por poderosos.

Não sei exatamente os motivos que levaram o médico a rechaçar minha prima. Isabela era o modelo de mulher perfeita, de uma beleza clássica, que sempre acabava cativando os desavisados e que foi educada por minha tia para ser uma boa esposa.

Quando cheguei na rua Hugo me esperava

encostado em seu carro vermelho, sorrindo como sempre. Estava mais despojado vestindo uma calça jeans e uma jaqueta de couro. Era o meu Hugo de outrora, aquele garoto insolente que me fazia suspirar de olhos abertos e sonhar com o indevido nas madrugadas.

— Está linda! – Me beija no rosto. Foi um beijo comportado e discreto, mas que me lançou para um torvelinho de emoções sem igual. Seu perfume forte e amadeirado me enlouquece e as notas mais cítricas de sua espuma de barbear me deixam entorpecida, como se tivesse bebido vários copos do destilado mais forte.

— Digo o mesmo de ti! – Sorrio timidamente, esperando que ele abrisse a porta do carro. Até pensei em pedir para me deixar dirigir, mas Hugo parecia misterioso demais e estava determinado a me surpreender.

Nos afastamos da cidade e chegamos em um local charmoso. Era um povoado de pescadores perdido no tempo. Meu tio e eu costumávamos vir alguns sábados para comer mariscos e camarão. Tia Luiza e Isabela não curtiam o lugar por ser muito simples e por não estar à altura de seu paladar

refinado, mas eu amava tudo naquele pedaço de chão esquecido pelo tempo. Santa Catarina era uma terra abençoada por Deus, tínhamos de tudo e podíamos desfrutar de belezas sem iguais.

— Como soube que eu amava esse lugar? — Tiro meus sapatos e sinto a brisa batendo no rosto. Fazia um pouco de frio, mas nada que pudesse me assustar, afinal, havia vivido quase 10 anos no frio da Rússia.

— Sei muitas coisas sobre você, Betina! — Me enlaça pela cintura, acariciando meu rosto com os dedos. — Sei que te dei todos os motivos para pensar o pior de mim, mas pretendo te conquistar dessa vez e do jeito certo. — Solto uma risada de puro nervosismo. Havia trabalhado várias coisas em minha personalidade nos anos em que vivi distante de Toledo, mas toda minha determinação em me manter segura e firme pareciam ruir ao toque de Hugo. Voltava aos mesmos anseios e dúvidas de antigamente, uma época em que não passava de uma adolescente atrapalhada que dizia ser apaixonada pelo melhor amigo do primo.

— Hugo... — Quero encontrar as palavras corretas para lhe dizer, mas meu cérebro para de

pensar completamente e acabo perdida, presa em seu olhar cativante e em suas palavras doces que apenas me fazem querê-lo perto, beijá-lo ardentemente e gritar como uma louca para o mundo que ele é meu.

— Betina... Minha bailarina preciosa! — E assim encosta seus lábios nos meus, impulsionando-me para dentro de um abismo em que sensações impressionantes me marcariam para sempre. Eu podia ter sido uma tola apaixonada quando adolescente, mas deixá-lo ir tão longe poderia ser ainda mais perigoso. Não conseguiria me recuperar de uma segunda decepção e ainda havia tanto a nos separar, fatos e pessoas que haviam entrado em nossas vidas e nos feito escolher outros caminhos.

— Não é cauteloso nos envolvermos assim! — Empurro-o com as mãos. Precisava afastá-lo por mais que meu corpo o quisesse mais próximo, totalmente colado a mim. — Escolhemos caminhos diferentes, fizemos escolhas diferentes e temos vidas diferentes. Tudo diferente, entendeu?!

— Não vou desistir de você, bailarina! Não dessa vez! — Volta a me envolver em seus braços,

determinado a me convencer de algo que não podia ser bem-vindo depois de tanto tempo. Sua atitude em me seduzir me intrigava, me fazia questionar o que tanto desejava comigo e o porquê esperou tanto tempo para fazê-lo.

— Fala como se em algum momento de nossas vidas você houvesse me desejado! — Solto em uma risada histérica.

— Você não compreenderia a cabeça de uma garoto perdido na vida. — E nem queria, para ser justa comigo mesma. Mal dava conta dos meus problemas existenciais.

— Poderíamos começar pela amizade! — Sugiro, livrando-me do seu contato altamente tóxico e que não me deixava pensar direito. — Podemos nos conhecer melhor.

— Já nos conhecemos! Desde sempre. — Ele responde, avaliando-me com seu olhar interrogativo.

— Não nos conhecemos! Estou fora há longa data e não pretendo ficar muito tempo em Toledo, apenas o necessário para que tio Breno se recupere. Tenho uma vida na Rússia, longe daqui.

Hugo reduz a distância de segurança que havia estabelecido entre nós.

— Não compreendo! – Ele exclama em dúvida.

— Por que eu, Hugo? – Preciso saber.

— Porque sempre foi você. – Responde na maior cara dura e acabo soltando mais uma gargalhada histérica.

— Não posso acreditar nisso, me desculpe! Você nunca me deu uma chance, ao contrário, sempre fez questão de me afastar e esfregar na minha cara suas paqueras. Acredita mesmo que posso confiar em você, em suas palavras jogadas ao vento que não têm valor algum a não ser me seduzir para me levar para cama?!

Hugo se retesa e fecha as mãos em punho. Eu o havia irritado, mas era merecedor de minha sinceridade. Quem achava que era para brincar com meus sentimentos depois de tanto tempo?

— Droga, Betina! Fui tão cafajeste com você no passado, tão determinado a te afastar, que acabei fazendo um bom trabalho.

Me afasto de Hugo, queria procurar um banco para sentar e me sentir mais inteira, mais digna, e

PERIGOSAS ACHERON

não tremendo como estava. Eu era um desastre de sentimentos, uma mistura de ressentimento com raiva. Acabo encontrando um banco embaixo de um pequeno poste de luz e desabo nele, cansada de lutar contra a confusão que sentia e tudo parecia só piorar quando ele se sentou ao meu lado.

— Como pode exigir de mim que pense diferente? — Questiono-o com determinação. — Sempre fez questão de me afastar, de me dizer que estava ocupado com outras garotas, que eu era jovem e boba demais para você.

— Nunca falei que você era boba demais para mim.

— Ah não?! E aquela vez que você praticamente me fez dormir no quarto de sua irmã porque não queria que eu dividisse o quarto com Renato?!

— Ele não servia para você, inferno!

— E quem servia? — Pergunto indignada com as lembranças em que sempre empatou minhas conquistas. — Renato não servia e nem você me queria. O que queria, Hugo? Que eu ficasse virgem para o resto da vida?!

— Não precisa jogar isso na minha cara. Que inferno, Betina! Naquela noite eu queria... — Ele hesita por alguns segundos. — Eu queria ter tido coragem de me declarar para você, de assumir o quanto você mexia comigo, mas você apareceu com o tal do Renato e eu fiquei com muita raiva.

Eu não podia acreditar no que acabava de ouvir. Hugo havia arruinado com minha primeira vez, sem saber, é óbvio, mesmo assim havia arruinado.

— Graças a você e sua cabeça de parvo eu arruinei minha primeira vez! — Confesso indignada.

Mas a reação de Hugo foi pior. Ele havia ficado possesso com minha revelação e se Renato estivesse presente acabaria espancado por ele, tenho certeza.

— Que droga! Eu falei para André que você e ele... Bem, que você e ele haviam transado.

— E o que te interessava isso? — Pergunto indignada. — A virgindade era minha e eu a entregava para quem eu quisesse, mesmo que me arrependesse depois.

— Betina... — Ele hesita novamente. — Por que

fez isso?

— Por quê?! Ainda pergunta o porquê! Porque eu quis, porque estava cansada de sonhar com o impossível que era você, seu idiota. — Elevo o timbre de voz. — Eu sonhava com você todas as noites, fantasiava como seria ser sua namorada e tudo sempre não passava de uma ilusão. Eu queria viver, provar as coisas da vida, ter namorados e ter uma vida livre, onde você não me perturbasse. Eu não ia transar com o Renato, não naquela noite, nem nunca, mas sua implicância em me tratar como criança me deixou emputecida e eu transei com ele. Mas foi horrível e eu me arrependo até hoje. — Volto a me sentar. — Não devia ter feito o que fiz apenas para te irritar. Só por isso acabei te odiando um pouco mais. — Hugo solta uma gargalhada, me puxando para seu colo. — Não ria! Eu me arrependo de ter estragado com tudo, era para ter sido uma noite perfeita, com alguém especial. — Travo ao recordar que estava sentada no colo daquele que sempre considerei ser o homem especial para perder a virgindade. — Minha sorte é que Renato nunca quis saber de mim depois daquela noite. — Não foi assim uma sorte, porque acabei me sentindo mais desajustada e sem graça

PERIGOSAS ACHERON

do que antes.

— Não foi sua culpa! Acredite em mim, bailarina, Renato ficou doido por você, mas eu cuidei para que nunca mais voltasse a se aproximar e te tocar.

— Você o quê? – Pergunto indignada, tentando sair de seu colo.

— Eu bati nele, Betina! Não tenho vergonha nenhuma em admitir que cuidei para que o sujeito não colocasse mais um dedo em você. Era minha bailarina, é minha bailarina. – Engasgo com sua declaração.

Hugo havia enlouquecido e estava determinado a me envolver em sua insanidade.

— Isso é tão injusto! – Solto sem me preocupar com o que pensará. Hugo não tinha o direito de manipular minha vida como fez.

— Injusto foi você ter sido dele. – Declara com o olhar preso ao meu, exigindo que o encarasse e eu sabia o que aconteceria depois. Ele me beijaria e eu imploraria por mais. — Ele roubou o que devia ter sido meu.

Ele falava como se eu lhe pertencesse e, em
PERIGOSAS ACHERON

outros tempos, teria ficado tão feliz com isso, mas éramos adultos, vacinados e responsáveis. O que Hugo fez comigo não foi certo, me fez acreditar que nunca um garoto poderia vir a me amar. Eu o odiava por isso, mas acabo beijando-o por não saber o que fazer com tantos sentimentos dentro de mim.

Eu o amava ou acreditava tê-lo amado mais do que qualquer outro. Ao mesmo tempo, eu o odiava por ter jogado com meus sentimentos, me feito de palhaça e por ter brincado com minha vida, como se eu fosse uma marionete.

— Eu quero você, quero recuperar o tempo perdido! — Beija indecentemente meu pescoço, sugando com vontade e não duvido que ficará uma marca roxa no dia seguinte, que nem maquiagem dará conta de cobrir. — Me dê uma chance.

— É tarde! — Solto entre um gemido e outro de puro prazer. — Tenho uma vida em Moscou, da qual você não faz parte. — Ele precisa escutar e espero que se convença de uma vez por todas que deve desistir de sua ideia de me conquistar.

— Não importa! Farei você mudar de ideia, bailarina. — Os beijos tornam-se ainda mais

PERIGOSAS ACHERON

pecaminosos, suas mãos bobas e treinadas no fogo da luxúria percorrem todas as partes expostas de meu corpo, que responde com desejo, querendo mais de seu toque.

Hugo sabe usar as mãos, a língua, a boca e todo seu corpo para deixar uma mulher extasiada. Eu deveria correr, fugir para longe, mas apenas quero me perder mais, me jogar e receber tudo o que ele me promete.

Hugo é um perigo, um caçador habilidoso.

Eu sou a caça e não me sinto desconfortável por ser devorada.

Fui arrastada entre um beijo e outro para um dos cantos da praia, onde uma tenda decorada nos aguardava com um jantar delicioso. Hugo havia pensado em tudo, em me surpreender e me manter sua cativa. Não apenas pretendia me prender com os melhores beijos que havia provado, mas também me conquistar pelo estômago. Não sei como ficou sabendo, mas ali naquela singela toalha estendida sobre a areia e iluminada por pequenas velas bruxuleantes estavam os meus pratos prediletos. E o melhor de tudo era sua companhia encantadora, sua presença marcante e seus olhos claros presos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aos meus a todo momento.

PERIGOSAS ACHERON



Hugo estava diferente e determinado a me impressionar de todas as formas possíveis, nem que para isso precisasse jogar sujo para me seduzir. Não que fosse algo impossível ou uma façanha me ter em suas mãos, dependente de seus beijos. Eu sempre havia sonhado em estar em seus braços, em fazer parte de sua vida, pena que havia passado tanto tempo e tantas coisas nos separavam.

— Às vezes tenho a impressão de que nunca estive longe de ti. — Olha-me enquanto me perco em sua beleza. Estávamos os dois deitados um do lado do outro na areia, perdidos entre estrelas

brilhantes e recordações que não vivemos.

— Apenas impressão! Vivemos longe um do outro e não há como ser diferente. — Situá-lo era uma boa estratégia para me manter com os pés no chão e evitar embarcar em um barco furado.

Ele se vira para me fitar com seus atraentes olhos, os mesmos que sempre me fizeram suspirar desesperadamente por uma chance. Pena que a tão desejada chance havia chegado tão tarde.

— Onde foi que você deixou a menina meiga que um dia foi? — Pergunta, fazendo-me cada vez mais cativa do desejo. Sim, eu o desejava com toda minha alma.

— Em Toledo! Há muitos anos. — O que era uma verdade. Quando decidi ir para Rússia, também decidi enterrar a menina que fui, deixá-la para trás com suas frustrações e decepções. Eu queria uma vida nova, com espaço para novos sonhos e projetos e não havia mais lugar para amarguras.

— Então é mais fácil encontrá-la. — Avança para cima de mim e beija-me desesperadamente. Hugo sempre foi um homem intenso em todos os

sentidos, mas prová-lo em sua plenitude era como tocar um céu no qual nunca fui merecedora.

Deixei-o me beijar e aproveitei cada uma de suas provocações, deleitando-me com a intensidade de cada carícia que trocávamos. Eu o queria tanto que era capaz de pegar fogo, explodir pelos anos de tesão acumulado.

As carícias tornavam-se cada vez mais intensas, mais prazerosas. Hugo me enfeitiçava, me deixava louca de desejo, totalmente à mercê de sua luxúria. Beijá-lo era bom em todos os sentidos, mas sentir seus lábios em contato com a minha pele nua era ainda mais perfeito, mais quente, mais provocativo.

— Preciso de você, Betina! — Sussurra em meu ouvido, fazendo-me tremer de ponta a ponta, querê-lo ainda mais. Suas mãos habilidosas descem com a taça do vestido, revelando meus seios intumescidos pelo prazer a que fui arremetida. — Posso tocá-la, bailarina? — Pede permissão, como se eu pudesse ser capaz de negar ou conter seus avanços.

Concordei com a cabeça, mordendo meus lábios a fim de conter o tesão que me impulsionava a ser dele. Eu sempre fora dele e desconfiava não conseguir mais beijar ou tocar outro homem depois

PERIGOSAS ACHERON

de Hugo, era o meu sonho se tornando realidade.

Quando envolveu meus seios com suas mãos, acabei derretida, arrepiada e o querendo cada vez mais próximo ao meu corpo. Mas foi quando sua língua envolveu a ponta enrijecida de um deles que meu coração disparou e a adrenalina correu quente em minhas veias.

Não podia transar com ele embaixo das estrelas, por mais erótico e tentador que fosse. Era a mensagem que minha razão tentava mandar para o meu corpo. Mas todos meus hormônios aguçados pela potência dos toques precisos de Hugo haviam tomado o comando de tudo. Eu avancei para cima dele, ajudando-o a se livrar da camiseta e de toda a roupa que nos atrapalhasse para o que viria a seguir.

Um emaranhado de roupas, pernas e braços ditavam o ritmo dos acontecimentos, os mais incríveis e alucinantes que vivi.

Hugo era quente, preciso e determinado a me enlouquecer, a fazer me render.

— Eu sempre sonhei com sua pele... — Morde meu pescoço e acaricia lentamente minha coxa

numa descida cruel, fascinante e lascivamente perfeita. — Com seu cheiro, com seu gosto. Principalmente com seu gosto. — Força minhas pernas para que eu as afaste, lhe dando amplo acesso e ali sua boca acaba com a tortura ou talvez iniciasse a mais sedutora das torturas de que me submeteu até então.

Suas mordidas me enlouqueceram e o mundo pareceu estalar diante dos meus olhos, que mal tinham coragem de encarar a realidade do que acabava de fazer. O melhor oral que havia recebido de um homem. O mais perfeito de todos, mesmo sabendo que não era tão experiente no assunto e não haviam tantos outros momentos do tipo para poder comparar. Mas era de Hugo que se tratava, o dono da língua mais indecorosa e prazerosa do mundo, desconfio.

— Você é louco! — Deixo escapar, num misto de vergonha e satisfação de ter sido varrida pelo melhor orgasmo de minha vida.

— Por você, bailarina! — Ele provoca ainda mais, introduzindo sua língua contra a pele tenra e macia de meu sexo. Acabo gemendo como uma fêmea no cio e, ao invés de me sentir exposta,

envergonhada por tê-lo deixado chegar tão longe, eu apenas me sentia plena, a mulher mais poderosa de todas.

— Hugo, por favor! — Clamo para que pare, mas sem querer que pare de verdade. Eu havia me transformado em uma massa confusa, uma geleia que mal entendia sua forma exata. — Faça algo antes que eu enlouqueça. — Clamo.

— Só se for de prazer! — Sai do meio de minhas pernas e volta a se aproximar do meu ouvido. — Só se for de prazer, Betina! — Meu nome sussurrado em meus ouvidos agiu como pólvora no fogo e acabo fincando minhas unhas em suas costas, exigindo que me beijasse e que me saciasse de todas as formas que merecia, porque haviam sido anos de espera.

Ele entende. Ah, como ele entende! Abaixa as calças e, com toda a desenvoltura de um cafajeste, extremamente habilidoso ao dar prazer, mexe em um dos seus bolsos e de lá retira uma camisinha que acaba envolvendo seu sexo ereto e pronto para me satisfazer.

Mas ele foi cruel e exigiu que eu falasse o que queria. É claro que eu falei e com todas as letras,

PERIGOSAS ACHERON

cantadas inclusive da forma mais devassa possível. Cada palavra erótica que usava me deixava ainda mais desejosa pela penetração.

Hugo me tentava de todas as formas, estendendo a mão e depois se recusando a me satisfazer, mas quando o senti começar a entrar forte, duro e determinado a romper com qualquer barreira que meu juízo tentava erguer, eu cedi e amoleci por completo, gritando por mais.

Era duro e forte como imaginei no passado. Mas suave e delicado como sempre desejei. Palavras amorosas me eram ditas no calor do momento. Ele se declarava a cada estocada e não sabia se podia confiar em suas palavras, todas movidas pelo fogo da paixão, pelo poder do êxtase que nos consumia.

— Eu amo você, Betina! — Ele declara e grito pela arremetida forte contra meu quadril. — Sempre te amei.

— Eu também! — Solto sem querer, sabendo que ainda iria me arrepender por lhe confessar o amor trancafiado dentro de mim.

— Quero você para mim, só para mim e jamais

vou permitir que vá embora novamente sem mim. — Volta a arremeter contra meu quadril, exigindo meus lábios, espalhando suas mãos por todas as partes do meu corpo. — Não houve um dia em que não me arrependi de tê-la deixado ir para a Rússia sem saber o que você representava em minha miserável vida... Houve dias em que quis embarcar no primeiro avião só para ir ao teu encontro, só para trazê-la de volta para casa.

— Estou aqui agora! — Falo com sinceridade.

— Mas quer ir embora. Tudo porque não tive coragem de encarar o fato de que eu a amava mais do que meu orgulho era capaz de entender.

— Hugo! — Seco as lágrimas que escorrem de seus lindos olhos, puxando-o para um abraço caloroso. — Não importa o que passou. Estamos aqui, nós dois apenas, um nos braços do outro, e sou sua em todos os sentidos. — Deixo meu coração falar, assumir o comando de minhas ações. Eu o amava, o desejava de todas as formas possíveis, e tê-lo tão aberto, sincero e receptivo deixava tudo ainda mais incrível.

— Me dê uma chance e sei que posso te fazer feliz! — Ele pede com os olhos ainda mais claros, PERIGOSAS ACHERON

mais desejosos, beijando-me como se nada mais lhe importasse, como se eu fosse o que sempre precisou, fazendo-me sentir especial.

— Me ame, Hugo! — Exijo, totalmente deslumbrada pelo poder de seu toque em minha pele, pela força de suas palavras sussurradas em meu ouvido.

Ele atendeu com paixão meu pedido, aumentando as estocadas, jogando-me contra a areia e contra o desejo que se avolumava dentro de mim. O barulho do mar era a sinfonia a nos embalar, as estrelas eram nossas testemunhas e os vagalumes brilhavam na exata medida dos nossos corpos em contato.

A cada estocada eu deixava ele me ter um pouco mais, mas exigia que deixasse um pouco dele dentro de mim. Eu o amava, sim, sempre o amei, mas queria que ele me amasse tanto ou mais.

Sexo sempre foi um encontro de prazer, uma troca mútua, mas fazer amor com Hugo era mais do que isso, era mais do que prazer, era sentir o fascínio em sua mais perfeita e pura forma.

— Aqui embaixo das estrelas, diante do mar, eu

te ofereço meu amor, bailarina. Meu coração é todo seu. – Com essas palavras, ele puxa meu quadril, firmando seus braços em torno de minha cintura e fazendo-nos girar sem nos desgrudar. Em cima de seu corpo ele oferecia o comando, me entregava as rédeas e me ensinava que quando dois corpos sintonizam na mesma frequência de suas almas, o prazer é apenas mais um estágio da plenitude que virá depois.



Tudo que eu mais desejei durante minha adolescência havia acontecido, havia feito amor com Hugo e ainda sentia a pele eletrizada por seu toque. Nada poderia ter sido tão incrível quanto transar com o homem que havia ocupado a maior parte das minhas memórias.

O impossível, aquilo que jamais imaginei ser possível acontecer, havia acontecido. Sonhos podiam se realizar sim, mesmo que precisasse passar quase uma década.

Eu havia sonhado fervorosamente com o dia em que Hugo me percebesse como mulher e me aceitasse em sua vida. Desejei com toda minha

PERIGOSAS ACHERON

alma que ele viesse a ser meu primeiro homem, que me fizesse uma mulher de verdade. Ah, como eu queria ter perdido minha virgindade com Hugo, até o dia em que me dei conta de que ele levaria para cama qualquer uma, exceto eu.

Para Hugo eu não passava da priminha órfã de seu melhor amigo. Haviam outras mais disponíveis, mais bonitas e até mais gostosas. Perdi noites de sono tentando desvendar sua cabeça, compreender o que me faltava para não lhe chamar a atenção, ensaiando formas de me declarar para ele.

E quando eu já não sabia mais o que fazer para que me notasse como mulher, simplesmente desisti. Merecia a chance de encontrar algum garoto que me fizesse feliz, alguém que fosse carinhoso e que merecesse meu afeto mais do que Hugo.

Foi então que tomei a decisão de esquecê-lo de vez. Era chegada a hora de deixar o mundo de ilusões e viver de verdade. Passei a sair com algumas amigas do balé e comecei a ficar com alguns garotos, nada muito sério, alguns flertes e beijos no final da noite, até que conheci Lucas, mais um amigo do André.

Eu havia sido fadada a me envolver com os
PERIGOSAS ACHERON

amigos do meu primo. O que não seria uma coisa do outro mundo, não fosse o fato de que Hugo estivesse sempre por perto, a me lembrar que meu coração o queria.

— Você não pode querer se envolver com ele!
— Hugo, certa vez, me falou. Estava nervoso por algo que não conseguia entender. — Ele não a merece. — Disse irritado.

— E quem merece? — Perguntei-lhe intrigada com sua postura invasiva, como se eu acabasse de cometer um erro imperdoável em aceitar acompanhá-los em um final de semana na praia.

— Lucas não! — Respondeu-me sem um pingo de vergonha na cara. E para não bater boca desnecessariamente deixei-o falando sozinho. Já me bastava todos os cuidados de André, ainda precisava lidar com o ciúme injustificado de Hugo.

Lucas era um paulista atencioso e gentil. Tinha acabado de ingressar na Faculdade de Medicina e era calouro dos garotos. Tínhamos gostos e interesses em comum e sentia-me à vontade em sua presença. Foi o primeiro que conseguiu vencer os obstáculos impostos pela minha timidez e conseguido me fazer sorrir depois de muito tempo.

Era um bom amigo e deveria me bastar para dar andamento aos meus planos de viver e tentar ser feliz.

Naquela noite em especial, depois de um passeio na orla da praia de mãos dadas, havíamos retornado e encontrado a casa vazia. Todos haviam saído e nos era certo que só retornariam ao amanhecer quando as boates e bares já tivessem fechado suas portas. Dos beijos passamos rapidamente para carícias mais intensas.

Acabamos os dois em meu quarto e ali tudo aconteceu, não da forma que eu havia imaginado, mas havia sido bom. Lucas havia sido carinhoso e me tratado com muito cuidado. Não foi traumático ou desconfortável, apenas não foi o que eu havia sonhado. Apesar de não ser mais virgem, eu continuava a ansiar pela noite perfeita.

Mas o pior acabou por acontecer quando Hugo e André nos flagraram nus em minha cama. Foi um pesadelo sem precedentes. Além da vergonha e vontade de desaparecer da face da terra, ainda precisei lidar com a reação desproporcional dos dois. Hugo foi o que mais me assustou ao partir para vias de fato, atracando-se como um homem

das cavernas com o garoto que havia ousado me tocar, como bem bradou.

Coloquei-me entre os dois, tentando apartá-los antes que uma tragédia acontecesse e acabei por dar início a uma das piores discussões que mantive com Hugo.

— Como pôde, Betina? — Pegou-me pelos braços, olhando-me com rancor e despeito. Sua respiração estava acelerada e o suor lhe escorria pela face.

— Largue-me! — Exigi apavorada, sentindo o cheiro da cerveja que havia consumido durante a madrugada e que deu-lhe a insensatez necessária para agir como um troglodita. — Você não é nada meu para exigir algo do tipo! — Encarei-o furiosa.

— Não pode achar que eu iria aceitar que ele se aproveitasse de você e eu ficasse de braços cruzados? — Eu não o entedia, o porquê de se sentir tão desconfortável por eu ter me entregado a Lucas, sabendo que ele faria o mesmo a julgar pela garota que nos olhava assustada ao imaginar que éramos namorados, porque apenas um namorado justificaria uma reação tão imprópria.

Sim, ele se portava como um namorado traído e isso me deixou ainda mais sem jeito.

— Pare com isso, já disse! Lucas não fez nada que eu não quisesse. Que droga, Hugo, não percebe que cresci e que tenho idade para namorar?! — Soltei-me de seu aperto e fui para perto de Lucas, tentando protegê-lo da fúria de dois loucos — Vocês dois estão bêbados e acham que podem sair por aí entrando no quarto dos outros.

— Betina! — Hugo ainda tentou se justificar, mas estava farta de tudo, cansada de me converter do nada em piada. Sim, porque na semana seguinte era mais uma rodada de fofocas a manchar minha reputação na escola.

Estávamos na casa de praia de tio Breno e Lucas acabou sendo expulso por meu primo, para minha vergonha. Aquilo havia me desconcertado de tal maneira que julguei melhor recolher minhas coisas e seguir com Lucas de volta para Toledo.

Eu havia feito uma escolha, queria viver e ser feliz, recomeçar longe de Hugo e da paixão platônica que sentia por ele. Foi ali que comecei a me despedir de um mundo que eu não desejava mais, a tomar consciência de que minha vida não

PERIGOSAS ACHERON

era ao lado dele e que eu merecia me dar a chance de tentar ser feliz, de me realizar como mulher.

Apesar de toda a confusão, Lucas me pediu em namoro naquela noite e eu aceitei, ansiando pela libertação de sentimento tão sufocante e por uma vida onde pudesse respirar sem pensar em um garoto que se portava como se eu fosse sua propriedade, mas que não queria nem saber de mim.

Esforcei-me para ser uma boa namorada, para me apaixonar por Lucas, mas era tão difícil fazê-lo quando meus pensamentos me traíam e me levavam a pensar nele, em Hugo. O balé e meu sonho de entrar para a Escola do Bolshoi no Brasil consumiam a maior parte do meu dia, os horários de Lucas na Universidade também não nos auxiliavam para aprofundar nosso relacionamento; quando menos percebi havíamos nos afastado e cada um seguia com sua vida.

Meu namoro terminou do nada, assim como começou. E eu continuava apaixonada por Hugo, que continuava a se envolver com todas as garotas que lhe atravessassem o caminho.

Ciclos viciosos eram difíceis de serem
PERIGOSAS ACHERON

quebrados, já dizia meu tio. Eu vivia em um ciclo vicioso maluco, uma paixão platônica que poderia se converter em uma dor profunda caso ele viesse a me aceitar como namorada, mas fosse incapaz de não me trair, uma das mais plausíveis razões para tentar arrancá-lo do coração pela segunda vez.

Eu não sabia ao certo o porquê havia me recordado de tal passagem, justo depois que havia feito amor com o homem que ocupou meu coração por anos, mas devia ser um recado do Universo para que eu o evitasse. A insensatez da adolescência havia ficado para trás, éramos adultos bem resolvidos e poderíamos transar sem criar expectativas com o dia seguinte. Afinal, adultos poderiam fazer sexo casual sem maiores implicações para o futuro.



Ela havia pertencido aos meus braços, deixando-me amá-la como sempre sonhei. Betina nunca imaginou o quanto eu a amei em silêncio, tentando desesperadamente afastar os malditos que a rodeavam como abelhas ao redor de um saboroso pote de mel. Sempre foi uma garota desligada e inocente para perceber os olhares de cobiça que lhe cercavam. No começo, quando não passava de uma menininha assustada, apenas desejava protegê-la como a uma irmã. Era a prima mais nova do meu melhor amigo e colocar para correr os oportunistas era divertido.

Não sei dizer ao certo quando meus olhos a notaram de forma diferente e passei a querê-la como homem. Demorei para entender meus sentimentos, o que de fato eu sentia por ela, e passei anos me enganando, tentando acreditar que não passava de uma atração de garoto.

Mas não passou.

Cada sorriso que ela abria incendiava algo dentro de mim. Cada lágrima que derramava pelas implicâncias de sua professora de balé me rasgava por dentro. Cada risada gostosa que soltava por uma coisa tola que lhe falavam me fazia querê-la sempre feliz. Cada mecha de cabelo colocada atrás da orelha me despertava para sentimentos até então desconhecidos.

Não era apenas proteção ou carinho de irmão ou amigo. Era uma atração mais forte, mais plena e tão assustadora que me levava a cometer uma burrada atrás da outra.

Era amor em sua forma mais pura e plena.

— O que tanto pensa? — Pergunto, afagando-a nas costas com carinho, puxando-a para perto do meu corpo. Eu não desejava me separar tão cedo de

Betina, eram anos de saudade para aplacar. Ela não responde de imediato, o que me deixa preocupado. — Não gostou? Ou está arrependida? — Puxo-lhe o queixo para que volte sua atenção para mim e acabo beijando-a apaixonadamente, na tentativa de afastar o receio de que não fui bom para ela, que não a fiz sentir o mesmo prazer que me proporcionou, um medo que jamais fui capaz de imaginar sentir.

— Não é isso! — Ela responde ainda perdida em algo que não consigo compreender. — Não me arrependo de fazer amor com você, Hugo, porque foi maravilhoso em todos os sentidos. É um amante habilidoso, de verdade. — Um amante habilidoso! Meus anos tentando afastá-la para me convencer de que não a amava me tornaram um cretino aos seus olhos, fazendo-a acreditar que eu poderia ser uma máquina de prazer, um amante habilidoso, como havia me dito, mas jamais um homem para ser amado, ou pior, um homem capaz de amar uma mulher. — Aconteceu e foi intenso demais, mas não podemos seguir com isso.

— Por quê? — Fecho os olhos e a prendo contra meu peito, não sendo capaz de encará-la nos olhos,

de ouvir a verdade do que pensava a meu respeito.

— Porque você não é capaz de ser de uma mulher apenas!

— Como pode dizer uma coisa assim, Betina?! Eu acabei de confessar que te amo enquanto a invadia desesperadamente, a fazia minha.

— Hugo, por favor, não quero sofrer e não quero passar por qualquer humilhação!

— Eu mudei, bailarina! Cresci e quero uma chance.

— Uma chance para brincar com meus sentimentos!? — Ela consegue se livrar do aperto dos meus braços, indo à procura de seu vestido.

Eu não devia deixá-la se afastar assim do nada, pois sabia que se ela conseguisse reerguer as barreiras que nos separavam dificilmente conseguiria convencê-la a ficar comigo.

— Betina, me escute! — Imploro.

— Não quero ouvir! Não é apropriado ouvi-lo depois de tantos anos de silêncio. Será que não entende que levei anos para silenciá-lo dentro do meu coração?! Sabe o que pensava enquanto você

admirava as estrelas? – Na verdade, eu a admirava e me volvei ao céu para fazer uma prece, desejando com ardor para que ela ficasse comigo para sempre. — Eu me lembrava do dia em que você quase matou Lucas!

— O infeliz que se aproveitou de ti! – Bufo, levantando-me de supetão em busca de minhas roupas, tomado pelas lembranças de uma das minhas piores noites.

— Ele não se aproveitou, que droga! E sabe por quê? – Volta a me encarar nos olhos, da mesma forma que havia feito no dia em que a surpreendi enroscada na cama com um calouro desgraçado que sabia que havia se aproximado pela riqueza de sua família e não pela garota incrível que era. — Sempre quis que viesse a acontecer contigo, Hugo!

— Mas se entregou a outro, e não foi uma vez! — Deixo escapar e acabo me odiando um pouco mais pelas palavras descabidas que acabava de pronunciar.

— Me entreguei para outros porque você nunca me quis.

— Mas eu queria, inferno! Eu queria e só

percebi que queria ser o único quando a vi na cama com outro, Betina. Aquilo me doeu tanto!

— Engraçado! – Ela solta uma gargalhada. —
Doeu em você tanto quanto me doeu todas as vezes que o vi saindo com outras garotas. Foram tantas, Hugo, que desconfio que nem você saiba o número exato. Você dormiu até com minha prima Isabela e não imagina o quanto isso me deixava mal, porque eu sempre amei você, mais do que meu coração podia suportar.

— Betina! – Levo as mãos ao cabelo, sentindo a frustração pelas besteiras que havia cometido, pela impotência de não poder mudar o passado.

— E aí quando eu consigo tocar minha vida, você reaparece e se acha no direito de me confundir com promessas que sabemos não ser capaz de cumprir. Não vou deixar você acordar dentro do meu coração, Hugo, não mesmo! – Aponta-me o dedo, o que acaba por me fazer querê-la ainda mais.

Reduzo a distância que nos separava, louco para beijá-la e fazê-la recordar o quanto eu podia incendiá-la com um beijo, o quanto eu podia convencê-la a ser minha novamente, bastava que me aceitasse em sua vida e tudo seria diferente

PERIGOSAS ACHERON

dessa vez.

Porque eu sabia que não podia ser nada sem ela.

— Eu te amo, bailarina! E vou te provar o quanto estou disposto a te fazer feliz dessa vez. — Envolvero-a com meus braços pela cintura e a puxo para perto do meu corpo, encostando meus lábios nos dela, forçando que se abrissem para acolher minha língua; e quando ela cede aos instintos mais carnaais, aprofundo o beijo e a trago para mais junto do meu corpo.

— E quando se cansar de mim, como vai ser? — Resmunga colada à minha boca.

— Não me cansarei! Jamais! — Prometo-lhe, selando meu juramento com mais um beijo e a empurrando de volta para a manta, porque não se livraria de mim facilmente, não dessa vez, quando estava certo de que a amava e não suportaria deixá-la partir.

Envolvero cada um de seus seios com carícias exigentes, fortes. Havia sido carinhoso da primeira vez, porque a imaginava como uma boneca delicada, mas parecia não ter lhe bastado para ficar

convencida de que a amava. Mordo-a na barriga, diversas vezes, enquanto meus dedos apertam seu traseiro com entusiasmo, puxando-a contra meu corpo.

Betina responde com fervor, arranhando-me nos braços como uma fera que acabava de ter a jaula aberta, atacando-me com ardor e fome. Livro-a da calcinha e a invado sem pensar duas vezes, pegando-a de surpresa e fazendo-a gritar pelo meu nome com tanto desejo que sinto meus músculos se contraírem à medida que seu aperto envolve meu pau. Ela se debate de prazer embaixo de mim enquanto meu corpo anseia pela libertação.

— Eu a amo, consegue compreender? — Estoco mais uma vez contra seu sexo quente e úmido, cada vez mais fundo. — Percebe o quanto preciso de ti, Betina? — Exijo. — Não me importo se me aceitar apenas como amante, ou se me usará para o prazer... Nada disso me importa, desde que a tenha junto de mim!

— Hugo... Oh... — Consigo fazê-la gemer, suspirar e parar de pensar nos absurdos que cometi no passado. Não era certo usar o sexo para desviá-la de pensamentos que sei ter razão em mantê-los.

Agi na maioria das vezes como um cafajeste, fiquei com muitas mulheres, dormi com outras tantas, mas sempre ansiando encontrar Betina em cada uma delas. Agora que a havia provado e sentido o gosto de fazer amor com a mulher que amava, nada e ninguém me demoveria da ideia de torná-la minha por completo, de assumi-la diante de todos. — Por que agora? — Insiste em querer saber algo que nem eu consigo compreender, inferno!

— Não sei responder com segurança, meu amor! Levei anos para entender que amava você, para perceber que seus sorrisos me encantavam porque eu a queria como minha namorada.

— Como pode ser tão lento? — Ela me puxa para que a beije e a obedeço com deleite.

— Por que sou homem e dizem que os homens são lentos. — Respondo depois de beijá-la, sempre me movimentado em um vai e vem prazeroso, poderoso e delirante. Eu a havia seduzido, mas acabava tomado de intenso prazer somente por poder me afundar dentro dela, era ali que queria ficar por muito tempo, sem me preocupar com o amanhã e com o medo de perdê-la.

— São mesmo! — Funga contra meu pescoço.

PERIGOSAS ACHERON

— Quero mais! — Exige com voz embargada.

— Mais o quê? — Pergunto para provocá-la, só para provocá-la um pouco mais.

— Mais rápido... — Fala languidamente, arqueando o pescoço como uma linda oferenda, assim que me mexo dentro dela.

Betina volta a exigir que aumentasse o ritmo das investidas e a atendo prontamente, porque seus desejos deviam ser saciados, porque eu a queria realizada, satisfeita e feliz. E quando consigo imprimir um ritmo que a satisfaz, acabo enfeitiçado por seu calor, rumo à perdição de estar confortado pelos braços da mulher amada.

Sexo era bom, sempre havia sido, e amar uma mulher não me fazia imune ao prazer que senti quando transei com outras, mas sexo com Betina era mais do que bom, era viciante e diferente, talvez porque eu a amasse e a quisesse mais do que julguei ser possível um dia.

Era magnífico e potente.

Deixei-me levar pelo ritmo alucinado que nossos corpos impuseram quando exigiram se fundir para se tornar um só, sentindo o pulsar de

seu coração contra meu peito, o resfolegar intenso contra meu pescoço e o atrito de nossas peles em uma dança sensual e luxuriosa. Tudo era Betina, para ela, e quando a sinto molhada, afasto-me o suficiente para encontrar o preservativo e voltar a devorá-la como um macho enlouquecido. Desejava marcá-la na pele para que seu coração se descortinasse e voltasse a bater por mim.

Só por mim.

Porque não permitiria a ousadia de outro tomá-la de mim.

Em poucos segundos perdi o compasso dos pensamentos, envolto pelo prazer avassalador de estar colado ao corpo da mais incrível e perfeita mulher, entregue de corpo e alma. Os gemidos de Betina eram ecos que me convidavam a percorrer o mesmo caminho de deleite. O êxtase me envolvia à medida que meu corpo a exigia. Seu cheiro impressionante me atraía ainda mais... Um prazer descomunal, potente e desconcertante.

Um amor que eu queria viver.

Com este pensamento e embalado pela rouquidão da voz de Betina, explodo dentro dela,

PERIGOSAS NACIONAIS

sentindo-me realizado como homem, feliz e relaxado, e quando seus olhos encantadores encontram os meus, meu peito infla e meu coração é tomado de intensa emoção.

— Eu ainda o amo! — Declara emocionada, com lágrimas nos olhos. — Não me faça sofrer, por favor!

— Jamais, meu amor! — Prometo como um anúncio de que as coisas seriam diferentes, que lutaria por nosso amor, que me curvaria todos os dias diante dela para oferecer-lhe o meu melhor.

Desabo ao seu lado. Estávamos tão suados e saciados que um banho de mar me pareceu o certo a ser feito, por mais gelada que a água estivesse. Olho para Betina e sei que ela deseja o mesmo que eu. Então pego-a nos braços e a levo para dentro da água, banhando-a ao luar, gravando cada pedacinho de sua pele em minha memória. Não poderia ter sido o primeiro homem de sua vida, mas pretendia ser o último, não lhe dando alternativa para ser diferente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Passar a noite com Hugo não parecia um absurdo quando comparado ao fato de tê-lo aceitado em minha vida, de dar-lhe uma segunda chance, como ele mesmo referia. Suas palavras doces na noite anterior e suas juras de amor me fizeram ceder e aceitá-lo mesmo consciente dos riscos que eu corria de ter o coração despedaçado.

Hugo me deixou em casa quase ao amanhecer, prometendo-me mais do que um dia fui capaz de sonhar. Custava acreditar que me amava tanto quanto afirmava, o que devia ser natural, considerando nossa história de desencontros.

— Se soubesse o que tem passado enquanto está aqui prostrado nessa cama de hospital! — Acarinho a mão de meu tio com cuidado para não mexer com a agulha do soro. — Quem diria que meu retorno pudesse me ser tão surpreendente?! — Suspiro recordando-me da noite anterior, de tudo o que vivi ao lado de Hugo.

— O que fala com o pai? — Olho para o lado e avisto André com semblante taciturno encostado na parede. Havia entrado sorrateiramente e por pouco não ouviu minhas confissões.

— Contava sobre meus dias em Toledo, o quanto tenho tido surpresas com algumas pessoas.

— Com Hugo, você quer dizer! — Abre um sorriso maroto, revelando que sabia mais do que eu esperava.

— Pode ser! — Dou de ombros, tentando parecer indiferente.

— Sejam os sinceros, Betina, você e Hugo estão vivendo algo e não será eu a estragar, por mais que eu ainda pense que ele não a mereça.

— Não sei se é uma questão de merecimento, André! — Volto-me para meu primo enciumado,

aquele que sempre havia me tratado com o cuidado de um irmão mais velho. — Mas o quanto eu posso confiar no amor que Hugo diz sentir por mim.

— Ele a ama! — Sou surpreendida com a declaração de André, o último que poderia me dizer algo do tipo. — Não pense que aceitei bem isso. — Dá de ombros. — Preferia que ele não te amasse e que continuasse a ser apenas meu melhor amigo, mas não posso mudar o destino e ele quis que Hugo te amasse de verdade.

— Ainda tenho minhas dúvidas! — Solto encafifada com sua revelação. — Se ele me amava, porque nunca me deu uma chance ou mesmo tentou se aproximar... Me conquistar?

— Porque homens são complicados às vezes! Hugo foi cego ao sentimento que você lhe despertava e penso que não queria admitir que pudesse estar amando. Sei lá, Betina! Só sei que quando você foi embora, Hugo entrou numa "fossa" que nada nem ninguém pareciam ser capazes de animá-lo.

— Quando ele contou? — Precisava saber.

— Tivemos uma discussão anos atrás quando

Isabela veio se queixar que Hugo havia acabado com ela. Fui exigir satisfações dele e ele, tomado pela irritação de ser colocado contra a parede, me confessou que era você quem ele amava e queria ao lado para o resto da vida.

— Isabela e Hugo chegaram a namorar? — Aquilo era uma novidade para mim. Sabia que eles se encontravam esporadicamente, mas que chegaram a namorar oficialmente era uma novidade.

— Pouco mais de um ano, eu acho! Passavam mais tempo brigando do que qualquer outra coisa. Não se amavam e era nítido, mas Isabela sempre tentava agradar mamãe e sempre soubemos que seu sonho era que minha irmã se casasse com um Medeiros, unindo as duas mais tradicionais famílias de Toledo. — Arfo em resposta. — Dona Luiza só escolheu a garota errada, se ela tivesse percebido que Hugo te amava, teria tirado proveito da situação. — Solto uma gargalhada.

— Sua mãe nunca faria uma coisa assim! Bem sabe que ela me odeia com todas as suas forças, apenas me suportava porque tio Bento e vovô assim exigiam. — André volta a dar de ombros e

permanecemos em silêncio por alguns minutos, até que uma enfermeira entrou e pediu para que nos retirássemos. — Você acredita que posso ser feliz ao lado de Hugo? — Pergunto ao meu primo, encarando-o nos olhos.

— Por que não seria, bailarina? — Acaba abrindo um sorriso ladino. — Sempre soube que você era apaixonada por meu melhor amigo. — Coro de vergonha por aparentemente todos saberem dos meus sentimentos por Hugo, menos ele. — Ele também sabia, Betina! Só era tonto demais para reconhecer que vocês podiam ficar juntos e, quando se deu conta, você estava embarcando para a Rússia com a promessa de ser uma grande bailarina. Hugo não teve coragem de declarar seu amor e fazê-la ficar ao seu lado, atrapalhando-a em sua carreira.

— Então foi isso! — Solto embasbacada com o que André acabava de me contar e, de certa maneira, conseguia compreender as razões de Hugo, não todas, mas parte delas, e eram plausíveis, afinal.

André se despediu de mim com um beijo na bochecha, alegando que precisava visitar alguns pacientes e deixando-me parada como uma estátua

no corredor. Saber que Hugo me deixou partir porque compreendia a importância de me tornar uma grande bailaria e a chance única de dançar no Bolshoi foi uma grata surpresa, algo de bom para recordar. Até então eu apenas colecionava decepções quando o assunto era o médico.

— Betina! — Olho para trás e encontro um médico, a julgar pelo seu jaleco, a me fitar curioso. — Não lembra de mim? — Forço minha mente, uma vez que seu sorriso e sua aparência, assim como seu timbre de voz, me eram familiares. — Sou eu, Lucas! — Retribuo o sorriso para meu ex-namorado. Estava mais encorpado e com menos fios de cabelo, por outro lado, a idade o havia deixado mais charmoso.

— Não acredito que é você! O que faz em Toledo? — Pergunto curiosa. Lucas tinha o desejo de retornar a São Paulo depois de formado e estranho por ter acabado em Toledo.

— Seu tio me ofereceu um cargo no hospital assim que me casei com sua prima. — Arregalo os olhos diante da notícia que acabava de ouvir. Eu falava com titio, mas evitava perguntar acerca dos parentes e ele respeitava minha discrição a respeito.

— Você se casou com Isabela? — Acredito que acabei soando indelicada, mas jamais poderia imaginar que meu ex-namorado havia se casado com minha prima, não porque seria impossível algo do tipo, mas porque minha tia não aceitaria uma união com um sujeito sem estirpe como Lucas, sua família era simples, de classe média se bem lembro.

— Sim! Temos um bom casamento, apesar de que você sempre foi meu sonho. — Acabo desnorteada com o que acabava de ouvir mais uma vez em menos de meia hora, deixando-me sem saber o que dizer.

— Prates! — Sinto uma mão em minha costas. Não precisei me virar para saber de quem se tratava, conhecia o dono da voz assim como seu toque como ninguém. Era Hugo.

— Medeiros! — Lucas retribui o cumprimento sem mostrar os dentes.

— Finalmente encontrou minha namorada! — Namorada? Como assim namorada? Nós apenas havíamos dormido juntos, na verdade, passado a noite em claro muito ocupados com assuntos diversos. Havíamos combinado de nos conhecer melhor, mas não havíamos falado sobre namoro e

PERIGOSAS ACHERON

ele anuncia do nada que estamos juntos.

— Sempre soube que sua implicância comigo tinha uma razão para existir. — Lucas alisa o jaleco, retirando um fio de cabelo que estava grudado. — Betina pode estar contigo no momento... — Lucas se aproxima de Hugo, estufando o peito e erguendo o queixo. — Mas nada apagará o fato de que dormi com ela, que a toquei e que a fiz minha antes de você.

— Lucas?! — Repreendo-lhe, desconhecendo o garoto gentil e carinhoso que foi meu namorado. Foi o estopim para Hugo pegá-lo pelo colarinho e prendê-lo contra a parede.

— Jamais repita o que falou ou acabo com tua raça de cretino! — Hugo cospe as palavras com raiva no olhar. — Você nunca me enganou, sempre soube que era um cafajeste. — Brada sem se importar com os olhares que nos cercam. — Você e Isabela se merecem!

Alguns segundos passam com os dois a se encararem com desprezo, até que Hugo solta Lucas e me puxa corredor a fora.

— Ouça bem, Betina, não a quero perto dele! —

Exige como se fosse meu dono e acabo emputecida com seu ciúme.

— Não acredito no que acabei de presenciar... Que aquela cena sórdida foi motivada por ciúmes?!

— Também!

— Como assim também? – Ele precisava me explicar o que havia acontecido em Toledo, com nossa família para encontrá-la toda virada.

— Lucas Prates não presta, Betina! Nunca prestou e sempre te alertei que era para se manter afastado dele. – Isso eu lembrava muito bem, mas jamais entendi os motivos para odiá-lo tanto. — Depois que você foi embora, muitas coisas aconteceram em Toledo.

— Tenho percebido! Inclusive o fato de que você namorou Isabela. – Aquilo ainda me perturbava.

— Isabela foi um erro, mais um dos muitos que cometi e que quero esquecer. – Hugo interrompe a caminhada e, ao se virar para mim, fala olhando dentro dos meus olhos. — Nossas famílias sempre desejaram uma união e eu cedi por estar exausto de tudo, mas isso não vem ao caso. O mais importante

é que depois que você terminou com Lucas, ele viu em Isabela uma oportunidade de ascender na carreira. Ela era filha de um médico importante, neta do fundador do hospital, o que lhe garantiu um cargo de diretor aqui dentro.

— Mas como ele conseguiu convencer minha tia? Uma coisa era ser meu namorado, a órfã sem importância, a filha de uma degenerada que colocou o nome dos Bittencourt na lama; outra bem diferente era aceitar Lucas como genro. — Digo intrigada.

— Acredite, Betina, foi sua tia Luiza quem mexeu os pauzinhos para que Lucas fosse promovido, passando na frente de nomes de peso aqui dentro do hospital. Não parece estranho?

— Bem... — Hugo tinha razão, mas não seria eu a alimentar sua ira no momento. Tal assunto poderia esperar. — Não sei o que dizer! — O que era uma verdade. — Vivi anos longe e nunca me interessei em saber sobre a família. Correspondia-me apenas com tio Breno e André e nunca fiz questão de saber sobre Luiza ou Isabela. Mas o que faz aqui? — Pergunto na tentativa de mudar de assunto.

— Eu trabalho aqui!

— Além disso, é óbvio. — Reviro os olhos e acabo sendo puxada para dentro de uma saleta vazia e escura, onde haviam apenas armários e uma pequena mesa redonda em um dos cantos.

— Queria vê-la! — Prensa-me contra um dos armários, levando sua boca até meu ouvido, o que acabava por me excitar muito. — Tocá-la para lembrá-la de que a amo.

— Não completaram nem seis horas que me deixou na porta de casa, misericórdia!

— Esperei por um recado ao menos. Nem uma mensagem no WhatsApp, Betina! — Suga meu pescoço com gosto.

— Ah, esqueça se pensa que sou como suas antigas conquistas. — Tento empurrá-lo com as mãos, mas como é mais forte do que eu, foi em vão, então, agacho-me e apresso o passo para ficar o mais distante possível de suas mãos safadas. — Está acostumado a dormir com mulheres que depois ficam te perseguindo, pois esqueça que será assim comigo.

— Ah... Bailarina, você até pode tentar fugir de

mim, mas é impossível resistir ao meu charme. — Hugo reduz a distância que nos separava e volta a me envolver com os braços.

— Há coisas que não mudam, como seu exibicionismo. — Faço questão de encará-lo, um erro que cometi por ser incapaz de negar a tormenta que me toma quando nossos olhos cruzam.

— Já quanto a você, as mudanças foram incríveis. Tornou-se uma mulher mais segura, madura e sofisticada. O tempo te fez bem, Betina, deixou-a incrivelmente irresistível.

Ele continuava a me encarar enquanto suas mãos deslizavam em minhas costas, atijando coisas dentro de mim que deviam ser guardadas para local e momento mais apropriado. Sua testa cola na minha, sua respiração ofegante me faz suspirar e seu hálito mentolado chega até minhas narinas, trazendo-me recordações do que seu beijo era capaz de provocar em meu corpo.

Acabo avançando o sinal e colando meus lábios nos seus, envolvendo-o com meus braços e perdendo-me nas lembranças da noite anterior, entregando-me ao momento e esquecendo as preocupações.



Hugo me deixou em casa, já que a mansão dos Bittencourt ficava a caminho de seu consultório no Centro. Evitamos falar do passado e passaríamos facilmente por um casal apaixonado se alguém nos surpreendesse. Combinamos de jantar em seu apartamento e ansiava por poder ficar a sós novamente com ele e me entregar à paixão que me despertava.

Ao entrar em casa tudo estava muito silencioso. Os dias ali eram mudos, muito diferentes de anos antes, com a casa cheia de gente, tanto das amigas de tia Luiza quanto as de Isabela. Subo os degraus da escadaria que dava acesso ao segundo andar e acabo parando no meio do caminho, lembrando-me de um diálogo confuso que tive com minha prima na época em que havia namorado Lucas.

— Até que enfim desencalhou! — Disse minha prima com rancor assim que cruzei a porta depois de Lucas ter me deixado em casa, como se meu namoro lhe incomodasse. — Como sua prima, devo alertá-la a ser mais seletiva com os garotos com que se envolve.

— Falou a voz da experiência! — Acabei por falar mais do que o devido, mas à época andava chateada com tantas pessoas a me alertar que Lucas não prestava, por isso não liguei para o infeliz comentário de Isabela, era apenas mais uma a criticar meu namorado e eu não via nada demais no fato de ele ambicionar crescer na vida. — Qual é o problema? — Perguntei mais para afrontá-la do que qualquer outra coisa.

— É uma Bittencourt, apesar de tudo, e mamãe não vai gostar de saber que está namorando um pobretão como Lucas! — Respondeu cada vez mais incomodada com algo que não compreendia à época.

— Apesar de carregar o sobrenome Bittencourt, não acho que alguém vai se preocupar por meu namorado não ser rico ou coisa do tipo. — Dei-lhe as costas assim que consegui fazê-la liberar a escadaria para que eu pudesse subir.

Mas lembro-me também que ela se queixou das implicâncias da mãe e soltou ao final uma frase que me marcou muito, sempre me marcava e Isabela sabia de meu trauma de não ser amada:

— Ele nunca te amará! — Disse com desdém,
PERIGOSAS ACHERON

colocando o dedo na minha maior e mais ardida ferida. Desci os degraus que havia subido, somente para lhe esbofetear no rosto, o que me assustou e me surpreendeu na mesma medida. Eu estava com 17 anos e não suportava mais ser humilhada de boca fechada. — Fique longe de Lucas, é o melhor para você, Betina! — Ela não desistiu e para não voltar a esbofeteá-la, deixei-a falando sozinha.

Hoje, ao saber que Isabela se casou com Lucas, aquele diálogo adquiria novos contornos. Sim, Isabela poderia já estar apaixonada por meu namorado e apenas queria me afastar dele. Quanto a Lucas, poderia sim estar comigo apenas para se aproveitar. E, por fim, Hugo e André poderiam estar certos quando tentavam abrir meus olhos.

Ali, naquela mansão, naquela cidade, haviam segredos a serem desvendados e eu precisava buscá-los, apesar de não compreender os motivos para fazê-lo. Poderia no final não encontrar nada demais, a não ser o que já sabia, mas poderia existir coisas escondidas que explicariam muito da minha vida, como quem era meu pai e o porquê de todos se esforçarem para ocultar sua identidade.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Depois de visitar meu tio no hospital e ficar sabendo que ele havia dado sinais de melhora, corri para o consultório de Hugo ansiosa para contar a novidade. Passávamos muito tempo juntos, deixando-me totalmente dependente de sua presença. Eu ainda era reticente quanto a assumir nosso relacionamento, a contragosto de Hugo, que desejava oficializar o namoro. Vez ou outra acabávamos discutindo por isso, o que não era ruim de um todo, já que acabávamos nos reconciliando na cama.

Como o consultório não ficava muito longe do

hospital, decidi ir até lá caminhando e, ao chegar em frente do elegante edifício, subi animada até seu consultório. Era a primeira vez que estava ali e a decoração infantil me encantou. Crianças brincavam felizes com vários objetos espalhados em todos os cantos e bebês sorriam no colo de suas mães, uma cena adorável e tão distante da minha realidade.

— No que poderia ajudá-la, senhora? — A recepcionista me fita com cautela e quando a olho a reconheço de imediato.

— Larissa? — Pergunto impressionada por Hugo ter contrato como secretaria uma de suas ex.

— Sim, sou eu! — Ela volta a me olhar e, então, se dá conta de quem sou. — Oh... Betina! — Aceno um sim com a cabeça, o que a deixou sem jeito.

— Bom revê-la! — Falo a fim de quebrar o mal-estar que não entendia o porquê de ter sido criado.

— Não sabia que havia retornado a Toledo. — Ela comenta, voltando sua atenção ao monitor de seu computador.

— Retornei para acompanhar a recuperação de meu tio. Hugo está muito ocupado? — Pergunto.

— Doutor Hugo está com um paciente no momento, mas se quiser esperar, poderá vê-lo entre uma consulta e outra. — Aceno mais um sim com a cabeça e me dirijo a uma das poltronas vazias a fim de esperá-lo.

Não demorou mais do que 10 minutos para Hugo sair com um bebê no colo, sorrindo lindamente para a criança quando a entregou à mãe. Poderia ter me levantado de imediato para que me percebesse, mas preferi observá-lo à distância, absolutamente encantada com o médico.

Hugo conversa rapidamente com Larissa, afaga os cabelos de uma menina loirinha e vem ao meu encontro, com um sorriso bobo grudado nos lábios. Retribuo o sorriso, levantando-me da cadeira em que estava acomodada e acabo sendo surpreendida com um beijo na boca, foi discreto, mas por ser na boca provocou um alarde entre as mães de seus pacientes.

— Como não nos conta a novidade? — Uma mulher com cabelos escuros pergunta, parecendo feliz com a descoberta. — Moça, é uma sortuda em fisgar o Doutor Hugo. — Acabo sorrindo de volta e concordando com a cabeça.

Hugo acabou envolvido por mãozinhas que exigiam lhe mostrar seus desenhos enquanto eu passava por uma sabatina para provar que merecia ocupar o cargo de namorada do tio Hugo, era assim que as crianças o chamavam.

Mas foi o olhar de Larissa direcionado a mim que me deixou desconfortável. Não era bem-vinda e eu sabia os motivos para me olhar atravessado. Também sabia que se quisesse ficar com Hugo, teria que me acostumar com vários desses olhares.

Hugo não havia sido um santo quando mais jovem e talvez continuasse a ser um sem-vergonha, o que me deixava ainda mais com a pulga atrás da orelha. Envolver-me com um homem como ele sempre poderia ser um risco, não havia como controlar isso. E o pior de tudo, por mais que tentasse repeli-lo, eu não conseguia fazê-lo, porque cada dia que passava me tornava mais dependente de seu calor, de seus beijos.

— Que surpresa incrível para um final de manhã! – Havíamos entrado em seu consultório e Hugo me enlaça pela cintura, beijando-me com vontade.

— Prometeu-me um tempo para me acostumar

PERIGOSAS ACHERON

com nossa relação antes de demonstrar afeto em público. — Afasto-me irritada. Minha irritação tinha nome e passava longe do fato de ele ter me beijado na frente de seus pacientes. O comportamento de Larissa me intrigava e eu passei a divagar entre vários "se". Odiava os "se" que não queriam desgrudar de Hugo.

— Não resisti! — Dá de ombros, sorrindo daquela forma que só ele sabe fazer, despojado, brincalhão e tão sedutor que sinto o miserável frio na barriga se espalhar, um anúncio de que bastava estender a mão, convidando-me para o pecado que aceitava sem pensar duas vezes.

— Seu consultório é tão alegre! — Elogio a decoração delicada e divertida. Os móveis eram brancos e os detalhes dos puxadores tinham motivos infantis. Havia gravuras penduradas nas paredes que lembravam o universo infantil. Os meninos eram representados por motocicletas e bolas estilosas, mas foram as bailarinas espalhadas no meio da decoração dos meninos que me chamou mais atenção.

— Bailarinas? — Sorrio embasbacada com a referência, tocando em um bibelô em formato de

sapatilhas que descansava em cima de sua mesa colorida.

— Foi a maneira que encontrei de ter você comigo todos os dias. — Ele fala e acabo emocionada com a confissão, esquecendo-me do mau humor ocasionado por sua secretária.

— Não esperava isso de você! — Acabo pensando alto, admirando as várias bailarinas que me cercavam, eram muitas, espalhadas por todo o recinto, misturadas com os vários carrinhos e bolas de futebol. — As crianças devem se perder aqui dentro.

— Essa é a intenção, bailarina! — Se aproxima novamente de mim e afaga meu rosto com carinho e cuidado, o que me faz sentir uma preciosidade. — Porém, olhando-a aqui dentre tantas bailarinas, dei-me conta de que faltava a mais importante delas.

— Seu bobo! — Encosto meus lábios nos seus, em agradecimento pelas palavras, deixando-me levar pelo impulso de tocá-lo e senti-lo por inteiro.

Eu passei a maior parte da vida acreditando que o conhecia melhor do que ninguém. No entanto, quanto mais tempo eu passo com ele, mais

surpresas me são reveladas, apagando as recordações antigas e construindo uma nova imagem. Hugo tem se revelado diferente da figura mitológica que criei em minha cabeça de adolescente e eu gostava disso.

— No que posso ajudar a senhora? — Ele arqueia uma sobrancelha, uma mania que significava que sairia com alguma piada. — Como deve imaginar, minha especialidade são as crianças, e como pretendo ser o pai de seus filhos, ainda não entendi no que posso ser útil. — Solto uma gargalhada, dando-lhe um tapa para que tomasse juízo, mal estávamos namorando e ele já pensava nos filhos.

— Vim porque precisava contar que tio Breno abriu os olhos. — Falo empolgada, esquecendo de suas insinuações. — Apenas abriu os olhos, mas já é bom, não é?!

— Claro que é bom! — Hugo me abraça, compartilhando de minha alegria. Sabíamos que era pouco, mas já era um passo enorme diante do delicado quadro em que meu tio se encontrava.

— André está radiante e eu estou tão esperançosa. Não posso deixar de me preocupar

PERIGOSAS ACHERON

com ele, odiaria deixá-lo acamado caso precisasse retornar à Rússia de uma hora para outra. — Hugo deixa de sorrir, largando-me para mirar o vazio da parede. — O que foi? Falei algo que incomodou você?

— Pretende me deixar, Betina? — Fala com ressentimento.

— Eu tenho uma carreira fora daqui, ocupo uma posição importante no Bolshoi e abandonei minha companhia no meio de uma turnê. — Tomo fôlego para tentar explicar. — Não pretendo retornar à Rússia antes de ter certeza de que titio está bem, mas sabemos que um dia terei que voltar para minha vida e carreira.

— É claro que em sua vida não haverá lugar para mim ou para nós!

— Hugo, por favor! Não pode me pressionar assim.

— Porque não confia em mim, não acredita no amor que sinto por você, Betina.

A conversa havia tomado um rumo que não havia previsto. Droga, eu apenas queria dividir minha alegria com ele, mas tudo havia dado errado.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Desculpe, não devia ter vindo te incomodar no trabalho. — Solto frustrada, chateada por ter lhe oportunado. — Você tem pacientes para atender como lembrou sua secretária. — Pronto, o mau humor havia retornado com força apenas por mencionar Larissa.

— Não use Larissa como justificativa para se isentar do fato de que não confia em mim.

— Como não? Quer prova melhor do que Larissa de que não devo confiar em você, Hugo? Você contratou uma de suas antigas garotas, se não continua a ser, para ser sua secretária.

— Por favor, não tome esse caminho.

— Então é verdade! — Cuspo as palavras com raiva. Haviam coisas que nunca mudariam. Hugo era um “galinha” e não sei se chegaria a se redimir um dia.

— Puta merda, Betina! Eu saía com Larissa, sim. Não nego e não acho justo negar, mas não voltei a encontrá-la depois que você voltou.

— Por isso ela me olhava com raiva e despeito. — Tento me controlar para não avançar para cima de Hugo, porque minha vontade era esganá-lo.

PERIGOSAS ACHERON

— Ela sempre soube que eu esperava por você. Não a enganei, não prometi nada de que não poderia cumprir, não apenas para Larissa, mas para todas. — Dou-lhe as costas na tentativa de voltar a pensar racionalmente. — Bailarina! — Não o atendo, evitando-o como posso.

— É melhor eu ir! Outra hora conversamos. — Abro a porta e parto sem olhar para trás.



Ao passar por Larissa, acabei sendo enviada para dentro de recordações que preferiria não terem sido despertadas, o que havia se tornado mais comum do que desejava. Lembro-me o quanto ela era popular na escola e apesar das poucas rugas que delatavam que havia passado dos 30, era provável que continuasse a chamar a atenção dos homens pela beleza. Não era a mais bonita também me recordo, mas seus cabelos negros como a noite e longos como um véu chamavam a atenção dos garotos. Assim como eu, era apaixonada por Hugo, mas diferente de mim não se manteve pura para ele e soube aproveitar a vida melhor do que eu.

Em uma tarde quente de sábado, aproveitando-

PERIGOSAS ACHERON

se da ausência dos pais que haviam partido em uma viagem de reconciliação, uma das muitas que faziam para salvar um casamento que sempre me pareceu fadado à infelicidade, André resolveu chamar os amigos e amigas para um churrasco junto à piscina da mansão. Hugo veio na companhia de Larissa e foi a primeira vez que conversei com ela.

— Homens como Hugo não casam com mulheres como você! — Isabela falou para Larissa, deixando-a intimidada com tanta prepotência. Um gesto que revelava despeito por Hugo tê-la sempre preterido. Eu sabia que minha prima apenas repetia as ideias estapafúrdias que a mãe lhe colocava na cabeça, mas Larissa não fazia ideia dos valores que uma mente perturbada como da minha tia podia cultivar e, sentindo pena da pobre, comprei sua briga.

— Deixe-a em paz! — Disse, imaginando que Isabela se contentaria em procurar outra trouxa para despejar seu veneno, que no caso acabou sendo eu.

— Vocês duas são farinha do mesmo saco! — Minha prima ladrou como uma cadela raivosa, dando-nos as costas.

Larissa me olhou encabulada, devia se sentir envergonhada pelas palavras nada gentis faladas por Isabela.

— Não ligue para minha prima! – Tentei ser gentil, afinal, Larissa não tinha culpa de receber a atenção de Hugo. Às vezes eu sentia empatia pelas garotas que ficavam com ele, nem todas eram soberbas e metidas e mereciam o benefício da dúvida. Com o tempo, aprendi a separar o joio do trigo e passei a entender que o maior culpado era Hugo, que as seduzia apenas para satisfazer seus instintos masculinos.

— Ela está certa! – Respondeu, sem conseguir me encarar.

— Como assim? Não pode achar que as ofensas de minha prima são justas! – Soltei indignada com sua postura.

— Ela está certa quando fala que Hugo não me quer para um compromisso mais sério, mas não porque não sou da mesma classe social de vocês. – Ela fez uma pausa, erguendo a cabeça para me fitar com seus olhos profundos e negros. — Porque ele não me ama e nunca vai me amar para me assumir como sua namorada. – Era um fato diante da troca

PERIGOSAS ACHERON

constante de namoradas, se é que em algum momento as considerou como tais.

— Hugo não parece o homem que se apaixona fácil. — Comentei mais para mim do que para Larissa.

— Ele ama sim, Betina! Apenas não se deu conta disso. — Era uma coisa difícil de imaginar, mas não impossível, considere. — E espero que Hugo nunca se dê conta!

— Por que não? — Perguntei curiosa com o rumo do diálogo.

— Por que eu o amo muito para perdê-lo. Prefiro dividi-lo do que viver sem ele. — E assim me deu as costas, indo ao encontro de Hugo, que a abraçou puxando-a para um beijo na boca, um ato que acabou literalmente com meu dia.

Como aquela festa não era para mim, decidi partir para meu quarto. As pessoas faziam coisas por amor, as mulheres em especial costumavam se fazer de cegas para coisas que as incomodavam e que no fundo sabiam não ter conserto. Se Hugo amava mesmo outra garota, eu não queria viver de migalhas, mas não julgava Larissa por querer tal

coisa para sua vida. À época, nossa conversa havia sido algo muito bizarro, mas hoje olhando-a sentada atrás do balcão da recepção, suas palavras passaram a ter outro sentido em minha cabeça.

E se eu fosse a garota que ela referiu ser amada por Hugo?



Capítulo 10

Por precisar me acalmar, decidi voltar à mansão caminhando. Era um trajeto longo, mas que eu sabia que passava por uma lojinha de quinquilharias que eu amava quando era mais nova e onde passava horas para esquecer da vida. A antiga proprietária, uma senhora já sexagenária quando eu ainda não passava dos 14 anos, havia falecido e sua neta, quem ficou em seu lugar, tomou a decisão de expandir o negócio, transformando-a em uma papelaria muito charmosa. Passei horas prazerosas e acabei comprando alguns itens de *scrapbooking*, uma das minhas manias adquiridas na Rússia.

Entrei no condomínio de mansões, admirando os plátanos com as folhas secas prontas para caírem, e que sempre me lembravam da capacidade da natureza se renovar estação após estação. Foi numa tarde de outono que eu, na companhia de meu tio, cruzei pela primeira vez os enormes e majestosos portões de ferro para viver junto a sua família. Não passava de uma menina assustada e ainda em luto pela perda repentina da mãe.

Eu imaginava que voltar para casa seria uma viagem dolorosa ao passado, porque tudo ali me fazia lembrar momentos de minha vida. Quando não eram os plátanos no outono a me fazer recordar, possivelmente seriam as roseiras do coreto central do condomínio, que sempre desabrochavam em uma profusão de cores na primavera.

Havia também as pessoas que pareciam reavivar ainda mais a tormenta de sentimentos que havia enterrado dentro de mim anos antes. A Rússia foi meu recomeço e quando pisei pela primeira vez em Moscou, jurei começar novamente, livre de ressentimentos ou expectativas, o que me tornou uma nova mulher, menos sentimental e mais

decidida.

Ao entrar em casa, um desespero me tomou de imediato. Aquele lugar não era minha casa, nunca foi de verdade e já não desejava mais que se tornasse. O silêncio sepulcral me fazia lembrar não só os anos de solidão a que fui obrigada suportar, mas também o quanto a ruína havia assolado a todos que ali viviam. Já não eram muitos, apenas Breno e Luiza, mais alguns criados que se movimentavam como sombras entre cortinas e móveis.

— Que susto, Rosane! — Tamanho foi meu susto que acabo saltando. A governanta sorri, estende a mão para entregar um ramalhete de flores. — São para mim?

— São sim e muito perfumadas! — Responde animada com minha cara de espanto. — Não há motivos para tanto alarde, minha querida. A mansão ainda não é mal-assombrada.

— Cruzes! — Faço o sinal da cruz para afastar a ideia, porque só faltavam os fantasmas para tornar a casa ainda mais assustadora. — Quem as mandou? Você sabe, Rosane?

— Não sei, mas foram entregues com este bilhete. — Entrega-me um pequeno envelope pardo.

Esperei Rosane se retirar e o abri com cuidado para não estragar o adesivo decorado com bailarinas. Pensei de imediato se tratar das boas-vindas de alguma organização oficial ou mesmo um convite para que me apresentasse em algum palco da região. O prefeito havia feito o mesmo dias antes, externando seu desejo em me entregar uma medalha de honra ao mérito. Eu sabia que era uma personalidade na cidade e acabava rindo ao me dar conta de que uma órfã desengonçada poderia vir a se tornar uma cidadã homenageada de Toledo.

Corri meus olhos no papel colorido para encontrar o remetente e acabei sorrindo ao constatar que as flores haviam sido enviadas por Hugo, como um pedido doce de desculpas por termos discutido logo cedo.

"As rosas sempre me lembram a delicadeza de seus movimentos, bailarina! A intensidade de seus sonhos são como a exuberância dos lírios. Por fim, a graça das margaridas representa muito bem seu sorriso.

Me perdoe pela insegurança, Betina! Minha
 PERIGOSAS ACHERON

ânsia em querer que confie em mim nublou meus pensamento. O medo de te perder foi mais forte do que eu."

Era difícil continuar irritada depois de palavras tão verdadeiras e acabei enviando uma mensagem para seu celular. Sabia que não iria vê-lo de imediato, mas quando o fizesse saberia que não havia nada a ser perdoado. Eu havia sido tão infantil quanto Hugo. Por mais vergonhoso que fosse, eu também havia me deixado levar pelo ciúme que senti de Larissa.

— Lindas flores! — Acabo me levantando de supetão por mais um susto que levo.

— Que susto, tia! — Solto com o coração acelerado. Luiza sim era como um fantasma, sempre se esgueirando pelos cantos a fim de aproveitar a oportunidade para tirar proveito.

— Mais um convite que vai negar? — Questiona-me sentando em um dos sofás de forma impecável como a perfeita dama que sempre foi.

Como ela sabia que eu havia recusado convites, se mal a havia visto nos últimos dias? Era uma pergunta que não adiantava de nada fazer. Minha

tia era muito bem treinada para não se comprometer. Costumava fazer as perguntas, exigilas como uma verdadeira ditadora, mas jamais respondê-las.

— Não devo satisfações à senhora! — Era só o que me faltava ter que dar satisfações de minha vida pessoal à minha tia, e justo Luiza que mal se importava comigo. Embora eu houvesse me tornado uma bailarina famosa aos olhos da sociedade e minha tia não deixasse de tentar lucrar com isso, ainda mais que Rosane havia me dito que ela já não era tão influente como antigamente, não permitiria que se intromettesse em minha carreira.

— Petulante como sua mãe! — Levanta aproximando-se com elegância, muito bem equilibrada em seu salto alto, e não consigo lembrar de um dia que a vi usando uma rasteirinha ou um tênis. Disseram-me que Luiza não era tão bonita quanto à irmã, minha mãe, que sempre foi vista como a beldade dos Bittencourt. Eram filhas de mães diferentes, o que justificava as diferenças físicas. Mas o porte elegante e altivo, temperados por uma boa dose de arrogância, lhe davam um charme incomum. Era misteriosa e isso devia

chamar a atenção das pessoas, dos homens em especial, que sempre se viam atraídos por um bom mistério a ser desvendado. — Dê-me isto! — Rouba o papel de minhas mãos, demonstrando desafeto ao ler o nome do remetente.

— Então é verdade o que falam de você e Hugo Medeiros? — Enruga os olhos e tal atitude poderia me ser intimidante quando não passava de uma criança ansiosa por afeto. Cada vez que minha tia me olhava de canto e enrugava a testa, eu me sentia a pior criança da face da terra. Houve o tempo em que desejava ardentemente que me amasse, não como filha porque sabia não ser possível tanto, mas apenas como sua sobrinha, afinal, eu era a filha de sua única irmã.

— Não sei do que falam! E não me importa ficar por dentro das fofocas de Toledo! — Respondo, encarando-a de igual para igual, deixando claro que não era mais uma garotinha indefesa em busca de afeto. A vida havia me endurecido o suficiente para enfrentá-la.

— Não sei o que ele viu em você, embora os anos tenham lhe feito bem, sobrinha! Sabemos que nunca se comparou à Isabela em beleza. — Ela

sempre fazia questão de me comparar à filha, hoje entendo que o faz como uma forma de se vingar da irmã e não de mim. — Mesmo assim, o primogênito dos Medeiros sempre preferiu você do que minha filha, virando-lhe as costas e, bem assim, jogando para o alto uma perfeita esposa que lhe seria mais útil do que esperar por uma bailarina mimada.

— Digamos que minha personalidade lhe seja mais atrativa, minha tia! Ou que talvez eu tenha uma conversa mais interessante, mais culta do que minha prima. Nem todos os homens fazem questão de ter uma mulher bonita e vazia ao lado. — Sei que devia ter ficado calada, mas ter falado me fez sentir um alívio maravilhoso. Lavei a alma por todos os anos que me humilhou.

Tomo-lhe, então, o bilhete das mãos e parto rumo ao meu quarto.

— Só mais uma coisa! Quando pretende retornar à Rússia?

— Não sei! — Respondo sem interromper minha caminhada. — Talvez só depois que a senhora resolver revelar a identidade de meu pai. — Provoco-a de propósito. — Não tente negar que não

PERIGOSAS ACHERON

sabe!

— Betina! — Volto-me para ela. — Por que deseja tanto tomar conhecimento da identidade de teu pai biológico?

— Porque é meu pai e quero conhecer minha história.

— Mesmo que isso signifique a ruína do que restou de nossa família?

— De que família a senhora fala? Pois não encontrei nenhuma aqui, a não ser uma casa reformada vazia. Seus filhos mal te visitam, teu marido vegeta numa cama e se não fossem os criados, que também já são poucos, quem te faria companhia? Também não vi nenhuma de tuas distintas amigas. — Cruzo meus braços na expectativa de que me desse uma resposta convincente, mas Luiza não se indigna a abrir a boca, como sempre acontecia quando eu tocava no nome do meu pai.

Deixei-a para trás como um fantasma inútil, rogando para não me tornar tão amargurada quanto ela. Mas havia mais em Luiza além de amargura. Sua postura aristocrática poderia enganar os menos

atentos, seu discurso moralista poderia também esconder suas verdadeiras intenções, mas seus olhos, como espelhos da alma, revelavam toda a maldade de que era capaz.

Tomei uma ducha rápida e escolhi uma roupa confortável e discreta para passar despercebida dos olhares dos citadinos, que me reconheciam a quilômetros de distância, o preço que a fama me cobrava. Minha tia estava preocupada com a reputação da família e agora eu conseguia entender que a verdade sobre o meu nascimento poderia ser a resposta para seu rancor. Havia uma pessoa que poderia me ajudar a desvendar esse mistério, nossa antiga babá, que eu sabia onde passava seus dias de aposentadoria e para onde pretendia ir. Ali, com certeza, encontraria muitas das respostas de minhas perguntas.

No entanto, meus planos de ir ao encontro da babá acabaram adiados quando li a mensagem que André havia me deixado enquanto estava no banho: meu tio havia piorado repentinamente. Sem pensar duas vezes, descii as escadas correndo, pensando em chamar Júlia, esposa do meu primo, para me dar uma carona, mas sou surpreendida quando avisto

Hugo me esperando na sala de casa.

— Sinto muito, bailarina! – Jogo-me em seus braços, deixando-me amparar, sentindo as lágrimas molharem meus olhos. Eu não conseguia entender o que havia acontecido, ele havia aberto os olhos e eu estava confiante de que iria melhorar, mas e se fosse apenas a melhora da morte, como se ouvia por aí?

— Não quero que ele morra. – Confesso grudada em seu pescoço.

— Não vai morrer, meu amor! Mas se o pior acontecer, vou estar com você, sempre ao seu lado. – Agarro-me mais em seu corpo, fechando os olhos e deixando me levar pelo aconchego de ser amada. — Eu amo você, Betina! Me desculpe por hoje mais cedo! – Beija minha cabeça.

Ele me amava e eu me sentia bem em ouvi-lo declarar seu amor a mim. Eu já o havia desculpado e não existiriam palavras para externar o quanto eu lhe era grata por estar ao meu lado. Então, faço a única coisa que sinto vontade: ergo minha cabeça e ofereço meus lábios para que os beije. Hugo entende minha insinuação e quando sinto sua língua invadir minha boca, se enrolar na minha, toda a dor

PERIGOSAS ACHERON

e o desespero são amenizados, cedendo lugar ao conforto de pertencer a alguém de verdade, de ser benquista como sempre sonhei.



Dentro do carro de Hugo, com a cabeça encostada no vidro e acariciada na perna por sua mão forte e protetora, deixei-me levar para os cantos mais esquecidos de minha mente, forçando-a a desvendar os segredos que minha tia insistia em guardar a sete chaves.

— Não pode trazê-la para viver embaixo do mesmo teto que eu, Breno! Muito menos para viver como se fosse irmã de nossos filhos. — Luiza falou para meu tio em uma das primeiras discussões que presenciei dos dois.

Não fazia um mês que eu vivia com eles e chorava muito por não conseguir me adaptar. A casa era muito grande e eu passava a maior parte do tempo aos cuidados de empregados, o que dificultou muito minha adaptação. Sempre foram apenas eu e mamãe e apesar de ela ser filha de um médico renomado e criada cercada de luxo, optou por viver modestamente, afastada da família, me

PERIGOSAS ACHERON

cercando de amor e carinho.

— Não me importa sua opinião quanto à presença de Betina nesta casa, Luiza! — Meu tio bradou em timbre de voz alto, fazendo-me encolher no canto em que estava escondida dentro da biblioteca. — Supere os ressentimentos e tente apenas aceitá-la como sua sobrinha, que é o que ela é.

— Jamais! Não pode me forçar a viver com ela aqui dentro, recebendo a mesma atenção de André e Isabela.

— Ela será tratada como uma Bittencourt você querendo ou não, porque é isso que ela é antes de tudo. Será considerada como filha por mim e ensinarei os meus filhos a amarem-na como uma irmã. — Tio Breno a pegou pelos braços, exigindo que ela prestasse atenção em cada uma das palavras que viria a falar. — Se ousar maltratá-la ou prejudicá-la pelos erros dos seus pais, juro que te deixarei, pedirei o divórcio e levarei nossos filhos comigo.

— Não se atreva! — Minha tia lhe atingiu no rosto com uma bofetada. — Se ousar me fazer passar por mais essa vergonha, juro que sou capaz

PERIGOSAS ACHERON

de matá-lo.

— Não tenho medo de tuas ameaças! Mas estou farto de ter que lidar com tua falta de empatia e com tuas chantagens emocionais, com tantos jogos para me manter preso a um casamento que não desejo e ousa a dizer que nunca desejei. — Voltou a dominá-la pelos braços e meu coração disparou no peito, por nunca ter presenciado meu tio enraivecido até então.

Trocaram mais algumas palavras, todas farpas, mas meu estado de pavor aliado à minha pouca idade para entender o mundo dos adultos me impediu de gravar todos os detalhes da conversa que mantiveram. Falaram sobre gravidez proposital, falta de amor e um saco de acusações para minha cabeça inocente.

Aquele momento, no entanto, serviu para plantar a insegurança dentro do meu coração. Minha mãe havia me deixado, partido para nunca mais voltar apesar de suas promessas de que não me deixaria só, meu pai não me quis, a julgar por ter sumido no mundo, minha tia tampouco me queria em sua casa e meu avô era incapaz de dar mais do que dinheiro, sempre foi frio e distante

emocionalmente, tudo me levava a acreditar que o problema era comigo.

E assim cresci cercada de dúvidas, sentindo-me o patinho feio da família, ouvindo acusações de uma tia que me ignorava a maior parte do tempo e ansiando por uma figura feminina para me amparar. Tio Breno se esforçava para preencher o vazio que era deixado por minha mãe, para curar as feridas que o destino me impôs.

E hoje era Luiza quem vagava solitária em uma casa sem vida para alguém que se considerava tão importante. Outrora, deixava-me em casa com os empregados e partia com meus primos para alguma festa de aniversário, que sei que poderia ter me levado. Me incluía em passeios de família quando Breno assim exigia. Crescer sob o jugo opressor de Luiza Bittencourt Carvalho me tornou mais forte para a dor, mas também me cobrou um preço muito caro ao me fazer uma mulher desconfiada e duvidosa do amor que me ofereciam.

Olho para Hugo concentrado na estrada e apenas peço silenciosamente que não me machuque novamente, e que o amor que diz sentir por mim seja forte o bastante para me amparar e curar todas

as feridas abertas em minha alma. Se tio Breno viesse me faltar, me sobraria apenas ele e suas juras de amor. Por mais que eu lutasse para não levá-las a sério, eu as queria muito.



Ao chegarmos no hospital encontramos André muito abalado, sendo amparado pela esposa, que eu havia conhecido assim que cheguei em Toledo. Isabela também havia sido chamada e era ampara pelo marido, demonstrando abalo. Minha tia havia se recusado a vir, o que não me foi uma surpresa.

— O que aconteceu, André? — Pergunto à procura de respostas. — Ele havia dado sinais de recuperação... — Me deixo amparar por Hugo e acabo chamando a atenção de minha prima.

— Não sabemos! — André responde com os olhos cheios de lágrimas. — Teve uma parada

cardíaca do nada.

— Como assim? — Insisto em saber mais, estranhando o fato de um hospital não ter condições de saber o que lhe passou. Mas ninguém parecia entender o que eu questionava. — Será que não percebem que meu tio teve um acidente vascular cerebral e não um ataque do coração?

— Betina! — Hugo me puxa para um canto. — Não é o momento de fazer acusações!

— Eu apenas queria respostas. — Solto frustrada. — Meu tio estava bem até a pouco.

— Eu também quero respostas, meu amor! E as buscarei, mas este não é o local, nem o momento para buscá-las.

— Por que não? — Fungo contra sua camiseta, aconchegando-se em seus braços, que tanto me acalmam.

— Lucas está aqui! — Acaba respondendo e não consigo entendê-lo. — Não confio em seu ex-namorado. — Fala revelando irritação. — E não pense que é apenas ciúme. Lucas nunca me inspirou confiança e temo que se aproveite de seu cargo de diretor para a prática de atos ilícitos. — Se

afasta o suficiente para me observar diretamente nos olhos. — Infelizmente, não tenho como provar.

— Sim, mas o que isso tem em comum com a piora do estado de meu tio? — Questiono-lhe intrigada com o rumo da conversa.

— Por hora, eu não sei dizer, mas não medirei esforços para relacionar, se for o caso.

Decidimos mudar de assunto, já que Hugo e André precisavam se reunir com o médico plantonista que atendeu tio Breno em sua suposta parada cardíaca. Lucas não desgrudava os olhos de mim, o que me incomodava, já que Isabela havia percebido o interesse do marido em minha pessoa.

Não havia nada de mal em ele olhar, afinal, havíamos sido namorados, e todos em Toledo me olhavam mais do que o recomendado. Porém, Isabela sempre foi um tanto afetada por ideias estapafúrdias e sua mente doentia era capaz de imaginar coisas que não existiam.

— Papai ficaria feliz em saber que você retornou, Betina. — Minha prima se aproxima sorrateiramente para dar o bote, porque algo ela desejava. — Está muito bonita, diferente e

charmosa. Os ares da Rússia lhe tornaram uma mulher interessante a julgar pelos olhares que os homens lhe direcionam, incluindo meu marido. — Engulo em seco, tentando me manter calma. — Como visto, eu e Lucas somos casados. — Me mostra sua aliança.

— Sim, pude ver! — Respondo com cordialidade. — Espero que sejam felizes!

— Por que retornou? Para se vingar de todos que lhe viraram as costas, para se vingar de minha mãe ao esfregar em sua cara que conseguiu finalmente fisgar o melhor partido de Toledo?

— Não sei do que fala! — Tento me afastar, deixá-la para trás a fim de evitar que discutíssemos dentro do hospital.

— Falo de você e Hugo! Estão juntos, toda Toledo comenta.

— E isso te desagrada por quê? — Pergunto como um desafio, para que revele o que a incomoda.

— A mim? Absolutamente em nada! Por outro lado, é visível que desagrada minha mãe seu caso com um Medeiros. Sua presença no hospital a

afastou.

— A convidei para que viéssemos juntas ao hospital, mas Luiza não aceitou. — Isabela arqueia uma sobrancelha revelando prepotência. — Tenho para mim que meu retorno não incomode mais à minha tia do que a você, querida prima. — Faço questão de enfrentá-la, olho no olho.

— Fique longe de meu marido e tudo ficará bem! — Ela se exalta, entregando o motivo de sua prepotência.

— Não pretendo me aproximar de Lucas, se é isso que a preocupa. — Continuo a encará-la. — Você sempre o amou, não é? Mas não podia assumir o sentimento porque ele não passava de um pobretão, como sua mãe sempre fazia questão de falar. O que justifica sua implicância quando eu o namorava.

— Isso não é mais importante. — Ela retruca estufando o peito e se retirando em seguida. Ao menos se orgulhava do que o marido havia conquistado.

Observo-a se afastar com a soberba que havia herdado da mãe. Infelizmente, a beleza exterior

nem sempre fazia jus ao que carregava dentro de si.

— Não ligue para o azedume de Isabela. — Júlia, a esposa de André, comenta. — Como pode ver. — Apontou para a cunhada ao lado do marido. — Os dois ocuparam o posto que foi dos pais antigamente.

— Não faria melhor se fosse outra! — Acabo rindo e Júlia me acompanha. Gostava da esposa do meu primo. Era alegre e muito simples. Também era pediatra e colega de clínica de Hugo. Ela e André haviam se conhecido na Faculdade e minha tia ameaçou deserdá-lo caso se casasse com uma moça de classe baixa pelo que fiquei sabendo. — Me pergunto como minha tia consegue aceitar isso. — Aponto em direção aos dois com a cabeça. — Sempre foi muito orgulhosa e não me parece que passaria o bastão para minha prima tão facilmente, ainda mais ela sendo casada com um homem como Lucas.

— Por isso há comentários que Isabela a tem nas mãos. Não só minha cunhada, como o marido dela tem um trunfo em mãos contra minha sogra. Um tão poderoso que a fez se isolar da sociedade e viver enfurnada na mansão.

Eu perguntaria mais à Júlia, não fosse a interrupção de Hugo e André, que pareciam mais tranquilos depois de terem se reunido com o médico plantonista. Meu tio sobreviveria e isso nos era o mais importante.

André e Júlia foram para casa, pois as crianças deviam estar ansiosas pela chegada dos pais. Eram duas meninas tão lindas e travessas que havia me apegado facilmente às duas como se as conhecesse desde que nasceram.

Acabei aceitando o convite de Hugo para jantar fora. Era a trégua que ele tanto ansiava.

— Já falam de nós dois sem nem ao menos termos vindo jantar no mais requintado e bem frequentado restaurante de Toledo, mas depois desta noite, com certeza, seremos a manchete da próxima edição do jornal local.

— Estamos em Toledo, afinal! — Sorri ao me ajudar a desembarcar do carro. Eu não estava vestida apropriadamente para jantar no "Narciso", o melhor bistrô da Cidade, frequentado pela nata da sociedade toledense.

Quando entramos, apesar de não termos reserva

PERIGOSAS NACIONAIS

de mesa, fomos muito bem recebidos. Algumas pessoas fizeram questão de vir nos cumprimentar e tirei fotos com várias outras que se sentiam curiosas com minha presença na cidade.

Acomodados em um canto discreto e afastado dos olhares dos outros clientes, pedimos nossos pratos e pudemos degustar uma garrafa de *cabernet sauvignon*, jogando conversa fora e falando de trivialidades, fazendo planos para um final de semana romântico.

Hugo me mimava muito, precisava admitir, mas sua companhia despojada e seus esforços de me conquistar não eram nada comparado ao amor que eu deixava se revelar aos poucos, sem ser capaz de mantê-lo mais preso dentro de mim.

Encantada por sua voz atraente que agia dentro de minha cabeça como uma música executada em uma flauta doce, o fitava na esperança de gravar cada um dos momentos que estávamos compartilhando. Era muito desconfiada para acreditar que seria para sempre, apesar de desejar com todas as minhas forças me deixar levar pelo impulso da entrega, de me jogar no mais alucinante sentimento.

PERIGOSAS ACHERON

— Quero ser transparente dessa vez! — Hugo estende a mão em cima da mesa e eu a aceito, entrelaçando nossos dedos, perdendo-me na lucidez de seus olhos, de um verde cristalino que me transmitiam paz. — Sobre o ocorrido no hospital quando a puxei para um canto. — Paro de admirar a beleza de seus olhos e tento me concentrar em suas palavras. — Eu desconfio de que Lucas esteja prejudicando o hospital de alguma forma e que tanto Isabela quanto sua tia estejam envolvidas nisso. — Arregalo os olhos e engulo em seco.

— Essa foi a razão para impedir que eu falasse na frente de Lucas da minha desconfiança. — Tomo coragem para dizer o que antes julguei ter sido um despautério motivado pelo desespero. — Eu iria falar que achava muito estranho meu tio ter sofrido uma parada cardíaca quando foi um AVC que lhe colocou em uma cama de hospital. — Olho para os lados a fim de me certificar de que ninguém nos observava ou ouvia. — Você acha que estão querendo matar meu tio? — Pergunto.

— Ou no mínimo mantê-lo em estado vegetativo, Betina! Se assim não fosse, o tubo de oxigênio não havia sido fechado minutos antes da

enfermeira perceber. — Cairia dura para trás se não tivesse o encosto da cadeira para me segurar.

— Pelas sapatilhas! — Solto chocada com o que me foi revelado, incapaz de acreditar que alguém fizesse mal a um homem moribundo que nunca fez mal a ninguém, que dedicou a vida a salvar pessoas. — André sabe disso?

— Sim, foi ele quem descobriu e já colocou alguém de sua confiança para vigiar a UTI 24 horas por dia. Se Lucas estiver metido nisso, não podemos correr o risco de que ele saiba de nossa desconfiança.

— Mas Lucas não seria capaz de matar o próprio sogro, Hugo! — Custava a acreditar que eu havia namorado um criminoso. — Eu o conheci bem!

— Lucas é ardiloso e ninguém tira de minha cabeça que se casou com Isabela porque obrigou sua mãe a aceitá-lo. Como fez isso, Betina? Através da chantagem. Eu e você sabemos que Isabela jamais se colocaria contra a mãe. — O macarrão que havia comido minutos antes embrulhou no estômago e acabo afastando meu prato para o lado. — O que foi, meu amor? — Pergunta preocupado.

— Estou exausta! – Admito, sentindo o peso do que foi revelado me atingir com tudo. — Ainda custo a acreditar que vivi no meio de cobras tão letais.

— O tempo todo! – Ele responde sério.

— Há coisas escondidas naquela casa! Segredos que precisam ser revelados o quanto antes e algo me diz que quando conseguir descobrir a verdade, eu encontrarei mais do que um dia fui capaz de supor. Tem que me ajudar!

Hugo aperta minha mão, é a prova de sua concordância em me ajudar a descobrir os podres dos Bittencourt, o que me faz sentir segura e protegida.

— Passa a noite comigo lá em casa? – Pede com lascívia e meus pelos se arrepiam diante da expectativa de dividir sua cama comigo novamente.



Meus pés tinham marcas deixadas pelos anos de esforço, calos que o balé havia me dado de presente. Mirá-los descalços sobre o tapete do quarto de Hugo enquanto ele tomava banho do

outro lado da porta, tentando resistir à tentação de me juntar a ele embaixo do chuveiro, me traziam lembranças. Muitas delas eram amargas e relembrá-las era como jogar sal em uma ferida em processo de cicatrização, não tão dolorida e exposta, mas ainda muito frágil a qualquer contato.

E acabo novamente dentro da bolha de recordações:

— Precisa cuidar desse machucado, querida? — Simone, nossa babá, havia acabado de envolver uma bolha que havia rompido na planta do meu pé com um curativo. Era a mulher de rosto angelical e curvas generosas que cuidava dos meus machucados, era mais do que uma babá para nós três, mas uma espécie de tia querida que nos acalentava a alma com seus bolinhos em dias de chuva e refrescos de groselha em dias de verão.

— Senhorita Josephine fala que uma bailarina de verdade não sente dor! — Tentava sempre lhe falar, mas Simone não se importava com meus discursos empolgados.

— E perder o pé por uma infecção deva ser melhor do que esperar alguns dias e se curar direitinho para voltar a dançar. — Abriu um sorriso

tão mágico que a dor do antisséptico havia até desaparecido.

— Por que minha tia não gosta de mim? — Perguntei chateada na ocasião pelo fato de Luiza não ter ido assistir à apresentação da Escola da Senhorita Josephine para os pais. Titio também não pôde comparecer, pois foi chamado de última hora para uma cirurgia complicada e tive que me conformar com Simone.

— Há coisas que não se explicam para uma criança! Haverá um dia que será forte o bastante para entender as vicissitudes da vida e compreenderá o motivo de certas coisas serem do jeito que são. — Simone tinha a mania de falar difícil, ao menos para uma criança, mas hoje compreendo que me deixava mensagens que apenas fariam sentido quando eu fosse mais velha.

— Quando eu crescer irá me contar o que preciso saber para entender o porquê de minha tia não gostar de mim? — Havia perguntado inocentemente.

— Basta vir ao meu encontro e lhe direi tudo o que precisa saber, minha menina! — Apertou meu nariz, uma mania que me deixava feliz. — Prometi

PERIGOSAS ACHERON

à sua mãe que a protegeria enquanto pudesse, mas que não me negaria a contar o que sabia quando estivesse preparada para isso. — Com essas palavras ela havia encerrado a conversa, dando-me um beijo na testa e se retirando para a ala dos empregados, onde minha tia fazia questão de mantê-la, mesmo sabendo que nos era mais do que uma babá.

A recordação me atingiu em cheio e fui tomada de intensa emoção quando me dou conta de que Simone havia me deixado uma pista e que eu precisava ir ao seu encontro. Pulo da cama em que estava sentada, à procura dos meus sapatos, ansiando para revê-la o quanto antes.

— O que foi, meu amor? — Sou interrompida pela mais perfeita visão do paraíso, Hugo enrolado na toalha, parcialmente molhado, revelando toda sua glória aos meus olhos embasbacados.

— Precisamos sair! — Falo incapaz de desgrudar meus olhos da altura da toalha, onde seus músculos terminavam em um "V" indecente, uma perdição para qualquer mulher, o que me fazia entender as loucuras que muitas cometiam para poder ter a companhia de Hugo na cama.

— Não sei para onde iremos, se precisar te

PERIGOSAS ACHERON

acompanho até o inferno, mas seja lá o que temos a fazer, terá que esperar, porque pretendo te amar, bailarina! – Acabo gritando quando seus braços me erguem e sou depositada na cama, sentindo cada partícula do meu corpo se aquecer diante da promessa de prazer que acabava de sussurrar ao pé do meu ouvido.

Ele estava certo. O que precisava ser feito poderia esperar. Mas meu amor por ele necessitava ser vivido e tornado real antes de tudo. Nosso amor era mais importante do que anos de segredos bem guardados, e não seriam algumas horas que comprometeriam minha determinação em desvendá-los.



Eu não media esforços para conquistá-la, para que se tornasse dependente dos meus beijos e devoção. Levei tanto tempo para tê-la de volta que não a deixaria partir novamente, deixando-me para trás. Bastava que Betina confiasse em mim, em meu amor, e eu daria um jeito de dar certo.

Havíamos discutido e quando me dei conta de que a desconfiança de Betina era motivada pela sua insegurança, me arrependi e corri atrás de compensar o prejuízo. Enviei-lhe flores porque sempre sonhei com o dia em que poderia lhe presentear dessa forma. Nunca fiz isso com outra,

por mais que eu tentasse; toda vez que ia até uma floricultura escolher um ramalhete para alguma garota, só conseguia pensar em Betina e cheguei à conclusão de que nenhuma poderia merecê-las mais do que a bailarina.

Uma verdade que um dia lhe contaria, não hoje, quando apenas queria amá-la e devotar-lhe todo meu amor. Prometi-lhe que iríamos atrás de sua antiga babá, mas nada poderia ser mais urgente do que aplacar meu desejo por ela, de celebrar nossa reconciliação.

— Precisa me perdoar, bailarina! — Suplico à Betina o perdão. Precisava lhe ouvir antes de qualquer coisa.

— Eu te perdoo, Hugo! — Ela solta entre gemidos de prazer, pois fazia questão de lhe provocar, a queria pronta para me receber.

— Mesmo assim preciso ouvir de sua boca! — Clamo para que diga as palavras que minha alma precisa ouvir para ficar tranquila. Havia feito muita burrada no passado e pretendia fazer tudo diferente dessa vez.

— Eu perdoo você! — Beijo-lhe no pescoço,

sentindo seus dedos deslizarem por minhas costas, indo ao encontro da toalha que escondia meu sexo, já excitado pelas carícias que trocávamos. — Mas tome cuidado, Doutor Hugo Medeiros, pois não pretendo perdoá-lo sempre.

— Também não pretendo ter que lhe pedir perdão novamente, meu amor. — Fungo contra seu pescoço, mordendo-a na parte mais delicada, atijando-a para que se abrisse para mim.

Betina arfa à procura do meu corpo. Tão ativa no sexo, exige minha entrega e assim o faço, porque pretendo lhe faltar em todos os sentidos. Sempre fui seguro quanto a minha capacidade de satisfazer uma mulher na cama, dar-lhe prazer. Mas quando se trata de Betina, transformo-me em um garoto inseguro, amedrontado de não ser bom o bastante para ela.

— Jure para mim que não me magoará! — Ela implora, olhando-me com desesperança, mas também com desejo, e simplesmente me entrego ao seu chamado, dedicando-lhe minha vida para que pudesse voltar a confiar em mim.

— Jamais poderei lhe ferir, bailarina, sem antes acabar com minha própria vida! Pois meu coração é

PERIGOSAS ACHERON

teu e se fugir de mim, saiba que levará contigo minha vida. – Beijo-lhe na boca, imitando os movimentos de nossos sexos, como uma prévia do êxtase que compartilharíamos quando nos uníssemos no ato do amor.

Toco-lhe com desejo e paixão, deixando o sentimento de posse e luxúria comandar meus próximos atos. Ela se entrega ao meu amor de corpo, embora a alma ainda relutasse em ser minha por completo. Não importava quanto tempo ainda levaria para que o fizesse, porque eu sabia que cedo ou tarde Betina seria minha por completo.

Por hora me contentava com seu corpo, amolecido em meus braços, pedindo para ser amado. Entre os lençóis, Betina sempre seria minha por completo e talvez estivesse ali o motivo para querê-la sempre deitada em minha cama. Entre os lençóis não havia desconfianças ou problemas a nos transtornar, éramos apenas nós dois sem amarras, sem desculpas e sem problemas. Éramos como dois amantes que precisavam apenas um do outro para serem felizes.

Fazia questão de amar Betina com as luzes acesas, tocar-lhe com os olhos bem abertos para

gravar cada milímetro de seu corpo, todas as marcas que lhe faziam especial. Fazia questão de sentir seu gosto e deixar-lhe fazer o mesmo com meu corpo, apreciando seu toque, entregando-lhe a confiança que sei que precisava para me amar por inteiro.

E toda vez que me afundava em seu interior macio um sentimento de pertencimento me tomava e me fazia desejá-la ainda mais, como se Betina e seu toque gentil fossem uma espécie de elixir para a vida. Eu a amava, sempre a amei; e o sexo se tornava sublime quando compartilhado com a pessoa amada. Um sentimento preciso e tão forte que jamais senti em minha vida de libertinagem.

Procurava outras porque fui covarde em aceitar que a amava. E se tivesse dado ouvidos às batidas do meu coração antes, a teria feito minha e hoje seria a Senhora Medeiros, contrariando as expectativas de todos.

O tempo foi perdido.

Para sempre.

Mas o futuro pode ser construído a partir das ações do presente e assim eu pretendo conquistá-la,

para que me ame e confie em mim para sempre.

Quando a sinto preparada para me receber invado-a sem avisar, tomando posse de seu corpo, tentando marcá-la e fazê-la compreender que era minha, que a exigiria para sempre como minha.

Ela arfa em encontro a minha boca, abrindo-se para o prazer e brindando-me com sua entrega magnífica. Anos sonhando com esse momento e nada seria capaz de descrever a plenitude que me tomava em lhe fazer minha como mulher.

Mexo-me contra seu quadril a fim de enlouquecê-la, de deixá-la amolecida e sempre disposta a mais. Não temo assustá-la com minha lascívia, porque Betina sempre responde ao meu chamado com gosto a julgar pelos seus olhares repletos de prazer.

Ali em meus braços, perdida entre seus ofegos, ela me pertence e eu a devoto como uma deusa. Ali envolvida por meu toque potente, ela se entrega ao doce sentimento de me pertencer, como a menina que sempre me cativou.

Minha bailarina.

— Entende agora o porquê não suporto pensar

em uma vida sem você? – Pergunto ainda colado aos seus lábios carnudos, unindo-me ao seu corpo de forma íntima. — Responda, Betina. — Fito-a, olho no olho, enquanto impulsiono-me ainda mais dentro de seu corpo.

— Oh, como compreendo! – Ela solta fechando os olhos e meu coração falha miseravelmente. Eu queria conquistá-la, fazê-la dependente de meu corpo, mas a cada estocada que dou para dentro de seu corpo meu coração acaba ainda mais cativo dela. — Imaginei que seria perfeito o sexo com você, mas menosprezei o quanto seria avassalador. — Declara, puxando-me para mais um beijo que imita nossa união com perfeição. Minha língua dentro de sua boca imita cada movimento de meu membro dentro do seu corpo e o fogo da paixão nubla meus pensamentos, me fazendo querer me entregar a ela e ao seu prazer cada vez mais.

— Não é apenas sexo! – Digo para que saiba que é mais do que uma transa, que é mais do que um passatempo. — Você é a mulher que meu coração escolheu para ficar ao meu lado. — Confesso tomado de emoção.

Eu queria dizer-lhe tudo o que sentia, tudo que

havia ficado trancafiado em meu peito, toda a dor que me consumiu pela distância que vivemos, até mesmo a falta de esperança de que o destino me daria uma segunda chance.

— Espero mais do que sexo de você! — Acaricia meu rosto e acaba sorrindo como a garota que um dia foi e que havia me conquistado. Aquela garota ainda existia, sempre soube, bastava trazê-la de volta e as coisas ficariam bem. — Sempre esperei mais do que sexo de você! Você foi meu primeiro amor, meu príncipe encantado... Te desejei mais do que pode imaginar. Mas cansei de esperar por uma chance e fui embora antes que você acabasse por me consumir por inteira. Entenda, Hugo, apenas quis ser feliz. Mesmo que você não pudesse me dar a felicidade que tanto ansiava, eu merecia buscá-la. — Confessa e meu coração aperta.

— Desculpe! — Prometi não lhe pedir desculpas novamente, mas eu precisava mais uma vez fazê-lo. — Dessa vez será a última vez em que vou pedir desculpas. Me desculpe pelos anos que deixei passar sem percebê-la, sem notar que você me era importante.

— Não quero te desculpar! — Ela me olha em expectativa. — Apenas quero esquecer aqueles dias terríveis e viver o presente, apenas o presente, sem me preocupar com o futuro. Quero aproveitar o presente ao seu lado. — Acaricia meu rosto com suavidade, fitando-me com amor, parecendo-me uma miragem. Betina se abre para mim, aceitando-me em sua vida, não mais como um garoto inconsequente, mas como o homem que pode fazê-la feliz.

Aceito a oportunidade que me dá, sem hesitar, sem reclamar, sem exigir mais.

Jogo-me contra seu corpo como um verdadeiro amante, dando-lhe o prazer que havia prometido, as estrelas que queria lhe mostrar, extasiando-me com seu perfume único, com a maciez de sua pele em encontro à minha boca e deixando-me levar pelo compasso das batidas de seu coração.



Depois de saciá-la e ter encontrado o paraíso em seus braços, adormeci como uma criança feliz. É assim que me sinto toda vez que a envolvo contra meu corpo, um menino feliz. Betina é preciosa,
PERIGOSAS ACHERON

infinitamente melhor do que imaginei.

Um homem apaixonado imagina coisas das mais variadas, faz planos, idealiza momentos como uma centelha de esperança de que poderá um dia ser feliz ao lado da mulher amada. Durante anos fui movido por tais sentimentos, nada perto da realidade de ter Betina dormindo em minha cama. Toda vez que ela amanhece ao meu lado, enrolada em meu corpo, com os olhos enrugados pelas horas de sono, a realização do sonho torna-se a perfeição.

Afago-lhe os cabelos quando ameaça despertar pelo meu movimento. Ela precisa descansar antes de tudo e ainda é muito cedo para irmos ao encontro da velha babá. Puxo-a para meu abraço a fim de mantê-la aquecida e admiro-lhe por inteira. Tão linda que faz meu sexo ganhar nova disposição, mas não desejo acordá-la apenas para saciar meus instintos carnavais.

Sei que nem sempre fui sincero ou considerei o quanto Betina me afetava. Durante nossa adolescência a mantive sempre por perto, espantando os garotos que a olhavam com segundas intenções, ameaçando-os se ousassem tocá-la. Fiz coisas vergonhosas para mantê-la pura e intocada e

quando nada do que fazia era suficiente, praticamente enlouqueci de ciúmes.

Foi então que percebi que Betina significava mais em minha vida do que eu esperava ou mesmo era capaz de compreender. E já era tarde para mudar a realidade, para ir atrás dela e conquistá-la.

Fui tolo ao dar ouvidos aos meus pais, que por sua vez se deixaram envolver pelas más línguas, que a acusavam pelos pecados da mãe. Enquanto Luiza era admirada por toda Toledo, Esther era tida como a vergonha dos Bittencourt, alguém que devia ser evitada a todo custo.

— Peço que se aproxime de Isabela e o que faz é andar para cima e para baixo com a órfã a tiracolo. — Minha mãe falou em certa oportunidade e que Deus a tenha por ter sido tão preconceituosa. Sei que não era uma má pessoa, mas se deixava levar pela opinião pública mais do que devia, o que a fazia uma mulher intolerante. E não é porque está morta que se tornou uma santa.

— Não gosto de Isabela! — Respondi, estando cansado de ter que aguentar a mais mimada e chata das garotas. — E não consigo entender sua aversão por Betina. Devo lembrar a senhora que a órfã tem

PERIGOSAS ACHERON

um nome. – Era sempre assim que começávamos nossas discussões.

Meus pais, em especial minha mãe, desejava que eu seguisse os passos de meu pai, me formasse em Administração e assim assumisse a presidência da empresa da família, tendo uma socialite como esposa. Isabela era o sonho de nora de mamãe, mas não o meu. Além disso, jamais consegui me ver preso dentro de um escritório. Ambos tiveram que se conformar com minha irmã, que apesar de ser mulher tem feito uma excelente gestão na empresa. Desde cedo notei que minha vocação era a Medicina e só não fiz minha mãe morrer de desgosto porque havia escolhido uma profissão tão nobre quanto tocar os negócios da família.

Não bastasse isso, ainda havia André que não compreenderia facilmente meus sentimentos por sua prima. Betina sempre lhe foi como uma boneca frágil a ser protegida. Quando chegou tão pequena à sua casa, sem mãe ou pai, meu amigo prometeu que a amaria e a protegeria como uma irmã, e me fez jurar que jamais a tocaria ou mesmo a olharia com segundas intenções quando ela desabrochasse como mulher.

— Betina não! — Dizia-me sempre que me pegava a olhá-la com segundas intenções. — É muito jovem para você e é minha prima, não pode pegar minha prima. — Colocava-me no lugar mais vezes do que queria.

De um jeito ou de outro todos cantavam que Betina era imprópria para mim, que eu não poderia lhe fazer feliz. E para um garoto era mais fácil negar os próprios sentimentos e se esconder do que enfrentá-los, do que afrontar um mundo para ser feliz ao lado dela.

Fui um completo ingênuo ao acreditar que ela não valesse a pena, que meu esforço não pudesse ser recompensado, e isso me custou muito.

Perdi muito em ter me deixado afetar pela opinião dos outros. Perdi ter sido seu primeiro homem, perdi os sorrisos e gemidos que poderia ter lhe proporcionado, perdi uma namorada que me amaria.

Por outro lado, ganhei uma vida infeliz, marcada pela procura constante de algo que sabia não encontrar em qualquer outra garota, esqueci o que é ter paz de espírito e, acima de tudo, perdi a confiança de Betina.

Mas já não havia minha mãe para ser manipulada por Luiza, nem André a tentar me afastar de sua prima. Minha mãe estava morta em razão de um câncer fulminante e André havia compreendido que eu apenas conseguiria ser feliz plenamente ao lado da prima.

Apenas havia Betina a tentar me afastar, com razão, já que havia sido tudo o contrário do que ela esperava de um grande amor. Fui sua frustração de adolescência e compreendia que ela não era culpada por isso quando eu lhe dei motivos para agir de maneira arredia comigo.

Olhando-a serena dormindo ao meu lado, restava-me prometer-lhe que lutaria por nosso amor, por ela e por mim, porque merecíamos um recomeço. Mas seria um diferente, sem a mácula do julgamento dos outros, dos “se” que pareciam lhe acompanhar desde o nascimento.

Seria um recomeço verdadeiro em todos os sentidos.

A ajudaria a desvendar seu passado, servindo-lhe de esteio para os dias difíceis que estavam por vir, como uma forma de mostrar à minha falecida mãe que Betina era mais do que ela julgava ser, do

PERIGOSAS ACHERON

que sua visão limitada fizeram-na acreditar.

Havia uma história a envolver o passado dos Bittencourt e tudo parecia querer desembocar em Betina, o que me amedrontava muito, porque se alguém ousasse lhe machucar, não sei do que seria capaz.



Capítulo 13

Estacionamos o carro em frente a uma casa modesta em uma vila afastada alguns quilômetros de Toledo. Eu fui a primeira a desembarcar, ansiosa para tocar a campainha. Senti a mão de Hugo em minhas costas quando a porta se abriu e um rosto jovem surgiu.

— Em que posso ajudá-los? — A garota de feições esqueléticas e olhos profundos me olha assustada.

— Gostaríamos de conversar com Simone Oliveira. — Falo e a jovem abaixa a cabeça, revelando uma tristeza repentina.

— Ela era minha tia. Morreu mês passado. — Eu havia chegado tarde e acabo tomada de um sentimento inexplicável de impotência.

— Poderia nos deixar entrar? — Hugo me ampara ao perceber minha confusão. — Simone foi babá de Betina e gostaríamos de conversar um pouco sobre ela, se não for um incômodo.

A garota nos convidou para entrar e sentar em um dos sofás da modesta sala. Nada ali era luxuoso, lembrando muito da simplicidade de sua dona.

— Simone era minha tia-avó e me deixou a casa como herança.

— Desculpe-me, mas como se chama? — Hugo pergunta à moça, que parece chocada com nossa visita repentina.

— Bianca. E fico feliz que tenham vindo. Minha tia deixou algo para ti, Betina. — Abre um sorriso de alívio.

— Para mim? — Volto minha atenção à garota, que me fitava com olhos curiosos.

— Sim, sim! Tia Simone falava muito de ti, você era seu orgulho. — Meu coração aperta no peito por não ter lhe mandado uma mensagem

PERIGOSAS ACHERON

sequer. Eu havia deixado o rancor tomar conta de minha alma e isso havia me afastado das pessoas que me estimavam.

— Sinto muito por não ter chegado antes. — Confesso envergonhada, com as lágrimas a ponto de sair dos olhos. Simone havia sido como uma mãe para mim ou o mais próximo de uma que cheguei.

— O que Simone deixou para Betina? — Hugo pega uma das minhas mãos e leva para seu colo. Seu gesto me deu segurança em meio ao caos de sentimentos que me assolavam.

— Uma caixinha, na verdade! Antes de morrer, tia Simone me entregou uma caixa antiga e me fez prometer que não seria aberta a não ser por você, Betina. — Bianca continua a me fitar com curiosidade. — Oh, me desculpe! — Ela percebe que havia sido invasiva demais. — Custa a acreditar que estou na frente de Betina Bittencourt. Não imagina o quanto as pessoas falam de ti. — Fico sem graça, mas sabia que todos na região nutriam uma certa admiração pelo meu sucesso.

— Imagine! — Sorrio para a moça. Era muito magra e com lindos olhos azuis como de sua tia-

PERIGOSAS ACHERON

avó.

— Bem, se me aguardarem por alguns segundos, subirei até o antigo quarto de titia para buscar a caixinha. — Ela levanta da poltrona com forro gasto pelo uso e nos fala. — Não imaginam o quanto me sinto aliviada por cumprir com tal missão. É como se minha tia não pudesse ter paz até que entregasse a caixa para sua dona.

Minutos depois Bianca retorna com uma caixinha colorida nas mãos. Eu me lembrava daquela caixa, do quanto eu gostava do seu colorido. Não guardo comigo muitas lembranças de minha mãe, do que gostava de fazer, de como era sua personalidade. Com o passar dos anos, os detalhes dela foram se confundindo em minha cabeça, mas haviam coisas que ainda conseguia identificar, como seu gosto pelas mandalas coloridas. Sim, aquele objeto de madeira devia ter sido de minha mãe, o que percebo pelas coloridas mandalas que lhe ornavam.

— Aqui está! — Bianca me entrega a caixinha e um misto de apreensão com saudade me invade, deixando-me temerosa pelo que poderia encontrar dentro do objeto.

Não perco tempo e a abro, deixando-me levar pela vontade de desvendar parte do meu passado. Encontro um punhado de papéis amarrados em uma fita de cetim vermelha. Minha mãe era um mulher das cores fortes sem dúvidas.

— São cartas! — Olho para Hugo encantada com a possibilidade de descobrir parte de minha história. Talvez ali eu conseguisse respostas para o que tanto me afligia: quem era meu pai. — Simone lhe disse o porquê mamãe deixou as cartas com ela e não comigo? — Pergunto para a jovem garota.

— Apenas me disse que a caixa não podia parar em mãos erradas. Eu nem sabia que haviam cartas dentro dela. — Bianca parece estar falando a verdade. — Mas agora pensando melhor, tia Simone poderia muito bem saber o conteúdo das cartas.

— Também acredito que sim! — Olho para Hugo em busca de compreensão. — Simone também foi a babá de minha mãe e de minha tia. E como mamãe também ficou órfã muito cedo, a tinha por uma mãe, possivelmente lhe contou seus segredos.

Eu havia repetido sua história e aquilo parecia

PERIGOSAS ACHERON

ser uma maldição que rondava as Bittencourt. Assim como minha mãe, eu havia ficado órfã muito jovem; e contam que mamãe perdeu sua mãe quando ainda era praticamente uma bebê, vindo a ser criada pela segunda esposa de meu avô.

Esther e Luiza eram irmãs do mesmo pai, não da mesma mãe. Minha mãe era filha do primeiro casamento de vovô e dizem que ele amou minha vó com todo seu ardor. Casou-se novamente apenas para dar uma mãe para a filha e a partir daí não sei ao certo o que aconteceu. Os segredos dos Bittencourt eram guardados a sete chaves, tão bem guardados que apenas deixavam vir à tona o que lhes interessavam.

— Agradecemos a gentileza, Bianca! — Hugo olha para a moça e ela acaba abrindo um sorriso encantada por sua beleza, deixando-me enciumada quando nem devia pensar algo do tipo. Acabo lhe dando um beliscão, o que me deixou sem jeito.

— Não precisa sentir ciúmes. — Hugo se aproxima do meu ouvido e sussurra entre risos discretos a fim de não chamar a atenção de Bianca.

Levanto-me antes que acabasse fazendo mais cena, já que a garota parecia não parar de sorrir

PERIGOSAS ACHERON

para o meu namorado e, sinceramente, não sei de onde tirei a ideia de que Hugo é meu namorado.

Despeço-me dela com educação e partimos para o carro, mas ainda muito chateada com Hugo. Sentia-me frustrada com os olhares de Bianca para cima dele. Era justamente esse tipo de emoção que eu temia sentir por ele e acabo enraivecida por não ter maturidade para lidar com a situação. Talvez fosse apenas uma espécie de trauma do passado, de todas as vezes que tive que vê-lo flertando com outras.

— Não precisa ficar assim! — Ele pega minha mão e a leva aos lábios. — Sabe que você é única em meu coração.

— Queria ser a única para seus olhos também. — Confesso por estar cansada de sufocar tantos sentimentos, incluindo os mais possessivos.

— E quem disse que não é? — Acabo presa em seus olhos e quase implorando para que me beijasse. Porque Hugo tinha esse efeito sobre meu corpo, inclusive sobre meu juízo. — Não te entendo, bailarina! Não quer aceitar ser minha namorada, me pede paciência, mas morre de ciúmes até de uma garota que nem faz meu tipo!

— Devo ser grata por não fazer seu tipo. — Reviro os olhos e Hugo puxa meu rosto, colando seus lábios ao meus.

— Eu amo você, Betina! E não haverá nada que me impedirá de ficar contigo. Nem teus ciúmes bobos.

— Aceito! — Respondo ainda colada em sua boca, espalmando minhas mãos por seu peito, querendo seduzi-lo e fazê-lo meu, só meu.

— Aceita o quê, bailarina? — Ele provoca, o cretino.

— Aceito namorar contigo ou ainda morrerei vítima de ciúmes. Admito que sempre senti ciúmes, mas agora que estamos envolvidos de verdade, é pior... — Sinto as bochechas quentes, porque é difícil controlar o sentimento de vergonha, ainda mais quando Hugo solta uma gargalhada. — Não ria! — Digo, dando-lhe um tapa no peito e acabo pressionada contra a porta do caroneiro com Hugo sobre o meu corpo.

— Fala de novo! — Ele exige mais sério e meu corpo incendeia.

— Quero ser tua namorada e que Deus me

proteja dessa loucura. — Grudo-me em sua boca, desejando que ele pudesse me fazer sua ali dentro do carro, no meio da rua. E a julgar pelo seu olhar lascivo, ele estava disposto também.

— Obrigado, Senhor! — Ele grita, jogando a cabeça para o alto e acabo rindo com seu exagero. — Acho que terei que pagar minha promessa.

— Não precisava de tanto, Hugo. — Acaricio seu rosto, sentindo a barba por fazer como um fio de eletricidade em minha pele.

— Não sabia mais o que fazer... Não pode me julgar. — Mordisca meu queixo, o que me provoca cócegas, mas não quaisquer cócegas, e sim as que me levam a pensar indecências e coisas que devem ser evitadas dentro de um carro e ainda em plena luz do dia.

— Não te julgo, mas também não precisa ser um exagerado. — Enlaço meus braços ao redor de seu pescoço e colo meus lábios nos dele, ansiosa para ser invadida de todas as formas possíveis, sentindo-me plena e poderosa em tê-lo aceitado como namorado.

Encantada e apaixonada, entrego-me ao amor

que me oferece, tentando deixar o passado para trás.

— Eu te amo, bailarina! — Repete as palavras e meu coração se aquece, agradecendo por ouvi-las, e jamais me cansaria de ouvir.

— Precisa ter paciência comigo, Hugo. Além de ciumenta, sou um pouco insegura. — Sorrio em busca de sua compreensão.

— Não te culpo! Ao contrário, te compreendo. Só fiz besteira e acho que preciso correr atrás do prejuízo. — Abre o sorriso mais cativante e acabo enternecida. Ali ele sorria como o moleque pelo qual um dia me apaixonei.

Acabamos nos tocando mais do que o recomendado para o local e quase transamos dentro do carro. Quase, porque Hugo ainda teve mais juízo do que eu. Sim, a louca por sexo estava disposta a mais e agradei pelo juízo não o ter abandonado.

— Em casa tiramos o atraso! — Ele sorri, dando a partida no carro, comigo sorrindo como uma boba apaixonada e sentindo-me nas nuvens. Sim, eu me sentia feliz como há muito tempo não acontecia.

Não deixaria que nenhum sentimento

atrapalhasse ou nublasse o momento que dividia com Hugo. Se o destino o quis ao meu lado, não poderia dar as costas para ele, e simplesmente aceito que é melhor se arrepender por algo que tentei do que passar uma vida a imaginar os “se”.

Não me faria nada mal aprender a abrir o coração para uma segunda chance. Ah, como eu poderia fazer isso!



Hugo me deixou em casa porque sua agenda de consultas estava cheia. Tratei logo de dispensar Rosane e me enfiei dentro do quarto, ansiosa para começar a ler as cartas que foram deixadas por mamãe.

Não perdi um minuto sequer, e quando meus olhos se ajustaram à sua caligrafia, meu coração pulou em um ritmo acelerado no peito. As cartas foram todas endereçadas a mim e quanto mais eu folheava os papéis, mais a adrenalina corria nas minhas veias. Um perfume adocicado invadia as minhas narinas e desconfiava de que era seu perfume. No fundo da caixinha de madeira havia uma fotografia amarelada. Era ela e eu ainda bebê.

Uma recordação de um tempo que não lembrava, uma época que havia sido roubada de mim e que não me seria devolvido. Letras e aromas seriam minhas únicas recordações e era lamentável ter que me conformar com tão pouco.

Tomo a decisão de seguir a ordem das datas de cada carta e depois de organizá-las, pego a mais antiga.

Minha doce garotinha,

Imagino que já esteja uma linda mulher, tão linda que duvido que algum homem seja capaz de te negar algo. Já me dava trabalho quando te levava para brincar no parquinho, de tão preciosa que era.

Antes de tudo, peço perdão por deixá-la sozinha no mundo, mas há coisas que não podemos controlar, e saiba que se pudesse ter feito diferente, com certeza teria dado um jeito de passar mais alguns anos em tua companhia.

Espero que tenha crescido cercada pelo amor daqueles que confiei tua vida, minha querida. Espero também que nada tenha faltado a ti nesses anos e que tenha realizado teus maiores sonhos.

Espero que Breno tenha cuidado para que ninguém a ferisse e que tenha te protegido da maneira que havia me prometido.

Simplesmente espero!

E imagine o quanto é difícil te escrever sempre à espera de que nada te falte, de que quando estiver lendo minhas singelas palavras já tenha se transformado em uma mulher feliz, porque é isso que mais desejo para ti, Betina, que seja feliz.

Tomei a decisão de escrever sobre tua história, temendo que no futuro ninguém pudesse fazê-lo em meu lugar e não poderia ter paz na eternidade sem garantir a ti uma forma de compreender minha história, que também é a tua. Te devo isso, minha filha.

Se não o fiz antes foi porque não quis perturbar a inocência de tua infância com assuntos tão difíceis e complexos, às vezes até mesmo tristes, dependendo do ponto de vista que interpretamos tudo o que está à nossa volta. A ingenuidade é a maior riqueza de uma criança e dela dependia tua felicidade. Mas agora já é uma mulher, inteligente e cheia de vida, talvez já casada e com filhos, e consiga compreender a mente de uma mulher
PERIGOSAS ACHERON

apaixonada.

Tudo que fiz ou deixei de fazer, minha filha, sempre foi em nome de um amor fadado a não se realizar. Você foi o fruto deste amor e apesar de ser um sentimento genuíno e puro, meu amor por seu pai nos trouxe infortúnios e muitas pessoas acabaram machucadas; o motivo para que, em certa altura de nossas vidas, quando mais jovens, nos levou a abrir mão de nossos sonhos.

Eu e teu pai, Betina, nos amamos muito. Isso sempre me foi uma certeza, assim como o amor que ele sempre sentiu por ti desde que a viu pela primeira vez. Sinto muito por não poder estar presente no dia em que teu pai poderá abraçá-la reconhecidamente como filha, porque tenho certeza de que isso seria a mais linda cena que poderia ter visto em minha vida, a minha maior realização. Devo me conformar em apenas rezar para que vocês dois ainda tenham tempo de viver um amor de pai e filha.

Algumas pessoas poderão dizer que o que vivi e esperei do teu pai não era o certo. Mas quem são eles para julgar o amor que une duas pessoas? Se ferimos pessoas não foi porque assim desejamos,

Betina. Saiba que tentamos nos manter afastados, seguirmos com nossas vidas, mas o amor sempre nos aproximou, por ser mais forte do que qualquer determinação a que nos dispuséssemos.

Conheci teu pai na Capital quando me mudei para lá para cursar a Faculdade de Arquitetura. Ele era cheio de vida e vontade de mudar o mundo. Rapidamente nos tornamos amigos e começamos a frequentar os mesmos lugares. Não demorou mais do que um mês para que dêssemos o primeiro beijo, e menos ainda para que vivêssemos nossa paixão na plenitude.

Foram os mais incríveis meses da minha vida. E assim que o verão chegou retornei a Toledo para as férias e ele me acompanhou. Na época, éramos a família mais rica da cidade. Seu avô já era muito influente e eu tinha uma madrastra maravilhosa, que havia sido uma boa mãe para mim, não tão amorosa quanto esperava, mas mesmo assim me ensinou a ser o que sou, e também uma irmã mais jovem, sua tia Luiza.

Seu pai foi muito bem recebido por todos e seu avô parecia encantado com ele. Era um jovem de riso fácil e conversa atraente, dificilmente uma

peessoa não conseguiria ser conquistada por ele. Esse era seu pai, meu amor, cheio de vida e com uma sede de mudar o mundo que fazia todos se renderem aos seus pés.

Tivemos ótimas férias em Toledo e retornamos para mais um semestre na Universidade trazendo conosco sua tia Luiza, que já pensava em se preparar para o próximo vestibular. Luiza passou a dividir o apartamento comigo e aparentemente se dava muito bem com seu pai. Saíamos juntos nos finais de semana e também aproveitávamos para pegar praia sempre que podíamos.

E assim nossas vidas na Capital eram perfeitas, o sonho de quaisquer jovens que ansiavam pela liberdade. Mas tudo mudou quando em um certo ano tomei a decisão de fazer um intercâmbio na França. Seu pai não aceitou minha decisão, mas me apoiou, porque assim ele era, meu bem, sempre me apoiava, por mais que temesse que a viagem acabasse por nos afastar.

Confiávamos um no outro, tínhamos um namoro de mais de ano e nos amávamos muito. À época, parecia que nada poderia nos separar e que alguns poucos meses de afastamento não seriam

nada perto dos anos que viveríamos juntos. Sim, porque nós dois fazíamos planos, muitos planos de uma vida a dois, com filhos, uma casa grande e cachorros.

Mal sabíamos que quando nos despedíssemos seria o início de uma relação marcada por idas e vindas, repleta de obstáculos e que nos faria disseminar rancores que jamais se curariam.

Te contarei tudo, minha filha, e também te darei nomes. Porém, tente não nos julgar, apenas abra o coração e compreenda que quando duas almas se amam não há força capaz de afastá-las, a não ser a morte, quiçá a morte, pois aguardarei seu pai do outro lado.

*Com amor,
Esther.*



Capítulo 14

Fui interrompida por Rosane, que me chamava para o jantar. Eu não estava com fome, mas decidi interromper a leitura de modo a ir ao encontro de minha tia. Talvez indiretamente pudesse descobrir mais sobre o tempo em que ela passou na companhia de minha mãe na Capital.

Luiza sabia quem era meu pai e eu desconfiava de que não viria a revelar o nome como uma forma de se vingar de algo que ainda não era compreendido corretamente por mim. Mas eu estava determinada a descobrir mais, nem que me fosse a última coisa a ser feita.

Dobrei as cartas e as guardei novamente na velha caixa de madeira colorida. Em seguida, a escondi no fundo do armário e a cobri com algumas roupas. Ninguém poderia descobrir sua existência. Leria as cartas sem pressa, como uma tentativa de preparar meu coração, assim como minha alma, para as descobertas que seguiriam, pois tinha certeza de que aqueles papéis continham mais do que revelações, mas a história de vida de muitas pessoas que me eram próximas.

— Boa noite, Luiza! — Me acomodo à mesa, não esperando qualquer reação por parte de minha tia.

— O que faz aqui, Betina? — Me pergunta a mulher mais velha com os olhos sempre rancorosos.

Luiza devia ter sido uma mulher bonita, ainda era, mas a empáfia e o orgulho lhe tornavam feia. Não havia beleza exterior capaz de resistir à feiura de uma alma rancorosa. Olhei-a sentada envolta em sua solidão e ficou claro que Luiza não havia sido feliz em sua vida, as razões eu desconhecia, mas com certeza havia sido infeliz.

— Decidi me juntar a ti para jantar! — Olho-a

PERIGOSAS ACHERON

na esperança de decifrá-la. — Te fazer companhia.

— Não preciso de tua companhia, garota petulante. — Revida, encarando-me com ainda mais amargura.

— Talvez porque eu te faça recordar algo que te incomode. — Não fujo de seu olhar, porque haviam coisas a serem ditas e minha tia não poderia fugir para sempre.

— Do que sabe da vida? — Ela questiona, levando uma colher de sopa à boca.

— De nada em específico! — Me faço de desentendida. — Sempre me foi uma incógnita! O porquê de não gostar de mim sempre foi uma dúvida e acredito que mereço saber os motivos. — Pontuo. — Além de meu nascimento ter sido uma vergonha para os Bittencourt, é claro.

— É preciso motivo mais forte do que esse?

— Devo supor que sim, Luiza!

— Pois há sim um motivo! Mas esse motivo haverá de ir comigo para o túmulo. — Luiza levanta irritada, atirando o guardanapo dentro do prato. — Não posso mais ter paz em minha própria casa.

— É minha casa também! — Respondo de propósito. A casa também era minha, vovô havia me colocado em seu testamento e pela primeira vez tive a certeza de que não deveria deixá-la para minha tia. Ela me devia respostas e eu não arredaria mais o pé de Toledo sem tê-las.

Luiza deu-me as costas e saiu pisando duro como um general. Houve o tempo em que me amedrontava e eu acabava me escondendo assustada. Mas eu não era mais uma criança e ela já não era tão apavorante. Não me acovardaria, de jeito algum.

— Não devia cutucá-la, menina! — Rosane me assusta entrando sorrateiramente como um fantasma na sala.

— Não tenho mais medo dela. — Solto frustrada, ainda com o coração batendo forte pela chegada repentina da governanta.

— Mas deveria ter, Betina! Dona Luiza é capaz de tudo. — Engulo em seco, talvez porque suas palavras tinham um fundo de verdade.

— Do que sabe? Acho que tenho direito de saber. — As verdades não ditas por Rosane andavam

me deixando nervosa.

— Nada além do que meras desconfianças, menina! Meras desconfianças e por isso prefiro não me manifestar. — Ela não se abriria, não comigo ao menos.

— Quando chegou aqui? Quero dizer, quando começou a trabalhar para a família? — Decido tentar por outro caminho. Confrontá-la de frente não me levaria a lugar algum.

— Um pouco antes de você chegar. Creio que uns oito meses antes. — Ela respondeu pensativa e consegui notar sua sinceridade.

— Então não sabe muito mais do que eu! — Confesso, sentindo uma pontada de dor atingir minha cabeça.

Se ao menos meu tio deixasse o coma, tenho certeza de que poderia me dar respostas. Sim, ele poderia me dar as respostas que tanto ansiava, mas isso também poderia tê-lo colocado no coma.

Tal constatação me provoca arrepios e acabo me levantando de supetão da mesa.

— Para onde vai tão tarde? — Pergunta preocupada. — Nem terminou de jantar.

— Preciso ver Hugo. — Respondo, mal conseguindo controlar a euforia em contar-lhe o que me passava pela cabeça. Jesus, meu tio poderia estar correndo risco de vida e não seria Lucas o causador, mas sim minha tia, ou talvez os dois.

— Vocês estão namorando? — A governanta pergunta com um sorriso grudado nos lábios.

— Sim, estamos! — Beijo-a no rosto antes de me despedir. — Não me espere para dormir. — Volto a beijá-la, porque era a única naquela casa que realmente se preocupava comigo.

— Usem camisinha! — Grita da sala de jantar e acabo rindo pelo seu comentário.

Mas ela estava certa, muito certa. Não era o melhor momento para engravidar. Não que a ideia não me agradasse e ser mãe de um filho de Hugo era uma ideia muito atrativa. Ele seria um pai incrível a julgar pelo carinho com que cuidava de mim.

Subo as escadas correndo em busca de minha bolsa e roupas para passar a noite no apartamento de Hugo. Devia não só deixar a escova de dente por lá, mas também algumas mudas de roupa. Coloco a

caixinha de mamãe dentro da mochila, porque não poderia jamais me separar dela. As cartas eram como um tesouro para mim.

Consegui uma carona com Júlia e em menos de dez minutos eu estava olhando para o prédio de Hugo ansiosa para abraçá-lo.

A determinação de ser uma estadia curta em Toledo perdia força conforme eu acabava cada dia mais envolvida com Hugo, o meu amor da adolescência. Amava-o com tanta força que não conseguiria deixá-lo mais, nem que eu precisasse ter que encarar Toledo e toda a confusão que a cidade representava em minha vida.

O porteiro me anuncia e acabo recebendo a permissão para subir. Quando a porta do elevador se abre, o avisto encostado na porta apenas dentro de calça moletom e meu peito infla de orgulho de poder chamá-lo de namorado. Meu Deus, como conseguia ser tão atraente? Tão perfeito?

— Por que não me chamou, Betina? — Ele junta nossos lábios assim que o alcanço.

— Consegui uma carona com a esposa do André.

— Mesmo assim... Eu fico preocupado.

— Toledo é um ovo. — Respondo, acariciando seu peitoral, deixando me levar por pensamentos indecentes e esquecendo totalmente o que me fez vir vê-lo quando havia dito que precisava de um tempo sozinha. — Mas posso voltar se não te agradou a ideia! — Brinco.

— Nem pensar! — Ele me gira, empurrando-me para dentro do apartamento, sem se afastar de meus lábios por nenhum segundo. Estávamos ficando bons em conversar com as bocas grudadas. — E fico feliz que tenha vindo preparada para passar a noite. — Solta feliz. Ah, como ele parecia feliz com minha surpresa.

— Preciso te contar uma coisa! — Mas desconfio de que terei que contar depois. Hugo me joga no ombro e parte para o quarto. — Hugo, pare com isso! — Solto uma gargalhada e ele me acompanha empolgado.

— Pode contar depois, bailarina! Preciso te ensinar uma lição importantíssima.

— Uma lição? — Pergunto apenas para provocá-lo. — Tudo isso porque não te liguei e resolvi vir

até aqui de carona?!

— Ainda acha pouco? — Levo uma palmada no traseiro. E ao invés de causar desconforto, apenas consigo me sentir excitada. Como pode uma palmada ter um efeito tão avassalador em meu corpo?! — Não volte a fazer isso ou terei que ser ainda mais cruel em seu castigo. — Solto mais uma gargalhada, porque a julgar por sua crueldade, provavelmente eu desejaria repetir tudo outro dia... Só para ser castigada.



Hugo ressonava ao meu lado enquanto eu tinha dificuldade para voltar a adormecer. Havia acordado e não conseguia parar de pensar na conversa que havia tido com Rosane. Havia vindo até Hugo para contar-lhe que desconfiava que minha tia poderia estar envolvida na sabotagem que quase custou a vida de tio Breno.

Mas é claro que acabei seduzida pelo mais descarado dos homens e cedi ao desejo de fazer amor com ele. Acabamos os dois enrolados e dormindo um nos braços do outro. Eu poderia acordá-lo e assim contar-lhe sobre minhas

suspeitas, mas não tinha coragem de fazê-lo quando dormia placidamente, lembrando-me uma estátua da Grécia Antiga.

Levantei da cama e fui ao encontro de minha mochila, que devia ter sido deixada na sala. Movimento-me devagar de modo a não acordar Hugo. Ele precisava descansar, já que no dia seguinte teria plantão no hospital.

Levei comigo um cobertor que encontrei jogado no chão. Ao chegar na sala, abri as persianas e deixei a luz do luar entrar. Dali se podia ter uma visão da cidade e ao fundo as estrelas a emoldurar as construções em concreto. Uma paisagem sem igual, a harmonia entre o humano e o natural, um encaixe perfeito entre o divino e o profano.

Encontrei a mochila jogada em um canto e de lá retirei a caixa de minha mãe. Olhei para o punhado de cartas, considerando a possibilidade de não lê-las mais. Mas eu não poderia ser tão covarde a ponto de não querer conhecer meu passado e minha história.

Respiro profundamente na tentativa de me encorajar a continuar com a leitura, sabendo que

PERIGOSAS ACHERON

poderia ser a única forma de conhecer mais sobre minha própria história. Porém, eu hesitava em fazê-lo, porque era dolorido ler as palavras de minha mãe, saber que ela não poderia mais estar ao meu lado e que de alguma forma havia sofrido os dissabores de um amor impossível.

Fosse como fosse, eu precisava encarar os fantasmas do passado para entender o presente e ainda conseguir sonhar com um futuro feliz.

Abri a segunda carta da pilha que eu havia separado e engulo em seco, sentindo os olhos marejados assim que reconheci sua caligrafia bem desenhada. Como a primeira, a carta mencionava apenas descrições de sua vida, de seus projetos e sonhos.

Mas foi a carta seguinte que me fez sentir calafrios, e uma expectativa sem precedentes de que algo grande seria revelado.

Minha adorável Betina,

A vida nem sempre nos é benevolente, e antes de tudo preciso dizer que haverão dias difíceis em tua vida, onde irá querer apenas se esconder. Mas

também haverão os dias bons, onde os sorrisos te farão acreditar no amanhã. A vida é feita de sabores e dissabores, Betina! A felicidade é uma escolha que fazemos e espero que você sempre a escolha, mesmo que tudo a tua volta te faça acreditar no contrário.

Posso não ter tido a oportunidade de viver ao lado de teu pai como sempre sonhei, livre e desimpedida de tantas amarras que nos afastaram mais do que nos uniram, mas fui feliz ao meu modo. Ele me deu você e só por isso fui feliz. Cada sorriso que você me deu compensou a ausência de teu pai em minha vida apesar de todas as dores e decepções que tive que suportar.

Quando retornei de Paris, esperava encontrar teu pai e assim realizar nosso sonho de uma vida a dois. Ele estava no final de seu curso e logo se tornaria um médico. Eu também estava para concluir o curso de Arquitetura e minha experiência na França me abriria portas. Mas tudo ficou no passado com promessas vazias. Quando voltei o encontrei em uma situação delicada.

Seu pai, Betina, havia se envolvido com outra garota e a engravidado. Imagine o tamanho do

meu choque e da minha decepção, mas o entendi quando quis casar com a mãe do filho e dar a ele uma família. O bebê não tinha culpa da irresponsabilidade dos pais e merecia nascer dentro do seio de uma família. Hoje, porém, já entendo diferente, porque sua decisão de casar-se com uma mulher que não amava prejudicou não somente a ele e a mim, mas também outras vidas envolvidas.

Afastei-me de teu pai, assim como de minha família por completo. Teu avô nunca compreendeu minha decisão e sei que o feri, mas fui incapaz de assistir ao casamento de teu pai com sua tia. Sim, Betina, teu pai se casou com Luiza e a dor foi insuportável, uma traição duplamente dolorida.

Deves estar imaginando que Breno é teu pai e sim, você está certa, minha querida! Breno é o homem que mais amei na vida e ainda amo. Lutei para esquecê-lo, lutei para tirar de dentro de mim todo o amor que sempre senti e jurei ao meu pai que não me colocaria entre ele e minha irmã, um juramento em vão que custou muito de minha paz de espírito.

Teu avô nunca compreendeu que nosso amor

era maior do que tudo. Essa foi a razão por ter vivido afastada da família. Para evitar brigas com meu pai, mas também para não cair em tentação e voltar a me relacionar com Breno.

Cada encontro com teu pai acabava por acender a chama do amor que nos unia e da primeira vez que cedi à tentação me senti a pior mulher da face da terra, porque eu havia sido traída pelo meu namorado e pela minha única irmã, mas não acreditava ser justo fazer o mesmo.

Se voltei a me entregar a Breno, o fiz porque o amava e não movida pela vingança que Luiza sempre fez questão de se queixar ao nosso pai. Foi ela que fez a sua cabeça, fazendo-o acreditar que eu havia sido a causadora de sua infelicidade conjugal.

Com André mais crescido e convencido de que não era certo manter uma vida dupla, Breno me prometeu que pediria o divórcio à minha irmã, em vão, porque em algum momento de nossa triste história ela voltou a engravidar; e hoje acredito que o fez como um ato de desespero para manter seu casamento.

Não a julgo por isso, porque talvez eu teria
PERIGOSAS ACHERON

feito o mesmo.

Porém, dessa vez eu não estava disposta a me afastar de Breno e meu primeiro grande embate com Luiza aconteceu. Não poderia me afastar porque não conseguia mais fazê-lo. Meu amor por teu pai era mais forte do que eu e já havia tentado de tudo para viver em paz sem ele.

Breno novamente cedeu à chantagem de Luiza, Betina. Mas não pense que teu pai era um fraco, longe disso, meu bem! Breno era tão honrado que jamais daria às costas a um filho e assim ele permaneceu casado com Luiza, prometendo-me que se divorciaria assim que o filho nascesse e ele tivesse certeza de que tua tia não viesse a cometer um ato insano.

Vergonhosamente eu aceitei a condição de amante e passei a viver como a outra do próprio cunhado. Os mexericos se espalharam rapidamente por Toledo e acabei perdendo o respeito do meu pai por completo.

Foi neste cenário que me descobri grávida de ti, e apesar de todas as dificuldades, você foi o maior presente que teu pai poderia ter me dado.

PERIGOSAS NACIONAIS

*Com Amor,
Esther.*

PERIGOSAS ACHERON



Betina chorava compulsivamente quando a encontrei na sala. Sentei-me ao seu lado e a puxei para meu colo, desejando tirar toda sua dor, porque sabia que algo de muito grave havia acontecido ao reparar nas cartas espalhadas no chão.

— Meu Deus, meu amor, o que aconteceu? — Tento apaziguar a tormenta de emoções que os olhos de Betina revelavam. Mas a bailarina não conseguia fazer outra coisa a não ser chorar e olhar para o vazio enegrecido da janela. — Tente se acalmar e por favor, me diga se algo dói! — Sim, pensei como médico, ela poderia estar doente e

seria mais fácil se assim fosse.

— Ele! — Betina foi tirada de repente do estado catatônico que se encontrava e voltou-se imediatamente em minha direção, que a olhava ansioso por uma resposta, para compreender o que havia acontecido. — Ele é meu pai! — Ela consegue finalmente dizer, mas acaba novamente travada.

— Quem, bailarina? Quem é o seu pai? — Betina volta a soluçar diante do desespero que a toma e temo que não consiga se refazer do choque pelo qual acabava de passar. Era certo ao vê-la tão afetada que as cartas da mãe haviam revelado algo de muito sério, não apenas o nome de seu pai, mas algo pior, muito pior. — Fique calma, meu bem! Precisa compreender que estou aqui contigo. — Ela volta a me encarar nos olhos e beijo-a na testa, puxando-a para um abraço, usando de todos os artifícios para acalantar sua alma machucada. Se as pessoas soubessem o peso de seus atos na vida dos outros não tomariam certas decisões.

Sempre acreditei que Betina sofria demais pelo passado dos pais, uma carga emocional que não lhe pertencia. Do meu jeito torto eu tentei ajudá-la, protegendo-a das maledicências que lhe falavam

pelas costas; e quando foi embora para Rússia uma parte minha se sentiu feliz porque ela se veria livre da maldade de Toledo. Deixei-a ir embora porque julguei que longe de tudo e de todos, inclusive de mim, pudesse se livrar do passado que não era seu e que pudesse realmente ser feliz.

Ledo engano, pois é difícil curar as mágoas, e as cicatrizes sempre nos são uma lembrança dos tempos difíceis vividos. Hoje compreendo que deveria ter lutado por ela, declarado meu amor e não dado tanta importância ao que todos falavam. Meu amor por Betina sempre foi puro e isso poderia ter nos bastado.

— Tio Breno é meu pai! — Ela declara, afastando-se do meu abraço a fim de poder me olhar. — Breno não é meu tio, como sempre acreditei e me fizeram acreditar, mas meu pai, meu pai! — Solta mais um soluço e acabo sentindo meus olhos marejados também.

Como alguém pode esconder de uma filha algo tão importante? Nada justifica o egoísmo de Breno ao negar a paternidade de Betina.

— Mas como? — Questiono-a na tentativa de compreender a mente de seu pai, evitar julgá-lo

PERIGOSAS ACHERON

antes de entendê-lo melhor.

— Ele e minha mãe foram namorados. Eu não li todas as cartas ainda, mas pelo pouco que li dão a entender que Breno conheceu minha mãe antes de Luiza. — Ela envolve meu pescoço com os braços, aconchegando-se contra meu corpo em busca de alento. Ah, e como eu desejava lhe dar o alento que tanto queria. — Algo aconteceu. Minha mãe viajou para Paris e quando retornou Luiza esperava um filho de Breno. Mamãe se afastou, mas não o suficiente para evitar um novo envolvimento, entende?

— Estou tentando entender, bailarina! — Digo, beijando-a na cabeça, deslizando minhas mãos pelas suas costas, sempre na tentativa de confortá-la.

— E então quando eles... — Ela funga. — Quando minha mãe e Breno resolveram ficar juntos, Luiza aparece novamente grávida e minha mãe sem saber ao certo como seria, não foi capaz de renunciar ao sentimento que sentia por ele e aceitou ser sua amante.

— E você nasceu! — Exclamo chocado com tudo e Betina sacode a cabeça, concordando com PERIGOSAS ACHERON

minha constatação.

O peso da revelação era muito para ela carregar sozinha e queria que soubesse que estava com ela, que estaria ao seu lado para tudo.

— Eu nasci! Minha mãe escondeu de mim que Breno era meu pai, então, ela morreu e eu acabei sendo criada por ele, que por sua vez me fez acreditar que não passava de um tio generoso. Não sei se serei capaz de perdoá-lo por isso.

— Eu sei, meu amor! Qualquer um em seu lugar se sentiria perdido. — Volto a beijá-la na cabeça.

— Sempre me perguntei porque meu tio, que não era sangue do meu sangue, se preocupava mais do que minha tia. E olha só, Hugo! — Betina não se conforma e com razão. Entendo-a e jamais a julgaria por se sentir tão perdida e enganada. — Como conseguirei encará-lo novamente?

— Vamos para cama, meu amor! Está cansada e prometo que vou cuidar de ti. — Beijo-a na boca, sentindo-me bem por poder estar ao seu lado em momento tão especial para ela. Betina veio ao meu encontro para me contar algo importante e

acabamos fazendo amor antes de ela ter tido a oportunidade de me revelar o que tanto a perturbava. Desconfio de que isso não tivesse nada em comum com sua última descoberta e apesar de estar curioso devo esperar ela se acalmar para tocar no assunto.

— Preciso continuar lendo. — Ela reclama ainda aconchegada em meu colo e acabo me levantando, levando-a comigo.

— Não precisa ser agora, bailaria! Deixe para outra hora. As cartas não fugirão e apenas me deixe cuidar de ti. — Eu apenas a queria próxima de mim e daria minha vida para tirar sua dor. Se fosse possível, carregaria seu fardo sozinho, mas não me era uma possibilidade e por isso apenas cuidaria dela como uma joia rara.

Betina sempre foi meu amor e agora que havia me aceitado em sua vida a protegeria com tudo de mim, com minha vida se fosse necessário, e não admitiria que ninguém mais a machucasse, nem mesmo sua tia inescrupulosa, que desconfio ter se aproveitado da inocência de uma criança para se vingar do marido infiel.

— Gostaria de te contar uma coisa! — Ela fala

PERIGOSAS ACHERON

quando a deposito sobre os lençóis de minha cama, a nossa cama, porque se havia algo certo em toda a confusão que acabávamos de ser jogados era que Betina não voltaria para a mansão. Eu não deixaria que retornasse para o mesmo teto de Luiza. Nada me convenceria do contrário, nem mesmo sua teimosia.

Betina é minha mulher e que Toledo se explodisse e fofocasse à vontade. Meu amor por ela a protegeria de qualquer dificuldade, uma promessa que cumpriria com toda a força do meu querer.

— Tem certeza de que não prefere descansar? — Ela nega com a cabeça, secando as lágrimas que ainda insistiam em sair de seus olhos. — Posso ficar aqui do teu lado apenas te beijando, meu amor.

— Você pode me beijar, não irei reclamar nem um pouco. Mas quero te contar uma coisa.

— Conte então! — Deito-me ao seu lado, abrindo os braços para que ela pudesse se acomodar e puxo o edredom para nos cobrir. Fazia uma noite mais fria do que costumava para a época do ano e não queria que acabasse resfriada.

— Parece estranho, mas eu mantive um diálogo com Luiza durante o jantar. Não foi uma conversa muito diferente das que já tivemos, mas dessa vez foi como se eu conseguisse enxergá-la além da carcaça de amargura que é. E sabe de uma coisa, a amargura dela agora tem sentido, afinal, sou filha do marido dela. Jesus! — Betina me abraça com força como se eu pudesse lhe ser a âncora e é justo isso que eu mais quero ser em sua vida, seu porto seguro. — Depois que minha tia me deixou sozinha na mesa, Rosane veio ao meu encontro e começou a falar em códigos. Tenho para mim que ela saiba de coisas, ou talvez apenas desconfie de algo. Juntando a reação de minha tia com as insinuações de Rosane e ainda meu sexto sentido aguçado, cheguei à conclusão de que Luiza pode muito bem ter sabotado os equipamentos ligados ao meu tio... — Ela trava por alguns segundos, talvez por ter se recordado de que Breno era seu pai. — E se ele descobriu algo muito sério que diz respeito ao passado de todos?

— Não seria o fato de que Breno é o teu pai?! — Afago seus cabelos, perdendo-me em seu perfume inebriante que sempre disse muito de sua personalidade, tão meiga e tão forte ao mesmo

PERIGOSAS ACHERON

tempo.

— Não, não! Breno sempre soube que era sua filha. As cartas de mamãe deram a entender isso. Há algo maior na história, mas o quê? — Betina se afasta o suficiente do meu corpo apenas para me fitar, olho no olho. — Breno descobriu algo do passado e desconfio de que minha tia teme que ele desperte e revele o que sabe.

— Se isso for verdade, iremos descobrir. Eu prometo a ti que iremos descobrir. — Pego em suas mãos e as beijo com devoção para selar minha promessa. — Mas tem que me prometer em contrapartida que não correrá perigos desnecessário. Porque se Luiza foi capaz de atentar contra a vida do marido, pode fazer pior contigo. — Puxo-a de encontro ao meu corpo, temendo apenas pela mera ideia de alguém lhe fazer mal. Betina é minha vida e não suportarei perdê-la. Ela não poderia sofrer sozinha o peso dos erros dos pais. Isso se houve algum erro, porque se Breno e Esther realmente se amavam quem somos nós para julgá-los?! — Vai morar comigo, Betina! — Ela me olha assustada.

— Morar com você aqui?

— Sim! É minha namorada, aceitou ser. Não vejo mal algum em dividir o apartamento comigo. Te quero muito ao meu lado e ficarei mais tranquilo com você aqui e não naquela casa com Luiza podendo te machucar a todo tempo.

— É minha casa também! — Ela exclama pensativa e torço para que reconsidere e aceite minha proposta ou desconfio de que não terei mais paz. Sim, porque conhecendo Luiza como conhecia me é muito certo que ela poderá se aproveitar da presença da sobrinha para se vingar dos pecados da irmã.

— Sempre foi sua casa, já que teu avô te fez sua herdeira também, mas isso não te impediu de ir para Rússia. Está bem, eu sei que uma coisa não tem muito em comum com a outra... — Dei de ombros, frustrado com minha falta de criatividade para argumentos persuasivos. — O que quero dizer é que sempre foi sua casa e mesmo assim você viveu anos longe e não será agora que a casa passará a te importar tanto.

— Mas as pessoas irão comentar e não quero arruinar tua carreira, Hugo! As pessoas confiam em você como médico... — Impeço que continue

falando colocando um dedo entre seus lábios.

— As pessoas sempre falaram, sempre falarão e não me importo com isso. Além disso, nem você precisa se importar mais com o que as pessoas irão pensar. Eu amo você e a quero ao meu lado todas as noites. Não terei paz com você dividindo a mesma casa com Luiza, ainda mais agora que sabemos o motivo de tanto ódio por você.

— Eu sei, mas e se não der certo?! — Sua insegurança ainda era forte e isso me faz sentir frustrado. Tento me manter controlado para não deixar o sentimento de despeito comandar minhas ações, sabendo que ela estava frágil e merecia compreensão e não mais cobranças. Cresceu cercada de mentiras, sofreu pela ausência de um pai que sempre esteve ao seu lado e conformou-se em ter que ser deixada de lado quando a tia teimava em renegá-la como membro da família.

Nem Esther nem Breno pensaram em Betina quando esconderam a verdade, fazendo-a sofrer as piores humilhações que uma garota poderia suportar na vida. Não seria eu a tornar ainda tudo mais difícil. Meu papel era entendê-la, fazê-la se sentir segura ao meu lado e correr atrás do prejuízo,

conquistar sua confiança.

— Dessa vez vai dar certo, meu amor! Juro por minha vida que vai dar certo. — Beijo-a. Foi um beijo longo, permeado de sensualidade para que seu corpo despertasse e se entregasse às minhas promessas. — Não sou mais um garoto inconsequente, sem nada na cabeça. Tornei-me um homem, um que sabe o que quer de sua vida e que a deseja fazendo parte dela.

— Mas e se eu lhe for um peso muito grande, Hugo? Sinto às vezes que estou quebrada e que ninguém será capaz de juntar os cacos. — Ela confessa e percebo que precisou se esforçar muito para abrir seu coração e ser honesta. Isso apenas me faz amá-la ainda mais.

— Vamos recolher os pedacinhos, um por um, e quando tudo parecer sem solução, eu estarei aqui para você, simplesmente para te estender os braços e ser o que você precisa. Eu amo você, bailarina, e quando um homem ama uma mulher, não há dificuldade capaz de mantê-lo afastado de seu amor.

— Oh Hugo... — Minha bailarina seca as lágrimas que insistem em cair de seus olhos. —
PERIGOSAS ACHERON

Não sei como conseguiria passar por tudo sem você. — Volto a beijá-la, trazendo-a novamente para meus braços, onde sempre foi seu lugar.

— Tem não só a mim, mas também a André, bailarina! Ele merece saber que você é sua irmã.

— Eu sei, mas antes preciso terminar de ler as cartas, preciso entender a cabeça de minha mãe. Algo dentro de mim diz que não devo julgá-la e não quero revelar a ninguém antes de ser capaz de defendê-la.

— Tudo bem, meu amor! Agora tente dormir um pouco, já está tarde e a noite foi agitada, praticamente não dormiu. Quer um chocolate quente? — Poderia fazer um para ela ou mesmo um chá de camomila. Faria qualquer coisa desde que ela pudesse ter algumas horas de sono tranquilo.

— Não precisa! Apenas fique aqui comigo e sei que conseguirei dormir. — Aconchega-se contra meu ombro e sussurro que a amo.

Betina não havia me dado a resposta ao convite para que viesse morar comigo, mas se insistisse em morar na mansão, não a deixaria lá sozinha. Aquela casa era um mausoléu dos horrores e ela teria que

me aceitar morando lá. Era isso ou morar comigo no meu apartamento. Mas sozinha não a deixaria. Nunca mais.



Capítulo 16

Hugo acabou por me convencer a passar uma temporada em sua casa. Ainda não me sentia segura quanto à decisão de dividirmos um lar, me sentindo ainda amedrontada pela intensidade do que estávamos vivendo.

Alguns poderiam me chamar de covarde ou coisa do tipo por tentar me preservar de algo que sempre havia sido meu maior sonho. Mas quando se provou da decepção uma vez, não se quer imaginar voltar a vivê-la.

É claro que eu amava Hugo, sempre o amei! E o sentimento havia despertado com muita força,

ainda mais forte para ser sincera. Antes não passava de uma ilusão, de um sonho de adolescente que idealizava mais do que vivia. Agora Hugo era real em minha vida, me tocava e me fazia sentir coisas de verdade.

Estávamos apaixonados e eu queria mais, por isso, meu receio de ir com muita sede ao pote.

A enfermeira me deixou sozinha com Breno e acabo soltando as lágrimas que a tanto custo segurava. Meu pai, ele era meu pai e sempre havia estado ao meu lado. Uma ponta de decepção parece querer nublar todas as recordações dos momentos que eu vivi com ele, como se ele houvesse feito um grande mal a nós dois por não me assumir como filha.

Meu pai.

Meus pensamentos revisitam todas as vezes que o chamei de tio, que me joguei em seu braços em busca de consolo e todas as vezes que eu desejei chamá-lo por pai, porque meu coração sempre o reconheceu como um.

Tia Luiza nunca gostou, me xingou inclusive, repreendendo-me para que nunca voltasse a fazê-lo.

E eu acatei suas ordens por ser uma garota ingênua e com uma enorme ânsia de ser aceita por uma família.

— Já sei de tudo! — Pego a mão de meu pai e a levo aos lábios, fazendo uma prece a Deus para que o deixasse viver por mais alguns anos, o deixasse contar sua versão dos fatos. — Não posso julgá-lo, mas fica difícil quando meu coração se sente tão machucado. Imagino como seriam nossas vidas se mamãe não tivesse morrido e se...

— Betina! — Ouço a voz de Lucas e acabo me sobressaltando pelo susto que levo. — Perdoe-me, não queria assustá-la!

— Não foi nada! Estava apenas concentrada em oração. — Respondo, voltando minha atenção ao homem de jaleco branco, que apesar de ter sido meu namorado, não passava de um desconhecido.

— Gostaria de conversar com você! — Ele sorri. — Poderia me acompanhar até meu consultório?

Pensei por alguns segundos e acabei por aceitar seu convite, não fazendo ideia do que tanto precisava conversar comigo.

Chegamos ao seu consultório e percebi o

requite da decoração. Lucas havia crescido em sua carreira e a julgar pelos certificados que enfeitavam as paredes brancas a nossa volta havia se tornado um grande cirurgião, assim como Breno.

— Fico feliz que tenha encontrado o sucesso na carreira que tanto sonhou. — Falo com sinceridade. Sempre o julguei um bom garoto e merecia se dar bem na vida.

— Nem sempre o sucesso profissional consegue suprir certas ausências. — Ele solta, encarando-me nos olhos enquanto sua mão espalmada em minhas costas me conduz até uma poltrona.

— Tem uma boa vida, Lucas! — Respondo, sentindo um arrepio na espinha, um pressentimento de que não devia estar ali.

— Posso ter fama e dinheiro, uma boa posição no hospital, mas não tenho você, Betina. — Ele leva as mãos ao cabelo, revelando certo desconforto. — Tenho também uma esposa, que jamais ocupou o lugar que você deixou em meu coração.

— Lucas! — Tento freá-lo antes que acabássemos os dois arrependidos. — Não demos

certo juntos e agora você é casado, eu tenho uma vida e também segui meu caminho. — Lembro-me de Hugo e meu coração dispara no peito.

— Ele não a merece, nunca a mereceu!

— É uma decisão que cabe a mim. — Levanto-me de supetão a fim de dar um basta em conversa tão imprópria. Não quero confusões com Isabela, que sabe ser barraqueira e desagradável quando quer, sem qualquer vergonha na cara.

— Se pudesse, voltava no tempo e teria feito tudo diferente. — Lucas leva uma de suas mãos até minha cintura e com a outra acaricia meu rosto, deslizando o dedo polegar em meus lábios. Sinto-me incomodada com seu carinho e só consigo pensar em Hugo, o único capaz de provocar sensações maravilhosas com um simples toque.

Afasto-me de Lucas para que entenda que não o quero e não desejo nada dele.

— Não podemos voltar no tempo e o melhor é seguirmos com nossas vidas. — Deixo claro, evitando encará-lo.

— Me dê uma chance! Deixe-me provar que posso te fazer feliz. — Ele havia enlouquecido.

Todos haviam enlouquecido.

— Já tivemos nossa chance, Lucas. Tentamos uma vez e não deu certo.

— Porque Hugo atrapalhou. — Então era isso! Lucas se sentia despeitado por ter sido passado para trás por Hugo. Mas o que eu poderia fazer se ele sempre havia sido o amor da minha vida?

— É casado agora e com minha prima! — Deixo claro para que não nutra esperanças que não se fazem apropriadas. — Eu estou com Hugo e já tenho muito com o que me ocupar com a situação do meu tio. Apenas quero que ele melhore. — Sento-me na poltrona novamente, sentindo toda a apreensão dos últimos dias, o fato de ter descoberto que Breno é meu pai.

— Posso te ajudar, Betina!

— Como? — Pergunto secando as lágrimas que caíam desesperadamente de meus olhos, sentindo-me exposta e frágil como uma garotinha, odiando-me um pouco mais por deixar que Lucas me visse tão frágil.

— Eu sei de coisas que ninguém mais sabe. — O médico se ajoelha diante de mim, secando minhas

lágrimas com um lenço que tirou de seu bolso. — A família de tua tia guarda segredos e eu posso ajudá-la a desvendá-los.

— O que sabe? – Pergunto perplexa.

— Não muito, mas o suficiente para acabar com a vida de Luiza. – Engulo em seco, atônita pela declaração do meu ex-namorado.

Ele me diria mais se não fosse Isabela a entrar como uma louca e nos surpreender em momento impróprio. Lucas estava ainda ajoelhado diante de mim, acariciando meu rosto quando a esposa adentrou no recinto como uma louca desvairada, exigindo explicações.

Se não fosse Lucas a impedi-la, teria me batido. Isabela sempre foi estourada e ciumenta. Devia amar o marido de verdade, não como um capricho, mas não sabia externar tal sentimento sem parecer mimada.

Os dois discutiram e acabei ainda mais confusa com o diálogo que mantiveram. Falavam em códigos e daria um dedo para poder entendê-los.

Deixei-os para trás para que resolvessem suas diferenças, pois já diziam que em briga de marido e

mulher não se metia a colher. Ao final, se mereciam mesmo.

Fiquei pensando nas palavras de Lucas e no quanto ele sabia acerca da história de minha família. Ele podia saber mais do que eu imaginava, ao menos me deu a entender que sabia.

Busquei por informações sobre onde ficava o consultório de André. Havia chegado a hora de conversar com ele sobre os últimos anos de nossa família. Não pretendia ainda revelar acerca de sermos irmãos, não o julgava pronto para tal revelação, embora era certo que ficaria feliz. Sempre havia me protegido como um irmão mais velho. No entanto, temia que julgasse minha mãe uma oportunista e não sei se estava preparada para isso. Eu ainda precisava compreender melhor os sentimentos dela e para isso precisava continuar lendo suas cartas.

— André, posso entrar? — Coloco a cabeça para dentro de seu consultório.

— Claro, bailarina! Esteve com o pai? — Ele pergunta e meu coração aperta no peito ao ouvir a palavra pai. Breno é também meu pai, nosso pai.

— Estive sim! – Vou para perto do meu irmão e aceito seu abraço, tão aconchegante que considero a possibilidade de contar-lhe sobre sermos irmãos. — Gostaria de lhe perguntar sobre as coisas aqui em Toledo, na família, nos últimos anos.

Ele me puxou para perto da sua mesa e nos sentamos para tomar um café. Sempre foi fácil manter uma conversa com André, uma pessoa leve e de bem com a vida. Devia ter puxado totalmente ao lado de nosso pai e não de sua mãe.

Fui brindada com um relato resumido dos principais fatos que ocorreram em nossa família durante minha ausência, em especial, do casamento apressado de Isabela com Lucas e de Luiza ter apoiado a união sem nem pestanejar.

— Isabela ficou louca por ele. Assim do nada! — André bebeu um longo gole de seu café. — Acredito que ela sempre foi loucamente apaixonada pelo Lucas, mas não admitia para não desapontar nossa mãe, que a queria casada com um Medeiros.

— Tia Luiza e a mãe de Hugo sempre desejaram um casamento entre os filhos. — Falo emburrada, lembrando-me dos olhares carrancudos

PERIGOSAS ACHERON

que a falecida me jogava.

— Escolheram a Bittencourt errada! — Meu irmão sorri como uma insinuação de que sabia de algo mais. — Hugo me contou que vocês estão morando juntos.

— Hugo é um fofoqueiro. — Reviro os olhos, sentindo-me traída em certa medida. Hugo deveria ser mais discreto, ao contrário, fez questão de anunciar nosso relacionamento como se precisasse a todo tempo se autoafirmar através de justificativas perante os outros.

— Não seja maldosa, bailarina! — André me fita em resposta. — Hugo te ama e só quer se convencer de que você o aceitou de verdade. — Volto a revirar os olhos, porque haviam coisas que nunca mudariam, dentre elas, o fato de que André e Hugo eram como unha e carne, um sempre a proteger e justificar as ações do outro.

— Mas como estava me dizendo, porque acha que o casamento de Lucas com Isabela foi estranho? — Volto ao cerne da questão.

— Foi apressado, nem chegaram a namorar direito e o mais estranho foi a mãe ter aceitado que

Isabela, sua preciosa filha, se casasse com um médico de quinta como ela o chamava. O pai também não engoliu direito a história e acabou aceitando porque sempre amou Isabela e só queria a sua felicidade. Mas por que pergunta isso? — André, sempre curioso, exige uma resposta.

— Acho que Lucas sabe de coisas de nossa família. — Tomo a decisão de lhe ser honesta. Poderia ocultar quanto ao fato de sermos irmãos, mas não poderia deixá-lo alheio ao fato de que o cunhado escondia coisas. — Acabei de estar com Lucas. Me chamou para uma conversa muito estranha, que se Hugo ficar sabendo, é capaz de ir querer tirar satisfações.

— Filho de uma puta! — André soca a mesa com força, derrubando algumas canetas ao chão. — Deu em cima de ti, não foi? — Concordo com a cabeça. — É mesmo um salafrário!

— Por favor, não comente com Hugo ou temo que algo de ruim aconteça. Eu não cedi em nenhum momento, André, mas também fiquei pensativa quanto ao fato de ele ter dito que pode me ajudar a descobrir os segredos da família. — Meu irmão volta a bater com força na mesa e desconfio de que não

foi uma boa ideia contar-lhe. — Nem devia ter lhe preocupado com esse assunto.

— Claro que devia! Eu e Hugo já desconfiamos há longa data de Lucas e isso apenas comprova que ele é um sujeito sem escrúpulos. E que minha mãe está por trás disso! — André se joga na cadeira de espaldar alto aparentando estar cansado com tantos jogos.

Todos estávamos cansados dos segredos e mentiras de nossa família. As ações de nossos pais, mesmo que involuntariamente, haviam marcado nossos destinos, nos feito o que somos e só esperava que toda a tormenta que ainda estava por vir fosse o ponto-final de uma história para dar início a uma nova narrativa, uma repleta de felicidade e coisas boas.

— Iremos descobrir tudo! — Pego na mão do meu irmão para selar uma espécie de acordo tácito. Seríamos felizes um dia, nem que precisássemos colocar Toledo abaixo ao revelar os mais sórdidos segredos da família Bittencourt.



Deixei o hospital com os pensamentos todos voltados para os Bittencourt. Luiza escondia coisas e isso não era mais uma mera sugestão, era uma possibilidade real. De nada adiantaria perguntar-lhe, pois se recusaria a revelar; e com razão, pois algo de podre ela escondia, mas o quê?

Jogo minha mochila em cima da mesa do apartamento de Hugo e vou em busca de um copo de água gelada a fim de refrescar os pensamentos.

Poderia considerar uma aproximação de Lucas e tentar descobrir algo, mas temia que ele interpretasse equivocadamente e não estava nem um pouco disponível para me envolver com ele. Estava feliz com Hugo e não queria estragar isso de jeito algum.

Tomo, então, a decisão de ler todas as cartas de mamãe, mesmo que meu coração as rejeitasse pelo sofrimento que não queria experimentar. Ali poderiam estar minhas repostas e não em Lucas. O procuraria somente em último caso e contando com o apoio de Hugo.

Minha doce menina,

A vida nem sempre é como imaginamos ou mesmo queremos, acredito que teu futuro tenha te mostrado isso. Crescer é uma viagem rumo ao desconhecido e apesar de planejarmos e sonharmos, as coisas fogem de nosso controle. Dizem os mais sábios que se pudéssemos controlar o destino, a vida perderia a graça e que não teríamos a capacidade de evoluir.

Aprendi também com os anos que julgar o outro sem estar em seu lugar é muito simples, até indolor, tão fácil quanto comer ou respirar; mas que quando nos dão a chance de viver a experiência do outro, tudo muda e passamos a encarar a vida e o outro de forma diferente, com mais empatia.

Minha vida não foi fácil, meu amor! Precisei fazer escolhas difíceis, que muitas vezes feriram outras pessoas. Não pense que fui feliz ao trair minha única irmã e também que consegui perdoá-la por completo por ter me traído.

As razões do coração são complexas demais para nos dar respostas do tipo preto no branco. São tortuosas e nos fazem amargar por anos a fio.

Amar teu pai não foi uma escolha, por mais
PERIGOSAS ACHERON

que eu desejasse que fosse. Simplesmente aconteceu. Se tivesse sido uma mera escolha, tudo teria sido mais simples e menos dolorido. Todos nós teríamos seguido com nossas vidas e vivido da melhor forma possível separados.

Quero que saiba, Betina, que não sou e nunca fui uma pessoa egoísta, que sempre me preocupei com a felicidade de Luiza ou mesmo de teus primos, que agora você sabe serem teus irmãos de sangue. Eu sempre a protegi como uma princesa, era minha irmã mais nova e a queria sempre feliz. Talvez esse tenha sido meu maior erro, mimá-la em excesso. Um amor não é como uma boneca, que pode ser cedido a outra sem maiores consequências.

E isso também foi meu maior erro, julgar que eu seria capaz de deixar meu amor para minha irmã. Não culpe apenas Breno pelas minhas amarguras, pois ele sempre esteve disponível para enfrentar tudo e todos pelo nosso amor. Não uma, nem duas ou três vezes, foram várias as vezes que exigi que ele ficasse com minha irmã e que tentasse ser feliz ao lado dela.

Paguei um preço muito alto pela soberba em

acreditar que poderíamos ser felizes separados e trouxe Luiza para dentro de nossa infelicidade. Culpei-me por seus excessos quando o desespero lhe tomou a ponto de se valer de condutas questionáveis para prender Breno em um casamento que não desejava mais.

Foi então que passei a desconhecê-la ou mesmo conhecê-la na sua essência. Luiza sempre foi ambiciosa, ativa e prepotente, manipuladora e pronta para dar o bote quando menos se esperava. Eu me deixei enganar por acreditar que éramos irmãs acima de tudo e que um dia ela pudesse compreender que eu e Breno nos amávamos.

Ela nunca compreendeu, nem se esforçou para fazê-lo. Sua revolta a tornou uma pessoa amarga, vingativa e pronta para arruinar qualquer possibilidade de felicidade que poderíamos ter. Tentou jogar nosso pai contra mim e conseguiu em diversas circunstâncias. Armou para que Breno passasse a me odiar. E quando tudo não surtiu o efeito que ela tanto ansiou, ela tentou me matar.

Não confie em tua tia, Betina. Nunca também menospreze seu coração envenenado.

De sua mãe,

PERIGOSAS NACIONAIS

Esther.

PERIGOSAS ACHERON



As cartas de minha mãe revelavam muito de sua vida, mas eram permeadas de códigos e nem sempre eram claras. O que ela queria dizer quando referiu que Luiza tentou matá-la? Vaguei entre as folhas amareladas, lendo e relendo, sempre em busca de mais informações, alguma prova que pudesse comprometer minha tia e me fizesse ter certeza de que estava envolvida de alguma forma com o acidente de carro que a havia vitimado.

O acidente de carro.

Lembro-me dele e acabo sentindo-me tão tola em não ter ligado os pontos antes. Poderia não ter

sido um acidente como todos acreditavam, não uma fatalidade como me fizeram acreditar.

Volto a guardar as cartas dentro da velha caixa e miro para o horizonte, cada vez mais impressionada com o rumo das coisas. Havia segredos e mais segredos a serem desvendados e o fato de eu ser filha de Breno não parecia nada quando comparado às artimanhas que Luiza poderia ter usado para manter seu casamento.

Os “se” se acumulavam em minha cabeça, fazendo-me sentir exausta com tudo e considerando a ideia de abandonar Toledo de vez e voltar para meu refúgio na Rússia, onde poderia continuar dançando como se nada demais houvesse acontecido.

Não sabia se estava preparada para enfrentar fantasmas que nem sequer me pertenciam. Por outro lado, não poderia dar as costas às coisas que havia descoberto tão-somente porque me sentia acovardada para enfrentar tantas dificuldades.

Minha mãe poderia ter sido assassinada e se isso fosse uma verdade, merecia encontrar a paz que lhe tiraram. Não pôde ser feliz em vida, mas merecia a paz dos mortos. Se não fosse assim, não

PERIGOSAS ACHERON

teria me deixado tantas cartas enigmáticas.

Cartas que falavam muito de sua personalidade, de seus amores e de sua vontade de ser feliz. A vida era mesmo injusta e isso acabava por me fazer sentir desprezo por tudo e todos em Toledo. Esther apenas queria ser feliz, mas as circunstâncias não a deixaram. Tudo porque uma outra mulher, que julgava lhe ser estimada, acabou por também se apaixonar pelo mesmo homem e um jogo ingrato passou a ser decidido, como se todos pudessem ser manejados como peões em um tabuleiro de xadrez.

Ouçó um barulho na porta e penso ser Hugo retornando do consultório. A porta se abre e para minha surpresa não é o médico e sim sua secretária.

— Larissa! O que faz aqui? — Pergunto curiosa com seu súbito aparecimento.

— Betina, não queria assustá-la. — Ela responde ativa, revelando certa irritação. — De toda forma, foi bom encontrá-la aqui.

— Não sabia que tinha as chaves do apartamento de Hugo. — Acabo falando alto e Larissa me olha em confusão. — Quer dizer, você é a secretária dele, mas isso não lhe dá o direito de

ter as chaves. — Evito os rodeios e a morena parece me estudar com os olhos, notando minhas coisas espalhadas pela sala. — Estamos namorando! — Dou de ombros, sentindo-me orgulhosa em dizê-lo.

— Não devia usá-lo dessa forma! — Larissa me fita em expectativa e sinto uma vontade estranha de escorraçá-la dali. Meu humor já em frangalhos pelas descobertas dos últimos dias não daria conta de se manter sóbrio para colocá-la no lugar. — Hugo não sobreviverá se o deixar de novo.

— Não pretendo deixá-lo. — Respondo sem pensar ou considerar nada além do amor que eu sentia pelo médico. — Mas o que faz aqui? — Insisto na pergunta, olhando para o molho de chaves que segurava nas mãos. Aquelas chaves teriam que vir para mim de um jeito ou de outro. Era meu namorado e a casa dele não seria invadida por qualquer uma, muito menos um de seus *affairs*.

— Pensei em fazer um jantar para nós dois. — Ela responde olhando para as sacolas que havia depositado em cima da mesa da sala de jantar. — Preciso conversar com Hugo e acertar algumas coisas.

Engulo em seco, na tentativa de me manter
PERIGOSAS ACHERON

centrada e não tirar conclusões precipitadas. Larissa não só tinha as chaves do apartamento de Hugo como pretendia cozinhar para ele e assim os dois poderiam conversar descontraidamente. Só faltava ela ter uma escova de dentes ali guardada para o meu ódio se tornar completo.

Sou tomada de intensa fúria e todas as vezes que fui enganada por Hugo no passado voltam em minha mente com força, deixando-me atônita e com vontade de sumir dali, me livrar de qualquer coisa que pudesse me fazer sentir tão mal.

Escuto uma nova batida na porta e ao me virar acabo dando de cara com um Hugo mais branco que um pedaço de pano alvejado. Estava lívido ao nos encarar juntas e se isso não era um mal presságio, não sei o que poderia ser.

— O que faz aqui, Larissa? — Ele pergunta sempre a me olhar, como se seus olhos fossem capazes de me impedir de pensar os absurdos que rondavam dentro de minha cabeça.

— Eu pensei que pudéssemos conversar. — A secretária fala como a sonsa que sempre foi e só consigo sentir raiva.

— Já conversamos tudo o que precisávamos e deixei claro que estou namorando. — Hugo vem para o meu lado, tenta me beijar, mas não aceito, não o queria tão próximo ao meu corpo, sentindo tanta raiva.

— As coisas mudaram! — A moça responde com olhar prepotente, revelando que não se retiraria sem uma boa briga. A questão é que eu não sabia se estava disposta a brigar.

— Os deixarei para que possam conversar. — Pego minha bolsa do chão e parto para o quarto em busca de minha mochila, recolhendo todos os meus pertences que encontro no caminho.

— Betina! — Hugo vem ao meu encalço, atônito com minha decisão. — Não pode me deixar assim.

— Eu te avisei, deixei muito claro que não iria admitir ser passada para trás. — Brado enfurecida com ele.

— Não tire conclusões precipitadas! — Ele pede, segurando meu braço e eu o encaro cada vez mais enfurecida comigo mesma por ter me deixado iludir mais uma vez.

— O que quer que eu pense? Ela tem a chave

de sua casa, entrou aqui para cozinhar para você e ainda insiste que precisa te contar algo sério.

— Por favor, não faz assim! – Ele implora ainda com a mão em meu braço, mas desvio de seu toque e de seu olhar, determinada a seguir com minha vida do jeito que sempre teve que ser.

— Foi bom, Hugo! Mas acabou de me provar que não daremos certo.

— Não faz isso, deixe-me explicar.

— Escute-a e depois decida o que quer de sua vida, mas me deixe fora disso. – Solto transtornada.
— Porque tenho plena certeza de que Larissa tem algo a revelar e que nos separará para sempre. – Meu sexto sentido gritava que ela tinha uma carta poderosa na manga apenas pela certeza da vitória que eu havia enxergado dentro de seus olhos.

Desci as escadas depois de recolher minhas coisas em seu quarto e parti sem olhar para trás, batendo a porta praticamente na cara de Hugo.

Algo dentro de mim dizia que Larissa o prenderia para sempre junto dela. Estava grávida e jogaria com isso para manter Hugo preso a ela. Minha mãe havia passado por isso e parecia que a

PERIGOSAS NACIONAIS

maldição atingiria mais uma geração. Amores impossíveis, fadados ao desespero eram a constância entre as mulheres Bittencourt.

Fugi de Hugo porque não suportaria escutá-lo mais, e que fosse feliz ao lado da mãe do filho dele. Não me colocaria entre ele e um filho, não queria repetir os erros dos meus pais. Sei que fui precipitada e talvez não passasse de produto de uma mente atormentada. Mas se fosse verdade, só desejava estar longe e sentia muito por não poder embarcar no primeiro avião de volta para Moscou e para minha vida de bailarina.

Andei sem rumo entre os prédios e as construções antigas de Toledo, perdida entre pensamentos e considerações de coisas que não faziam qualquer sentido em minha cabeça. Tudo girava ao meu redor, as pessoas me cumprimentavam e eu mal me dava conta do que diziam.

Queria desaparecer, nem ter nascido.

Queria ser outra pessoa, uma sem tantos problemas e traumas para lidar.

Movida pelo medo de nunca mais me encontrar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

na vida, entrei no antigo teatro da cidade e me encolhi em cima de uma poltrona em um canto escuro.

A tormenta de emoções me tomou por completo e os soluços acabavam abafados pelas mãos.

Um passado com marcas profundas, um presente estilhaçado e um futuro perdido para sempre.

Não haviam mais esperanças quando o amor voltava a ser uma promessa vazia. Havia dado mais uma chance a ele, outra vez o amor, e mesmo assim não iria se concretizar, porque haviam coisas mais fortes do que o desejo de ser feliz ao lado da pessoa amada.



Fugir não havia sido uma escolha das mais honradas, eu admito. Porém, fugi por ser incapaz de enfrentar a dor de encarar Hugo e a decisão que ele teria que fazer. Passei dias lendo as cartas de minha mãe e sufocada por toda sua dor em ter que abrir mão de um amor tão forte.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não saberia dizer de onde surgiu a ideia de que Larissa iria contar-lhe que esperava um filho, nem saberia descrever o porquê de decidir tirar meu time de campo sem nem ao menos ouvi-lo.

Estava farta de pensar sobre tudo, tentar juntar as peças da minha vida e de tanto rancor que sempre me perseguiu. Era como se eu houvesse nascido para ser a ruína de todos à minha volta, do meu pai que teve que viver em constantes brigas com a esposa para me defender, de minha mãe para poder ficar comigo, de minha tia que devia enxergar em mim a traição do marido.

Como podia lidar com tanto ressentimento sozinha? Não, eu não podia e fugir nem podia ser assim tão ruim.

Não poderiam me julgar, não quando todos sempre me apontaram o dedo e me fizeram sentir tão deslocada e imprópria.

Encostei a cabeça na poltrona do teatro e olhei para o palco em que dancei pela primeira vez. Não tinha mais do que cinco anos e minha mãe me olhava orgulhosa da plateia, ao lado de Breno. Deviam ser amantes e eu mal me dava conta disso.

PERIGOSAS ACHERON

— Por que André e Isabela não vieram? — Perguntei empolgada naquele dia tão feliz para uma menina sonhadora assim que Breno me abraçou depois da apresentação. — E tia Luiza?

— Não puderam vir, minha querida! — Minha mãe respondeu no lugar de Breno e lembro-me que me senti tão chateada por não tê-los presentes em momento tão importante para mim.

Naquela noite saímos nós três para jantar e só agora me dou conta de que agíamos como uma família. Nunca os vi se beijando ou mesmo trocando carícias, nenhuma recordação do tipo, mas sempre foram muito presentes em minha vida como um verdadeiro casal.

Eram um casal, um que não foi aceito pela sociedade, que tentou esconder o sentimento que os uniu a fim de me preservar dos julgamentos. Ah, como eu sentia por eles, pelo tempo perdido e pelo amor que não conseguiram concretizar.

Tirei mais uma carta da mochila e passei meus olhos sobre ela, sempre na tentativa de desvendar um passado que dizia muito de minha existência.

Querida Betina,

Tenho lhe falado muito sobre minha história, mas pouco do que desejo para sua.

Não deixe que minha história de amor frustrado te marque e te faça ser uma descrente no amor. Ao contrário, tenha minha história como uma força para te fazer acreditar no poder do amor. As adversidades pelas quais eu e Breno passamos apenas demonstrou a fortaleza de nosso amor.

Quando teu coração se sentir perdido ou estiver machucado, lembre que o amor é uma dádiva para poucos, que amar é para poucos.

Nós humanos temos o dom de complicar tudo, de nos deixar levar por sentimentos avarentos e acreditar que podemos nos colocar acima dos desígnios de Deus. Tomamos decisões e agimos muitas vezes movidos por sentimentos de mesquinha e com o coração tomado de ódio e despeito. Esses sentimentos não encontram espaço para brotar quando o verdadeiro amor está presente.

Amar é querer o bem da pessoa amada, mesmo

que ela não esteja ao seu lado todo tempo. Amar também é abrir mão pelo outro, deixá-lo ser feliz mesmo que com outra pessoa.

Ame, minha filha, e se deixe amar sem medo.

A felicidade pode ser para poucos e tem que ser arduamente conquistada dia após dia. Quando o amor chegar e teu coração disser que é ele, lute por esse amor de cabeça erguida, honrando o amor que sempre senti pelo teu pai.

Se o amor chegar em tua vida, ouse amar com toda tua alma e ouse lutar por esse amor, porque eu fiz isso e espero o mesmo de ti, minha filha.

*Com amor,
Esther.*

Era tão fácil para ela, pensei devolvendo a carta para dentro da mochila. Minha mãe amou meu pai com todo seu coração, deve até ter sacrificado sua vida por ele e em troca encontrou a morte e deixou uma filha sozinha no mundo.

Mesmo assim nunca deixou de acreditar no poder do amor e acabei rindo entre lágrimas.

Com amor ou sem amor eu precisava enfrentar
PERIGOSAS ACHERON

os fantasmas de nossa misteriosa família. Com Hugo ou sem Hugo eu precisava fechar um ciclo para iniciar outro e só esperava que ao final de tudo não acabasse mais quebrada do que quando havia deixado Toledo para trás da primeira vez.



Acabei voltando para a antiga mansão dos Bittencourt depois de rodar como uma perdida entre as ruas da Cidade. Desliguei o celular e evitei Hugo por dias, o evitaria até não ser mais capaz de impedi-lo de se aproximar.

Minha cabeça já estava atolada em problemas e não queria ter que lidar com Hugo e toda a confusão que sabia que iria jogar para cima de mim.

André tentou me convencer do contrário, de que devia deixá-lo se explicar, mas algo maior dentro de mim não me deixava escutá-lo. Eu havia

levantado mais uma barreira de proteção, um escudo para evitar mais dor.

Voltei a ler as cartas de minha mãe, reli algumas e também estabeleci alguns paralelos entre suas palavras sempre permeadas de poesia e tão carregadas de sentimentalismo. A cada nova leitura que fazia, um novo sentimento eu conseguia extrair de sua caligrafia e, não raras vezes, me via entre lágrimas, sentindo saudade de algo que jamais tive o privilégio de sentir o gosto.

Enquanto Esther se entregava às palavras doces para expressar todo o amor que a movia, Luiza se entregava à amargura de uma vida sem amor. Mesmo assim não conseguia me compadecer de sua triste sina.

Há quem diga que plantamos o que colhemos e Luiza, sem qualquer questionamento, colhia a solidão que havia semeado anos antes ao separar meus pais. Levava uma vida solitária, parecendo remoer um passado de glórias que só existia em sua cabeça. Uma figura insignificante que se arrastava entre os corredores de uma mansão decadente.

Apesar de sombria e ardilosa, não a temia, e aprendi a conviver com sua presença sem me

PERIGOSAS ACHERON

importar com o fato de que era perigosa.

Meu tio, ou melhor, meu pai, continuava hospitalizado em um coma profundo, embora os prognósticos fossem animadores. Eu permanecia em Toledo por ele e ainda haveria de ter a oportunidade de chamá-lo de pai. Visitava-o todos os dias e com ele conversava sobre as coisas que ainda faríamos juntos, como pai e filha.

Desejava dividir meu tempo com meu pai e disso não abriria mão, mesmo que tentassem me impedir, mesmo que eu precisasse aprender que meu futuro não era mais ao lado de Hugo. Nunca o foi e não sei em que momento cheguei a acreditar em algo do tipo.

Beijei meu pai na testa e parti do quarto em busca de mais informações sobre o acidente de minha mãe. Nos últimos dias havia me aproximado de Lucas, a contragosto, mas era o único que parecia saber de algo mais consistente.

Encontrei-o no estacionamento do hospital e partimos os dois em seu carro para um Café afastado do Centro de Toledo. Conversamos amenidades durante o trajeto e Lucas me contou, com seu riso fácil, sobre sua carreira em Toledo.

PERIGOSAS ACHERON

Sempre havíamos nos dado bem e conversar com ele foi um momento em que me permiti relaxar e esquecer os problemas.

— Falamos de mim, mas sequer me contou sobre você. — Lucas exige minha atenção, acariciando minha mão sobre a mesa. Estávamos um sentado de frente para o outro, bebericando os cafés que nos foram recém-servidos.

— Nada de especial! Vivo na Rússia como sabe, sou bailarina do Bolshoi e tenho feito da dança minha vida. — Dou de ombros, evitando seu olhar aguçado sobre meu corpo. Ele flertava comigo, ou tentava fazê-lo, e eu não era tão ingênua a ponto de não perceber os sinais que seu corpo enviava.

— Você sabe que se tornou uma personalidade na região, não sabe?! É famosa e todas as garotas desejam se tornar Betina Bittencourt um dia. — Acabo sorrindo, puxando minha mão para cima do meu colo, evitando seu toque a todo custo. Toledo é pequena e não demoraria nem meia hora para que a fofoca chegasse do outro lado da cidade. Já falavam mal de mim por ser filha de minha mãe, imagine se começasse a dar os próprios motivos!

— Está aí uma coisa que me deixa intrigada! Precisei ir embora e ser contratada por uma das maiores companhias de dança do mundo para todos reconhecerem meu talento. — Pontuo.

— As pessoas são movidas por interesses, Betina! — Ele fala com os olhos brilhantes.

— Fala por experiência própria? — Provoco-o sabendo que não devia fazê-lo. Não estava ali para exigir-lhe algo, mas simplesmente para conseguir informações.

— Com certeza, caso contrário, não teria me casado com Isabela. — O médico acaba por tocar no assunto que desejava e sinto-me tão esperta, apesar de não ter sido intencional.

— Por que se casou com minha prima? — Pergunto, encarando-o nos olhos, o que não foi uma estratégia boa, já que Lucas entende como um flerte e não um questionamento a julgar pelo brilho que cruzou sua íris e o sorriso que abriu.

— Porque jovens são tolos e ambiciosos demais para dar valor ao verdadeiro amor. — Engulo em seco. — Eu sempre te amei. Tive os melhores meses de minha vida ao teu lado e jamais esqueci

os momentos em que te tocava e podia devotar todo o amor que sempre senti.

— Lucas... — Tento interrompê-lo, pois não desejava ouvir sua confissão.

— É verdade! Você sempre foi a mulher da minha vida. — Ele exige minha atenção, colocando os cotovelos sobre a mesa e erguendo meu queixo com o dedo. — Tudo que eu falei para você anos atrás foi a mais pura verdade, foram palavras saídas diretamente do meu coração.

— Luc... — Tento respondê-lo novamente, mas acabo impedida mais uma vez. Dessa vez não por Lucas, mas por Hugo que avançava como louco para cima do colega. — Ai meu Deus! — Solto assustada, levantando-me de supetão a fim de desviar do café que acabou derramado em cima da mesa.

— Nunca mais ouse colocar as mãos em Betina, seu miserável! — Hugo brada enfurecido, e para ser sincera nunca o havia visto tão fora de controle.

— Quem é você para exigir algo? — Lucas o enfrenta, rugindo de igual para igual, e acabo

PERIGOSAS NACIONAIS

pasma com a petulância dos dois, sentindo vergonha por estar chamando a atenção de todos à nossa volta. Não eram muitas pessoas, mas o bastante para nos fazer o assunto de Toledo pelo próximo mês. E ainda haveria Isabela que ficaria no meu pé até eu não aguentar mais. — Espalhou que estavam namorando, mas engravidou a secretária. — Lucas solta com ar de deboche e acabo com as pernas grudadas, incapaz de me mexer.

Hugo me olha e acabo sentindo os olhos marejados por não ter sido capaz de impedir que a verdade me machucasse. Como o ódio por isso! E por tudo de ruim que sempre fez.

— Betina, por favor! — Dou-lhes as costas, não me importando que se matassem, desde que o fizessem longe de mim.

Hugo vem atrás de mim e quando sinto seus dedos em meu braço um torvelinho de emoções passa a dominar minhas ações.

— Não quero ouvir mais nada de você! — Brado tomada de intensa fúria. — Nunca devia ter deixado você se aproximar de mim.

— Você precisa me ouvir, inferno!

PERIGOSAS ACHERON

— Você precisa me deixar em paz. Qual a parte que você não entendeu? — Levanto o dedo em sua direção, exigindo que me soltasse e fosse atrás da mãe do filho dele, que me deixasse para trás com meus problemas de apaixonada tola. Havia sobrevivido a um coração partido uma vez, poderia muito bem dar a volta por cima mais uma vez.

Mas eu sabia que não conseguiria, não mais uma vez, não depois de tê-lo tão perto e apaixonante.

— Não vou deixar você fugir de mim de novo, imaginando coisas que não correspondem à verdade. Eu amo você, bailarina! — Hugo tenta se aproximar, mas Lucas o impede, exigindo que me soltasse e me deixasse em paz. — Soltarei sim, mas se Betina quiser, e não você. — Ele responde tomado de intensa fúria.

— Me solte e me deixe em paz, Hugo! — Encaro-o nos olhos, torcendo para que não me deixasse afetar mais do que estava. O contato de seu corpo no meu não me deixa pensar com a lógica e receio de ceder ao desejo de ir com ele. — Não temos mais nada para falar e Lucas pode me levar para casa.

— A deixarei ir por enquanto! — Hugo solta numa lufada rápida de ar. — Mas ainda não terminamos, Betina! Não pode me manter afastado por mais tempo.

Dou-lhe as costas e deixo-me ser pajeada por Lucas, sentindo o olhar cravado de Hugo em minhas costas.

Por que ele teve que engravidar outra? Por que teve que acontecer isso justo quando eu retornei e resolvi me entregar para ele, confiar em suas promessas? Por quê? Só consigo pensar nos porquês de minha miserável existência.

— Desculpe por isso! — Lucas fala e só então me dou conta dele ao meu lado.

— Eu quem devo desculpas a você! — Respondo por educação e foi um pedido sincero de desculpas. — Não é a primeira vez que apanha de Hugo por minha culpa. — Sorrio timidamente.

— Sempre vale a pena! Sei que não devia sentir tanto prazer, Betina, mas não posso controlar o sentimento de euforia toda vez que ganho dele. — Reviro os olhos, frustrada com comentário tão machista. *Homens!* — Mas sinto muito por ter que

reviver as confusões do passado.

— Parece que não aprendo nunca, não é?! — Respiro profundamente na tentativa de me acalmar. — E quanto ao assunto que nos levou até aqui. — Falo enquanto afivelo o cinto de segurança. — O que sabe que pode me ajudar a entender meu passado? — Estou cansada de ser elegante e por isso resolvo ser direta e objetiva.

— No tempo certo eu te darei as informações. — Lucas dá partida no carro e acabo me frustrando com sua resposta. — E também do quanto está disposta a me aceitar em sua vida.

Era mais um a me levar em banho-maria e, aparentemente, a querer me chantagear.

Decidi não forçar uma resposta, me sentia emocionalmente exausta e não conseguia pensar em mais nada a não ser em Hugo.



Lucas me deixou na porta de casa e partiu alegando que precisava ainda participar de uma reunião no hospital. Dei graças a Deus que as incumbências o fizeram se apressar. Minha cabeça

doía e só pensava em me jogar na cama.

Hugo.

Sempre Hugo a perturbar minha paz e agora vinha em um pacote completo, com direito a filho e mulher.

Rosane fez questão de que eu tomasse um analgésico e acabei enrolada nas cobertas, olhando para o teto branco como se ali eu pudesse encontrar a solução para todos os meus tormentos.

Pensei também em meu pai prostrado em uma cama de hospital, como se cada dia que passasse fosse apenas mais um dia em que ele nos preparasse para que aceitássemos sua partida. Será que iria se encontrar com minha mãe e lá na eternidade poderiam ser felizes? Juntos e felizes?

Tentei adormecer para esquecer a decepção que senti quando Lucas falou que Hugo seria pai, confirmando as suspeitas do meu coração. Simplesmente não consegui e acabei rolando em cima da cama, sempre a olhar para o vazio do teto.

— Betina! — Ergo a cabeça e dou de cara com aquele que não queria ver, saltando da janela.

— Que inferno, Hugo! Como conseguiu chegar

PERIGOSAS ACHERON

até aqui? – Pergunto com o queixo caído. Sempre foi um atrevido, mas acreditava que os anos haviam amenizado tal característica em sua personalidade. — Saia daqui!

— Ah, não vou sair! – Determinado a não sei o que, talvez me enlouquecer, Hugo avança para cima da cama. — Não vou embora, bailarina! Não vou embora até que você me ouça! – Engulo em seco com seu hálito quente chegando até minhas narinas.

Estávamos próximos, tão próximos que escutava as batidas do seu coração e acabei involuntariamente espalmando minhas mãos sobre seus fortes ombros, sentindo a boca dormente pelo desejo de beijá-lo.

A fraqueza do meu corpo me delatava.

E Hugo percebeu isso, sempre mais determinado a me seduzir.

Tentei afastá-lo, em vão, porque quando menos esperava senti seus lábios colados aos meus, sua língua já enrolada à minha, e demos início a uma troca de sabores. Meu corpo o queria e por mais que eu tentasse expulsá-lo de minha vida eu não era

mais capaz.

Meu Deus, o que seria de mim? Amante de um homem casado? Ou mesmo a responsável por deixar uma criança sem pai?

Deveria parar de pensar em despautérios, mas não conseguia e quanto mais ele me tocava mais medo eu sentia de não ser capaz de fazer o certo.

— Não é certo! – Falo entre gemidos, tomada de intenso furor pelas carícias que trocávamos.

— Inferno, bailarina, mil vezes inferno! – Ele mordisca meu lábio inferior. — Cinco dias fugindo de mim, se escondendo como uma gata brava e me deixando cada dia mais louco.

— Mas você será pai... – Deixo escapar quando ele mordisca o lóbulo de minha orelha. — Será pai e não de um filho meu. – Santo Deus, porque fui falar isso?!

— Você deveria ser a mãe, só você! – Ele declara com os olhos grudados nos meus e acabo encantada com a beleza de sua íris. — E também se tivesse me deixado falar, saberia que não tenho certeza de que o filho é meu. Sequer tenho certeza de que Larissa esteja mesmo grávida.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela pareceu ter certeza do que iria te falar naquela noite. — Tento empurrá-lo, pois precisava voltar a pensar direito, sem a interferência dos hormônios.

— Ela faria qualquer coisa para me afastar de você, Betina. — Hugo se deita ao meu lado. — Larissa sempre soube que você é a mulher da minha vida antes mesmo de eu ter me dado conta disso. Saía esporadicamente com ela e ela aceitava isso de boa. Nunca exigi fidelidade dela, por isso sei que ela dormia com outros. — Arregalo os olhos diante de tamanha modernidade. — Depois que saiu naquela noite como uma louca...

— Olha o respeito! — Atinjo-lhe com uma almofada.

— Deixei as coisas claras com Larissa. Se o filho for meu, o assumirei, mas somente ao filho e não a ela. Não faltará nada à criança, mas quanto a me casar com ela está fora de cogitação. Além disso, a demiti.

— Como pôde ter coragem? — Sinto o arrependimento me tomar por ter agido movida por sentimentos tão mesquinhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu consegui outra colocação para ela e que fique uma coisa clara, Betina! — Coloca-se novamente sobre o meu corpo. — Temos um passado, nenhum de nós é santo... Meu passado me condena mais do que o teu, admito. Mas nada haverá de nos separar, nem mesmo tua teimosia.

— Não sou teimosa! — Reviro os olhos e acabo recebendo uma mordida no pescoço.

— É sim, além de ciumenta e pavio curto. — Recebo cócegas e solto uma gargalhada involuntária. — Eu te amo, bailarina!

Deixei-me levar pelas carícias de Hugo, recebendo-o em meus braços porque fui incapaz de afastá-lo quando ardia de desejo. Depois talvez viria a me arrepender, mas por ser impossível refrear o que sentia, apenas aceitei a oferta de prazer que me fazia.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 19

(por Hugo)

Jamais permitiria que Betina se afastasse de mim. Jamais suportaria uma vida sem ela, quando tudo se tornava perfeito em sua presença. Demorei tanto para entender meus sentimentos por ela e quando consigo tê-la em meu braços, senti-la de verdade contra minha pele, não seria mais possível viver sem ela.

Dei à Betina o tempo necessário para pensar e reconsiderar sua decisão, por saber que de nada adiantaria pressioná-la, principalmente quando já enfrentava muitos dilemas com as últimas descobertas sobre o passado dos pais.

De nada adiantou, porque sempre se mostrou teimosa e arredia quando nossa relação era colocada em xeque. Mas a compreendia, pois meu comportamento do passado lhe davam motivos para desconfiar de minhas intenções, por mais verdadeiras que fossem.

Larissa havia sido muito desleal ao me procurar em meu apartamento sabendo que eu havia assumido um compromisso com Betina. Contei-lhe sobre isso e fez de propósito por se sentir enciumada. E desconfiava de que estivesse mentido sobre a gravidez, pois quando exigi a confirmação com um exame de sangue feito por um laboratório de minha confiança, simplesmente desconversou. E até então espero pelo bendito papel que poderá me livrar de todo o mal-entendido e me deixar mais tranquilo.

Consegui me entender novamente com Betina, mas a muralha que eu havia derrubado dias atrás voltou a ser erguida e ela se mostrava reticente em se abrir novamente para meu amor.

Eu me sentia esgotado em avançar para derrubar as barreiras que Betina erguia a fim de me manter afastado para, logo em seguida, retroceder e

me sentir impotente.

Além disso, havia Lucas que parecia determinado a reconquistá-la, mesmo estando casado com sua prima. Sempre foi um cafajeste e sua falta de caráter sempre era motivada por algo que lhe traria vantagens. Não poderia deixá-lo se aproveitar de Betina e feri-la mais do que ela poderia suportar. A história de Breno ser seu pai e de Luiza não aceitá-la por isso já era uma cruz pesada demais para ela carregar, não precisava ainda ter que lidar com um sujeito inescrupuloso como Lucas.

Se ao menos ela decidisse contar para André que os dois eram irmãos e não primos, eu poderia contar com a ajuda do meu melhor amigo para protegê-la.

— Boa noite! — Cumprimento Betina quando a vejo se aproximar do meu carro. A havia convidado para jantar em um restaurante que ficava em uma cidade próxima para que pudéssemos conversar sem interrupções. Ela se aproxima sem jeito e acabo pegando-a pela cintura e a puxando para um beijo. — Está linda! — Sussurro em seu ouvido, totalmente vidrado por sua beleza.

Entramos no carro e a atmosfera parecia ainda pesada. Betina sempre foi teimosa e sei que preciso de muita paciência para fazê-la confiar novamente em mim, ainda mais com a história da gravidez de Larissa pairando sobre nossas cabeças.

— Não pode deixar que Larissa nos separe! — Arrisco o comentário e dou partida no carro. Precisava quebrar o silêncio opressor nem que fosse para brigarmos.

— Tenho medo de repetir os erros dos meus pais. — Betina se volta com os olhos cheios de lágrimas e meu coração aperta no peito por ser incapaz de curar todas suas feridas. — Não quero separar um pai de seu filho.

— Bailarina! — Pego em sua mão e a beijo com ternura, querendo que ela entendesse que nada poderia me separar dela, que um filho sim era importante, mas que vivíamos outros tempos. — Eu e você não somos como Breno e Esther, muito menos Larissa vem a ser uma Luiza.

— Ela ama você, Hugo! Desconfio de que sempre amou. — Pontua com razão e não posso fazer nada a respeito disso, apenas prometer-lhe que as coisas serão diferentes.

— Mas eu amo você, só você! — Volto a beijar sua mão, como um conforto para minha alma. Os dias que passamos separados foi uma angústia sem fim. Nem sei como suportei viver anos sem ela. — Larissa pode não estar grávida. — Comento novamente sobre minhas desconfianças.

— E se estiver? — Ela pergunta.

— Assumirei a criança depois de ter certeza que o filho é meu. Darei tudo o que ele precisa, financeiramente e emocionalmente. Lutarei por ele na justiça se for necessário, mas não me casarei com Larissa. Entenda uma coisa, bailarina! Mesmo que eu e você não estivéssemos juntos, mesmo que você ainda estivesse morando na Rússia, não me casaria com Larissa porque ela espera um filho meu. — Betina me olha e vejo alívio dentro de seus olhos. — A sua história é contada por você e não pelo que os outros fizeram ou deixaram de fazer. Os acertos e desacertos são deles e você pode escrever sua própria história.

— Eu sei! — Ela suspira, voltando a olhar para a estrada, perdida entre pensamentos.

Havia uma certeza que me perseguia desde que eu a havia reencontrado: eu precisava com todas as

PERIGOSAS ACHERON

minhas forças protegê-la de toda a dor que a revelação de sua história lhe trouxesse. Sei que os últimos dias têm sido difíceis para ela e as cartas que sua mãe lhe deixou apenas tornaram tudo mais tormentoso.

Viajamos em silêncio, mas isso não me perturbava mais. Betina estava ao meu lado e era como se nada de ruim pudesse lhe acontecer comigo junto dela.

Sei que nem sempre consigo poupá-la das dores e que muitas vezes eu fui o causador de seu sofrimento. Porém, estar ao lado de Betina me acalma e me dá a certeza de que ela é a mulher da minha vida.

Entramos no modesto restaurante e nos permitimos esquecer os problemas por algumas horas, conversamos amenidades, contei-lhe sobre meus pacientes e ela sorriu lindamente.

— Hugo! — Exige minha atenção enquanto eu a aninhava em meus braços. — Aceitei me encontrar com Lucas porque ele sabe coisas sobre minha tia. — Tento me controlar, mas sou tomado pela raiva. Eu sempre soube que o infeliz havia se utilizado de alguma artimanha para ludibriá-la. — Não queria

PERIGOSAS ACHERON

me vingar ou algo do tipo.

— Eu sei, meu amor! — Beijo o topo de sua cabeça, exalando seu delicioso perfume, sentindo a raiva me deixar. — Por favor, não volte a se encontrar com Lucas, sem me avisar. Temo pela sua segurança.

— Ele não seria capaz de me fazer mal. — Ela declara segura. Mas eu não confiava o bastante no médico para deixá-la à mercê dele.

— De toda forma, não confio nele e não a quero perto dele. — Encerro a conversa com um beijo. Betina se entrega ao beijo com vontade, correspondendo cada carícia que deixo em sua pele. Queria marcá-la para sempre, ser importante para ela, assim como ela me era indispensável.

— Por que tantos problemas nos cercam? — Pergunta ainda com os lábios grudados aos meus.

— Não sei o porquê! Parece que sempre foi assim com a gente, desde quando éramos adolescentes. Medos e angústias nos cercam e tentam nos afastar. — Em outros tempos o medo era nosso em assumir os sentimentos que um sentia pelo outro e depois que amadurecemos e

percebemos que nos amávamos, são os problemas dos outros a nos envolver e nos engolfar para dentro de um universo paralelo em que sentimentos contraditórios e repletos de rancor nos massacram, colocando à prova nossos próprios sentimentos.

Betina está confusa pelas descobertas que fez quanto ao passado dos pais, quanto a sua própria história. Para uma menina que só desejou fazer parte de uma família, de ter uma história para contar, a descoberta de que foi criada pelo pai acreditando que era apenas um tio mexeu muito com seu emocional.

Apesar de tudo eu via força em seu olhar e determinação para recuperar o que lhe foi negado. Betina merecia abraçar seu pai e com ele colocar as coisas em pratos limpos. No entanto, Breno ainda está em coma profundo e talvez de nada adiantaria ela saber a verdade quando não poderia abraçá-lo como filha.

Era muita injustiça o destino lhe dar a chance de saber da existência de um pai que sempre esteve ao seu lado para, logo em seguida, lhe tirar a oportunidade de conviver com ele.

— Estou tão confusa! — Ela confessa,
PERIGOSAS ACHERON

aconchegando a cabeça em meu ombro. Havíamos nos desgrudado a fim de não assustar os clientes que acabavam de entrar no restaurante.

— Eu também estaria em seu lugar. — Afago seus cabelos, decidindo que precisávamos de mais destes momentos. Sair apenas nós dois para namorar e curtir a presença um do outro.

Fazer amor com Betina era como voar entre as nuvens, realizador e ao mesmo tempo uma tentação, mas poder escutá-la, deixá-la segura para que confessasse os temores de sua alma também se mostrou maravilhoso e, sim, eu pretendia repetir isso várias vezes. Só assim poderíamos aprofundar nossa relação e sermos um casal de verdade, unidos para enfrentar todas as adversidades que ainda viriam.



Alguns dias depois e mais tranquilo por Betina ter compreendido minhas intenções com ela e com o possível bebê, abro minha caixa de e-mail na expectativa de ter recebido o exame de gravidez de Larissa. A levei até uma clínica de confiança e ainda fiz questão de que uma amostra extra de seu

sangue fosse analisada sem ela saber. Larissa vinha sendo minha secretária por anos e sabia muito bem com quem entrar em contato para tentar burlar um falso exame de gravidez.

Abro o arquivo anexado ao e-mail e um alívio me toma quando leio a palavra “negativo” em letras garrafais. Não foi fácil convencê-la a ir comigo no laboratório e isso apenas me deixou ainda mais desconfiado.

Chamo Larissa para meu consultório e quando ela entra, custo para me manter centrado. Minha vontade é lhe mostrar o exame e jogar na cara a mentirada que havia inventado somente para atrapalhar meu namoro com Betina.

— Me chamou porque recebeu o resultado do exame? — Larissa pergunta e confirmo com um leve balançar de cabeça. Ela senta em uma das cadeiras à minha frente, entregando-me um papel dobrado, que presumo ser o resultado.

Desdobro o papel e se não estivesse sentado, poderia ter caído duro com o que acabava de ler: ela estava grávida e não sei como poderia ter conseguido um exame diferente do meu. Jogo o papel em cima da mesa, virando o monitor do

PERIGOSAS ACHERON

computador em sua direção, de modo que ela pudesse enxergar o resultado negativo que eu havia recebido.

— Como pode o seu exame ter dado positivo?
— Questiono-a.

— Não entendo! — Ela solta com as bochechas tomadas de um intenso vermelho.

— Devo explicar para você, assim não ficará qualquer dúvida! Teu exame é falso. Sei que você conhece pessoas no laboratório e conversei diretamente com o dono para que uma amostra de seu sangue fosse reservada e examinada à parte.

— Você não tinha esse direito! — Larissa levanta o timbre de voz, ainda se julgando ofendida.

— Tinha sim! E aconselho que baixe o tom de voz comigo ou serei obrigado a tomar providências. Além disso, insistir na ideia de que está grávida é um grande erro que só me fará obrigá-la a refazer o exame.

— Não pode me obrigar! — Diz com a cara emburrada.

— Judicialmente eu posso! E ficará ainda mais
PERIGOSAS ACHERON

vergonhoso para você. Estou dando a você a possibilidade de acabar com tudo sem passar vergonha. Toledo é uma cidade pequena e todos falarão... Eu farei questão de espalhar a verdade. — Encaro-a para que não lhe reste dúvidas de que estou falando sério. — Não esperava de você uma atitude tão mesquinha. Sempre soube que não a amo, que nunca quis me casar com você, e mesmo assim inventou uma gravidez para me obrigar a me casar.

— Eu sempre amei você! — Ela seca uma lágrima com a palma da mão. Poderia sentir pena de Larissa, mas não consigo, não quando havia colocado em risco minha relação com Betina. — Eu sempre estive ao seu lado enquanto ela se refestelava na Rússia.

— Não fale assim de Betina! Ela sempre se mostrou mais digna do que você e jamais inventaria uma mentira do tipo para prender um homem. — Eu tinha absoluta certeza disso e colocava minha mão no fogo. — Quem lhe deu o dinheiro para pagar pelo exame falso? — Ela arregala os olhos. — É melhor contar ou nem sei o que serei capaz de fazer para descobrir. — Bato na mesa, assustando-a.

— Foi o Doutor Lucas! — Fecho as mãos em punho na tentativa de controlar a vontade de sair em busca do desgraçado. Eu sabia que Larissa não seria capaz de tanto sozinha, sempre foi muito tola para isso. Incentivo-a para que continuasse a contar. — Ele me procurou num final de tarde, você havia acabado de sair com Betina e eu estava com muita raiva de ter sido trocada pela bailarina desengonçada. — Precisei reunir mais forças para me controlar ou seria capaz de pegar a mulher pelo pescoço, e tudo porque havia usado o apelido depreciativo que todos chamavam Betina na adolescência. — Ele sabia de nossa relação e me fez acreditar que eu podia mentir sobre a gravidez e assim você ficaria tocado e se casaria comigo, dispensando-a. — Solto uma gargalhada e Larissa enche os olhos de lágrimas. Mas não sinto pena. — Fui uma burra mesmo. Você jamais deixaria Betina por mim. Ela sempre foi a dona de seu coração e nem sei como vou fazer para consertar o estrago.

— Talvez pedindo desculpas para ela. — Sugiro de forma sincera.

— Não tenho cara para isso! — Ela responde trocando de cor novamente. Era nítida sua

vergonha.

— Pois deveria ter, afinal, para mentir sobre uma coisa tão importante teve coragem e não sentiu qualquer constrangimento.

— Não esperava ser pega! — Confessa e acabo tendo vontade de enxotá-la de dentro de meu consultório para sempre, mas preciso descobrir mais sobre Lucas.

— Por que Lucas queria Betina longe de mim? — Pergunto.

— Não sei ao certo, não entramos nesses detalhes. Mas eu acredito que ele esteja interessado nela. Ele sempre se referia à Betina com carinho. — Ela olha para um quadro atrás de mim, um que eu havia mandado pintar uma bailarina esguia e delicada como Betina. — Não sei o que os homens enxergam nela. — Solta frustrada e decido dispensá-la sem mais questionamentos.

— Está dispensada, Larissa, e não precisa mais cumprir com o aviso prévio. Procure meu contador e resolva tudo com ele.

— E quanto à oferta de emprego com seu amigo? — Ainda tem coragem de me cobrar ajuda.

— Não moverei um dedo para que consiga uma nova colocação! Agiu de má-fé e não pretendo deixar um amigo meu em maus lençóis. Perdeu minha confiança para sempre e nunca mais volte a se aproximar de mim ou de Betina. — Fui duro e não me deixei compadecer por suas lágrimas. Larissa, por mais que houvesse agido influenciada por Lucas, deveria ter pesado as consequências de sua decisão.

Assim que Larissa bate a porta o alívio me invade ainda mais. Eu estava livre para viver meu amor por Betina, para conquistar a mulher que eu mais amava, e um grande e conflituoso obstáculo havia sido removido.

Não via a hora de poder contar à Betina. Talvez sabendo que tudo não havia passado de uma sórdida armação ela aceitasse morar em meu apartamento. Só assim eu conseguiria ficar mais tranquilo. Havia, inclusive, cogitado a ideia de voltar a viver na casa do meu pai só para poder vigiá-la de perto, por não confiar em Luiza.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 20

Hugo estava afoito para me encontrar e contar algo importante. Enviou-me uma mensagem e pediu que o esperasse no Condomínio que ele viria me buscar. Havíamos nos entendido, mas eu ainda estava reticente em voltar a me relacionar com ele. A notícia da gravidez de Larissa mexia com meus brios e com sentimentos que eu nem sabia que poderiam existir.

Minha vida nunca foi fácil e conviver com a rejeição desde pequena me tornou uma mulher diferente, muito desconfiada e sempre com um pé atrás. Por mais que eu acreditasse ter deixado meu

passado em Toledo quando embarquei para a Rússia, ele nunca havia me deixado e as marcas do que outros haviam decidido e feito sem considerar o estrago que poderiam fazer na minha vida me acompanhariam por um bom tempo.

Meu tio era meu pai e minha mãe e ele haviam sido apaixonados, loucamente apaixonados a ponto de viver esse amor sem se importar comigo ou com meus primos, que sempre fomos marionetes nas mãos deles.

Não me sinto bem em julgar minha mãe e nem tenho esse direito, mas também sinto-me traída quando penso que me foi tirada a chance de chamar Breno por pai e que precisei me contentar em tê-lo por tio. Não consigo entendê-lo também, o porquê de não assumir a paternidade e não me deixar amá-lo como filha. Eu sempre o tive por um pai e meu amor sempre foi de filha, mas me foi tirada a oportunidade de chamá-lo de pai e isso acabava por me despertar nada mais do que ódio por Luiza, que sempre se julgou estar acima de todos, até do amor que Breno e Esther sentiam um pelo outro.

Sim, eu a odiava e isso só me fazia mal. Não conseguia impedir tal sentimento dentro de mim e

toda vez que cruzava com ela na mansão sentia vontade de contar-lhe tudo o que eu havia descoberto.

Não podia fazer isso sem comprometer a chance de descobrir seus outros segredos. Era certo que ela escondia mais e eu precisava descobrir, só assim a alma de minha mãe poderia descansar em paz.

Olhei em direção ao portão principal do condomínio na esperança de que Hugo não demorasse mais. Fiquei de esperá-lo na frente de nossas casas para que ele pudesse contar o que tanto desejava. O chão daquela rua tinha muito a contar sobre nossas vidas, as árvores também poderiam sussurrar muitos segredos que haviam sido presenciados por elas. Eram décadas de vidas e emoções escondidas por trás de construções quase carcomidas pelo tempo.

Os ciclos da vida se renovavam e nisso residia a beleza do universo. Alguns partiam para dar lugar para novas histórias e as memórias se perpetuariam com os que ficavam, um atrás do outro.

Decido abandonar as conjeturas existenciais e me focar no presente, que já não era uma tarefa

PERIGOSAS ACHERON

fácil quando se amava um homem com um passado devasso como o de Hugo. Sempre a imaginar quantas mais o procurariam para alegar a existência de um filho dele. E como eu reagiria a isso toda vez?

Nem sei ainda o porquê procuro me torturar. Sei que ele jurava seu amor e que me prometia também que nada nos separaria. Mas como acreditar se a vida sempre me reservou desilusão?

— Betina! — Estava tão perdida em meus pensamentos que não percebi a chegada de Hugo. — Tenho algo para contar!

— Eu sei! — Abro um sorriso por vê-lo tão empolgado e sem a apreensão que lhe tomava a face quando me via. O pobre vem sofrido muito desde que Larissa lhe contou sobre a gravidez. — Mas precisa me falar o que é.

— Larissa não está grávida! Nunca esteve esperando um filho meu. — Ele solta, correndo em minha direção, abraçando-me com força e rodopiando comigo em seus braços.

— Tem certeza? — Pergunto por perguntar, pois sabia que Hugo não mentiria quando algo tão

importante estava em jogo.

— Absoluta certeza, meu amor! — Ele aconchega a cabeça no meu ombro logo após me colocar de volta ao chão. — Eu precisava contar para você que eu nunca menti! — Encosta sua testa na minha, envolvendo meu rosto com suas mãos, o que me faz sentir remorso por não ter confiado em suas palavras. — Você acredita agora em mim e no amor que sinto por você?

— Perdão! — Eu precisava me desculpar com ele e ainda dizer o quanto sentia por tudo que havia acontecido. — Desculpe por ter sido tão infantil!

— Eu entendo você! — Diz com os olhos sempre grudados nos meus. — Preciso fazer por merecer sua confiança.

— Quero confiar em você, quero muito, mas acabo sempre enfiando os pés pelas mãos. — Ele me interrompe com um beijo.

— Não! Você é perfeita e a única coisa que peço é que não me afaste mais. Promete? — Ele insiste e eu respondo com um leve movimento de cabeça.

— Eu amo você! Mas tenho tanto medo de

viver esse amor. – Confesso, pois precisava abrir meu coração para ele. — Não quero mais sofrer e não quero fazer mais ninguém sofrer.

Hugo me acolhe nos braços, escutando as dores da minha alma com carinho e compreensão, sabendo que ainda haveriam muitas amarguras a tentar nos separar e que nossa trajetória em busca da felicidade seria árdua e nos testaria cada vez mais.

— Venha morar comigo! – Ele pede, mas não me sinto pronta para essa mudança. Havia tentado uma vez e tudo havia dado errado.

— Não acho sensato! Vamos devagar, sem pular as etapas. – Ele enruga a testa e solta um suspiro pesado, demonstrando toda a preocupação que lhe tomava por eu não aceitar seu convite. — Mas aceito ser sua namorada se ainda me quiser. — Hugo volta-se novamente para mim e meu coração se aquece com seu sorriso.

— Claro que sim! Aliás, nunca deixou de ser! – Sou agraciada com mais um de seus sorrisos de incendiar calcinhas e retribuo dando-lhe um beijo. Hugo desprende-se dos meus braços e parte para trás do carro.

— O que vai fazer? – Pergunto curiosa.

— Levar minhas coisas para dentro da casa do meu pai. – Ele responde ainda com o sorriso grudado nos lábios, um daqueles que sempre revelavam que iria aprontar alguma coisa. — Meu pai precisa de companhia e tomei a decisão de passar uma temporada com ele, ao menos até que minha namorada resolva se mudar para minha casa. — Ganho um beijo. — Me dê uma mão com as sacolas, meu amor!

Pego uma das valises e o acompanho para dentro daquela que foi sua casa um dia. Muitas coisas ali haviam mudado, como a cor das paredes, agora mais claras, e os móveis também haviam sido substituídos. Mas os quadros que um dia foram pintados pela mãe de Hugo continuavam expostos nas paredes a nos lembrar a beleza da natureza.

— Decidiu se mudar para casa do teu pai apenas para ficar perto de mim? – Pergunto para aplacar a curiosidade.

— Temo que Luiza faça algo contra você e preciso estar próximo. – Responde com os olhos brilhantes, e imagino que pensasse coisas, como escalar árvores durante as madrugadas. — Não vai

PERIGOSAS ACHERON

se ver livre de mim tão fácil.

— Nem quero! — Digo com o coração transbordando de alegria por tê-lo tão perto.

— Vamos até meu quarto. Lembra dele? — Ele pergunta feliz como uma criança travessa.

Chegamos ao que um dia fora seu quarto e ali as coisas continuavam as mesmas. Os carrinhos de sua coleção estavam expostos em sua velha estante de mogno como a relíquia que sei que lhe significaram. Largo a valise no chão e perco-me nas lembranças dos dias em que sonhava em ser convidada para estar ali dentro. Estive uma ou duas vezes, sempre na companhia de André e nunca porque Hugo havia me convidado.

Foram as oportunidades de ouro que tive e tentei aproveitar os momentos da melhor forma, olhando com cuidado para tudo, absorvendo cada detalhe de sua vida. Dizem que os quartos são como nossas extensões e eu queria entender Hugo mais do que ninguém.

— O que foi, bailarina? — Ele pergunta confuso com minha reação.

— Sempre quis estar aqui sozinha com você. —

Confesso, tomada de uma coragem que poderia me abandonar de uma hora para outra. — Você consegue entender isso?

— As duas vezes que André te trouxe para cá foi como um sonho realizado. — Surpreendo-me com sua resposta e deixo-me levar ainda mais pela nostalgia que me tomava por completo. — Eu já gostava de você, mas era imaturo para compreender que você era a mulher da minha vida.

Olho para cima de sua escrivaninha e acabo levando as mãos ao coração na tentativa de conter o choque que sinto ao ver meu par de sapatilhas dentro de uma espécie de caixa de vidro.

— São minhas sapatilhas da sorte? — Pergunto confusa, sentindo os olhos marejados e completamente tomada por sentimentos contraditórios.

— São sim! — Ele confirma minhas suspeitas. — Eu precisava tê-las porque eu sabia que lhe eram importantes, por isso as peguei um dia antes de você embarcar com seu tio para a Capital e de lá ir embora para sempre.

— Poderia ter me pedido. Eu as teria dado para

você.

— Mas eram suas sapatilhas da sorte. — Diz envergonhado, revelando grande preocupação. Mas não iria começar mais uma briga em razão de um par de sapatilhas gastas e velhas.

— Que poderiam ter ficado com meu amor, se tivesse me pedido. — Sorrio e ele relaxa. — Eu teria dado mais do que um par de sapatilhas. Bastava você pedir! Na noite anterior à partida eu sonhei que você invadia meu quarto e se declarava para mim, assim eu não precisava mais ir embora. — Deixo uma lágrima escorrer pela saudade daquilo que não havia vivido.

— Como fui um asno! — Ele me abraça por trás e acabo aconchegando minha cabeça em seu peito. — Poderia ter evitado tanta coisa e nós dois poderíamos ter aproveitado melhor nosso tempo.

— Não o culpo! — Precisava continuar a lhe dizer o que meu coração queria colocar para fora. — Talvez a distância nos ajudou a compreender nossos sentimentos. Encare nossa separação como um período de preparação para o que estamos vivendo hoje.

— Me perdoa por ter roubado as sapatilhas da sorte?! – Recebo um beijo na bochecha.

— Só se me devolvê-las! – Provoco-o, mas desconfio de que não haverá possibilidade de acordo a julgar pelo sorriso que se abre em seu rosto.

— Só quando aceitar meu pedido de casamento. – Arregalo os olhos porque não esperava por uma resposta do tipo. — Não se empolgue! Pois nós dois sabemos que ainda não está preparada para me dar uma resposta.

— O “sim” você quer dizer! – Acabo rindo novamente e me dando conta de que o riso sempre me vinha fácil na presença dele.

— O “não” está fora de cogitação. – Hugo me vira para que eu fique de frente para ele, e com uma carícia suave ergue meu rosto de modo a alcançar meus lábios. Deixo-me levar pelo poder da sedução e correspondo seu beijo com vontade.

A vida podia não ser fácil na maior parte do tempo, mas os momentos que compartilhávamos eram repletos de verdade. Eu o amava de corpo e alma, acima disso, desconfio. Hugo era minha alma

gêmea, o homem que estava destinado a curar as feridas de meu coração e me dar motivos para acreditar no amanhã.

— Amo você e o “não” não será dito. Apenas me dê tempo para resolver a bagunça da minha vida e darei o “sim” que tanto deseja. — Hugo entende meu pedido e volta a me beijar com paixão.



Eu e Hugo namoramos em seu quarto e, como um casal de adolescentes, trocamos confidências que aqueceram ainda mais meu coração.

Quanto mais eu convivía com ele, mais se revelava para mim, mais o admirava e o compreendia, e assim conseguia entender sua cabeça. Ele dizia me amar desde sempre e eu poderia aceitar que ele me amou, embora suas atitudes sempre houvessem demonstrado o contrário. Porém, de que adiantava remoer um passado que não havia se concretizado? Ficar agarrado em lembranças que não tinham mais importância para o presente?

De fato, o que nos importava era o hoje e o

amor que sentíamos um pelo outro. Os traumas deveriam ser resolvidos sim, mas não quando nossa vida juntos poderia ser comprometida.

Deixamos a cama quando seu pai bateu na porta nos convidando para jantar e senti o sangue gelar quando imaginei ter que encarar o velho Medeiros outra vez. Sempre me intimidou e a sensação de que voltaria a me amedrontar invadiu meu ser sem piedade.

Fui bem recebida e Hugo fez questão de me apresentar como sua namorada. A reação do seu pai foi estranha e não passou de um sorriso afetuoso, sem resquícios de empolgação, muito menos de rejeição. Eu diria que um certo alívio cruzou as profundezas das íris esverdeadas do Medeiros, a mesma cor dos olhos do filho.

— Como está o Doutor Breno? — Pergunta sério e compenetrado, avaliando seu prato com esmero.

— Seu estado continua o mesmo. — Hugo responde e eu apenas acompanho com os olhos a conversa que se desenrola entre os dois.

— E, você, Betina? Quando pretende retornar à Rússia? — Ele havia feito a pergunta de propósito

apenas para desestabilizar o filho e acabo me remexendo na cadeira em busca do autocontrole.

— Não sei se retornarei! — Respondo com sinceridade e sempre em busca do olhar de Hugo. Queria que ele compreendesse que nosso namoro era importante e que jamais tomaria uma decisão como essa sem consultá-lo, por mais que minha carreira estivesse em jogo. — Enviei uma mensagem ao Bolshoi solicitando minha dispensa pelos próximos seis meses. Além do meu tio estar em coma, eu e Hugo estamos namorando e quero estar mais tempo com ele. — Hugo desliza sua mão sobre minha coxa, um sinal de que estava feliz com minha decisão.

— Espero que os dois saibam o que estão fazendo, porque não quero problemas com sua família, Betina. — O velho Medeiros fala altivo, levando a taça de vinho à boca.

— E no que a família de Betina poderia nos trazer complicações? — Hugo resolve perguntar ao pai o que estava na ponta da minha língua, abreviando o processo e também me fazendo um grande favor.

— Já tentou uma vez com Isabela e o resultado

PERIGOSAS ACHERON

foi trágico. — O pai de Hugo responde com o olhar perdido dentro da taça de vinho.

— Do que ele fala? — Pergunto baixinho ao meu namorado.

— Das loucuras de sua tia. — Ele responde e Medeiros nos fita curioso.

— Não quero atizar a raiva de Luiza. — Comenta e acabo ficando mais confusa.

— O que minha tia poderia fazer? — Tomo a decisão de perguntar e saber mais.

— Tudo, minha cara! — O mais velho dos Medeiros responde. — Tudo e mais um pouco. Usar pessoas é sua especialidade, inclusive.

— O senhor conhece minha tia e conheceu minha mãe também. — Afirmo puxando lembranças da memória. — Foram amigos se não me engano.

— Sim, conheci as duas e sinto muito por Esther ter nos deixado tão jovem e cheia de vida. Ela não merecia o destino que teve.

— Do que o senhor fala? — A ansiedade cresce dentro do meu peito e um nó se forma dentro do meu estômago. — Se o senhor sabe de algo, por

favor, me conte! – Imploro.

— Não sei muito! E o pouco que sei não a ajudará a encontrar teu pai. Mas devo aconselhá-la a não se colocar no caminho de Luiza ou as coisas poderão se complicar. Sua tia, minha cara, é o tipo de pessoa que devemos manter afastadas de tão nocivas que são.

O velho Medeiros pediu para o filho ir buscar mais uma garrafa de vinho e se voltou novamente para mim quando Hugo estava distante o suficiente para não nos ouvir.

— O que o senhor sabe sobre minha tia que a torna tão perigosa? – Pergunto.

— Sei quem é seu pai, Betina! Provavelmente você já deva ter descoberto a verdade sobre seu nascimento. – Confirmo com a cabeça. — Não deixe que Luiza saiba que você descobriu a verdade. Não sei mais do que isso. O resto não passam de desconfianças de um velho de mente fértil. Mas tenho um conselho para te dar: a verdade que você descobriu é apenas uma delas, porque Luiza guarda mais segredos e quando eles virem à tona, desconfio que os respingos de tudo chegarão até mim.

Algo passa pela minha cabeça, mas me falta coragem para falar.

— O senhor e ela... Bem... — Como posso não ser capaz de ser direta e objetiva?

— Fomos namorados ou amantes ou sei lá como posso chamar nosso envolvimento. Luiza me usou para seus jogos. Peço que guarde segredo e não comente o que falei com meu filho. Hugo não precisa saber que o pai traiu a mãe. Não quero manchar a memória de minha falecida esposa. — Sinto sua mão sobre a minha. — Por favor!

— Hugo merece saber a verdade. — Imploro que não me faça nenhuma chantagem. Estava farta delas.

— Também não merece se envolver com meus erros. Posso ajudá-la, Betina, desde que deixe Hugo fora disso.

— O senhor me pede muito! Acabei de fazer as pazes com ele, me comprometi a confiar nele e o senhor pede uma coisa assim em troca de suspeitas que nem sei se me serão úteis. O senhor me desculpe, mas prefiro não saber e preservar meu namoro. Estou farta de ver minha felicidade

escorrer entre meus dedos, escapar das minhas mãos pelos erros de outros. Eu e Hugo não merecemos isso! — Falo com lágrimas nos olhos. — Se o senhor quiser nos revelar algo será a nós dois. Se não quiser, respeitarei sua decisão e não comentarei com Hugo sobre nossa conversa.

— É leal como sua mãe! — Acaricia minha mão. — Sempre lamentei por ter me envolvido com a irmã errada. — Levantou-se e deixou-me sozinha na mesa, sem nem ao menos aguardar o retorno do filho.

Porém, o pai de Hugo havia me deixado uma pista para seguir. Era certo que ele havia mantido um caso com Luiza e as pontas antes soltas poderiam começar a se juntar.



— Onde está meu pai? – Hugo pergunta, estranhando o sumiço repentino do pai.

— Se recolheu mais cedo. Algo como dor de cabeça. – Dou de ombros, puxando meus cabelos para trás e os recolhendo em um coque. Não estava disposta a falar sobre a conversa estranha que havia mantido com seu pai, um homem que sempre me intimidou.

— Ele foi grosseiro? – Insiste, talvez porque sempre fui péssima em disfarçar os sentimentos.

— Não foi!

— Tem certeza? — Concorde com a cabeça.

— Ele foi até simpático. — Sorrio de canto, tentando ser persuasiva. — Ao menos foi mais discreto que a maioria das pessoas

— Oh Betina, sinto muito! — Hugo senta ao meu lado e desliza suas mãos sobre minhas costas. — Sempre foi difícil, não foi?

Ah, como havia sido difícil! Sempre havia alguém a jogar na minha cara o passado de minha mãe, que sempre me foi desconhecido. Eu não entendia as insinuações porque não fazia ideia do relacionamento dela com o cunhado, que aparentemente toda Toledo conhecia; menos eu, o fruto do pecado.

— Mas parece que agora não machuca tanto quanto no passado. — Olho para meu amor e seco uma lágrima teimosa que escorria. — Antes as pessoas falavam, insinuavam coisas de que eu não fazia a menor ideia.

— Como me culpo por não ter estado lá para você.

— Você também não sabia e junto com André me defendiam do jeito que podiam. — Falo na

tentativa de me convencer de que haviam coisas de que não podiam ter sido de outra maneira.

— Mas devíamos ter feito mais, bailarina. — Seu dedo polegar traça círculos em minha bochecha e quando menos espero, acabo com as pernas envoltas em sua cintura, sendo levada para o andar de cima como num passe de mágica. — Não posso voltar atrás para mudar o passado, mas posso te fazer feliz neste momento... Agora mesmo.

Deixo-me beijar por ele, sentindo o gosto do pecado que transborda de cada pedaço de seu ser, sentindo a luxúria me consumir e me fazer arder por ele.

Ah, como eu queria me fundir no corpo de Hugo! Só conseguia pensar que ele me faria sua, me amaria e me enlouqueceria em cima de sua cama de adolescente, o lugar que sempre sonhei estar me transporta para um mundo mágico, onde eu era a menina mais realizada do mundo.

Quando cruzamos a porta daquele quarto de garoto travesso, repleto de recordações de um passado que desejei ter dividido com ele, depositada em cima de sua colcha xadrez, as batidas do meu coração aceleram e meu corpo se

abre para ele.

— Eu amo você! — Digo num sussurro baixo, quase imperceptível aos ouvidos de um ser humano comum, mas Hugo, o meu amor, me ouve e atende ao chamado do meu coração.

— Sempre quis você em cima desta cama. — Seus olhos ardem de desejo, eu sei que ardem por mim, o que me faz abrir os braços em busca dele, para recebê-lo. — Demorou tanto, Betina, ah como demorou para meu sonho se tornar realidade.

— Sou real! — Falo.

— Tão real que meus olhos custam a acreditar.

— Toque-me então e tire a prova. — Provoco-o e seus olhos claros se tornam indecentes, incandescentes ao revelarem que ele me quer de todas as formas possíveis e, sim, eu estou disposta a dar tudo e um pouco mais.

Livro-me do vestido, revelando-me para ele apenas de lingerie, provocando-lhe ainda mais. Ele repete meu gesto, jogando suas roupas para longe, afastando-se para perto de seu aparelho de som tão antigo que poderia muito bem não funcionar mais.

Mas funciona e uma das músicas de *Backstreet*
PERIGOSAS ACHERON

Boys toca e nos faz viajar no tempo ainda mais. A imagem dele de costas para mim faz minha boca salivar, meu corpo arrepiar e um torvelinho de sensações domina cada parte de mim, me fazendo acreditar que viagens no tempo poderiam ser possíveis quando se está na companhia da pessoa certa, aquela que o seu coração elegeu desde sempre.

— Me disse que não podia voltar no tempo, mas está errado! — Sorrio entusiasmada quando sinto suas mãos na cintura, enlaçando-me como sempre deveria ter sido, desde sempre, desde que meu coração o reconheceu. — Voltamos no tempo para reescrevê-lo! — Falo contra seu ouvido, sentindo suas mãos em contato com minha pele como fogo a se espalhar por todas as partes, por todos os lugares; eu o queria em todos os lugares.

— Você sabe que tem o poder de me enfraquecer por dentro! — Repete as palavras da música. — Garota, você sabe que me faz perder o fôlego... Mas tudo bem! Porque você é a minha sobrevivência. Agora, ouça-me dizer! Eu não consigo imaginar minha vida sem seu amor e até o “pra sempre” não parece longo o suficiente. Porque

toda vez que eu respiro, eu te recebo e meu coração bate de novo. Querida eu não posso curar isso, continuo me afogando em teu amor.

— Hugo! — Ele encosta a cabeça na minha testa e me conduz para um mundo diferente de tudo o que eu imaginei, mas que eu sempre quis. — Essa música, como sabia que sempre foi minha preferida? — Sorrio embasbacada enquanto dançávamos ao som da canção que embalou minha juventude, que me fez sonhar com ele assim, se declarando, me amando.

— Talvez eu seja um vagabundo, talvez não. — Ele continua a traduzir a música junto ao meu ouvido e meu coração se agita ainda mais, meu corpo se perde nele, quer ser dele ainda mais. — Porque eu espero a segurança de navegar livre entre seus braços... Eu não consigo imaginar minha vida sem seu amor. Ame-me boca a boca, agora!

E assim ele cola a boca na minha, enrolando sua língua na minha, exigindo que eu me entregasse por completo, degustando todo o prazer que poderia me oferecer, na mesma medida que me fazia ser dele e lhe retribuísse o mesmo prazer. O fogo da paixão nos consumia, nos fazia dispostos a

romper as barreiras da sanidade.

Enquanto aprofundávamos o beijo, suas mãos, grandes e determinadas, abriam os ganchos do meu sutiã e aquela trilha de fogo se espalhava ainda mais por meu corpo.

Grudado em minha boca, me empurra contra a cama, sempre ao som daquela música que havia sido minha trilha sonora quando queria sonhar com ele. Sim, todos meus sonhos se tornavam realidade quando ele me tocava daquele jeito, incendiando as lembranças ruins, criando novas e transformando minha existência.

— Para onde vai? — Resmungo quando o sinto longe do meu contato, embora a visão de seu corpo nu seja esplendorosa, tão provocante que desejo congelar o tempo com ele ali parado diante dos meus olhos só para poder admirá-lo para sempre. Mas eu o preferia com o corpo grudado ao meu, proporcionando o prazer que sempre desejei.

Olhar era bom, mas tocar era a perfeição. Muito melhor!

Hugo retorna com um sorriso grudado nos lábios e as sapatilhas da sorte em uma das mãos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vou te amar só com as sapatilhas. Nada mais! – Declara e engulo em seco.

Provocativo, exalando masculinidade, Hugo calça as sapatilhas cor de rosa da sorte em meus pés para depois me livrar da calcinha, intercalando tudo com beijos delirantes espalhados por meus pés, minhas pernas e na junção das minhas coxas, a parte mais sensível do meu corpo.

— Oh Senhor! – Gemo, enfiando meus dedos entre seus cabelos, como se fosse possível puxá-lo para mais perto.

— Vai dançar para mim um dia, bailarina, só com as sapatilhas da sorte e nada mais. – Fala com os olhos incendiados.

Pura paixão.

Puro desejo.

— Vou ficar com vergonha. – Sorrio tímida.

— Vou provocá-la, te fazer se sentir bem e quando menos esperar, vai se sentir pronta para dançar para mim... Só de sapatilhas. – Volta a se colocar no meio das minhas pernas, mordiscando meu clitóris com gosto e me arruinando por completo.

PERIGOSAS ACHERON

Porque o prazer é avassalador, intenso, potente e os espasmos se espalham de ponta a ponta, deixando-me amolecida e sempre desejando mais daquele toque lascivo contra a pele delicada do meu sexo.

— Hugo! — Grito quando sinto o prazer se liquefazer dentro de mim em ondas gigantes de algo que não sei descrever.

— Só de sapatilhas, Betina! — Abro os olhos e o vejo de encontro à minha boca, posicionando-se entre minhas pernas, penetrando-me com firmeza e uma segurança que somente ele é capaz de ter.

Concordo com a cabeça ao sentir sua dureza em encontro à parte mais úmida do meu corpo.

Hugo me invade, uma, duas, muitas vezes e meu desejo aumenta, meu prazer se torna o dele. Assim, unidos, colados, juramos nosso amor, fazemos promessas de nunca um abandonar o outro e eu me desfaço toda, sentindo cada parte do meu corpo pronta para recebê-lo como meu homem.

— Só de sapatilhas! — Respondo com os lábios colados nos deles, numa troca indecente de sabores. Nossos gostos se misturam e nossas almas se

perdem no amor que nos une.

— Minha bailarina, a mais linda de todas! — Ele geme contra minha boca enquanto seu membro quente e exigente se enfia cada vez mais fundo dentro do meu corpo e suas mãos procuram por mais. São carícias profanas e tão divinas ao me fazerem sentir desejada... Amada. — Quando a tristeza tentar te carregar para longe de mim, você usará as sapatilhas da sorte e eu farei amor com você, devotarei meu corpo para que seja o instrumento de sua felicidade. — Ele promete com os olhos em chamas e eu sei que o juramento será cumprido.

A cada estocada que ele dava contra meu corpo era como se eu fosse um pouco mais arruinada para uma vida sem ele. Hugo era perito em me tornar dependente de sua presença, me fazer cativa de seus braços e me seduzir com a força da promessa de prazer que me oferecia.

— Se junte a mim no prazer! — Convido-o, esparramando as mãos por todas as partes de seu perfeito corpo, tão lindo e quente.

E assim o sinto ainda mais duro dentro de mim, mais potente e exigente. Eu havia estendido as

PERIGOSAS ACHERON

mãos para ele em um convite claro para degustar o sabor do pecado e ele, sem hesitar, se derramou dentro de mim, desabando sobre o meu corpo, extasiado com a força de tudo o que acabávamos de dividir.

Hugo rola para o lado, me carregando junto, e com a habilidade de um leopardo forte e feroz, um verdadeiro predador do mundo animal. Tira minhas sapatilhas e as devolve para a caixa transparente, voltando em seguida para me puxar para seus braços.

— É o lugar delas até você estar preparada para o “sim”. – Afirma com uma convicção comovente.

— Você já tem o “sim”. – Mordo seu queixo, uma das partes de seu corpo que mais me fascina por me lembrarem a força de seu caráter, a determinação inabalável que sempre o perseguiram como uma marca.

A marca de Hugo Medeiros.

— Mas você não está pronta para dizê-lo. – Beija-me no topo da cabeça, tão carinhoso e cuidadoso que poderia ser outro homem ali, não aquele que me fez entrar em combustão de prazer.

— Uma questão de tempo para estar preparada, eu sei.

É claro que ele sabia, porque é de Hugo que falamos, o homem que jamais se curvará às dificuldades da vida.



— Por que as sapatilhas? – Pergunto ainda aninhada nos braços dele, ouvindo o pulsar do seu magnífico coração, ainda tomada pelas emoções vívidas minutos antes ao som de *Backstreet Boys*, envolvida pelas lembranças do antigo quarto dele, que contava mais de sua história do que qualquer outro lugar poderia ser capaz.

— Acredito que somos maduros suficientemente para eu fazer uma confissão sem chocá-la! – Sorrio em resposta. — Sempre fantasiei de trazer para o meu quarto, despi-la e te amar apenas usando as sapatilhas.

— Seu pervertido! – Me aninho ainda mais contra seu peito quente e receptivo enquanto ele brinca com meus cabelos.

— Não imagina o quanto adolescentes tem

mente fértil para essas coisas!

— Mas eu era tão desengonçada. — Confesso, sentindo vergonha por admitir que alguém pudesse ter se interessado por mim quando meu apelido fazia me sentir indesejada, uma arma mortal a uma adolescente insegura.

— Você sempre foi linda para mim, tão linda e perfeita que não me julgava apropriado para você. — Confessa desviando o olhar do meu e me deixando com um nó na garganta, sem saber o que dizer. — Era como se você fosse uma divindade que não poderia ser nunca tocada por minhas mãos. Mas isso não me impedia de imaginar coisas indecentes e inapropriadas na sua companhia, por mais errado que eu pensava que fosse. Inferno, Betina, você era a priminha do meu melhor amigo e ele não suportava a ideia de que alguém a tocasse.

— André sempre foi um exagerado! — Sorrio ao lembrar do dia em que acabou se metendo em uma confusão na praça porque um garoto passou a mão na minha bunda. — Eu sempre tive que namorar escondido. — Hugo fecha a cara ao ouvir minha confissão, mas não podia fazer muito a respeito, nunca havia tido vocação para puritana.

— Sei cada um dos teus casos, Betina! — Engulo em seco.

— Incluindo aqueles que você não tratou de espantar com uma surra? — Não resisto e acabo perguntando.

— Eu tentei te deixar viver do jeito que queria, mas isso não significava que eu não poderia protegê-la à distância dos abusados. Foi um inferno ter que observar e aceitar que outros a tocassem. — Suas mãos envolvem minha cintura, puxando-me mais para cima para que pudesse ficar ainda mais perto dele, como se não estivéssemos colados.

— Por que não assumiu o que sentia por mim? — Tomo coragem e questiono. — Você me queria, talvez me amasse...

— Eu a amava, tenho certeza disso agora.

— Mas não tinha na época? — Nega com a cabeça. — Por que, Hugo, não se rendeu ao sentimento? Por que tivemos que ficar tanto tempo separados?

— Porque a tolice em um garoto não encontra limites. Meu coração te reconhecia como alma gêmea, mas a mente não queria compreender os

sinais. Ainda havia pessoas, várias delas, a lembrar o quanto eu não servia para você e um grito dentro de mim me empurrava para longe, como se eu só pudesse lhe fazer mal. Eu era uma bagunça naquela época e você tão doce, tão ingênua e imaculada que eu não queria estragar tudo isso tocando-a. Era como se o negrume que havia dentro de mim pudesse corrompê-la e eu não queria isso. Preferia, então, amá-la à distância.

— Hugo... — Tomo fôlego. — Se você tivesse me dado uma chance, eu não me importaria de ser corrompida. Sempre fui louca por você, sempre, e desconfio de que serei para sempre. — Desprendo-me de seu aperto apenas o suficiente para me colocar sobre seu corpo e perder-me na profundidade em chamas de seus olhos, que revelam sua alma para mim como nunca havia feito. Beijo-o, envolvendo seu rosto com minhas mãos. Não foi um beijo casto ou com vergonha. Foi um beijo que revelava tudo o que eu queria ser para ele, tudo o que eu estava disposta a aceitar dele, tanto a parte boa quanto a que ele alegava ser obscura. — Não se pode amar pela metade. — Digo emocionada. — Não se pode querer um homem pela metade e eu o quero por inteiro, todas as frações de seu ser,

PERIGOSAS ACHERON

incluindo a parte que você diz não ser digna de mim.

— Eu me transformei em um homem melhor, bailarina! — Ele afirma com convicção e eu acredito em suas palavras. — Eu fui obrigado a visitar o inferno quando você foi embora e precisei enfrentar meus demônios para entender que sem você não há como respirar.

— Estou aqui agora! — Levo suas mãos ao meu coração. — Estou aqui para ser sua para sempre, se me quiser mesmo estando tão quebrada por dentro, mesmo tendo um passado que, apesar de não ser meu, me persegue como um maldito cão farejador.

— Eu quero tudo de você! — Ele exclama com a voz embargada, os olhos marejados.

— Então terá que me deixar amá-lo por inteiro também. — Volto a beijá-lo com paixão, desejo e mais um tanto de sentimentos que não encontram palavras apropriadas em nosso vasto vocabulário para descrevê-los.

Mas eu sabia que tocá-lo e deixá-lo que fizesse o mesmo com o meu corpo já era o bastante para fazê-lo compreender, para convencê-lo de que o

PERIGOSAS NACIONAIS

amor não escolhia certo ou errado, bom ou ruim.

O amor acontecia e pronto.

PERIGOSAS ACHERON



Dias depois, ainda envolta pela descoberta de que amar era mágico, os problemas não pareciam mais tão pesados quanto antes. Hugo fazia questão de passar muitas horas ao meu lado, o que ocupava muito do meu dia e também me fazia acreditar que as coisas poderiam se resolver.

Os constantes assédios de Lucas, por outro lado, não haviam cessado, e mesmo o fato de eu ter me reaproximado de Hugo e ter assumido uma relação não o fazia parar. Não me preocupava mais com que os outros iriam dizer e aparecíamos em público como um casal apaixonado.

Nossa proximidade e intimidade havia me fortalecido muito e era nele que eu buscava forças para ir atrás da minha história, enterrar os fantasmas do passado e definitivamente começar uma nova vida ao lado do meu amor.

— Não posso acreditar nisso! – Digo para Hugo que parecia chocado com o que os papéis nos revelavam.

Estávamos os dois sentados em uma sala dentro do que parecia ser um arquivo da delegacia local, debruçados sobre o inquérito do acidente de carro que havia vitimado minha mãe.

— Aqui diz que os freios foram cortados. – Aponta para o local onde havia a conclusão da perícia.

— Foram cortados e isso foi um crime premeditado, mas nunca acharam o culpado. Meu Deus! – Levo as mãos ao coração, sentindo os olhos umedecerem por mais que eu houvesse prometido a Hugo que não iria chorar.

— Alguém matou sua mãe! Alguém que a odiava muito, que a queria fora da jogada. – Ele considera e logo meus pensamentos me conduzem

para a única pessoa que poderia ter feito algo tão cruel.

— Luiza! Só pode ter sido ela. — Solto indignada, estarecida com minha constatação.

Hugo levanta da cadeira, fechando a pasta que guardava mais uma parte dos segredos da minha família e, com olhos preocupados, me encara.

— Temos que ter cuidado! Não podemos acusá-la sem provas.

— Eu sei disso! — Solto ainda mais frustrada.
— Se ao menos meu pai pudesse sair do coma. Tenho o pressentimento de que ele poderia nos ajudar.

— Ou não! Não sabemos o que o levou ao coma.

— Será que ele... Ai meu Deus, a doença dele, o coma, será que tudo foi mais uma artimanha da minha tia?! — Digo assustada, indo ao encontro do meu namorado.

— Não podemos saber ao certo, não até ele sair do coma e ser capaz de nos contar. Mas não podemos descartar a hipótese de que alguém, a quem não prefiro dar nomes, possa querê-lo morto.

PERIGOSAS ACHERON

Seria enterrar o passado por completo, não acha? — Concorde com a cabeça. — É melhor não usarmos nomes, tenho medo de que alguém tente algo do tipo com você e nem sei o que faria se algo de ruim acontecesse contigo. — Deposito minha cabeça em seu ombro, sentindo-me reconfortada.

Deixamos a delegacia em meio às dúvidas que pareciam se avolumar cada vez mais. Algumas respostas surgiam, mas sempre acompanhadas de mais questionamentos. Minhas esperanças em tentar desvendar os segredos ocultos entre as gerações dos Bittencourt estavam todas em Lucas. Porém, isso significava ter que me aproximar dele e talvez ceder aos seus avanços, o que deixava Hugo totalmente ensandecido de ciúmes.

Eu tentava dissuadi-lo a confiar em mim, mas acabávamos apenas um irritado com o outro e postergando a decisão, como se tivéssemos tempo para gastar. Claro que não tínhamos! Os dias passavam e as respostas não chegavam.

Eu o compreendia, entendia sinceramente seu medo de que algo de ruim acontecesse e também podia muito bem me colocar em seu lugar. Detestaria ter que vê-lo cedendo ao charme de

outra mulher.

Se ao menos o pai de Hugo resolvesse nos falar do que sabia. Minha decisão em não escutá-lo permanecia. Hugo era como uma cláusula inegociável, não colocaria em xeque o amor que sentia por ele, por mais que minha vida se tornasse mais difícil.

Ao chegar de volta ao meu antigo quarto, revirei mais uma vez as cartas deixadas por minha mãe na esperança de encontrar qualquer pista que pudesse ajudar a desvendar o mistério de sua morte. No entanto, nada era citado, nem uma mensagem para ser decifrada e um sentimento de derrota tomou conta de mim por completo, fazendo com que me jogasse na cama e só sentisse vontade de sumir.

De barriga para cima, encarando o teto branco, repassei nomes e momentos, sempre esperando encontrar alguma pista que pudesse me ajudar. Era certo que minha mãe havia sido assassinada a mando de Luiza, me deixando órfã e sem um pai para me proteger, ao menos um no papel e acabo soltando uma gargalhada ao constatar que a víbora não foi capaz de afastar meu pai de mim.

Escutei batidas na porta e autorizei a entrada da pessoa. Era Rosane me chamando para um lanche, mas estava sem fome.

— Devia se alimentar melhor, minha querida! — Diz sorridente como sempre e ideias passam pela minha cabeça, ideias que poderiam ser a solução para parte dos meus problemas.

Faço com que ela se sente ao meu lado e inicio meu interrogatório, sem meias verdades, sendo direta e precisa no que eu pretendia saber:

— Rosane, como viviam meu pai e minha tia nos anos em que estive fora?

— Seu pai? — Ela engasga, depois cora e sei que sabe mais coisa. — Como ficou sabendo que Breno é seu pai?

— Através das cartas que minha mãe deixou. A pergunta é como sabe que Breno é meu pai? — Olho-a de soslaio.

— Ele e sua tia brigavam e falavam alto demais. Não faz tempo que descobri a verdade, embora eu já desconfiasse dela há tempo. — Ela abaixa a cabeça envergonhada. — Desculpe por não ter revelado a você. Eu fiquei com medo de

apenas prejudicá-la ainda mais, já sofria tanto, minha menina. — Leva a mão até minha face e acaricia de uma forma que me faz sentir melhor.

— Não te cobro por nada, apenas peço que me fale tudo o que sabe sobre a família.

— Não sei muito, mas os anos como governanta nessa casa me deixaram a par de muitas coisas e se este é o seu desejo, irei contá-los. — Disse segura de sua decisão em contar o que sabia.

Foi através da boca de Rosane, uma testemunha viva do que as paredes daquela casa velha e empoeirada tinham visto e ouvido que eu fiquei sabendo que meu pai ameaçava Luiza de contar uma verdade horrível quando ele veio a sofrer o mal súbito, uma que colocaria em risco sua reputação de dama impecável e honrada, que a faria perder o respeito da sociedade. No entanto, meu pai jamais chegou a pronunciar o segredo ou os segredos dela e isso nos era muito frustrante.

— Mas há uma pessoa que sabe disso tudo. — Rosane confidenciou e meu coração pareceu saltar no peito. A esperança acabava de renascer e eu não daria as costas para ela.

— Quem? — Pergunto impaciente, consumida pela agitação de estar prestes a descobrir tudo e ter minha história revelada.

— O marido da Senhorita Isabela. — A resposta foi como um balde água fria jogada em minha cabeça.

Todos os caminhos sempre acabavam me levando para pessoas que poderiam acabar com a minha relação com Hugo e eu sentia medo disso, receio de comprometer o que mais valia a pena na vida e tudo porque eu queria desenterrar ossos de um passado que nem era meu.

Eu não estava segura se queria pagar esse preço. Mas eu também queria muito honrar a memória de minha mãe, fazer Luiza pagar pelas maldades que havia cometido, pelos anos que havia me feito passar longe de meu pai. Ah, como eu queria...

— Foi isso que a fez aceitá-lo como genro, meu Deus! — Solto surpresa com minha constatação. — Lucas sabe dos podres da minha tia e usou isso para chantageá-la e assim casar com Isabela e ter o tão sonhado cargo no hospital.

— Não tenho dúvidas disso! — A governanta levanta, alisando seu uniforme. — O marido de sua prima sempre me pareceu um homem disposto a tudo para ascender na vida. Isso incluiu o fato de ele ter se aproximado de você, menina.

— Não sei se eu era de fato seu alvo. Não passava da órfã da família e perto de Isabela, eu era ninguém. — Pontuo ainda estarrecida com tudo que me foi revelado.

— Foi através de você que ele chegou até a família. Além disso, ele parecia sentir afeto por você, coisa que não acontece quando está perto da esposa. — Ela me olha de canto, como se tivesse me revelado um grande segredo.

— Bobagem sua, Rô! Nunca fui tão bonita e atraente quanto Isabela. Como era mesmo que as colunas de fofoca a chamavam? Isabela, a Bela de Toledo. — Deixo transparecer sarcasmo de propósito.

— Beleza nem sempre move o mundo ou faz um homem se apaixonar. Mulheres bonitas se encontram a rodo mundo a fora, mas poucas conseguem também ser belas por dentro, cativar um homem com o seu jeito de ser. — Acabo rindo

ao lembrar das vezes em que tentou me consolar por eu me sentir a mais feia das garotas. — Você sabe que é bonita, não sabe? E também deve saber que chamava a atenção dos garotos como ainda deve chamar a atenção dos homens.

— A confiança em uma mulher é tudo! — Repito suas palavras que eram ditas anos atrás com tanto entusiasmo que acreditava que Rosane estava na profissão errada. — Não existe mulher feia, talvez mulher mal arrumada, malcuidada e o pior de todas as possibilidades, existe mulher que não confia em seu taco. Eu ainda lembro de suas palavras. — Vou até ela e a abraço. — Foram muito importantes em minha vida e toda vez que eu me olho no espelho, ainda hoje, eu recito essas palavras.

— Tome cuidado com Lucas! — Seu temor poderia ser real, mas eu preciso ir adiante e saber mais, mesmo que suas palavras externassem o meu próprio temor.

— Não penso que ele fará algum mal a mim. Por outro lado, tenho medo de brigar com Hugo, que não aceita que eu me aproxime de Lucas. — Desabafo para aquela que havia sido mais do que

uma companheira, mas que havia me embalado nos momentos em que eu mais precisava de amparo feminino.

— Converse com Hugo. É um bom menino e com ele ao seu lado eu ficarei mais tranquila, menos preocupada. — Diz e acabo concordando com Rosane, porque não havia mais como fugir daquilo.



Foi uma conversa difícil, carregada de tensão, mas, ao final, Hugo havia compreendido minhas razões e sem julgamentos me apoiou em minha decisão, fazendo-me jurar que não iria me expor ao perigo, que minha segurança sempre seria a prioridade.

— Se ele ousar tocar em você, eu mato aquele infeliz. — Bradou enfurecido, com os punhos fechados quando conversamos a respeito. — Tem que me prometer que não deixará de me chamar se notar qualquer coisa.

— Você e Rosane tratam Lucas como um criminoso. — Revirei os olhos, cansada de tanto

drama.

— Até que prove o contrário, ele é um. — Resmungou contra meu pescoço, sentindo-se ferido por ter que me deixar em frente ao restaurante onde me encontraria com Lucas.

Estava determinada a não perder mais tempo e decidi chamá-lo para um encontro formal, fazendo questão de escolher um restaurante movimentado, onde ele não teria coragem de tentar me seduzir ou mesmo me tocar. Inferno, ele era um médico conceituado e casado com uma socialite, e isso já era um bom motivo para virar fofoca.

— Betina! — O médico muito bem vestido me avista e vem ao meu encontro para me receber. — Fiquei surpreso com seu convite repentino, considerando que voltou a namorar Hugo.

— Velhos hábitos são difíceis de mudar. — Respondo com educação, tentando soar a mais despreocupada possível, passando a imagem de que Hugo não passava de mais um caso. — Quem sabe assim eu consiga me curar dessa mania chamada Hugo Medeiros. — Dou de ombros, me odiando por ter que ser falsa. — E minha prima como está?

— Está bem! — Espalma sua mão em cima da mesa e desliza até chegar à minha, pegando-a sem se importar com os olhares curiosos que se voltavam à nossa mesa.

Ótimo! Minha fama já não era das melhores por ser filha de Esther Bittencourt, a mulher que roubou o marido da irmã, agora eu seria escrachada em praça pública por flertar com o marido da prima.

Delicadamente, retiro minha mão debaixo da dele e sugiro para que façamos o pedido. Lucas conversava animadamente e eu precisava me policiar para não cair em sua lábia de bom orador. Imagino o quanto Isabela ficou deslumbrada ao receber atenção de um homem bonito e inteligente como ele. Eu mesma havia me deixado levar anos antes e poderia compreendê-la perfeitamente.

— Chamei-o aqui porque semanas atrás me disse que poderia me ajudar. — Encaro-o para que saiba que não estou blefando.

— Também falei que minha ajuda teria um preço. — Concorde com a cabeça, me preparando para o que viria a seguir.

— Estou disposta a pagar o preço. — Afirmo,

sem desviar os olhos dos deles. — Mas antes quero saber mais sobre a carta que guarda na manga contra minha família.

— Segredos, minha querida! — Sua mão volta a se juntar à minha e sinto o estômago revirar, odiando-me por ter sido incapaz de manter minhas mãos embaixo da mesa e assim evitar aquele contato que não me fazia nada bem.

— Que tipo de segredos?

— Do tipo que arruinarão Luiza por completo, a fazendo uma escória da sociedade toledense. — Então Rosane estava certa.

Jogando com a sorte, tomo uma decisão e resolvo lhe revelar o que sabia.

— Tem que ser mais do que o fato de Breno Carvalho ser meu pai. — Tomo um longo gole de vinho a fim de aplacar o nervosismo.

Lucas não parece abalado com o que eu acabo de lhe dizer. Ao contrário, um sorriso se abre em seu rosto e meu coração se sobressalta no peito ao ter a certeza de que ele sabe mais e o preço a ser pago seria muito caro.

— Tem mais, muito mais, Betina! Os segredos
PERIGOSAS ACHERON

das irmãs Bittencourt a beneficiarão muito e eu pretendo fazer parte disso.

— O que quer dizer com isso? — Questiono-o.

— Que se ficar ao meu lado poderá esmagar sua tia como uma formiga. Se aceitar ser minha esposa, poderemos mandar em Toledo. — Sinto uma opressão tomar conta de mim. É como se o ar me faltasse do nada, as pernas tremem e eu preciso correr dali. Eu sei que Hugo está próximo, só preciso sair dali e esquecer aquela proposta descabida.

Mas eu não consigo dar as costas ao lembrar de minha mãe e do quanto sofreu nas mãos de Luiza.

— Você não pode se casar comigo, Lucas! — Falo alto demais e acabo chamando a atenção das pessoas. — Você é casado com minha prima. — Tento manter o tom de voz mais baixo.

— Irei me divorciar.

— Para você é tão simples! — Bufo cada vez mais irritada com a situação que havia me colocado.

— Mas é simples, Betina! Me divorcio e me caso com você, a mulher que sempre amei.

— Em troca de um segredo, e justo comigo que não te amo. Não é uma troca justa! — Volto a tomar um gole de vinho, sempre em busca de tranquilidade, que parecia ter me abandonado para sempre. — Ao menos Isabela ama você.

— Mas eu não a amo. Nunca amei e nunca vou amar. Entenda, Betina, eu quero você ao meu lado.

— Não quer! Você quer o que eu te trarei e, Senhor, deve ser algo muito grande para você estar disposto a tanto. — Livro-me de sua mão sobre a minha. — Não me toque!

— Você costumava gostar quando a tocava.

— Você não costumava ser um escroto. — Respondo com raiva. — Não posso casar com você sem amor. — Desabafo e me arrependo ao constatar que eu o havia irritado profundamente.

— Mas eu amarei por nós dois e melhor do que ele. — Desdenha Hugo e só sinto vontade de enfiar a mão na cara debochada dele.

— O que você me pede é muito por um segredo... Um segredo que não é meu!

— Mas que mudará sua vida para sempre. Pense com calma e depois me dê uma resposta. Leve
PERIGOSAS ACHERON

o tempo que precisar, eu estarei aqui às suas ordens.

Solto uma risada por puro nervosismo e todas as preocupações de Hugo e Rosane passam a fazer sentido. Lucas é ardiloso e tentou me puxar para dentro de seu jogo sórdido, me fazendo acreditar que eu preciso mais dele do que ele de mim.

— Deve haver uma contraproposta, um jeito de você ter o que deseja sem me obrigar a um casamento que eu não desejo. — Blefo.

— Em primeiro lugar, eu quero esse casamento. Em segundo lugar, não há outro jeito. Você faz parte do pacote e isso para mim é perfeito. — Sorri de forma sarcástica e aquela vontade de bater nele renasce com força. Ah, como eu gostaria de que Hugo se materializasse e acabasse com sua presunção de uma vez por todas. O que faz me arrepender de ter evitado que ele acabasse com a raça do cretino. — Pense com carinho e me procure. E, eu sei que você irá me procurar, Betina! — Pisca em minha direção, chamando o garçom para pedir a conta.

Eu não sabia mais o que poderia ser dito, porque sua intransigência era visível e assim

PERIGOSAS ACHERON

permaneci em silêncio até que ele me deixou sozinha no restaurante, depois de muito insistir que queria me dar uma carona até em casa.

Livre-me dele e enviei uma mensagem a Hugo que estava me esperando em uma das ruas laterais. Corri para ele e quando entrei em seu carro, me joguei em seus braços, chorando como uma desesperada. Clamei com os olhos para que não me perguntasse nada, que só me abraçasse e me tirasse dali o mais rápido possível.

Hugo socou o volante, mas compreendeu que não estava pronta para falar.

— Se ele ousou te machucar, eu juro... — Bateu novamente com força no volante. — Eu juro que eu mato ele. — Deu a partida, fazendo os pneus cantarem e soltar fumaça.



Aquele encontro com o desgraçado do Lucas não poderia ter sido pior e nem sei onde estava com a cabeça quando me deixei convencer por Betina. Sempre foi um oportunista sem coração e nunca me enganou. Se aproximou da bailarina para se aproveitar, pois algo de muito podre ele escondia.

Betina havia me contado a insensatez de seu pedido de casamento e juro, mas juro por Deus, que só não fui atrás do idiota porque era melhor não ser preso. Minha vontade era matá-lo aos poucos e com requintes de crueldade para que aprendesse a não se meter onde não era chamado. Não bastava toda a

dor que Betina sentia, toda a confusão de segredos que rondavam o passado dela, ainda precisava um desalmado, um ser mesquinho que só pensava em dinheiro, se aproximar para tentar tirar vantagem.

Mas isso não vai ficar assim. Não vai mesmo!

— Ele sabe dos segredos de minha tia! — Betina chora compulsivamente nos meus braços e como eu daria minha vida para curar suas dores, para poder fazê-la parar de sofrer tanto. — Lucas tem Luiza nas mãos com esses segredos e quer fazer o mesmo comigo.

— Desgraçado! — Esbravejo, sentindo toda a raiva me consumir. Se ao menos eu pudesse enviá-lo para o inferno.

— Não posso me casar com ele, Hugo! — Me fita com os olhos mais lindos do mundo e meu coração para de bater, sentindo um misto de sentimentos: raiva, dor, despeito e muito amor pela mulher que sempre foi minha e que jamais seria de outro.

— Só por cima do meu cadáver, bailarina! Só por cima do meu cadáver e olha lá, que sou capaz de voltar do mundo dos mortos só para dar uma

PERIGOSAS NACIONAIS

lição naquele cara de cu. — Betina sorri entre lágrimas e consigo relaxar um pouco. — É um cara de cu mesmo! — Dou de ombros.

— Que apelido horrível para se chamar uma pessoa.

— Combina com o desgraçado. — Digo.

— Isso é verdade! — Ela volta a se aconchegar em meus braços e só sei que ela não se casará com ninguém a não ser eu. Não lutei tanto por ela para um oportunista me passar a perna. — Hugo!

— Sim!

— Obrigada por ter me trazido para seu apartamento. Não estava em condições de encontrar minha tia. — Confessa abraçada em meu corpo, o que me faz sentir especial.

— Aqui é sua casa e você sabe que não gosto que você more naquela mansão. — Preciso convencê-la a deixar aquele lugar, que lhe é perigoso e lhe faz muito mal com tantas recordações ruins.

— Não posso sair de lá agora. Não posso me casar com Lucas...

PERIGOSAS ACHERON

— Claro que não! — Resmungo.

— Mas preciso descobrir os segredos de Luiza e acabar com esse suplício. Ela matou minha mãe, isso é uma certeza. Lucas falou que tem mais coisa. — Ela prossegue e está coberta de razão, mas deveria existir uma alternativa para isso, sem expô-la ao perigo. — E se eu desse um jeito de convencê-lo a me contar sem eu ter que ceder à chantagem do casamento? Eu pensei em talvez...

— Nem pensar! — Bufo contra seu pescoço, sentindo seu perfume como uma forma de ter certeza de que Betina é minha e eu posso lhe proteger de tudo e de todos.

— Me escute, por favor! — Ela implora com os olhos marejados novamente. — Para se casar comigo, ele precisa do divórcio e Isabela irá dificultar isso, com certeza. Se eu aceitar o acordo, posso usar esse tempo para tentar descobrir o segredo... — Me levanto do sofá, deixando-a ali com cara de assustada.

— Não, Betina! Não me pede uma coisa dessas... Eu vou enlouquecer.

— De ciúmes? — Ela levanta e vem ao meu

encontro, envolvendo meu rosto com suas mãos, o que faz meu coração bater acelerado, num ritmo insano. E tudo porque eu a amava mais do que tudo e estava com muito medo de perdê-la novamente. — Você não tem razão para sentir ciúmes de Lucas, meu amor. Você é o homem que eu amo, aquele que escolhi para compartilhar uma vida.

— Tenho medo de que ele te faça algum mal. — Confesso encostando a testa na sua. — É muito perigoso, amor!

— Você me protegerá, eu sei que sim. — Sinto suas mãos envolverem meu pescoço, seu lábios doces e quentes encostarem na pele do meu rosto, um prenúncio de que ela teria o que quisesse de mim, mesmo que significasse poder perdê-la. — Não serei capaz de seguir em frente sem saber a verdade sobre a história dos meus pais.

— Betina! — Mordisco seu queixo, totalmente apaixonado por seu jeito meigo, por seu perfume quente como o inferno, que me faz querê-la como um doido.

— Por favor! Diga que ficará ao meu lado. Não posso fazer isso sem seu apoio e não farei isso se você não quiser. — Beijo-a com carinho, acariciando

PERIGOSAS ACHERON

seus cabelos, suas costas, envolvendo-a por completo dentro dos meus braços, o lugar certo para ela estar. — Que fique muito claro que não farei nada que possa me afastar de você. Eu te amo, Hugo! Disso não abrirei mão.

— Jura? — Pergunto com a boca colada na sua, sentindo o desejo tomar forma em ondas ingratas dentro de mim e todo o sangue descer para partes de minha anatomia que não deviam se manifestar quando um assunto tão sério era discutido.

— Juro por tudo que há de mais sagrado que eu não deixarei ninguém me separar de você agora que nos reencontramos e estamos dispostos a ser um casal de verdade e para sempre. — Tomo-a em um beijo que fala muito do que eu sinto por ela.

Que eu iria até o inferno por ela, não cabia discussão.

— Pede demais, meu amor! Como conseguirei viver com a preocupação latente dentro de mim? — Afasto-me para poder encará-la, para que pudesse saber que eu a queria sempre ao meu lado e não fingindo ser o que não é ao lado de um escroto como Lucas. — E mesmo assim eu vou te ajudar, porque sou louco por você. — Seguro-a pela cintura,

PERIGOSAS ACHERON

girando-a no ar, voltando a beijá-la como o louco que sempre fui por ela.

Os planos poderiam ficar para outro dia, porque eu queria amá-la novamente, uma última vez como minha namorada, já que no dia seguinte era certo que teríamos que fingir um rompimento.

— Vou te manter por dentro de tudo. — Ela promete colada em minha boca e o tesão se espalha por meu corpo como uma droga potente, capaz de viciar o mais determinado dos homens. — E sempre poderemos nos encontrar para matar a saudade. — Continua enquanto eu a levo para o meu quarto, à nossa cama, o lugar em que sempre seria nosso ninho do amor, o lugar que havia sido reservado para ser dela, nunca de outras. Por mais galinha que um dia eu havia sido, parte da minha vida havia sido reservada para Betina.

E eu queria entregar tudo para ela.



No dia seguinte fomos surpreendidos logo cedo com Isabela batendo em nossa porta como uma louca. Ela queria tirar satisfações com Betina e só

não partiu às vias de fato porque eu a contive.

— Ele pediu o divórcio por causa dessa vagabunda. — Grita apontando o dedo para Betina, que parecia muito chocada com a cena. Talvez mais pela rapidez com que Lucas havia dado um jeito de se livrar da esposa.

— Fique calma, por favor! — Peço, ainda segurando-a pela cintura a fim de evitar que fosse para cima da prima.

— Eu não sei do que você fala! — Betina revida.

— Claro que sabe! — Isabela debocha. — Você e ele... Seus encontros pela cidade têm sido comentados por toda Toledo e eu passando de corno mansa. — Me olha e sei que sobrarão para mim também. — Nunca me levou a sério porque sempre foi ela e agora veja só a petulância do destino. Você virou um corno também, Hugo! — Havia uma diferença muito grande, mas Isabela não compreenderia e era melhor que todos pensassem que eu havia sido traído mesmo. O que um homem não faz por uma mulher? — É uma questão de tempo para Betina terminar esse namoro que ela começou com você.

— Talvez se você nos desse a chance. — Solto cansado daquela intromissão logo cedo da manhã. Apenas queria aproveitar minha namorada antes que toda Toledo voltasse a acreditar que havíamos nos separado mais uma vez.

Morar em cidade pequena era cansativo, além de tedioso em alguns momentos.

— Me largue que não vou matar a perfeitinha! — Brada com os olhos vermelhos e sinto certa pena dela por ter sido trocada como uma meia velha. — Não a matarei, embora tenha motivos suficientes para isso. Você sempre preferiu ela a mim e me fez de idiota por um bom tempo, mas foi bem feito para minha mãe, que ao final nunca conseguiu juntar as nossas famílias, tendo que engolir o fato de que a sobrinha órfã era a única capaz de tamanho feito. — Solta uma gargalhada. — Eu me conformei que não teria você porque nunca o amei a ponto de desejar esse casamento. Mas... — Faz uma pausa para se recompor e colocar a roupa no lugar, parecendo mais calma. — Mas Lucas... Não vou deixar você me tirar o Lucas também, sua desgraçada. — Olha em direção à Betina com ódio e isso não é uma coisa boa. Não quando já havia uma

mulher que a odiava, não precisava mais uma.

— Não pode me culpar pelo fracasso do seu casamento. — Betina, menos lívida, tenta se defender.

— Claro que você tem culpa, sempre foi a namoradinha dele. Aquela que foi embora e que não iria voltar mais. — Isabela olha para a prima com rancor. — Todos sempre preferiram você, até meu pai você roubou de mim. Depois Hugo e agora Lucas.

— Se você soubesse o quanto eu desejei estar no seu lugar. — Betina enxuga uma lágrima e vou para seu lado, tentando lhe ser a âncora que sei que ela precisa para se agarrar. Havia momentos que o passado ameaçava puxá-la para a escuridão e isso eu não poderia deixar acontecer. — Você teve tudo o que eu sempre sonhei! Um pai, uma mãe e um irmão. Vocês eram uma família que eu nunca consegui me encaixar, porque Luiza nunca deixou. Depois... — Volta a secar as lágrimas com o dorso da mão. — Depois, você teve a atenção de Hugo que eu sempre amei e você sempre soube disso e mesmo assim fez pouco caso dos meus sentimentos. Quanto ao Lucas... Bem, esse foi o

único que eu cheguei primeiro e mesmo assim, você conseguiu dar um jeito de tê-lo também. Mas pode ficar com ele, porque não me importo. Não tenho culpa se ele não a quer mais e não admito que venha até a casa de Hugo e me insulte assim. — Betina se desfaz do meu aperto e vai ao encontro da prima, deferindo-lhe uma bofetada no rosto. — Isso é por toda a dor que você me fez passar.

— Sua... — Isabela passa a mão no local em que foi atingida. — Sua vadia. É uma vagabunda como sua mãe.

— Repita isso! — Betina arregala os olhos e avança novamente para cima da prima, sem me dar oportunidade de tentar contê-la.

Devia tentar contê-la, mas não quis fazer isso, porque a prepotência de Isabela merecia uma lição.

— Esther sempre foi uma vadia! — Grita sem medo e acaba sendo atingida por mais uma bofetada.

— Você não sabe de toda a história para julgá-la. — Betina revida com razão. — Não admitirei que suje a memória da minha mãe repetindo palavras de Luiza, alguém que eu menosprezo com toda a força

de minha alma. Não tenho medo de você, Isabela, nem de sua mãe. Não mais! — Pega a prima pelos cabelos e a arrasta porta a fora, determinada a dar um basta naquela humilhação, o que me deixa orgulhoso. — Jamais volte a me procurar. Seus assuntos com Lucas não me interessam. — Fecha a porta, batendo-a na cara da prima. — Vou esfregar Lucas na cara dela! — Declara.

— Betina! — Passo as mãos nos meus cabelos, sem nem saber o que dizer. Abro os braços e ofereço meu conforto. — Você sabe que atçou as lobas?!

— Claro que sei! Mas eu não sou mais uma ovelhinha indefesa e também tenho você ao meu lado, me incentivando para ser uma mulher mais forte. — Beijo o topo de sua cabeça quando ela se aconchega dentro do meu abraço.

— Sempre com você, meu amor! — Eu iria com ela para qualquer lugar, faria qualquer coisa, porque quando se ama, a felicidade do outro vem em primeiro lugar.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Havíamos dado andamento a nossos planos e eu havia aceitado a proposta de Lucas. Com Hugo me apoiando não tinha como dar errado, e assim que eu conseguisse descobrir os segredos de minha tia eu cairia fora e poderia viver ao lado do amor da minha vida. É claro que não era ingênua a ponto de não saber que Lucas não me entregaria o ouro na bandeja e que eu precisaria descobrir de outra forma. No entanto, estar ao seu lado, mesmo que contra vontade, facilitaria na busca pelas informações.

Mas era difícil ter que fingir ser uma pessoa

que eu não era, ou mesmo esconder meus sentimentos por Hugo. Lucas me consumia a paciência e exigia coisas que eu não estava disposta a dar. Não havia dado certo no passado e não daria certo de novo, porque nunca me despertou qualquer sentimento. Apesar de sua conversa fácil, seu jeito carismático de nos envolver, ele não passava de um oportunista como bem havia dito Hugo e tudo sempre o levava a querer tirar vantagem da situação. Um verdadeiro lobo em pele de cordeiro.

— Que loucura é essa de deixar Hugo e voltar a namorar com Lucas? — André me olhava torto, como se eu tivesse cometido um grande erro e até poderia ter cometido se não fosse o fato de que não pretendia me casar com Lucas. — Ele mal se separou da Isabela.

— Eu sei e tenho minhas razões para isso. — Afirmo sem muita convicção e se André não estivesse tão preocupado com o estado de saúde de nosso pai teria percebido isso com certeza. — Como está Breno? — Pergunto quase deixando a palavra “pai” escapar entre meus lábios. Um dia eu teria que contar ao meu irmão que Breno também era meu pai, só não sabia quando, já que não queria

envolvê-lo em toda a história sórdida que os mais velhos haviam nos deixado como herança.

— Ele despertou do coma confuso, bailarina! — Meu coração anseia poder vê-lo. — Não consegue falar direito ainda.

— Alguma outra sequela? — Pergunto ansiosa. Quando André me ligou para me avisar sobre Breno, eu não pude mais controlar a ansiedade e saí correndo para o hospital, desejando poder vê-lo, tocá-lo e quem sabe poder chamá-lo por pai.

— Ele não sente muito bem as pernas. — Engulo em seco.

— Ele vai sair dessa! Tem que sair... — Solto um suspiro longo quando André abre a porta do quarto e o vejo com os olhos abertos.

— Vou te deixar um pouco sozinha com ele. Mas nem pense que engoli essa história de você e Lucas de novo. — André faz sinal que está de olho em mim e acabo sorrindo em resposta. Seu jeito despojado me faz querer abraçá-lo sempre e revelar que somos irmãos.

Entro no quarto e vou direto para perto de Breno, tocando-o na testa com a mão, beijando-o

no rosto com o carinho de uma filha que o amava, que sempre o amou mesmo quando ele era apenas um tio cuidadoso.

— Beettiina. — Ele resmunga, tão fraco e debilitado que mal posso ouvi-lo.

Aproximo-me de seu ouvido para dizer o que tanto meu coração anseia:

— Pai, eu estou aqui e eu amo você!

Ele abre um sorriso, um de compreensão, e meu coração dispara no peito, ansioso para que ele devolvesse em palavras o que eu tanto queria ouvir. Ele sorri, pegando minha mão, o que é um grande esforço para ele.

— Minha filhaaa... — É difícil para ele se movimentar e conseguir falar. — Eu amo você! — Sopra baixo, mas o suficiente para que as lágrimas se formassem em meus olhos.

— Não precisa falar, papai! Estou aqui e não vou mais embora. — Beijo-o na testa, envolvida pela emoção do momento, totalmente absorvida pelo amor que eu sinto por aquele homem que é meu pai, que sempre foi e que eu quero poder chamar de pai para sempre.

— Me perdoe! — Ele aperta mais minha mão e as lágrimas em meus olhos se tornam mais insistentes.

— Claro que sim! — Respondo sem considerar mais nada a não ser a chance de estar ao seu lado, podendo abrir meu coração, recebendo seu amor. — Apenas descanse, se fortaleça e volte para a gente mais forte do que antes. Precisamos muito de ti. Muito mesmo! — Puxo sua mão para perto do meu coração para que ele sinta o quanto é importante para mim.

Logo em seguida uma enfermeira entrou no quarto, porque os aparelhos ligados ao seu corpo se alteraram e aplicou uma injeção, fazendo com que Breno caísse em um sono profundo, porque ele precisava descansar e se recuperar.

— Ele vai ficar bem, Senhorita Betina! — A velha enfermeira de corpo redondo e voz melodiosa me fala com carinho. Todos ali tinham meu pai em alta estima, sempre foi um homem gentil, o que o fazia um médico querido em Toledo. — O pior já passou e logo Doutor Breno estará novamente entre nós.

— Deus te ouça! — Agradeço a delicadeza da

PERIGOSAS ACHERON

enfermeira e ela se retira, levando consigo a bandeja com os medicamentos.

Em seguida, André retornou e praticamente me arrastou para a cantina do hospital. Havia chegado a hora de enfrentar meu irmão possessivo.

— Ele está mesmo fora de perigo? — Pergunto ainda preocupada com o estado de saúde de nosso pai.

— O prognóstico é animador. Ele viverá, mas... — A voz lhe falta e pego em sua mão. — Ele pode ter sequelas mais graves.

— E fisioterapia? — Pergunto.

— Ajudará muito, mas também não nos traz certeza de nada.

— Estaremos com ele, André, e isso é o mais importante para sua recuperação.

— Ele só pediu por você desde que despertou do coma. — Me fita, não com rancor, mas com curiosidade.

— Isso te deixa irritado? — Pergunto, temendo que ele saiba de mais coisas. Talvez seria melhor que ele soubesse. Uma mentira a menos para

esconder.

— Apenas intrigado. Em tese, você é apenas a sobrinha que ele acolheu. — André coça a cabeça confuso. — Não que eu esteja enciumado, mas ele devia perguntar por Isabela também. — O melhor é trocar de assunto e assim o faço antes que acabe colocando tudo a perder.

O que menos desejava era envolvê-lo nos mistérios de nossa família, que pareciam ser muito cabeludos.

— Vamos nos concentrar na recuperação de tio Breno e o resto a gente vê depois. — Declaro com um sorriso no rosto. Um bem fingido para evitar mais perguntas.

— Mas não te chamei aqui para falarmos de meu pai. — Ele é meu também e seu jeito de falar me deixa desapontada, apesar de saber que não o fez por maldade, afinal, André não sabe que somos irmãos. — Ficou maluca ao aceitar namorar com Lucas?!

— Claro que não fiquei! Foi uma necessidade. — Desabafo, ansiosa por me livrar da conversa.

— Posso saber que necessidade é essa, Dona

Betina? E porque não me procurou se está passando por dificuldades? – Ele insiste.

— Esquece que sou maior de idade, André? Sei muito bem tomar conta de mim, sem um pentelho como você para me azucrinar.

— Olha os modos com teu primo mais velho. – Novamente a palavra primo me incomoda. — Tenho a impressão de que você me esconde coisas e coisas importantes que também dizem respeito à minha vida.

— No tempo certo você saberá de tudo. – Digo sem mostrar os dentes e ele parece ainda mais irritado. — Por que é tão difícil você me dar um voto de confiança? – Pergunto envergonhada, voltando a ser aquela menina de outrora.

— Não me julgue mal, mas eu tenho medo que você se meta em confusão. — Passa as mãos entre os cabelos, demonstrando medo e preocupação de irmão, o que me faz sentir vontade de lhe contar sobre nosso verdadeiro parentesco. — Você sempre foi a minha bailarina, como uma irmã mesmo e não quero que Lucas faça de tua vida um inferno, já basta ele ter deixado Isabela mais louca do que é.

— Isso não vai acontecer, eu juro! — Pego em sua mão, apertando-a para selar minha promessa de que tudo daria certo. — Eu sei o que estou fazendo e quando for possível, faço questão de que seja o primeiro a saber de toda verdade.

— Por que não agora?

— Porque é cedo demais para envolvê-lo na confusão. E também porque não tenho provas de nada. Bem sei que você irá querê-las. — Sorrio e ele me devolve o gesto com um aperto no nariz.

— Ao menos me conte parte dessa loucura! — Ele pede.

Contei parte dos meus planos e quando deixo claro que Hugo era a escolha do meu coração e que ele me apoiava na decisão de descobrir os segredos de nossa família através de Lucas, parte de mim ficou mais tranquila ao saber que André compreendia minhas razões por mantê-lo longe de tudo. Ele não merecia se envolver em assuntos tão sórdidos e queria preservá-lo ao máximo. Não lhe seria fácil agir contra a própria mãe e só conseguia pensar na dor que lhe tomaria se soubesse das barbaridades que ela era capaz de cometer.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não ouse pensar duas vezes se precisar de minha proteção! – Diz com as mãos entrelaçadas às minhas, como dois irmãos que se reconheciam apenas pelo toque, sem a necessidade de troca de palavras. — Sou forte para superar qualquer coisa ou pensa que não sei que me esconde as coisas para me poupar?!

— Eu sei disso! De sua parte, peço que cuide de... Seu pai! O resto eu cuido. Tenho Hugo ao meu lado.

— Só por isso eu fico mais tranquilo, bailarina! Só porque meu melhor amigo está contigo, te protegendo.

— Hugo tem sido meu esteio. – Confesso ao meu irmão, sentindo o coração acelerar só ao lembrar dele e de todo o amor que diz sentir por mim, que faz eu sentir toda vez que o encontro, que o beijo, que o toco.

— Como fiz papel de trouxa em não perceber que meu “parça” arriou os quatro pneus por você. – Fico vermelha e ele ri sem piedade. — Nem percebi que você gostava dele direito. Sempre achei que era fogo de palha de menina.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Porque sempre foi lento para essas coisas. — Reconsidero a opção. — Na verdade, os dois, você e Hugo só tinham olhos para os rabos de saias que perseguiam. — Ele dá de ombros.

— Fazer o quê? Ainda bem que ficamos velhos e resolvemos sossegar.

— Se conformou com o fato de que sua prima ama seu melhor amigo? — Pergunto em tom de deboche e André concorda com a cabeça, abrindo um sorriso acolhedor.

Trocamos mais ideias, inclusive relatando a conversa estranha que havia tido com o pai de Hugo e André prometeu averiguar sobre o assunto. Agradei seu empenho em me ajudar mesmo escondendo dele fatos que sei que também mudarão sua vida.

Nos despedimos e fui ao encontro de Lucas em sua sala, porque se ele viesse a saber que havia estado no hospital não para vê-lo iria passar dias reclamando e ainda me torturando com argumentos de que me tinha em suas mãos e que eu deveria lhe ser grata.

PERIGOSAS ACHERON



Em um dos corredores do hospital, levo um susto quando mãos fortes me puxam para dentro de uma sala desocupada.

— Hugo! Por Deus, quer me matar de susto? — Sorrio, grudando minha boca na sua, deixando que suas mãos me envolvam por completo, aplacando a saudade que sentia dele.

— Que saudades, bailarina! — Ele exclama entre um beijo e outro, deixando-me aflita por mais de seu toque, por mais de sua presença. E a excitação toma conta do meu corpo por completo, deixando-me alucinada para fazer parte dele. — Estou começando a me arrepender de ter te apoiado nesse plano maluco que inventou.

— Ia deixar a sapatilha na janela, hoje à noite! — Havíamos combinado um sinal para que ele pudesse me visitar na casa de minha tia.

— Por que esperar à noite se tenho você aqui nos meus braços, toda linda para mim... — Mordisca meu pescoço e, misericórdia, estou a ponto de implorar para que sacie minhas vontades de mulher

apaixonada. — Toda disponível para mim.

— Não posso ficar, amor! — Deslizo minhas mãos por seus ombros, sentido cada músculo de seu glorioso corpo se enrijecer ao meu simples toque. — Lucas me espera. — Digo, sentindo a frustração me envolver por lembrar de quem não suporto nem ouvir a voz.

— Não fale do intruso quando está me beijando, Betina. — Exige com a voz grossa, totalmente embargada de tesão.

— Tenha calma, meu amor! Logo tudo acabará. — Encosto minha testa na dele, tentando confortá-lo e me sentindo horrível por exigir uma prova dessa dele.

— Conseguiu algum avanço? — Questiona preocupado e toda áurea lasciva se desfaz para a decepção do meu corpo que estava mais aceso do que nunca depois de tantas carícias.

— Nada muito importante, a não ser ter ouvido uma conversa de Luiza com Lucas, que deixou claro que ele a tem nas mãos. Há sim um segredo que os mantém parceiros e que não é o fato de eu ser filha de Breno.

— Outro? — Hugo arqueia uma sobrancelha e suas mãos deslizam até minha cintura, puxando-me para perto dele quando se encosta em uma mesa que encontrou.

— Sim! Outro segredo, algo mais sério. — Pontuo, tentando explicar a importância daquele segredo a ser desvendado. — Mas não faço ideia do que seja.

— Talvez que foi sua tia que mandou cortar os freios do carro de Esther. — Diz com razão.

— Não é isso, meu amor! É algo ainda pior do que isso.

— E tem algo pior do que um assassinato premeditado?

— Não devia ter! — Me encolho dentro do conforto de seu abraço e escuto as batidas do seu coração, esperando que a loucura de me manter longe dele valesse por alguma coisa. — Hugo, meu pai despertou do coma! — Digo feliz, erguendo a cabeça em sua direção.

— Eu sei, bailarina! André me contou hoje cedo e fico muito feliz por Breno ter despertado.

— Ele me pediu perdão! — Fecho os olhos,
PERIGOSAS ACHERON

depositando a cabeça em seu ombro, sentindo seu perfume fresco invadir minhas narinas e me lançar para um mundo em que não haviam problemas.

— Quem sabe Breno se recupere e consiga explicar o que aconteceu. — Seria maravilhoso, penso enquanto me deixo embalar pelo carinho do meu amor. — Betina! — Seu dedo empurra meu queixo para que o fite nos olhos e acabo encalorada, nutrindo os mais impuros pensamentos, tudo resultado da saudade que meu corpo sentia dele. — Não suporto mais vê-la desfilando com Lucas em todo lugar que vou e... Bem, eu tenho que estar lá por você, para protegê-la se ele tentar alguma coisa. Mas é difícil! Sempre vai ser porque eu te amo.

— Também te amo! Te peço mais um mês, por favor! Se não descobrir nada relevante, eu termino tudo, falo para Lucas que não me importa mais os segredos e vou viver contigo se ainda me quiser.

— Claro que quero! — Beijo-o e assim me despeço com o desejo cada vez mais a florado e a vontade de jogar tudo para o alto e me juntar a ele para sempre.

Os segredos que nos cercavam não eram
PERIGOSAS ACHERON

nossos, não nos pertenciam, e mesmo assim nos envolviam como um nó a nos deixar presos em um passado que não era nosso e não nos devia abalar tanto.

Rosane havia me dito que os erros dos outros muitas vezes afetavam pessoas durante gerações, e eu devia concordar com ela. Era como uma maldição que seria carregada por várias gerações das Bittencourt se alguém não fosse forte e determinada o bastante para romper. Eu havia sido a escolhida, mas a missão que o destino havia me dado era um fardo pesado demais a ser carregado quando minha própria alma já era quebrada demais.

É aí que entrava Hugo e seu amor. Sem ele, sem sua fé em mim, sem sua esperança que poderíamos ser felizes juntos, eu não teria chegado tão longe, não estaria disposta a recontar a história de outros que vieram antes para que me fosse dada a liberdade de viver a minha própria história.

— Eu amo você! — Falo baixinho antes de fechar a porta e deixá-lo para trás. — Te espero de noite, no mesmo local, na mesma hora. — Jogo um beijinho e ele finge ter pegado e guardado no bolso.

Como não me perder em Hugo, o grande amor

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

da minha vida?!

PERIGOSAS ACHERON



Equilibrar minha vida dupla estava sendo muito complicado e era cada vez mais difícil fingir a Lucas que não me importava com Hugo. O infeliz do médico ainda fazia questão de me exhibir em todo o evento social que era convidado, o que me fazia sentir a pior das mulheres.

Também estava cansada por não ter avançado nas investigações e Lucas me levava em banho-maria prometendo que um dia ou outro me contaria ao menos parte dos segredos que rondavam as Bittencourt. Eu desconfiava de que ele jogava comigo e não me espantaria que nunca contasse os

malditos segredos de minha família.

Havia acabado de encontrar Hugo em um motel afastado do Centro da Cidade e não queria pensar em mais nada a não ser nele e na vontade desesperadora que sentia de jogar tudo para o alto. Podíamos fugir os dois para a Rússia e lá viver nosso amor sem ninguém, sem nenhum segredo a nos separar.

Mas ainda havia meu pai e não poderia deixá-lo para trás ainda tão frágil. Havia André que poderia protegê-lo, mas que também não fazia ideia dos mistérios que nos cercavam e que poderiam destruir nosso pai. Não, eu não poderia deixá-lo para trás.

Estacionei o carro na garagem rindo por ter sido tão corajosa em voltar a dirigir. Já era final de tarde e eu ainda precisava tomar um banho e me arrumar para um encontro de médicos que Lucas fez questão de me avisar de última hora. Não sei como podia ter tanta cara de pau. Até outro dia era casado com Isabela e do nada passou a aparecer em sociedade comigo a tiracolo.

Minha reputação estava na lama e todos comentavam às minhas costas o quanto eu havia puxado à sem-vergonhice de minha mãe, o que me

PERIGOSAS ACHERON

deixava irritada e frustrada com a humanidade por sempre fazerem os piores julgamentos, sem considerar mais nada a não ser as fofocas que se espalhavam como vento.

Estranhei ao encontrar a porta da sala aberta e ouvi vozes vindas da biblioteca que não ficava muito longe dali. Curiosa, fui até lá, tentando me camuflar entre alguns vasos antigos que ficavam no corredor para minha presença não ser percebida.

A voz era de Lucas, tenho certeza, e ele parecia muito irritado com minha tia, bradando até palavras ofensivas. Encolho-me entre uma prateleira e uma planta ornamental e ali fiquei escondida tentando escutar o que falavam. A porta estava meio aberta, mas não o suficiente para que pudessem me avistar. Havia uma terceira voz, que parecia ser de mulher e que não consegui reconhecê-la por não passar de um sussurro.

— Como pode ser tão imbecil? — Minha tia fala com raiva. — Deixou minha filha para se amigar com aquela infeliz da Betina. Tudo porque ela é agora a herdeira de Breno.

— Não fale assim de Betina. — Lucas brada em minha defesa e levo a mão à boca a fim de conter

PERIGOSAS ACHERON

um gemido de surpresa, por não fazer ideia de que herança falavam. — Ela é melhor do que vocês duas, infinitamente melhor. — Espicho o pescoço e consigo vê-lo com as mãos em cima da mesa e do outro lado minha tia a lhe encarar com olhos raivosos.

— Ela engana você com Hugo, porque sempre foi ele seu grande amor. — Vejo a silhueta de uma mulher loira e, então, me dou conta de que a terceira pessoa na sala é Isabela.

— Tenho um acordo com Betina e ela não seria louca de me trair! — Lucas bate na mesa com os punhos, fazendo objetos caírem ao chão.

— Aqui estão as fotos que comprovam. — Isabela entrega um smartphone a ele. — Sua estimada Betina ainda deve estar com os cabelos molhados depois de ter feito amor com Hugo num motel de beira de estrada. — Engulo em seco porque estou muito, mas muito ferrada. — Ela entrou no motel depois dele como pode muito bem ver nas fotos.

Escuto o barulho de um objeto caindo ao chão e espicho meu pescoço novamente para poder ver melhor o que acontecia dentro da biblioteca.

— Betina não foi uma boa escolha, Lucas! — Luiza fala. — A quer porque acha que poderá ficar com todo o hospital para você, foi tolo e egoísta e não considerou o fato de que ninguém sabe onde está o testamento de Breno. Sem o testamento, Betina não pode ser considerada sua herdeira.

— Betina é a única filha de Breno e sua única herdeira. — Lucas responde com raiva na voz e minhas pernas falham com o que eu havia acabado de ouvir. O mesmo deve ter ocorrido com Isabela pelo resmungo que deixou escapar.

— Do que ele fala? — Minha irmã pergunta, ou seria apenas prima?! Meu Deus, como as relações dessa família são complicadas!

— Nada que importe, minha filha! — Luiza responde. — Lucas, você jamais conseguirá contestar a paternidade dos meus filhos e se arrependerá de ter nos traído.

— Mamãe, ele acabou de afirmar que não sou filha de Breno e a senhora se recusa a me explicar isso. — Isabela insiste e as coisas parecem se complicar.

Não devia ficar ali e correr o risco de ser

flagrada, mas é minha única oportunidade de descobrir mais e decido ficar mais um pouco.

— O que importa é que Breno assumiu você como filha, Isabela! A você e a seu irmão enquanto Betina não passa de uma bastarda e não admitirei que fique com nosso dinheiro e nossos bens. — Engulo em seco, sentindo as lágrimas rolarem pela minha face, por toda a podridão que nos cercava. Eu era a única e legítima filha de Breno se não tivesse escutado mal. Mas eu não poderia estar tão equivocada no que acabava de ouvir e, sim, Luiza poderia ter mentido para meu pai e tê-lo feito assumir os filhos que não eram dele. — Betina tem que morrer, desaparecer da face da terra e você terá que dar um jeito nisso, Lucas.

— Não permitirei que toque em um fio de cabelo de Betina. — O médico responde possessivo, o que me deixa com calafrios.

— Ela é inútil para você, não percebe? Está te usando como um trouxa para sei lá o que, te trai pelas costas e ainda deve rir de ti quando está na cama com o amante. Eu deveria me livrar de você também, seu incompetente. Por ter humilhado minha filha diante de toda Toledo, assim como

Breno fez comigo quando se amasiou com Esther. — Tento manter o controle, mas minha vontade é ir até a víbora e lhe dar umas boas bofetadas, por todo o mal que havia feito minha mãe passar.

— Nosso trato acabou, Luiza! — Lucas diz e posso muito bem perceber pelo timbre de sua voz que estava em seu limite. — Não voltarei com Isabela e não sujarei mais minhas mãos ao me envolver em tuas falcatruas.

— Vai se arrepender de ser meu inimigo. — Luiza brada enfurecida e encolho-me toda contra a parede, sentindo um pavor que me gela por inteira. — Veio até mim anos atrás, me chantageou, e agora pensa que fará o mesmo com Betina. — Solta uma gargalhada. — É um tolo se acredita que poderá me virar as costas e deixar minha filha para trás.

— Fiquem longe de Betina! Isso é uma aviso para as duas. — Volto a esticar o pescoço, saindo do canto em que havia me escondido para me aproximar mais da porta, o que foi um erro, já que os olhos de Lucas encontram os meus. — Estou farto de vocês duas e não tenho mais nada a perder.

Volto para meu esconderijo na tentativa de

PERIGOSAS ACHERON

fugir dele, mas já é tarde, porque quando Lucas sai da sala puxa-me pelo braço, arrastando-me pelo corredor como uma mala, machucando-me com seu aperto insistente.

— Não fale um pio ou estará muito encrencada!
— Adverte e eu apenas o sigo, temendo que descontasse sua raiva em mim.

Chegamos ao seu carro e ele me obriga a entrar, afivelando o cinto de segurança e dando a partida no motor com tanta agilidade que meu cérebro não foi capaz nem de tentar pensar em uma forma de me livrar da situação.

— Lucas! — Chamo-o. — O que está fazendo?
— Pergunto e ele bate com os punhos no volante.

— O que você fez, Betina? Traiu minha confiança, droga! — Volta a socar o volante. — E não negue que tem se encontrado com Hugo, porque as provas são irrefutáveis que ainda estão se vendo.

— O que queria que eu fizesse? — Sinto as lágrimas novamente nos olhos. — Me chantageou, me obrigou a ser sua namorada em troca de um segredo que nunca iria me contar. — Falo alto,

sentindo o peito sufocado, como se me faltasse ar, um nó dolorido atravessa minha garganta. — Jamais me contaria que sou a herdeira de Breno e que meus primos nunca foram meus irmãos, apenas primos. — Solto uma gargalhada, totalmente histérica com a descoberta de que não tinha irmãos de sangue, nunca os tive.

— Eu iria contar! — Ele responde, pisando ainda mais no acelerador. — Quando estivesse preparada, eu iria contar a verdade. Quando estivéssemos casados.

— Quer se casar comigo para ficar com minha herança, seu maldito. — Tomada de raiva, dou-lhe tapas e Lucas acaba perdendo o controle da direção por alguns segundos.

— Pare, pare! Quer nos matar? — Grita e acabo chorando como uma criança, sem saber o que fazer.

— Para onde está me levando? Exijo que me leve de volta.

— Que voltar à toca das raposas? — Ele debocha. — Vou te levar para algum lugar seguro, porque sua vida está em risco, não entende? — Não, eu não entendia mais nada, apenas queria ser

abraçada por Hugo. — Não farei mal a ti, Betina! Eu sempre a amei...

— Amou? Você não é capaz de amar ninguém! — Solto uma gargalhada entre lágrimas que não conseguia mais conter. — Você ama o dinheiro que é atrelado a alguma mulher. Se o dinheiro muda de mãos, você muda de amor, simples assim. — Dou de ombros.

— Eu sempre amei você, mas não nego que a deixei porque não tinha onde cair dura. E casei com Isabela porque era a chave para ser aceito no hospital e ter uma carreira como médico. Mas quando descobri, sem querer, que você era a única e legítima filha de Breno, o maior acionista do hospital, e que ele havia deixado a maior parte dos seus bens para você em um testamento, eu percebi que poderia ter tudo o que mais desejava no mundo: dinheiro, poder e você!

— Não vou mais me casar com você! — Reclamo. — Nosso acordo está encerrado.

— O que faremos de agora em diante será eu quem decide! — Fala com frieza e sinto medo por isso.

— Não pode me obrigar, nem me sequestrar, pelo amor de Deus! — Clamo para que coloque a mão na consciência.

— Colabore, Betina, seja uma garota boazinha e não me deixe zangado. Meu dia já foi péssimo e não quero ter que me indispor com você. — Seu olhar estava firme na estrada e a cada quilômetro rodado minha vida escorria entre meus dedos.

— Por favor, se é dinheiro que quer, eu te darei! Nem sei ao certo se tenho tanto dinheiro assim, mas darei tudo a você, apenas me deixei ir. — Tento convencê-lo e acabo irritando-o ainda mais.

— Pela última vez, é você que eu quero. Você e o dinheiro que vem junto. — Sua mão desliza pela minha perna e sinto-me enojada pelo toque lascivo em minha pele.

— Você está fora do juízo, só pode! — Resmungo, cansada de tentar convencê-lo do contrário.

— Fora do juízo eu estive quando a deixei sair de minha vida. — Retira sua mão da minha perna para poder manobrar o carro e o alívio me invade. — Teu jeito difícil sempre foi um aditivo incrível

para deixar qualquer homem doido. — Reviro os olhos. — Já era linda antes, mas os anos a deixaram perfeita, mais sofisticada e *sexy pra caralho*.

Evitei de respondê-lo, porque quanto mais eu tentava argumentar sobre toda a loucura que era me raptar, mais ele parecia determinado a me levar para não sei onde. Encostei a cabeça no vidro do carro e rezei para que alguém sentisse minha falta, para que Hugo viesse me salvar das mãos de um psicopata. Não havia melhor definição para um doido como Lucas do que psicopata e pensar que um dia eu o aceitei como namorado.



Fui deixada em uma cabana no meio do mato, sem energia elétrica, sem sinal de internet ou telefone. A cabana era simples e confortável, com apenas um cômodo e alguns livros em uma prateleira que seriam minha única companhia.

Lucas não tentou nada e me senti aliviada por isso. Estava fugindo de suas insinuações há algum tempo e já não sabia mais a desculpa a ser inventada para rechaçá-lo. Meu maior medo era que me obrigasse a fazer sexo com ele, e se isso

acontecesse não sei se conseguiria me recuperar de ser tocada por um homem que desprezava.

Minha cabeça dava voltas e mais voltas ali deitada na cama olhando para o teto e com os braços embaixo da cabeça. Gritar não era uma possibilidade, porque não havia pessoas próximas para vir ao meu socorro. Sair correndo dali também não adiantava porque estava trancada dentro da cabana.

Trancada ali, sem saber o que fazer, eu só pensava em todas as merdas que havia ouvido da boca da minha tia e que não foram negadas por Lucas.

André e Isabela não eram filhos de Breno, o que fazia de mim sua única filha legítima. Era uma merda e das grandes que me colocou no centro de uma disputa de poder entre Lucas e Luiza, da qual eu não fazia a menor questão de participar. Poderiam ficar com tudo, eu não me importava. Só me interessava meu pai, o dinheiro podia ser deles e que se afundassem com ele num mar de mentiras e mesquinhas.

Precisava sair do cativeiro, ir ao encontro de Hugo, e proteger meu pai de dois psicopatas que

PERIGOSAS ACHERON

não mediriam esforços para acabar com ele.

Precisava dar um jeito de fugir, mas como?

Virei-me de lado na cama e considerei as janelas ao avistá-las, mas estavam bem lacradas e não teria força suficiente para abri-las. Droga! Estava muito bem presa. E o pior de tudo, Lucas voltaria e poderia fazer o que quisesse comigo, por ser mais forte, facilmente me dominaria. Precisava arrumar alguma coisa para me proteger.

Levantei da cama e vasculhei os armários, mas nem um faca de cozinha havia sido deixada ali. Lucas era esperto e muito metuculoso ao imaginar todas as possibilidades. Não fazia as coisas pela metade e só mesmo eu para acreditar que sairia dali com facilidade.

Como pude me enganar tanto com uma pessoa? Como pude um dia me deixar envolver por Lucas a ponto de ter sido sua namorada? Hugo e André tentaram me alertar, mas por birra, eu teimei em me fazer de desentendida quando haviam sinais claros de que era um interesseiro.

Então, todas as palavras que ele havia me dito anos antes e que eu não ligava muito fizeram

sentido em minha cabeça:

— É tão bom estar com você, Betina! — Beijou meus lábios com carinho na ocasião e algo dentro de mim sempre quis acreditar nele, a parte mais carente que necessitava de amor e atenção se entregou a Lucas. — Sinto tanto por ser apenas uma órfã que depende da generosidade da família. Poderíamos ser felizes juntos. — Ele já estava cogitando a ideia de me trocar por Isabela, tudo porque acreditava que ela era a herdeira legítima. E eu, tola, não consegui perceber isso à época.

— Tenho você agora! — Respondi à época com os olhos cheios de lágrimas e, hoje, só consigo sentir raiva de ter sido tão boba.

— Queria ser alguém melhor para você. Não tenho onde cair morto e temo não ser o homem que precise. — Acariciou meu rosto com as duas mãos, tomando-me em um beijo carregado de carinho, ao menos eu pensei que era carinho. E só agora entendia que era uma despedida. Porque naquele dia, depois de ter feito amor comigo e jurado que me amava, afastou-se, evitando me encontrar ou mesmo conversar comigo. Não liguei muito para isso, porque meu coração ainda batia fortemente

por Hugo e simplesmente deixei as coisas seguirem o seu fluxo.

Quando terminamos definitivamente, simplesmente acreditei que havia sido o melhor para os dois. Em certa medida me senti culpada pelo fim do namoro, por acreditar que não havia lutado pelo relacionamento e priorizado Hugo em detrimento de Lucas.

É claro que odiei Hugo por aquilo, por ter sido o responsável por nenhum namoro ter dado certo e, na ocasião, Lucas parecia ser o mais certo para mim.

Quem diria que meu amor por Hugo, tão torto e traumático, seria minha salvação? Hoje é nítido que nunca seria feliz ao lado de Lucas e que minha fascinação pelo melhor amigo de meu primo - não irmão - me livrou de um mal pior.

Hugo... Hugo...

Sentia saudades e me alarmava ao imaginar o quanto devia estar preocupado com meu desaparecimento. Não tardaria para ele confrontar Lucas e só imaginava a confusão que iria ser. Partiriam para as vias de fato, porque Hugo não

tem muita paciência quando o assunto era o médico, acabando sempre enciumado e, Senhor, como fui inventar essa história de investigação e ceder à chantagem de Lucas?

Só consegui complicar tudo ao acabar presa no fim do mundo e ainda coloquei a vida do meu amor em risco.

Eu precisava me livrar do cativoiro e de Lucas o mais rápido possível. Só assim conseguiria evitar o pior.



Capítulo 26

(por Hugo)

Três malditos dias sem saber de Betina, sem receber uma maldita chamada ou mesmo uma mensagem dela. Algo havia acontecido, eu sentia isso! Estávamos bem e nos encontrávamos esporadicamente, sempre que Lucas lhe dava uma trégua ou não a arrastasse para alguma festa de almofadinha. Há três tardes havíamos nos amado em um motel de beira de estrada e tudo estava bem entre a gente, sem ressentimentos, sem mágoas e se não fosse o médico a lhe chantagear podíamos namorar em qualquer lugar sem medo de sermos flagrados.

Sim, algo havia acontecido e minha preocupação não era em vão. Havíamos combinado que eu não ligaria para ela, que seria sempre ela a me chamar, mas seu sumiço vinha me deixando louco de medo de perdê-la. Se algo de ruim houvesse lhe acontecido eu não me perdoaria.

— Hugo! — Encontro André com o semblante taciturno em sua sala. Havia conseguido uma brecha entre uma consulta e outra para conversar com ele sobre o paradeiro de Betina. Ele devia saber de algo, já que eram próximos. — O que aconteceu?

— Eu quem devo perguntar o que aconteceu! — Encaro meu amigo aflito.

— Meu pai! — Responde, deixando-se cair em sua cadeira, apoiando os cotovelos em cima da mesa. — Tentaram matá-lo essa noite.

— Como? — Sento-me em uma das confortáveis cadeiras em frente à sua mesa, petrificado por ter sido pego de surpresa. — A enfermagem estava avisada e todos estavam de olho. — Considero, tentando entender o que havia acontecido.

— Um estranho tentou sufocá-lo com o

travesseiro e se não fosse a entrada de uma das enfermeiras do turno da madrugada meu pai estaria morto uma hora dessas.

— Ela o viu?

— Infelizmente não! O cretino a acertou com o cotovelo e saiu correndo quando ela começou a gritar. — André arfa pela indignação que lhe é nítida. — Chamei a polícia e reforcei a segurança colocando dois homens... Praticamente dois armários para vigiar a porta do quarto. Que nervoso! — Passa as mãos nos cabelos.

— Cara, querem teu pai morto. — Afirmo muito certo do que acabava de mencionar.

— Só queria saber o porquê! — Exclama e acabo me sentindo um traidor por esconder fatos do meu melhor amigo. — Mas o que te traz aqui uma hora dessas?

— Betina! — Suspiro. — Ela desapareceu! Faz três dias que não sei dela, que não me envia sequer uma mensagem.

— Mais essa! — André se alarma também. — Cara, será que foi Lucas? Jesus, juro que se ele ousou a tocar um dedo em Betina eu o mato com as

próprias mãos!

— Se ele fez isso, eu mesmo o matarei. Pode ter certeza! – Bufo irritado.

— Não falo com Betina há dias, bem mais do que três dias. – Aquilo me deixou ainda mais aflito. Ela poderia estar correndo perigo e eu sequer sabia o que fazer.

Só tinha um jeito e esse jeito era confrontar o infeliz que ousou um dia usá-la para seus joguinhos mesquinhos de poder.

Lucas iria se arrepender de ter nascido.

— Não vou ficar com os braços cruzados, André! Não vou mesmo. – Digo muito aflito e inquieto.

— O que vai fazer?

— Vou colocar aquele trouxo contra a parede. Ele tem que me dizer o que fez com Betina. – Foi um juramento e pretendia cumpri-lo ao pé da letra.

O telefone da mesa de André toca e as linhas de suas testas se enrugam em sinal de preocupação.

— Meu pai despertou e quer conversar com Betina. Com Betina! O que vou falar? Que a

sobrinha desapareceu? – A palavra sobrinha atinge meu peito como uma flecha. Meu amigo merece saber de toda a verdade.

— Vou atrás de Lucas. – Falo com ainda mais determinação para acabar com tudo. Betina que me desculpasse, mas a palhaçada de namoro fajuto havia chegado ao fim, com ou sem descoberta de segredos.

— Ele não está no hospital. – Solta do nada e os pelos do meu corpo se eriçam. — Faz dias que não aparece no hospital, disseram que desmarcou todos os seus compromissos profissionais. Entende o porquê já liguei Lucas ao desaparecimento de Betina?

— Merda! – Soco o ar a fim de aplacar a raiva que me consome.

— Calma, por favor! Não podemos fazer muito. São namorados, todos comentam que iriam se casar e todos podem pensar que apenas estão em uma viagem de lua de mel antecipada. – Meu amigo fala e minha apreensão só aumenta.

— Pensei que fosse meu amigo! – Resmungo muito irritado apenas em ter cogitado a ideia de que

havam desaparecido porque estavam apaixonados.

— Calma, está bem! Só comentei o que os outros podem pensar e não o que eu penso. — Bate nas minhas costas com a mão. — Ela te ama mais do que tudo, sempre foi assim e continua a ser. Eu e você sabemos que algo aconteceu, mas não sabemos o que e o porquê. — Olho-o com arrependimento por ter lhe escondido coisas. — Espera um pouco! Você sabe de mais coisa, é claro!

— Sei sim! E só guardei segredo de você porque Betina tinha medo que a merda toda te atingisse antes da hora de ela conseguir provar tudo. — Adianto-me em explicar minhas razões.

— Como se eu fosse um bebê que ainda usa fraldas e precisa de proteção. — Revira os olhos indignado e com razão. — Vem comigo ver o que meu pai quer tanto falar e depois você vai desembuchar tudo o que sabe. Cansei de tanto segredo, inferno! Meu sexto sentido, se é que tenho um, diz que essa merda toda que vocês escondem do mundo vai me atingir em cheio.

Peço desculpas ao meu melhor amigo, que sempre foi como um irmão, e o sigo até o quarto do

PERIGOSAS ACHERON

Doutor Breno. Encontramos o velho médico agitado, tentando desesperadamente juntar as palavras para nos falar algo importante.

— Calma, pai! — André coloca a mão em sua testa. — Lembra que falei que tem que falar sem pressa, assim fica mais fácil para entendermos e o senhor não se cansa.

— Onde está Betina?! — Faz uma pausa para recuperar o fôlego. — Quero minha filha junto de mim.

— Agora deu para chamá-la de filha, esquecendo completamente de mim e de Isabela. — Meu amigo está com ciúmes, mas compreenderia quando soubesse que Betina é sua irmã. Tenho certeza disso por conhecê-lo tão bem.

— Ela é minha filha! A única que eu tive! — Breno segura o braço do filho com dificuldades, fazendo com que sua atenção fosse toda para ele. — Escute... Betina é minha filha, minha única filha. — Algo parece estranho e aproximo-me mais da cama. — Tem que trazê-la até mim, tem que protegê-la.

— Ele enlouqueceu! — André me olha

assustado.

— Calma! Deixe-o falar. A única coisa que sei é que Breno é pai de Betina. — Afirmo na tentativa de acalmá-lo.

— Como? — Ele insiste e faço sinal para que escute seu pai.

— Há muitas coisas que preciso esclarecer! — Breno se esforça para reunir as palavras. — Farei isso, contarei tudo sobre eu, Esther e sua mãe, mas antes preciso que traga Betina até mim. Temo por sua vida. — Engulo em seco ao ouvi-lo, porque todo o pressentimento ruim que sentia tinha uma razão para ser.

Betina, a mulher da minha vida, corria perigo e eu não poderia ficar ali parado esperando para agir quando tudo estivesse perdido.

— Pai, o senhor está me deixando nervoso! Primeiro, fala que Betina é sua filha, sua única filha... — A confusão de André pairava sobre nós. — E quanto a mim e Isabela? O que somos para o senhor?

— André! Não é hora! — Repreendo-o, sentindo os instantes escorregar entre meus dedos.

— Ele tem que falar, Hugo! — André insiste e o deixo que siga com seu interrogatório. — Pai, porque não nos considera mais seus filhos?

— Você e Isabela são meus filhos, sempre serão, porque o amor não se tira assim de dentro da gente. — Faz uma pausa para se recuperar e tento me controlar para não ir até o velho médico e lhe chocalhar para que dissesse logo tudo que esconde, mas Betina me preocupa mais e eu a quero salva, meu Deus. — Mas você e sua irmã não são meus filhos de sangue, consegue entender?

— Claro que não! — André solta indignado, olhando para o pai com os olhos arregalados.

— Luiza me enganou! Mentiu para mim, tudo porque não aceitava que eu amava sua tia Esther, a mãe de Betina.

— Você e tia Esther... Vocês dois foram amantes?

— Não foi bem assim! — Meto-me na conversa, tentando resumir toda a história e assim ir logo em busca de Betina. — Breno e Esther eram namorados e Luiza se meteu entre os dois. — A decepção nos olhos de meu amigo é de cortar o

coração. — Provavelmente, engravidou de outro quando Esther estava voltando da França para forçar que Breno se casasse com ela. É isso, não é, Doutor Breno? — Olho para o médico que confirma.

— Obrigado por resumir minha vida, Hugo! — Breno diz com dificuldades.

— Agora que parte dos segredos estão desvendados, podemos ir atrás de Betina? — Pergunto a André que estava estático olhando o pai - não mais pai - meu Deus, que família mais confusa!

— Quem é o meu pai de verdade? — André exige saber e o encaro em sinal de repreensão. — Sei que não é hora, Hugo! Mas preciso saber.

— Depois você irá saber! Por favor, precisamos encontrar Betina. — Clamo para que volte ao normal e me ajude a encontrar minha mulher.

— Você e Hugo são irmãos! — Breno responde para o filho e se tudo já estava uma confusão, só acabou de piorar ainda mais.

Sento em uma das cadeiras que estavam desocupadas ali para evitar de cair duro no chão. Meu pai... O todo poderoso Medeiros é também pai

de meu melhor amigo... Meu melhor amigo é na verdade meu irmão de sangue, e se até o velho Medeiros estava metido naquela encrenca, a coisa era pior do que eu imaginava, muito pior!



— Meu Deus! — André chama por Deus como um louco enfurecido, repetindo palavras desconexas, sem saber como lidar com tantas descobertas ao mesmo tempo. — Cara, você é meu irmão, eu não ouvi mal?

— Só se eu também estiver sofrendo de algum problema de audição, porque eu ouvi o mesmo que você. — Respondo, oferecendo-lhe um copo de água, sabendo que água não iria fazer nada quando nós dois precisávamos de álcool para entorpecer nossas mentes. Mas estávamos no trabalho e eu ainda preciso ir atrás de Lucas para encontrar Betina, de preferência sã e salva.

Voltamos os dois para sua sala depois que uma enfermeira aplicou em Breno uma injeção com tranquilizante. Toda a agitação havia o deixado muito nervoso e não faria nada bem para sua recuperação.

— Que loucura foi aquela? — André me fita com os olhos marejados, nunca o havia visto chorando antes.

— Não devia ter pressionado teu pai daquele jeito! — Foi insano levá-lo ao limite daquela forma. Apesar de entendê-lo, éramos médicos e não podíamos colocar em risco a vida de pacientes tão debilitados.

— Ele vai ficar bem, já eu... Não sei se vou conseguir superar toda essa merda que eles fizeram com nossas vidas.

— Consegue compreender Betina agora? — Foi a mais prejudicada na história toda, acreditando ser uma órfã que contou com a generosidade de um tio que era seu pai de verdade, enxergando os primos sendo reconhecidos como legítimos quando nem os eram. Meu Deus, Betina ficará tão surpresa e apavorada com isso que nem sei como irá reagir a mais essa descoberta.

— Minha mãe é um monstro, Hugo! — É mesmo, mas não adianta de nada confirmar e deixá-lo pior do que estava. — E você é meu irmão, meu irmão! — A parte boa da coisa e acabo sorrindo com isso.

— Gostei de que é meu irmão! — Sou sincero.

— E Isabela... Será que também é filha de Medeiros e somos todos irmãos? — Uma pergunta que deveria ser respondida outra hora, porque tínhamos coisa mais importante para cuidar. — Não, não deve ser! Caso contrário, minha mãe não teria incentivado o namoro de vocês dois. — De tão preocupado que estou com Betina, havia esquecido completamente de meu rápido namoro com Isabela e sinto alívio pela constatação de André. — Caramba, tem noção do quanto minha mãe foi uma biscate?!

— Sei que está indignado, assustado até com tanta coisa jogada no teu colo assim do nada, mas temos que pensar em Betina antes de qualquer coisa. Temos que encontrá-la! — Praticamente suplico.

Não queria deixá-lo ali sozinho com tantos sentimentos contraditórios e dúvidas para lidar, mas Betina poderia estar em perigo e eu precisava correr contra o tempo para salvá-la.

— Eu sei! Meu pai, quer dizer, Breno teme pela vida dela. — André parece estar voltando em si e um alívio me invade. — Temos que tentar descobrir o

PERIGOSAS ACHERON

paradeiro de Lucas, tentar rastreá-lo, sei lá! — Esfrega os olhos com as pontas dos dedos, revelando cansaço além do limite.

— Vá para casa! — Toco em seu ombro. — Esteve em plantão toda a noite e ainda emendou com as consultas do dia. Vá para casa, descanse e depois pode me ajudar. — Eu poderia ir atrás de Lucas sem ele, seria melhor, porque André iria me impedir de dar uma boa coça naquele porco chauvinista.

— Estamos juntos nessa! Sendo minha prima ou minha irmã, eu a amo, e não vou deixar que ninguém a machuque para pagar pelos erros dos outros.

— Acha que tem dedo de tua mãe nisso? — Claro que podia e sinto calafrios em pensar nisso.

— Se ela foi capaz de armar toda essa merda no passado, pode muito bem repetir outra merda e das grandes. — André passa a mão na carteira e chave do carro que estavam em cima de um balcão atrás de sua mesa, depois de tirar o jaleco. — Juro por Deus, Hugo, que se minha mãe estiver por trás do sumiço de Betina, das tentativas de assassinato de Breno, juro mesmo que a interno num hospício sem PERIGOSAS ACHERON

nem mesmo hesitar por ser minha mãe.

— Uma coisa de cada vez! — Considero revelar nossa desconfiança de que Luiza havia mandado matar Esther, mas não seria uma boa coisa para ele quando já estava suficientemente transtornado com as últimas revelações.

Havia apenas uma certeza e dessa eu não abriria mão: acabaria com a raça de Lucas, porque a humanidade não merecia que uma praga dessas se perpetuasse.



Os dias se arrastavam com uma lerdeza impressionante no meio do nada e, para meu espanto, eu ansiava enxergar o rosto de Lucas no final do dia quando vinha ao meu encontro para trazer as refeições do dia seguinte.

Mas hoje ele parecia ter vindo para ficar e só em imaginar termos que dividir o mesmo teto, sentia-me nervosa e preocupada. Como conseguiria evitá-lo? Que desculpas usaria para mantê-lo longe da minha cama e com as mãos afastadas do meu corpo? Não queria qualquer intimidade com o médico e antes quando vivia na casa de Luiza

sempre havia uma desculpa para lhe dar e mesmo Hugo para me proteger, porque eu sabia que nunca havia deixado de nos seguir, sempre disposto a tudo por mim.

— Passaremos a noite aqui e, amanhã, devemos partir para um fim de semana prolongado. — Lucas fala como se nada demais houvesse acontecido, como se fôssemos dois namorados de longa data.

— Para onde vamos? — Pergunto, largando o garfo sobre o prato, sentindo o apetite ir embora.

— Pensei em irmos para Florianópolis. Tenho uma casa lá muito confortável, muito próxima da praia e tenho certeza de que irá desfrutar. — Envolve minha mão com a sua e só consigo odiá-lo um pouco mais por me impor as coisas daquela maneira sórdida. — Sei que sempre gostou do mar, Betina.

— Não na sua companhia! — Evito o contato de nossos olhos.

— Quando vai deixar de me tratar como seu inimigo?

— Talvez quando me deixar ir. — Respondo irritada, incapaz de fitá-los nos olhos.

— Sabemos que não posso. Se deixá-la ir será morta por Luiza. — Sinto os pelos eriçados diante de tão apavorante constatação.

— Não sou uma garotinha indefesa e tenho pessoas que poderão me proteger. — Respondo com o coração na mão, por saber que podem estar loucos de preocupação com meu sumiço.

— Hugo?! — Ele debocha e sinto os dedos coçarem de vontade de metê-los em sua cara falsa de bom moço.

— Não vou para a Capital com você, não irei para lugar algum. — Dessa vez, faço questão de encará-lo nos olhos.

Lucas evitou responder, mas seus semblante carregado de tensão demonstrava que estava irritado, que estava em seu limite.

Comi o resto do prato feito que me foi trazido sem vontade. Comi por comer, porque precisava me sentir forte para o que estava por vir.

Não bastava ter descoberto toda a sujeira escondida embaixo do tapete dos Bittencourt, eu ainda havia sido raptada e mantida em cativeiro por um homem que não tinha qualquer escrúpulo em

me usar em seus jogos.

— O que mais sabe sobre minha família? — Pergunto, pois merecia saber a verdade.

— Se eu contar tudo o que sei, promete que será mais colaborativa? — Solta um suspiro profundo. — Quero te proteger! — Insiste em algo que não consigo lhe dar créditos

— Não posso prometer nada, Lucas, quando você não é digno de minha confiança. Tenho medo do que irá me obrigar, tenho receio de que me use em mais um de seus joguinhos para conseguir dinheiro e poder.

O médico levantou e foi até a janela que de tão empoeirada, dificultava a visão do lado de fora da cabana.

— Luiza não só escondeu a verdadeira paternidade dos filhos e te humilhou uma vida inteira, ela mandou sabotar os freios do carro de Esther, o que provocou o acidente e... — Ele hesita e eu completo a frase com os olhos cheios de lágrimas.

— E matou minha mãe! — Confirma com um leve balanço de cabeça. — Como descobriu tudo

isso?

— Investigando. E não foi muito difícil ligar os pontos e montar um dossiê que poderia arruiná-la para sempre se não me permitisse casar com Isabela. — O sem-vergonha ainda confessa como se tivesse tido a mais brilhante das ideias.

— E tudo saiu do controle quando meu pai descobriu a verdade. — Solto uma gargalha por puro nervosismo. — Eu voltei e, então, a verdadeira herdeira se mostrou uma melhor opção. Você não presta, Lucas! — Jogo as palavras com tanta raiva que se pudessem se materializar teriam o nocauteado. — Não participarei desse jogo sujo! Prefiro morrer nas mãos de minha tia do que ceder à chantagem que me fez. — Despejo minha fúria e Lucas vem ao meu encontro, segurando-me pelos braços e deixando-me muito aflita.

— Posso ser um homem sem escrúpulos quando estou determinado a vencer na vida, mas não a deixarei perecer nas mãos de Luiza, nem que eu tenha que morrer para isso. — Fita-me com os olhos repletos de rancor e mais um misto de sentimentos indecifráveis. — Um homem pode cometer vários erros, pode estar disposto a tudo

para alcançar seus objetivos na vida, mas sempre haverá uma parte dele que é boa, Betina. Você foi e sempre será a minha melhor parte e por mais que você não acredite, eu sempre a amei e foi o sentimento mais puro e genuíno que senti por alguém.

— Quem ama não oprime! — Grito, tentando me livrar de seu aperto insistente, evitando que continuasse a me tocar por sentir náuseas e uma dor tão profunda ao lembrar de Hugo e do quanto eu sentia sua falta. — Não rapta, não mente, não usa o outro para ganhar dinheiro. Entenda de uma vez por todas que jamais serei sua, que jamais conseguirei me entregar a um homem que é capaz de fazer o que você fez. Lucas, você usou Isabela, que apesar de ser insuportável, ama você, descartando-a como um objeto que você não quer mais, sem considerar os sentimentos dela.

— Isabela não teria a mesma consideração por ti. — Ele resmunga, voltando a olhar entre os vidros empoeirados e, por Deus, como eu gostaria de ser corajosa para rendê-lo com uma faca colada em suas costas. Poderia muito bem usar a faca que me foi entregue para cortar o bife. — Amanhã logo

cedo iremos para Capital e lá pensaremos no que fazer. — Toma a direção da porta e quando coloca a mão na maçaneta, volta-se novamente para mim ainda mais carrancudo. — Não adianta lutar contra o inevitável. Será minha, Betina, você querendo ou não. Se não a obriguei a se deitar comigo naquela cama, foi somente porque quero que venha até mim por vontade própria. Mas um homem tem seus limites e os meus estão praticamente esgotados.

— Onde vai? — Pergunto em uma confusão sem precedentes, temendo que me deixasse ali naquele fim de mundo para ser esquecida.

— Dar uma volta! Tentar esfriar a cabeça e outras partes do meu corpo. — Engulo em seco, porque eu havia entendido muito bem a sua insinuação e não gostado nem um pouco dela.

Lucas havia confirmado aquilo que eu e Hugo havíamos desconfiado. Minha mãe morreu pelas mãos de Luiza e isso provocava uma dor tão grande, como se um buraco houvesse sido aberto e jamais pudesse ser tapado.

Olhei através da janela e deixei as lágrimas caírem como um pedido de socorro para que uma força superior pudesse curar minha alma, que

PERIGOSAS ACHERON

parecia nunca conseguir encontrar a paz. Encostei-me na parede e sentindo as pernas fracas, deslizei até me sentar no chão e abraçar minhas pernas como uma menina indefesa que precisava apenas ser abraçada por alguém.

Luiza havia me tirado um pai. Não satisfeita, acabou com a vida de minha mãe, deixando-me órfã e fazendo questão de me jogar na cara isso desde o primeiro dia que pisei em sua casa. A podridão de sua alma envenenava qualquer um que se aproximasse e assim foi com Isabela e Lucas.

Ela o corrompeu e o tornou um fantoche para suas armações e se Lucas pensava que iria se livrar dela, eu duvidava muito. Ninguém era páreo para alguém vingativa como Luiza. Ela poderia sim vir atrás de mim e jogar toda sua ira em cima daquela que sempre considerou o motivo de seus problemas, mas Lucas estava também ferrado ao confrontá-la e deveria temê-la tanto quanto eu.

Entreguei-me aos pensamentos e lembranças de um passado distante, mas ainda tão presente em minha memória como uma dor lancinante, sendo consumida aos poucos pelas lágrimas insistentes e opressoras. Quanto mais chorava, mais lágrimas se

acumulavam e o buraco dentro do peito se abria um pouco mais.

Aquela dor parecia não querer passar e o que eu faria com ela só mesmo Deus saberia dizer. Mas até Deus parecia ter me abandonado e me deixado à própria sorte, insistindo para que eu buscasse forças de onde não haviam mais para continuar.

Dormente por ter ficado mais de hora naquela posição encolhida, senti braços me envolverem com cuidado e fui conduzida até a cama. Lucas havia voltado, mais calmo e com cuidado me depositava na cama.

Deixei-o que cuidasse de mim por estar cansada de discutir o inevitável como ele mesmo havia dito. Seu comportamento indicava que uma trégua entre nós havia sido dada e eu me sentia muito esgotada para não aceitá-la.

— Dormirei no sofá! — Deposita um beijo em minha testa. — Conversamos mais amanhã! — Encolho-me embaixo do lençol, sufocando um soluço e desejando que quando acordasse tudo não houvesse passado de um pesadelo.



Na manhã seguinte a promessa de Lucas foi cumprida e saímos cedo rumo a Florianópolis. Evitei de discutir ou mesmo dar atenção para suas tentativas de manter uma conversa civilizada.

Não haveria mais conversa até que não me deixasse voltar para Toledo e para minha vida, que podia sim estar uma tremenda confusão.

A casa do médico ficava em uma praia de gente rica a julgar pelas belíssimas e imponentes mansões que se erguiam em uma rua muito bem planejada. Pessoas bonitas e muito bem vestidas transitavam por aí e eu só queria gritar para que uma delas me tirasse daquele suplício.

Fui deixada dentro de um impecável quarto com vista para o mar, trancada a chave, já que Lucas precisou sair para buscar comida e não confiava em mim. Com razão, pois na primeira oportunidade trataria de pedir socorro, nem que fosse para quaisquer pessoas que passassem na rua.

— Betina! — Escuto sua voz vindo do andar inferior e logo em seguida passos se aproximando.

PERIGOSAS NACIONAIS

A chave gira e o vejo soberbo e cheio de pose, o que me faz sentir náuseas. Em outro tempo, poderia tê-lo achado bonito e atraente, mas pouco havia restado daquela admiração. — Venha, precisa se alimentar.

— Não estou com fome! – Digo, sentindo-me mais indisposta do que o normal.

— Venha! – Estende a mão em minha direção. — Não seja teimosa e me deixe cuidar de você. Não quero mais brigar, meu bem. – Eu queria brigar e como queria, mas infelizmente, não passo de uma mulher, nem um pouco burra para subjugar a força bruta de um homem alto e musculoso como Lucas.

— Deixe-me, por favor! Só quero dormir! – Imploro, mas ele não me dá ouvidos e vem para perto, oferecendo a mão e exigindo que me levantasse.

— Iremos voltar, Betina! Eu prometo que iremos voltar para Toledo. Mas antes preciso ter certeza de que estamos em segurança e que você me aceitará em sua vida sem Hugo para estragar com tudo.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu amo Hugo. — Digo para meu coração se aquietar, sem me importar se Lucas me ouvisse. — Eu sempre amei Hugo e não posso ficar contigo amando outro. Deixe-me ir, por favor! Fique com tudo, eu darei todo o dinheiro, o hospital... — Sinto os olhos marejados e, droga, eu já não suporto mais chorar. — Nunca quis nada disso. A única coisa que desejei durante toda minha vida foi ser amada, ter uma família para chamar de minha, ter aquela pessoa que me esperaria e me abraçaria como alguém importante. Eu tenho essa pessoa agora e é o Hugo, não você, precisa compreender isso.

— Hugo nunca te mereceu! — Lucas insiste. — Estava sempre lá ao seu lado, sempre te cercando, mas nunca capaz de admitir que a amava. — Solta um longo suspiro. Era uma de suas manias e que sempre acontecia quando se sentia encurralado e sem saber o que responder. — Enquanto eu sempre estive ao seu lado. Éramos compatíveis, Betina! Nos divertíamos juntos, fazíamos planos e sorriamos sempre na presença um do outro.

— Não nego que tivemos nossos momentos de alegria. — Sorrio timidamente para ele. — Mas de uma hora para outra, tudo mudou, você se afastou e

eu te deixei ir porque no fundo eu já sabia que era Hugo que eu amava. Não se humilhe mais, Lucas! Me deixe ir.

— Não posso, não consigo. — Fala com os olhos vidrados em meu corpo e me sinto exposta, temerosa por suas ações dali em diante. — Não estrague com nosso dia, com nosso fim de semana, e só me deixe te conquistar de novo. — Ajoelha na cama e meu coração acelera no peito em sinal de que as coisas poderiam sair de controle.

O colchão afunda em razão de seu peso quando se acomoda ao meu lado na cama. Tento me afastar, mas acabo presa entre seus braços, totalmente imobilizada.

— Não me toque! — Grito assustada, reagindo sem pensar, e atingindo-lhe com os joelhos no meio das pernas.

Lucas urra de dor e aproveito seu atordoamento para correr para fora do quarto. Desço as escadas o mais rápido possível, sempre buscando com os olhos a porta mais próxima.

— Betina, não ouse sair! — A voz de Lucas chega até mim como um alarme de que preciso me

apressar ou perderei minha oportunidade de ouro.

Giro a maçaneta da porta que havia entrado e dou de cara com dois homens truculentos que me agarram, cada um em um braço, forçando para que eu entrasse novamente na casa.

— É um prazer revê-la, querida sobrinha! — Luiza se revela diante de mim em toda a prepotência em cima de seu salto alto e com um pequeno revólver em mãos, pisando duro e exalando uma determinação mortal que faz meus pelos se arrepiarem.

— Não a toque! — Lucas fala do alto da luxuosa escadaria.

— Meu querido genro, como pôde ser tão previsível ao trazê-la para cá? — Sorri sarcasticamente e meu estômago embrulha, mas não em razão da ojeriza que sentia por vê-los ali reunidos, e sim porque alguma comida não havia assentado muito bem. — Pela última vez, desça até aqui e dê um jeito de se livrar da ratinha imprestável ou acabará na mesma cova que ela. A escolha é sua, mas tenha certeza de uma coisa: não permitirei que meu nome seja jogado na lama por ter defendido a honra da minha família de uma PERIGOSAS ACHERON

biscate como minha irmã.

— Não chame minha mãe de biscate, sua víbora! — Cuspo no rosto de Luiza e acabo levando uma bofetada no rosto.

— Repita o que acabou de fazer que cortarei sua língua e a jogarei para o primeiro vira-lata que passar. — Segura meu queixo, forçando para que a encarasse. — Tão prepotente quanto a sonsa da Esther. Se eu tivesse tido coragem de me livrar de tua mãe antes, nada disso teria sido necessário. Meus filhos seriam filhos de Breno, ele não teria engravidado Esther e tido você, que sempre foi a pedra em nosso casamento.

— Você é um demônio desalmado. Como pôde ter mandado assassinar minha mãe? Como pôde ter acabado com a vida da própria irmã? — Levo outra bofetada, mas nada seria capaz de me deter, eu falaria tudo que estava engasgado mesmo que eu fosse espancada por isso.

— O único arrependimento que tenho é não ter feito isso antes. — Solta uma gargalhada doentia. — Sem ela não haveria filhinha insuportável e teria sido feliz ao lado de Breno, como sempre devia ter sido.

— Você é louca! — Bufo, tentando me soltar do aperto dos capangas.

— Solte-a! — Lucas se coloca na frente de Luiza e a enfrenta de igual para igual, dois doidos de pedra que me fazem sentir muito medo.

— Você pode me matar, Luiza! Pode se livrar de mim como fez com minha mãe, mas jamais terá o amor do meu pai. Do meu pai! — Friso as palavras com gosto. — Ele amou minha mãe com toda sua alma e você terá que morrer com a amargura de não ter sido a mulher que ele amou. — Luiza me atinge com o cabo do seu revólver nos lábios e sinto o gosto acre do sangue quando deslizo a língua sobre a carne machucada.

Lucas se coloca entre nós duas e acaba sendo imobilizado por mais um capanga que não sei de onde tinha saído. Luiza havia nos seguido e havia vindo preparada para nos aniquilar.

O nó no estômago só aumenta e faço força para não colocar para fora o café da manhã. Lucas ainda tenta convencer a louca para que se acalme e converse com ele. Tudo gira, as paredes ficam desfocadas e minhas pernas fraquejam quando avisto Hugo e André atrás de Luiza.

Eles haviam vindo por mim. Hugo havia vindo para me salvar da loucura de Luiza.

— Mãe! — André chama por Luiza. — Já chega dessa loucura toda.

— Não se aproxime! — Ela fala ainda olhando firmemente para mim.

— Fim da linha, mãe! Largue a arma e se entregue. A polícia está lá fora e a casa está cercada. Não tem mais o que ser feito a não ser se entregar. — A tristeza no rosto do meu primo me corta o coração. Evitei a todo custo que sofresse tamanha decepção, escondendo dele todos os segredos que envolviam nossas mães, mas de nada havia adiantado, porque descobrir cedo ou tarde a verdade sobre o caráter daquela que havia lhe dado a vida seria dolorido, assim como me foi um martírio descobrir que minha mãe havia sido privada da vida pelos ciúmes da própria irmã.

— Se eu for presa, vai ser por uma boa razão. — O ódio nos olhos de Luiza me dão medo e me encolho quando ouço o gatilho e, em seguida, o disparo.

Tudo acontece tão rápido. Sou arremessada

contra o sofá com o peso do corpo de Lucas a comprimir minhas costelas. Ele havia se colocado entre eu e Luiza e sido ferido, talvez, mortalmente, não saberia dizer ao certo, porque ele não se mexia.

— Ai meu Deus! — Grito apavorada, sentindo a roupa encharcar com o sangue de Lucas. — Não morra, por favor! Não morra! — Imploro para que fique acordado, mas eu mesma mal conseguia me manter lúcida com tantas coisas acontecendo ao meu redor.

— Betina! — Hugo se aproxima e, com a ajuda de André, afasta com cuidado o corpo de Lucas de cima do meu. — Meu amor! — Beija meu rosto e o alívio me invade por sentir a vida ainda pulsar dentro de mim, mas algo não parecia bem.

Eu tremo inteira e não consigo falar, tudo gira ao meu redor, os rostos se tornam desfocados, as vozes cada vez mais distantes e a escuridão se mostra tão atrativa. Foram dias de angústia profunda, de um medo de perder tudo que eu nunca tive e que eu queria muito viver... De perder Hugo, de poder não tocá-lo mais, nem dizer o quanto eu o amava.

Mas a escuridão é tão perfeita quando meu

PERIGOSAS ACHERON

corpo só pede por descanso.

— Hugo! — Chamo-o para que me salve mais uma vez, mas é impossível resistir ao chamado da escuridão e deixo-me levar para um vazio tão acalentador, agradecendo por estar sendo amparada pelos braços do homem que amo.

Não haveria forma mais prazerosa de morrer se havia chegado a minha hora.



Capítulo 28

(por Hugo)

Ela dormia e só fazia dormir desde que a havia tirado do cativeiro. Os médicos que a atenderam acreditavam que Betina havia passado por um estresse muito forte, mas que seu estado de saúde era bom e logo se recuperaria.

Mas sua insistência em dormir me deixava alarmado. Eu sabia que seus sinais vitais estavam ali, que tirando o ferimento em seu lábio não havia machucados mais sérios. Droga, eu só precisava ver seus olhos de encontro aos meus, ouvir sua voz e poder lhe dizer que eu a amava mais do que tudo.

Aproximei-me da cama e acariciei sua face,

deixando-me levar pela esperança de que a qualquer momento ela abriria os olhos e sorriria lindamente para mim como sempre fazia quando despertava com os olhos enrugados depois que passávamos as madrugadas a nos amar.

Aquela confusão de segredos e mistérios havia chegado ao fim e apesar de toda a dor que foi obrigada suportar, Betina se recuperaria, porque era uma mulher forte e determinada a ser feliz. Eu garantiria sua felicidade, nem que para isso precisasse me mudar para a Rússia com ela.

Havia acabado de conversar pelo telefone com meu pai e tive vontade de atravessar o *smartphone* para lhe pegar pelo cangote quando me revelou que sabia que André era seu filho. Mas o pior foi ter que ouvi-lo admitir que pediu a ajuda de Betina para tentar se aproximar do filho e consertar a merda que fez no passado ao se envolver com uma mulher como Luiza, totalmente louca.

Era louca sim e do pior tipo, já que uma mulher em sã consciência não teria tanta audácia e frieza em tramar tantas intrigas e esconder tantas verdades por tanto tempo, ceifando vidas no meio do processo e tudo para que seus crimes continuassem

impunes.

— Cara! — André adentra no quarto e faço sinal para que tente falar mais baixo. Ansiava que Betina despertasse, mas ela tinha que fazê-lo por si só e não pelo timbre elevado da voz do primo. — Que merda foi essa que minha mãe se meteu?!

— O que a polícia falou? — Pergunto ansioso por notícias.

— Responderá o processo aqui e dificilmente conseguirá respondê-lo em liberdade. — É o mínimo depois de tanta maldade que havia cometido. — Minha mãe está louca, totalmente fora de si, e penso em chamar um psiquiatra. Acredita que quando perguntei sobre o verdadeiro pai de Isabela ela me respondeu que é o motorista?! — André senta em uma poltrona que eu costumava usar para dormir, demonstrando cansaço e preocupação. — O motorista, acredita? Ao menos sou filho de um Medeiros e teu irmão, mas Isabela vai enlouquecer quando ficar sabendo. — Talvez fosse a lição que precisasse para dar importância às coisas que de fato importam e assim deixasse de ser tão frívola.

— E ela chegou? — Questiono-o por temer que a irmã quisesse se vingar de Betina depois que

PERIGOSAS ACHERON

Lucas foi ferido para salvá-la.

— Chegou e não quer arredar o pé do lado do traste. — André bufa de nervoso. — Lucas irá se safar dessa, mas os médicos acreditam que ficará sem os movimentos da cintura para baixo. A bala passou muito próxima da coluna e sabemos que o dano pode ser irreversível. — Como médicos, tínhamos praticamente certeza de que a lesão foi muito grave e o colocaria para sempre em uma cadeira de rodas. Mas estava vivo e isso deveria nos bastar, pois teríamos a chance de vê-lo pagar pelo rapto de Betina. — E Betina? — Pergunta preocupado.

— Só tem feito dormir e não sei se fico aliviado ou assustado. — Desabafo, temendo que o inferno que vivia nunca viesse a terminar.

Foram dias sem saber onde estava, em uma agonia constante, e depois que André conseguiu o endereço da casa de praia de Lucas e a esperança ressurgiu, vê-la sob a mira de uma arma me deixou completamente em pânico. Mas foi quando ela desmaiou em meus braços, para não acordar mais, que tive certeza de que uma parte de mim havia sido entregue a ela e morreria com ela caso não

voltasse para mim.

— Calma! Sabemos que Betina está bem, apenas passou por um estresse muito forte e o sono ajudará muito na sua recuperação. Clinicamente, não há nada de errado com ela. — Eu sabia disso como médico, mas de nada adiantava saber quando o amor que sentia por ela me cegava para tudo.

Ouvimos batidas na porta e, em seguida, a médica responsável por Betina entra. É uma mulher madura, que havia assumido com orgulho os cabelos grisalhos, o que a deixava com um ar sofisticado. Havia sido nossa professora na Faculdade e nos foi uma grata surpresa reencontrá-la.

— Olá, rapazes! Como tem passado nossa paciente famosa? — A fama de Betina como bailarina do Bolshoi a perseguia e as emissoras locais sempre estavam à espreita para saber notícias dela. — O resultado dos exames de sangue saíram e tenho uma excelente notícia para você, Hugo. — Sorrio em resposta. — Temos uma pequena anemia aqui como pode ver. — Pego de suas mãos os papéis com os resultados. — Mas também temos uma excelente notícia. — Aponta para uma linha em

específico.

— Jesus! — Solto surpreso. — Betina está grávida? — Pergunto ou afirmo, não sei dizer o que posso pensar a respeito e a médica nota minha surpresa.

— Está muito grávida como pode ver. Presumo que de 4 a 5 semanas pela quantidade de Beta-HCG no sangue. Parabéns, doutor, sua namorada está à espera de um lindo bebê.

— Serei tio! — André me abraça e ainda me sinto confuso com a revelação. — Que notícia incrível! Minhas meninas terão um primo para brincar. — Bate nas minhas costas e não sei o que fazer ou falar.

— Mas o bebê está bem, doutora? — Betina havia passado por muito, sido mantida em cativeiro, e toda a preocupação poderia ter feito mal ao nosso filho.

— Está sim, mas logo um obstetra de minha confiança virá para examiná-la e possivelmente pedirá exames complementares. Como falei, está com uma pequena anemia, mas com a suplementação de ferro, ficará boa logo e não tem

mais o que temer. — Estende as mãos e me parabeniza. — Assim que a paciente acordar, darei sua alta e ela poderá ir para casa e ser muito mimada, porque grávidas merecem todos os mimos de seus companheiros.

A médica se despediu e nos deixou para trás como dois bobos atordoados com a notícia. Um filho sempre seria bem-vindo em minha vida e um filho da mulher que mais amava no mundo era uma benção que não sei se merecia. Porém, mesmo que eu não merecesse, não iria dar as costas a tamanha sorte e daria tudo de mim para que essa criança fosse a mais feliz do mundo.

— Serei pai! — Olho para meu amigo e não consigo conter mais a felicidade com a notícia. — Betina irá me matar, mas pouco importa, porque eu serei pai. — Recebo mais um abraço de André e vou para perto dela, beijando-a na testa como um agradecimento pelo presente que havia me dado. — Ela só precisa acordar e ser feliz também com a notícia. Espero que não fique muito brava por tê-la engravidado antes da hora.

— Cara, é claro que ela vai ficar feliz com a notícia. Mulheres amam bebês e toda essa coisa de

grávidas. — André solta uma gargalhada. — Estou feliz por vocês, meu amigo, muito feliz! Merecem essa felicidade mais do que ninguém, como uma compensação por tudo que os dois têm enfrentado e tenho certeza de que serão os melhores pais. Eu preciso voltar para Toledo e se precisar Júlia pode vir ficar com Betina para que você possa descansar um pouco, tomar um banho e estar mais inteiro quando ela acordar.

— Não precisa, agradeço! — Jamais a deixaria quando poderia despertar a qualquer momento. — Prefiro ficar aqui ao lado dela até que acorde.

— Ela vai acordar logo, fique tranquilo. — Bate em meu ombro.

— Não pretendo levá-la de volta de imediato. Quero que passe uns dias longe e possa se recuperar. — Eu sabia que Betina iria resistir à ideia de descansar por uns dias quando seu pai parecia melhorar cada dia mais, mas não lhe daria opção a não ser ficar comigo e poder mimá-la do jeito que merecia.

— Fiquem pelo tempo que acharem necessário. Tomarei conta das coisas em Toledo e Júlia pode ajudar com teus pacientes. — Acabo emocionado

PERIGOSAS ACHERON

com suas palavras. André é meu irmão e eu sempre poderia contar com ele.

— Meu pai, quer dizer, nosso pai, quer vê-lo! — Aquele encontro se fazia necessário e terão que acertar as coisas hora ou outra.

— Uma coisa de cada vez! — Apertamos as mãos para nos despedir.

— Obrigado por tudo, irmão! — Digo e assim André parte, nos deixando para que um novo capítulo de nossas vidas fosse escrito, em que um novo ser pudesse vir ao mundo e nos fazer uma família de verdade.

Nosso amor havia dado frutos e crescia dentro da barriga de Betina. Éramos três agora e ninguém poderia nos afastar mais.



Esgotado pelos dias de preocupação e atordado com a notícia de que seria pai de um filho da mulher que amava, que sempre havia amado e que possivelmente viria a amar para sempre, encostei a cabeça na poltrona, perdido entre pensamentos e planos de uma vida que eu

queria muito compartilhar com Betina.

Ela se remexeu na cama e, num sobressalto rápido, fui ao seu encontro.

— Hugo! — Com os olhos semicerrados, me procura.

— Estou aqui, meu amor! — Deixo-a por poucos segundos para poder fechar as cortinas e assim deixá-la mais confortável. Havia dormido muito e o excesso de luz parecia lhe estar deixando confusa.

— O que aconteceu? — Pergunta com a voz enrouquecida. — Estou ferida?

— Só passou por uma grande comoção e dormiu muito, bailarina. — Eu lhe contaria tudo, mas na hora certa. Não queria que ficasse nervosa e precisávamos cuidar do bebê.

Um bebê, meu Deus! Como contaria a ela que a havia engravidado? Como pude ser tão descuidado? Teria que encontrar um jeito e de preferência rápido, porque eu a conhecia muito bem para saber que quanto mais esperasse, mais brava a deixaria.

— Lucas morreu? E minha tia, o que foi feito dela? — As perguntas a sufocam.

— Todos estão bem! Lucas sobreviveu com sequelas, mas viverá. Luiza está presa e tudo ficará bem. — Tento resumir toda aquela confusão sem igual em uma frase para que pudesse se tranquilizar. — Amor, está segura agora! Não deixarei que nada de ruim volte a acontecer. Estou aqui. — Abaixo-me para beijá-la nos lábios e quando ela envolve seus braços ao redor do meu pescoço, meu coração a reconhece e passa a bater com mais tranquilidade.

Betina havia voltado inteira para mim e ainda me reconhecia como seu amor.

— Eu amo você, Hugo! Tive tanto medo de morrer e não poder estar mais junto de ti. — Declara com os olhos cheios de lágrimas.

— Não chore! — Peço, envolvendo seu rosto com as mãos, tomando suas mãos, em seguida, e as levando até meus lábios, devotando minha vida a ela e ao nosso filho.

— É de felicidade. — Abre um sorriso tímido. — Estou feliz porque está aqui comigo.

— Sempre estarei com você, bailarina, porque a amo muito. — Volto a beijá-la.

— Me ajude a sentar! — Pede e a atendo, mas preocupado que estivesse muito fraca para tentar sair da cama depois de ter dormindo tanto. — Me sinto forte para isso. — Completa como se tivesse ouvido meus pensamentos.

— Tem certeza? — Insisto porque a última coisa que desejo é que volte a se sentir mal.

— Sim, sim... Apenas sinto um grande vazio no estômago, mas ao mesmo tempo me sinto enjoada. Talvez seja porque tenho me alimentado pouco. — O motivo é outro e eu preciso contá-lo.

— Betina, são sintomas normais para alguém que se encontra em seu estado. — Preciso encontrar coragem para dizer-lhe sobre a gravidez.

Betina dá de ombros e parece não ter entendido minha referência.

— Tenho sentido enjoos estranhos e muita fome. — Boceja. — E ainda sinto meu corpo dormente de tanto dormir, sim porque tudo indica que dormi muito, ainda sinto sono.

— Tudo normal para uma grávida! — Decido ser direto.

— O que disse? — Ela me fita com os olhos

PERIGOSAS ACHERON

arregalados.

— Amor, temo que terei que te entregar as sapatilhas da sorte depois que ficar sabendo que espera um filho meu. — Estava dito e que Deus tivesse piedade de mim, porque minha mulher sabe ser intransigente quando quer.

— Oh meu Deus! Está me pedindo em casamento? — Movimento a cabeça em sinal de concordância. — Tudo bem, eu entendi muito bem essa parte e acho que estou sim preparada para a pergunta e para te dar a resposta que tanto quer. Mas a segunda parte do que você falou... A parte de que estou grávida... Isso é verdade?

— É sim, meu amor! Acredite, foi um choque para mim também, mas estou muito feliz com a notícia. Desculpe, Betina, eu não queria ter te engravidado, mas acho que fui descuidado. — Sento-me ao seu lado na cama e ficamos os dois olhando em direção à parede branca.

— Bem... Não me deve desculpas quando fui um tanto relapsa com esse assunto em específico. — Sinto suas pequenas mãos em minha coxa e um estremecimento de alívio me toma ao constatar que ela havia reagido bem a notícia.

— Depois de toda essa bagunça em minha vida um bebê não é assim algo de outro mundo. — Ela sorri e como não a amar ainda mais? — Quer saber a verdade, Hugo? Prefiro mil vezes que eu seja a mãe dos teus filhos. Ah, como odiei quando a cretina da Larissa quis te prender pelo golpe da barriga.

— Odiou é? — Viro-me para ela e puxo-a para meu colo.

— Muito. Você é meu, Hugo! Não passei uma vida te amando para que outra me tirasse você. Mas um filho era uma grande coisa e não poderia deixar que um inocente ficasse sem um pai e crescesse cheio de conflitos como eu cresci. Foram dias de grande angústia. Então, é mais justo que eu seja a mãe dos teus filhos. — Gruda seus lábios nos meus e aquele sentimento de pertencimento passa a ditar minhas próximas ações, numa tentativa ingrata de manter a luxúria longe de minha cabeça e do meu corpo. — Mas estou com medo. Não sei se serei uma boa mãe.

— Nem eu tenho certeza de que serei um bom pai, mas uma vez a avó de uma paciente me disse que toda vez que um bebê nasce, uma mãe e um pai

nascem juntos. — Beijo a ponta de seu nariz, tão delicado quanto sua dona.

— É uma maneira linda de se pensar! E ao seu lado acho que poderei ser uma boa mãe. — Aconchega a cabeça no meu ombro e ficamos os dois ali pensando na vida, fazendo planos silenciosos de um futuro que queríamos que fosse o mais feliz possível. — Sabe de uma coisa?! Eu amo você tanto que nosso amor não poderia ficar só na gente. Merecia se multiplicar! — Volta a sorrir e acabo por devolvê-la para a cama. — O que faz? — Pergunta com olhos curiosos, revelando a menina sapeca que sempre guardou dentro de si.

Coloco-me de joelhos para fazer o pedido da forma certa, porque ela merecia isso e muito mais.

— Betina Bittencourt, aceita casar comigo e me fazer um homem completo junto a mulher que amo e do filho que tanto anseio? — Só espero não ter parecido muito piegas aos olhos dela. Bem ou mal, é uma bailarina famosa e poderia ter recebido pedidos mais originais, mas eu não posso ser tido como um homem dos mais autênticos, especialmente quando se refere às coisas do coração, uma área ainda inexplorada por mim.

— Só se me devolver as sapatilhas. — Solta uma risada marota e deixa-se cair até mim, ajoelhando-se também. — Claro que aceito, meu amor! — Envolve meu rosto com as mãos e me beija com tanto ardor que sou capaz de incendiar ali mesmo. — Faço questão de ser chamada por Betina Medeiros. — Não consigo entender o pedido, pois as mulheres já não faziam tanta questão de usar o sobrenome do marido e ela entende minha confusão. — Quero dizer que desejo me casar com você do jeito tradicional, faço questão de usar teu sobrenome, porque a partir do dia que me tornar tua esposa, deixarei a Betina Bittencourt para trás junto com toda a amargura do meu passado que a história dos meus pais me trouxe. Serei apenas Betina Medeiros, porque não quero e não desejo mais viver como a sombra do sofrimento de um amor não concretizado. Consegue me entender? — Exige uma resposta.

— Te darei o mundo se me pedir, bailarina! Não apenas as sapatilhas ou meu sobrenome, mas minha alma te pertence para sempre. — Nos beijamos afoitos por partilhar uma nova vida, livre de segredos, verdades não ditas e totalmente comprometidos com o sentimento que

PERIGOSAS ACHERON

partilhávamos.

— Quero que nosso filho ou filha tenha tudo o que eu não tive! – Desliza nossas mãos até sua barriga e ali eu tive a certeza de que o amor sempre seria o sentimento mais sublime quando partilhado com a pessoa certa.

Um homem poderia conhecer várias mulheres, mas haveria uma que seria especial, aquela que havia sido feita só para tocar seu coração e fazê-lo alguém melhor. Betina é a minha outra metade e se encaixa tão bem aos meus anseios que uma vida sem ela seria um caos profundo, uma vida sem cor, sem brilho e sem a felicidade de ser dela.

— Não tenho um anel, nem uma aliança para te dar agora, mas prometo que irei resolver esse detalhe assim que sairmos do hospital. – Falo frustrado por não ter me preparado melhor para o momento.

— Você acabou de entregar seu coração a mim e não tem coisa mais preciosa que isso. – Ela me beija e preciso me beliscar para ter certeza de que não é um sonho. — O que foi, Hugo? Parece assustado agora que aceitei casar contigo. – Solta o riso e vê-la assim tão feliz entenece meu coração,
PERIGOSAS ACHERON

me deixa feliz.

— Pensava que talvez eu precisasse de um beliscão... Não estou sonhando ou estou? Sempre existiram tantas coisas entre a gente e fico desconfiado quando tudo está fácil. — Afundo meu rosto na junção de seu pescoço com o ombro.

— Sei que não fui uma conquista muito fácil para você. — Ri daquele jeito que me faz suspirar. — Mas alguém teria que lhe ser um desafio e lhe tornar as coisas difíceis.

— Claro, claro! E justo a mulher que amo deveria ser a mais difícil das conquistas. — Comento enquanto beijo seu pescoço.

— As conquistas mais difíceis sempre são as mais saborosas. — Me desafia e eu acabo entrando em seu jogo, levantando-me do chão com ela nos braços para voltar a depositá-la na cama.

— Nisso concordamos em absoluto! — Volto a grudar meus lábios nos dela, aplacando a saudade que sentia de seu corpo e deixando que sua presença curasse todos os resquícios de medo e insegurança que ainda me perturbam.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 29

Eu havia reagido bem à notícia da gravidez, tão bem que até me desconhecia. A verdade, porém, é que desde que Hugo entrou em minha vida muitas coisas haviam mudado. Eu havia aberto meu coração para que ele o curasse aos poucos, se infiltrando como uma espécie de tônico que me dava forças para voltar a acreditar que a felicidade poderia sim fazer parte do meu destino.

Hugo estava há alguns minutos atento ao *smartphone*, fazendo ligações e respondendo mensagens das mães de seus pequenos pacientes, também havia entrado em contato com hotéis e

cartórios, pois havíamos decidido nos casar o quanto antes. Não queríamos uma grande cerimônia e havíamos concordado que ninguém precisava estar presente a não ser nós dois e os amigos mais chegados.

Ainda estava internada no hospital, mas à tarde a médica passaria para me dar a alta. Seguiríamos para um hotel e passaríamos uns dias só nós dois, porque merecíamos esse tempo só nosso antes de voltar para a realidade.

— Aqui diz que temos que dar entrada no pedido de casamento no Cartório com sessenta dias de antecedência. É muito tempo! — Hugo reclama e acabo rindo de seu desespero.

— Não é nada, meu amor! Para quem esperou uma vida toda, dois meses não são nada, principalmente porque iremos morar juntos mesmo. — Havia aceitado seu convite para morarmos juntos, o que nos tornava já marido e mulher e não seria a ausência de um papel a contradizer isso.

— Mesmo assim, te prometi meu sobrenome e não vejo a hora de que possa usá-lo. — Homens são todos iguais e tão territorialistas que acabo rindo.

Ouvimos batidas na porta e Hugo levanta para atender a pessoa que deseja nos falar. Acabo surpresa quando ouço o nome de Isabela saindo da boca do meu noivo.

— Deixa-a entrar! — Peço a Hugo, que não fazia questão alguma de esconder sua irritação. — Não vejo problema em escutá-la. — Tento tranquilizá-lo antes que arrancasse os olhos de minha prima.

— Obrigada, Betina! — Isabela se aproxima e só então percebo as olheiras ao redor dos olhos. — Fico feliz que esteja bem. Sei que é estranho e até possa não acreditar, mas estou feliz que tudo correu bem.

— O que quer? — Pergunto, dando um fim naquele sentimentalismo exacerbado que não combina com ela.

— Estou aqui para te fazer um pedido, mesmo sabendo que não tenho direito. Entenderei se disser não. — Os olhos dela se enchem de lágrimas. — É sobre Lucas! — Seca uma lágrima que escorreu. — Jamais voltará a andar, mas não reclamo, porque ainda está vivo... Não suportaria uma vida sem ele. — Constato que minha prima ama o marido ou ex-
PERIGOSAS ACHERON

marido, já não sabia mais dizer qual é seu estado civil, e acabo espantada com sua fala. — Ele perdeu os movimentos das pernas para salvar sua vida, Betina, e peço que não o denuncie à Justiça. — Uma das coisas que ainda me perturbava e por mais que Hugo insistisse para que o denunciasse, eu ainda não havia decidido.

— Lucas é um criminoso, Isabela, e deve responder pelos crimes. — Hugo se volta à minha prima com rancor.

— Lucas nunca foi um santo! — Responde. — Fez coisas erradas, sim! Mas nunca matou ou participou das loucuras de minha mãe, não das mais loucas, ao menos. Eu sempre estive lá e sei do que falo. — Volta a olhar para mim. — Ele te ama e isso me dói muito, Betina! Todos sempre te amaram mais do que puderam me amar. — Acabo rindo pela insensatez do que acabo de ouvir, porque Isabela sempre teve tudo, sempre teve um pai, o meu pai, a propósito. — Hugo sempre te amou, André sempre preferiu estar na sua companhia do que na minha, meu pai, quer dizer, Breno sempre a admirou mais e, droga, até o homem que eu amo te ama e quase perdeu a vida por você.

— E você ainda o defende? — Hugo bufa de um canto do quarto e faço sinal para que se cale, que a deixe falar.

— Porque o amor tem dessas coisas. Não podemos compreender, apenas sentir. — Ela dá de ombros e devo concordar com ela. — Estarei ao lado de Lucas porque o amo, ele me amando ou não, caminhando ou não. Lucas é um homem orgulhoso e quando ficar sabendo que perdeu os movimentos para sempre, já será um castigo suficiente. Não o faça ir para uma prisão, Betina! Eu imploro! Peça o quizer em troca, mas não o deixe ficar preso e sem os movimentos das pernas.

— Não vou denunciá-lo! — Solto sem arrependimentos.

— Betina! — Hugo me repreende e o entendo, porém, a decisão havia sido tomada e não voltaria atrás.

— Chega de ressentimentos! — Só queria encerrar aquele assunto. — O passado de nossos pais já nos mostrou o quanto as coisas podem ser difíceis e respingar em inocentes. Chega de viver envoltos em amarguras, perpetuando um ciclo vicioso de vingança. Eu perdoo Lucas pelo que fez,
PERIGOSAS ACHERON

eu perdoo você também, Isabela, por todas as vezes que foi uma nojenta comigo, porque o amor que sente por Lucas a fizeram vir até mim... Eu sei que não foi fácil para você vir até aqui e se humilhar e reconheço que o fez por amor, um sentimento sublime e verdadeiro, que alguns insistem em confundir com orgulho e posse, mas que é maior que isso. O amor nos pode ensinar muito e tem me ensinado muito, inclusive, assim como tem te feito uma pessoa melhor. Só te peço uma coisa! Sigam suas vidas longe de mim. — Hugo tenta falar, mas não o deixo.

— Não nos verá, Betina! Eu prometo! Não pretendo voltar para Toledo. — Isabela se aproxima e estende a mão para selar nosso acordo. — Desculpe por tudo que te fiz de ruim! Talvez não mereça seu perdão, mas o faço com o coração aberto. E sim, o amor por Lucas me tocou e quando me dei conta de que ele amava você e não a mim, tudo se quebrou dentro de mim. Antes havia o dinheiro e a influência que o seguravam ao meu lado e quando ele mudou de dona, Lucas não pensou duas vezes em me tirar de sua vida, não porque o dinheiro havia mudado de mãos, mas porque ele amava você e isso era como um paraíso

PERIGOSAS ACHERON

para ele. Foi, então, que a verdade caiu sobre mim como uma faca afiada e pontuda. Foi dolorido, mas necessário para eu abrir os olhos e fazer escolhas. Quero ser uma pessoa melhor, mas só serei capaz ao lado dele.

— Só espero que ele seja também capaz de ser um homem melhor. — Retruco, dando-lhes o benefício da dúvida. Querer mudar já é um grande passo e não via mentira em seus olhos. — Te desejo boa sorte, Isabela!

— Também te desejo o melhor, Betina! — Voltou-se para meu noivo. — Você também merece o melhor, Hugo. Vocês merecem o melhor. — E assim ela saiu, levando consigo mais uma parte da dor que eu carregava. Aquele perdão dado a ela era necessário e, por mais que Hugo não compreendesse meus motivos, ele sabia que eu me sentia mais leve ao tê-lo dado.

Não queria mais julgá-la mal. Não era certo quando Isabela também havia sido uma vítima das circunstâncias. Havia crescido sendo alimentada pelo rancor de uma mãe que foi capaz de usar os filhos para prender um homem junto dela, criando grilhões imaginários, que eram tão pesados quanto

aqueles verdadeiros.

A liberdade que a verdade nos trouxe havia tocado o coração de minha prima e não desejava o seu mal. Sua sorte dali em diante dependia unicamente dela e cada um de nós seguiria com suas vidas para o bem ou para o mal.

Livres e com os corações libertos daquele peso insuportável que nos faziam infelizes.

— Não concordo com a decisão, mas irei te apoiar. — Hugo se aproxima e deixo-me embalar pelos seus braços em um aperto repleto de amor e zelo.

— Eu sei, meu amor! Só quero que saiba que eu me sinto leve e mais pronta para te amar. Eu tirei mais um peso de dentro de mim e me sinto cada vez mais aberta para amar e ser amada por você. Parte das razões de fugir tanto do sentimento que sempre senti é porque me julgava quebrada demais para amá-lo. — Confesso.

— Poderia ter te ajudado a juntar os cacos. — Recebo um beijo na bochecha.

— E fez isso! Sem você eu ainda seria um amontoado de cacos quebrados, sem saber o que

fazer para colá-los e remendar a bagunça que eu era.

— Fico feliz em ter sido útil! — Sorrio em resposta.

— Obrigada por não ter desistido de mim quando eu mesma não acreditava que poderia ser feliz. — Desabafo em um misto de palavras e suspiros. É uma constatação dolorida, mas também libertadora. — Seu amor me salvou de uma vida infeliz.

— Era o mínimo que eu poderia ter feito depois de ter demorado tanto tempo para compreender meus próprios sentimentos. — Ele também abre seu coração, o que me deixa emocionada.

— Demorou sim! — Espalmo minhas mãos em seu peito. — Mas foi no tempo certo e quando percebeu, foi perfeito.

— Tento ser perfeito para você, por mais que cometa erros.

— Não precisa ser perfeito o tempo todo e nem quero que seja. — Provoco-o com o olhar, porque me sinto disposta a ser amada por ele, por mais que um hospital não fosse o melhor local para esse tipo

de coisa.

— Ah bailarina, não vai me fazer quebrar as regras e te amar dentro de um hospital?! Onde ficará minha honra como médico? Sou um sem-vergonha sim, mas até mesmo para um sem-vergonha há uma zona intocável. — Beijo-o no queixo enquanto discursa sobre seus bons modos de médico dedicado.

— Então, trate logo de me tirar daqui. Preciso ter alguma vantagem como noiva de um médico. — Resmungo contra seu pescoço.

— Talvez se minha noiva parar de me provocar, eu possa ir atrás de agilizar essa alta.

— Vá logo, então! — Desgrudo meus lábios de sua pele provocante e o empurro para longe antes que eu acabasse o jogando em cima da cama como uma fêmea desesperada por sexo.

Tudo culpa dos hormônios, devo deixar claro.



Chegamos ao hotel e a primeira coisa que fizemos foi matar a saudade que nossos corpos sentiam um do outro. E apesar de todo o cuidado

que Hugo tinha comigo em razão do bebê, havia sido incrível poder senti-lo duro e forte dentro de mim, me provocando com beijos e palavras que me excitavam, devotando seu amor a mim com todo o ardor que só ele era capaz.

Um bebê dele crescia dentro de mim e eu estava em êxtase, porque feliz era pouco para descrever o que sentia por carregar um pedaço dele. Ser mãe não estava nos meus planos, nunca esteve, e nem estaria pelos próximos anos, mas havia acontecido e com o homem que sempre havia sido meu amor.

Porque fugir de sentimento tão avassalador ou mesmo tentar me convencer de que Hugo não era importante foi inútil. Todas minhas tentativas de me livrar dele haviam sido em vão quando meus olhos o avistaram novamente, reacendendo todo o amor que sempre senti.

Simplesmente era louca por ele, com toda a força do meu querer.

— O que está pensando? — Hugo me puxa pela cintura, grudando-se em meu corpo como se eu pudesse fugir a qualquer momento. Recebo um beijo delicioso no ombro e sou tomada por um

arrepio ainda mais prazeroso.

— Que estou feliz aqui com você. — Digo sorrindo, fazendo questão de que soubesse que escolher uma vida ao seu lado só me faz feliz, muito feliz.

— Será minha esposa e não consigo acreditar nisso! — Sorri ao falar e beijo-o na bochecha.

Levanto-me para ir até a porta a fim de abri-la e deixar a brisa do mar entrar.

— Betina, e quanto a sua carreira na Rússia? — Se escora na pilha de travesseiros, totalmente nu, glorioso como um deus grego descrito na mitologia.

— Bem, pensei em pedir minha transferência para Joinville. Posso ser professora lá e ainda poderei ficar atrelada ao Bolshoi. — Solto um suspiro. — Não quero deixar meu pai e, principalmente, não quero te deixar. — Hugo sorri e vem rapidamente ao meu encontro, envolvendo-me com as mãos, puxando-me para dentro do calor de seu abraço, que sempre seria meu verdadeiro lar.

— Fico feliz por querer ficar por mim, mas se dançar no Bolshoi é sua vida, eu posso ir com você.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Beija o topo de minha cabeça e me agarro a ele.
— Meu lugar é ao seu lado, aqui no Brasil ou na Rússia. Desde que me aceite ao seu lado, posso muito bem ir até a Sibéria com você.

— A Sibéria? — Solto uma gargalhada. — Moscou já é uma grande prova de amor, mais do que suficiente. Mas falo sério quando afirmo que quero viver no Brasil, ao seu lado e do meu pai, e também quero que nosso filho nasça aqui.

— Tem certeza? — Questiona com o olhar sério, o que revela sua preocupação com minha carreira e só me faz amá-lo um pouco mais.

— Toda a certeza do mundo! Sempre senti saudade do Brasil, considereí muitas vezes que deveria retornar, e só não o fiz porque sentia medo do que iria encontrar. — Jamais pensei que um dia seria possível manter uma conversa tão sincera com Hugo e uma lágrima indiscreta ameaça sair de meus olhos.

— No final, não foi assim tão ruim! — Ele brinca com os fios do meu cabelo, entrelaçando-os entre seus dedos, provocando-me com seus olhos brilhantes e tão sedutores.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Hugo! — Deixo escapar um grito, por ter sido pega no colo sem estar preparada. — O que faz, seu maluco?

— Te levando de volta para cama. — Morde o lóbulo da minha orelha e acabo toda arrepiada, porque sempre tive muitas cócegas naquele ponto em específico do meu corpo. — Não podia ter me abandonado assim, duro como uma pedra e louco de vontade de me enfiar dentro de você. — Acabo corada porque mesmo com toda a intimidade que tínhamos, ele sempre conseguia me surpreender com suas falas sem pudor.

— Só fui abrir a porta da sacada! — Levo a mão à boca quando sinto minhas costas em contato à cama e a boca de Hugo encostar em minha barriga, tão pecaminoso que meu corpo acende como as labaredas de um fogão.

— Sou louco por você, bailarina! — Seus beijos seguem até meus seios e me perco nas sensações indescritíveis de fazer parte dele, de ser dele e de ser tocada por ele. — Preciso perguntar uma coisa, sei que não é a hora, e que posso inclusive estar estragando o clima, mas tenho que perguntar, porque essa dúvida tem tirado minha paz.

PERIGOSAS ACHERON

— Pergunte, meu amor! — Puxo seu queixo para que me fite. — Meu desejo por você não findará por uma simples pergunta. — Olho-o com carinho.

— Ele te tocou? — Franze a testa e consigo compreender sua preocupação. — Lucas te obrigou a alguma coisa? — Chocalho a cabeça negando. — Eu juro que o mataria se tivesse tentado algo. — Seu alívio invade meu ser.

— Se ele tivesse me obrigado, não o teria deixado passar impune. — Hugo desvia o olhar do meu e volto a puxar seu rosto de encontro ao meu. Não estávamos apenas com os corpos nus, nossas almas haviam sido desnudadas e eu queria lhe ser sempre verdadeira a partir dali. — Mais um pouco e ele teria me obrigado, mas eu lutaria até a morte para que não me tocasse. Lucas sempre foi paciente comigo, mas a cada dia demonstrava mais irritação, e se vocês não tivessem chegado, não sei o que poderia ter acontecido. Prefiro nem pensar!

— Desgraçado! — Hugo esbraveja e o ódio lhe toma as feições do rosto.

— Não podemos viver atormentados com o que ele poderia ter feito. Deixamos isso no passado e,
PERIGOSAS ACHERON

sim, eu espero que ele viva bem longe e que seja feliz com Isabela. Não sei como farão, mas isso é problema deles.

— Verdade! Mesmo assim, se Lucas cruzar meu caminho, ousar se aproximar de você novamente, eu não conseguirei me segurar. Nem por você!

— Vem cá! — Acaricio seu rosto e trato de ocupá-lo com outros pensamentos, bem mais interessantes do que discutirmos sobre o destino de pessoas sem importância. Porque eram isso que eles passaram a ser em minha vida: pessoas sem importância, que um dia haviam cruzado meu caminho, verdade seja dita, mas que haviam feito suas escolhas e que vivessem com as consequências delas. — Me mostre a felicidade, meu amor! — Peço com a pele dormente, tudo resultado do toque de Hugo em meu corpo. — Não quero desperdiçar nossa pequena lua de mel adiantada com pessoas sem importância.

Ele atendeu ao meu chamado, beijando-me loucamente como só ele era capaz de fazer, tocando-me nas partes que mais me deixavam excitada como somente ele podia fazer. Sua

virilidade contra minha barriga, cutucando-me como uma lembrança ardente, era a prova de que me desejava por inteira.

E assim nos deixamos envolver pela paixão que flutuava entre nós, movidos pelo amor que sentíamos um pelo outro, entregues ao êxtase de pertencer aos braços um do outro, numa união sublime, perfeita e que estava escrita nas estrelas como uma profecia.

Hugo sempre fora a profecia de minha felicidade e eu me perderia nele para sempre.



A vida sempre nos reserva surpresas deliciosas mesmo naqueles momentos em que tudo parece estar conspirando contra. A história dos meus pais havia me ensinado que o amor podia machucar além do suportável quando estava predestinado a não acontecer ou ser aceito.

As marcas que essa história me deixou foram profundas, mas compreender os melindres de tudo também me mostrou que meus pais foram felizes enquanto puderam desfrutar do sentimento que um sentia pelo outro. Foi essa a mensagem que as cartas de minha mãe me trouxeram, foi isso que

meu pai tem se esforçado em me explicar toda vez que tocamos no assunto.

E ele toca muito no assunto.

Breno havia recebido alta e vivia em uma confortável casa nas cercanias de Toledo. Não quis retornar para a mansão, onde as lembranças lhe machucariam e, conforme recuperava a saúde e a capacidade de falar, nos contava detalhes de sua história, com o coração aberto e sem medo dos julgamentos. Dizia-nos que estava cansado de viver entre mentiras, tendo que esconder os próprios sentimentos.

Eu sempre o havia amado como um pai, mas foi difícil aceitá-lo como um quando me sentia ainda traída. Precisei deixar que o tempo amenizasse as feridas para poder ao menos escutá-lo. Porém, eu sabia que ele merecia me contar sua versão dos fatos e eu faria isso por ele e pela memória de mamãe.

É claro que eu o visitava todo dia, passava muito tempo em sua companhia, o ajudava com os exercícios de fisioterapia e cuidava pessoalmente de sua casa. O teria levado para morar conosco, mas ele havia recusado, porque entendia que eu e

PERIGOSAS ACHERON

Hugo precisávamos de intimidade para iniciar nosso casamento.

Com tais pensamentos, parti em sua procura em um final de tarde agradável:

— Pai! — Chamo-o por não encontrá-lo na varanda, seu local favorito e que tinha uma linda vista para as montanhas. — Pai, onde está? — Fico preocupada até avistá-lo deitado na grama com os olhos voltados para o céu.

Corro em sua direção e deito-me ao seu lado, após lhe dar um beijo no rosto. Entrelaçamos as mãos e ficamos ali por alguns minutos a contemplar a imensidão do céu azulado com rajadas violetas. Está entardecendo e a vista daquele ponto é magnífica.

— O que faz aqui fora sozinho e ainda embaixo do sol? — Deveria ser mais precavido, mas não posso lhe recriminar, já que o dia está fresco e agradável, perfeito para ficar ao ar livre.

— Estou aqui conversando com tua mãe! — Giro meu corpo para poder olhá-lo e sinto curiosidade pelo que acabava de me revelar. — Sempre conversamos dessa forma, minha filha! Às

vezes, brigamos também, porque eu achava que Esther havia vindo para me buscar. — Meu pai se vira e seus olhos esverdeados como os meus me fitam com carinho, levando a mão em minha face para um carinho. — Enquanto estive em coma, ela esteve comigo o tempo todo. — Seus olhos enchem de lágrimas. — Pedi que me levasse, mas sua mãe dizia que ainda não havia chegado minha hora, que eu precisava ficar por você, para protegê-la como sempre fiz.

— Pai... — Eu não quero que ele sofra mais.

— Ela tinha razão, como sempre! Precisava voltar por você e pelo bebê que espera. — Deslizo a mão até minha barriga, não havia crescido muito nos últimos dois meses, mas já estava proeminente para um bom observador poder perceber. — Como médico, nunca acreditei em experiências do tipo, mas foi tudo tão real. Ela esteve comigo o tempo todo, Betina, pedindo para que eu voltasse e cuidasse de você. Mas lá no fundo eu tinha medo de voltar, porque talvez você não me perdoasse por ter escondido a verdade de que sou teu pai, por ter sido tão fraco em não conseguir fazer com que tudo fosse diferente.

— Não se martirize pelo que passou e que não tem mais conserto. — Levanto, sentando-me ao seu lado e lhe estendendo os braços para um abraço.

— Depois que Esther morreu, eu entrei em uma espécie de depressão e simplesmente não sabia como sair daquela tristeza. Seu avô, o pai de sua mãe, amava você e também amava sua mãe, mas não admitia escândalos e se aproveitou da minha fragilidade para me chantagear.

— O que vovô fez? — Era um homem justo e leal, mas muito frio e implacável quando queria.

— Ameaçou tirar você de mim se eu revelasse que eu era seu pai. Ele temia que o escândalo atingisse o nome da família e respingasse no hospital. Dizia que enquanto não passasse de boatos, nada poderia abalar o bom nome dos Bittencourt, mas ao passo que eu assumisse publicamente que havia tido uma filha com a cunhada, as coisas poderiam mudar. Eu fiquei ainda mais desesperado, porque ele era poderoso e influente, em um piscar de olhos compraria os juízes e levaria você para longe de mim e ainda havia meus outros supostos filhos para zelar, não podia simplesmente fugir com você para outro país.

— Fico feliz que não tenha deserdado meus primos! — Jamais poderia viver com o peso da culpa de tê-los privados de um sobrenome que sempre acreditaram ser deles.

— Não faria isso, jamais! Os criei como filhos e é isso que eles são para o meu coração. Apenas falei que iria deserdá-los para atingir Luiza naquele dia fatídico em que sofri o AVC. — Quando se sentiu forte o suficiente, papai havia nos contado que Luiza não tentou matá-lo naquele dia, que de fato havia sido uma fatalidade, embora houvesse tentado acabar com sua vida enquanto estava internado e a polícia havia conseguido descobrir que ela havia sido a mandante, além de ser a cabeça de um esquema que desviava dinheiro do hospital para um paraíso fiscal no exterior, uma prática que passou despercebida por anos em razão da atuação de Lucas, outro que teria muito que explicar à Justiça. Luiza queria meu pai morto porque sabia demais, sabia não só que ela havia o obrigado a assumir os filhos que não eram seus, mas também por ter descoberto suas falcatruas no hospital.

— André e Isabela não mereciam isso! — Friso.
— Mesmo Isabela não sabia de todas as loucuras da

mãe e ela sempre te amou como filha. — Não suportava minha prima, mas não poderia deixar de reconhecer que ela amava o pai.

— Herdou o coração bom de tua mãe. — Segura minha mão. — É generosa, mas acima de tudo, uma mulher justa.

— Não sou perfeita, pai! — Deixo escapar como um lamento pelas coisas que deixei de viver por medo, principalmente, por ter fugido do amor por tanto tempo.

— Me perdoa, Betina? Consegue me perdoar por tudo que deixei de fazer por ti? — Meu pai me fita com os olhos marejados e ali pude ver toda a dor que sentiu em sua vida, que ainda sentia. Seria muito injusta se não o perdoasse.

— Claro que sim! E do jeito torto, o senhor esteve ao meu lado, cuidando de mim, sendo um verdadeiro pai, mesmo que eu acreditasse que fosse apenas um tio, o marido de minha tia de sangue. — Ali ajoelhada na grama, fito-o e seguro suas mãos. — Sempre foi meu pai, sempre esteve ao meu lado em todos os momentos, acreditou em mim quando eu lhe disse que queria ser uma bailarina do Bolshoi, me deu uma casa para morar, me deu seu

PERIGOSAS ACHERON

amor e por mais que eu não consiga compreender muito bem as razões que o levaram a fazer o que fez, não sou ninguém para julgá-lo. Simplesmente quero esquecer o passado, pai, quero apenas ser sua filha.

— Mas prefere adotar o sobrenome de Hugo? — Fala com pesar e sinto que lhe devo uma explicação.

— Já conversamos sobre isso. Não me opus que me reconheça legalmente como filha, o senhor já sabe disso. Minha decisão de usar apenas o sobrenome de Hugo é porque quero começar uma vida nova, quero ser uma Betina nova, livre de toda a dor do passado. Há uma parte minha que precisa disso para se curar e ser feliz por completo. — Sinto os olhos marejados. — Não quero ser mais Betina Bittencourt e também não acho que devo ser Betina Carvalho. E não é para penalizá-lo, que fique muito claro! Simplesmente, acredito que o meu tempo como Betina Carvalho passou. Quero ser Betina Medeiros porque é o sobrenome do homem que me fez acreditar novamente na felicidade. É apenas simbólico, pai! Como se assim eu pudesse definitivamente fazer parte da felicidade de alguém

e ser feliz junto. Hugo Medeiros será meu marido, o pai do meu filho, e com ele terei a família que tanto sonhei.

— Você pode me perdoar, meu bem! Acredito nisso! Eu que nunca serei capaz de me perdoar por ter deixado a Betina Carvalho para trás, eu deixei o tempo passar a ponto de outro homem te tirar de mim. — Acabo sorrindo entre lágrimas, porque havia uma pontada de ciúmes ali que jamais seria admitida e deixo passar, abraçando-o.

— Venha! — Estendo a mão para ajudá-lo a levantar. Meu pai não havia recuperado totalmente os movimentos do lado esquerdo e precisava de uma bengala para se locomover. — Vamos lá para casa que logo os outros chegarão para o lanche.

Engancho-me em seu braço e seguimos em passos curtos em direção da casa.

— Prometo que serei um bom avô. — Diz com uma convicção que toca meu coração e me faz acreditar nele piamente.

— Foi o melhor pai, como não será o melhor avô? — Sorrio em resposta. — Pai, tenho um pedido a fazer e sei que é pedir demais... André até brigou

comigo, mas eu quero tanto que o senhor me conduza até o altar. Claro que vou entender se não se sentir disposto em razão da perna... — Para a caminhada e acaba me interrompendo quando larga a bengala no chão para envolver meu rosto com as mãos. Seu olhar é terno e reconheço muito de mim nele. É impressionante como os pequenos detalhes dele agora me são tão perceptíveis e me fazem me sentir em casa como nunca havia acontecido.

— Mesmo que eu estivesse em uma cadeira de rodas, eu faria questão de te levar até o altar. — Recebo um beijo na testa. — É uma honra pajeá-la até teu noivo, minha querida, e cumprir com o papel que sempre sonhei. Tua mãe ficará feliz e nos sorrirá lá do céu!

— E eu, além da noiva mais feliz do mundo, serei também a filha mais orgulhosa do mundo. — Retribuo seu beijo. — Eu amo você, papai! E vamos recuperar todo o tempo perdido, prometo ao senhor.

Abraçamo-nos e seguimos para dentro da casa, onde iria mimá-lo com um delicioso lanche que Rosane havia preparado. Logo, André, Júlia e suas filhas, assim como Hugo chegariam para se juntar.

Papai teria que se acostumar com aquela bagunça e também com o fato de que todos queriam mimá-lo.

Breno havia cometido seus erros, mas quem não os comete? Errar faz parte da humanidade e quando aprendemos com os erros acabamos evoluindo, nos tornando pessoas melhores. Nem todos compreendem os sinais da vida e aproveitam as oportunidades para crescer e se tornar uma pessoa melhor. A pior cegueira é a da pessoa que recebe a benção de aprender com seus equívocos e assim não voltar a errar, e ela se recusa a enxergar, teimando e sendo confinada em um eterno ciclo vicioso, movida por sentimentos de mesquinha, orgulho e ambição desmedidos.

Eu também poderia ser uma dessas pessoas, mas o amor de Hugo e sua fé em mim me abriram os olhos. Agarrei essa chance da vida com unhas e dentes e estou disposta a fazer tudo ser diferente. Sofri sim por não ter tido uma família para chamar de minha, mas farei tudo diferente com a família que o destino me deu, a minha segunda chance de ser feliz.



— Ele quer me reconhecer como filho, o que posso fazer? — André, abraçado na esposa, falava para Hugo assim que entramos na sala. Havíamos demorado e acabou que não consegui preparar a mesa para o lanche antes que chegassem.

— Do que falam? — Pergunto, ajudando meu pai a se sentar e indo ao encontro de Hugo para beijá-lo.

— De meu pai que decidiu reconhecer André como filho e tem tentado se aproximar. — Hugo responde e, ao olhar para papai, fica nítido que isso o entristece.

André também percebe seu semblante carregado e se aproxima para cumprimentá-lo:

— Sempre será o meu pai, o senhor sabe *né?* — Breno se remexe na poltrona sem jeito, mas meu primo está determinado a obter uma resposta. — Posso ter o sangue dos Medeiros, mas foi o senhor que esteve comigo por uma vida toda e sempre será meu pai.

— Não sejam tão dramáticos! — Minha cunhada se aproxima. — Bittencourt, Carvalho ou Medeiros, não importa o sobrenome ou o sangue, e sim o que

nos une de verdade, o sentimento.

— Concordo com a Júlia! Somos uma família independente da genética que carregamos. — Olho para meu pai e ele compreende que havíamos todos feito uma escolha, a do coração.

Convido Júlia para me ajudar a colocar a mesa e deixamos os homens conversando na sala enquanto as crianças brincavam na varanda com suas bonecas. Daqui alguns anos seria meu filho ou filha ali com elas.

— São muitas verdades ainda para serem absorvidas e uma nova realidade para ser aceita. — Júlia comenta com o olhar preso no marido. — André tem tentado levar tudo na esportiva, mas tem sido difícil para ele. Além de um pai que apareceu do nada disposto a fazê-lo seu herdeiro, a situação de sua mãe o preocupa muito.

— Luiza merece pagar por todos seus crimes. — Em que pese ser certo que parte deles permaneceriam impunes por falta de provas.

— André sofre por todo o mal que ela provocou. — Meu primo havia tirado a sorte grande ao ter encontrado Júlia. — Minha sogra nunca me

aceitou e isso acabou por afastá-la do filho. Mesmo assim é a mãe dele e sei que ainda precisará de tempo para se acostumar com a ideia de que Luiza é uma criminosa a ponto de matar a própria irmã. — Concordo com a cabeça, porque havia coisas que só o tempo seria capaz de amenizar o estrago.

— Tem recebido notícias de Isabela? — Pergunto por mera curiosidade e uma ponta de preocupação com meu pai, que ainda se importa com ela.

— Só tem ligado para pedir dinheiro, o que não é uma novidade em se tratando daquela lá. André tem a ajudado, mas tem sido enfático que será apenas por um tempo, o suficiente para que ela tome juízo e arranje um emprego. — Solta um suspiro cansada. — Mas ela acabará voltando, porque Lucas logo será intimidado pela Justiça para depor.

— Preferiria que eles ficassem onde estão! — Confesso cansada só em imaginar ter que reencontrá-los.

— Mas mudemos de assunto e conte como se sente na véspera de seu casamento? — Sorrio em reposta.

— Ansiosa demais! Eu e Hugo já moramos juntos, estamos construindo nossa casa e toda Toledo já nos reconhece como casal. Mesmo assim amanhã serei oficialmente sua esposa e não tem como não ficar ansiosa. — Seria uma celebração simples, com poucos convidados como sempre havíamos pensado, apenas nós dois e os mais próximos. O pai e a irmã de Hugo não gostaram da decisão, mas não precisávamos ostentar para os outros o que queríamos guardar só para gente.

— E o Bolshoi? — Pergunta sorridente e lhe sou grata por ter mudado de assunto. Olho para os rapazes e eles também pareciam descontraídos.

— Consegui minha transferência para Joinville e também uma nova função. Serei professora de uma turma de crianças até que eu saia de licença-maternidade. Dei minha palavra que quando retornar da licença dançarei uma temporada em Moscou. Hugo aceitou me acompanhar! — Acabo rindo. — Ele fez questão que eu aceitasse a proposta. Acredita que não devo abrir mão de minha carreira por nada, nem por ele e nem pelo bebê.

— Isso é maravilhoso! Nem todos os homens

aceitam abrir mão de suas vidas para acompanhar a mulher.

— Eu sei! Não sou boba de não reconhecer a sorte que tive. — Olho para Hugo e seus olhos estão presos em mim. Meu corpo se acende com a promessa implícita que seu olhar me traz.

— Ainda não me conformo com o fato de que não quiseram uma despedida de solteiro. — Júlia comenta feliz.

— Já vivemos tempo demais separados e só queremos ficar juntos. — Digo olhando para ele. — Hugo foi meu amor de adolescência, meu primeiro amor, aquele que a gente suspira como tola e fica desenhando corações ao redor do nome dele na agenda. Uma despedida de solteiro acaba sendo desnecessária!

— Isso é ainda mais lindo, Betina! André contou a história de vocês e os dois merecem a felicidade. — Júlia coloca o último prato à mesa. — Você chama ou eu chamo? — Aponta para os rapazes que acabavam de soltar gargalhadas por algo que as crianças haviam falado.

— Vamos as duas para lá, pois merecemos nos

divertir um pouco. – Pisco para ela e nos juntamos a eles.

Nossa despedida de solteiro seria isso mesmo, um café na companhia de pessoas queridas, e não havia momento mais festivo do que esse.



Olho para meu pai mal conseguindo conter as lágrimas que ameaçam acabar com minha maquiagem. A porta da capela da vila de pescadores onde nos amamos a primeira vez é aberta e eu o enxergo me esperando no altar, todo de branco e de forma despojada, sem gravata ou casaca. Hugo está lindo e tão ele mesmo que meu coração acelera no peito e um frio corre por minha espinha.

A pequena capela nos acolhe com modéstia e nos transporta para um mundo etéreo, talvez pelo estilo simples e histórico de sua construção, ou

mesmo por estar tão próxima ao mar. Foi construída há mais de cem anos e contava a história de muitas pessoas que por ali passaram. Era um local simples, mágico e perfeito para nosso casamento. Foi ali naquela enseada que nosso amor se tornou real e nada mais incrível que aquele lugar guardasse nossos votos para sempre.

Baixo o olhar até chegar aos meus pés, conferindo o caimento do vestido. Escolhi um modelo simples e sem armação, todo em organza, sem detalhes ou bordados, preso nos ombros por duas delicadas alças. A cintura é marcada por um pequeno cinto de pérolas que realça minha barriga de grávida. Júlia havia me dito que era o modelo ideal para um casamento no final da tarde. Confiei em seu julgamento e ainda aceitei sua sugestão de prender o cabelo em um coque baixo e frouxo com fios soltos ao redor do rosto.

O buquê me foi entregue por uma das cerimonialistas minutos antes das portas da capela serem abertas e a delicadeza do perfume das flores silvestres invadiu meu ser como uma mensagem doce de que eu seria feliz.

Os violonistas começam a executar a marcha

nupcial impecavelmente. O sinal que aguardávamos para poder ser conduzida até o homem da minha vida. Avançamos devagar em razão da bengala de papai, deixando-me conduzir pelo homem que sempre me foi importante àquele que havia conquistado meu coração, que havia lutado por mim.

Não poderia estar mais feliz, mais realizada, mais emocionada.

Ao chegar no altar, Hugo me recebe com um beijo na bochecha e aperta a mão de papai com admiração. O padre nos recebe com palavras tocantes, nos abençoando para uma nova vida, da qual estava mais do que disposta a me entregar.

— Eu amo você, Betina! — Hugo sussurra em meu ouvido depois de ter feito seus votos. — Vou amar para sempre.

— Eu também amo você. — Sussurro de volta antes que o padre voltasse a exigir nossa atenção.

Ouvimos mais algumas palavras do celebrante, demos o beijo que todo casal anseia dar no final da cerimônia e batemos muitas fotos para registrar o momento.

Na saída da capela paramos por alguns instantes para admirar o sol que beijava o mar em uma pose sedutora, como se estivessem a nos desejar uma vida a dois repleta de paixão.

O barulho das palmas nos tira do êxtase e acabamos sendo ovacionados com uma chuva de arroz.

Entramos no carro de Hugo como marido e mulher rumo à nossa lua de mel na Rússia.

— Tem certeza de que não queria uma festa? — Hugo pega minha mão esquerda e beija a aliança que ali repousava como uma preciosidade que me acompanhará para o resto da vida.

— Tenho sim! — Respondo com o olhar totalmente vidrado em sua beleza. Hugo sempre foi lindo, daqueles que sabiam o que era ser lindo e que não faziam questão de ser modestos.

— Não existirão registros de uma festa de casamento para mostrarmos aos nossos netos. — Ele brinca esfregando seu nariz no meu.

— Teremos muitas histórias para contar, meu amor! — Esfrego meu nariz no dele também. — Farei questão de contar às crianças que o avô era

um metido a mulherengo.

— Ah, é?! — Concordo com a cabeça.

— Mas que mudou por amor à uma bailarina da qual ele havia roubado as sapatilhas da sorte. — Hugo solta uma gargalhada marota. — É claro que a bailarina precisou fazer algo para recuperar suas sapatilhas da sorte e foi então que ela se apaixonou pelo *bad boy*, eles casaram e tiveram filhos, que também foram felizes e lhes deram muitos netinhos.

— Não esqueça de incluir que a bailarina era muito teimosa e deu o maior trabalho ao *bad boy*... Ah sim, não esqueça também que ele só não desistiu dela porque a amava muito.

— Essa parte podemos pular. — Acabo rindo.

— Espertinha! — Levo um apertão no nariz e seu olhar quente como o inferno me desperta para a vida. As mãos de Hugo deslizam entre meus cabelos, desfazendo o coque, puxando-me para junto de seus lábios em um beijo repleto de malícia e promessas que não precisam ser ditas, apenas sentidas. — Preciso inventar minha versão da história ou serei desmoralizado.

— Podemos criar uma versão só nossa. — Deslizo minhas mãos por seus ombros largos, passando por seu peito bem definido, perdendo-me na imensidão de seus olhos claros, que gritam para que eu me entregasse a ele. — Lá na cama do hotel, o que acha?

— Uma boa ideia, é isso que acho! — Ele se afasta do meu corpo para dar a partida no carro e meu peito infla pelo orgulho que sinto de ser sua esposa. A menina desengonçada que fui um dia estava feliz também por ter conquistado o garoto que todas queriam. — Do que está rindo, meu amor? — Pergunta alegre.

— Que casei com o garoto que todas as meninas da escola queriam dormir! Eu não só transei com o garoto que todas queriam, entende? Eu casei com ele.

— Quanto a mim, eu casei com a garota que eu sempre amei e o resto não importa. — Responde sem tirar os olhos da estrada.

— Eu sou a Senhora Medeiros e quero gritar para o mundo. — Solto feliz, entusiasmada com meu novo estado civil. — Espere só quando as meninas da companhia ficarem sabendo que voltei casada. —

Havíamos sido loucos, eu sei! Decidimos passar a noite de núpcias em Florianópolis e no dia seguinte partiríamos para São Paulo, onde pegaríamos um voo para Paris para finalmente embarcar para Moscou. Seriam três semanas maravilhosas, onde eu me apresentaria pela última vez nos palcos do Bolshoi de Moscou e sendo assistida pelo meu marido. — Você vai amar Moscou!

— Amaria até a Sibéria ao seu lado, amor! — Hugo tamborila os dedos no volante.

— É muito frio na Sibéria, você não gostaria de lá! — Reclamo ao lembrar de sua intolerância pelo inverno.

— Não há frio que possa me assustar com você junto de mim para me aquecer. — Sorrio em resposta e como tenho sorrido nos últimos meses! Tudo porque Hugo me fazia feliz e eu devia tudo a ele.

— Nunca pensei que poderia ser tão feliz. — Confesso tomada de uma emoção tão profunda, sentindo uma agitação comum em véspera de apresentação sem nem ao menos ter pisado em um palco nos últimos tempos. Eu acredito que são os hormônios da gravidez que me deixam mais

PERIGOSAS ACHERON

sensível e poderia ser isso mesmo. — Deve ser a gravidez que tem me deixado mais emotiva e, em consequência, mais feliz.

— E eu não conto? — Hugo reclama e acabo encostando a cabeça em seu ombro.

— Você é o principal motivo, seu bobo!

— Mal casamos e já me chama de bobo?! — Solto uma gargalhada e ele me acompanha. — Tudo bem, eu me transformei em um bobo mesmo e, provavelmente, acabarei ainda mais bobo depois que nosso bebê nascer. — Sua mão afaga minha barriga. — Na verdade, é muito fácil ser bobo quando tenho você ao meu lado, para chamar de minha e amá-la com tudo de mim. Se tudo isso é ser bobo, jamais vou querer deixar de sê-lo.

Meus lábios voltam a se alargar em um sorriso e meu coração se enche de amor, de ainda mais amor.

Olho para o horizonte que se descortina à nossa frente e faço uma prece de agradecimento por ter reencontrado Hugo e com ele poder reconstruir minha vida. Havia coisas que jamais poderiam ser mudadas, mas o futuro nos pertencia e cabia a nós

dois fazer dar certo.

Os tempos poderiam nem sempre ser fáceis, como não foram nos últimos meses, mas nada impossível de ser superado quando a cumplicidade esteve presente como uma liga a nos juntar.

— Hugo? — Chamo-o ainda com a cabeça encostada em seu ombro.

— Sim, amor! — Ele responde carinhosamente. — Sente alguma indisposição? Espero que tenha se alimentado antes da cerimônia... Vai demorar um pouquinho até chegarmos à Capital. — Eu vivia com fome e Hugo sofria com meus rompantes de grávida comilona.

— Só quero dizer que eu amo você mais do que chocolate. — Ele ri, talvez duvidando, porque desde que havia descoberto a gravidez, morria por um chocolate. — É verdade viu! — Agarro-me em seu braço e deixo-me levar pelos mais lindos pensamentos.



(por Hugo)

Um homem poderia perder as esperanças de viver na companhia da mulher que amava, principalmente, quando a mulher em questão morava do outro lado do mundo. Sim, eu havia perdido as esperanças e me arrastava entre dias solitários em busca de um alento que somente ela poderia me trazer.

Então, em uma dia qualquer, recebi a ligação do meu melhor amigo e a certeza de que a sorte tinha voltado a sorrir para mim. Betina estava prestes a desembarcar em Florianópolis e eu devia trazê-la de volta a Toledo.

Era minha oportunidade. A chance que eu havia suplicado ao Universo.

Sem pensar duas vezes, fui buscá-la com o coração palpitando e com um medo danado de fazer algo de errado e colocar a perder minha segunda chance.

Uma década havia se passado e ela continuava linda, mais madura, mais incrível do que nunca e

com uma segurança que quase me fez cair diante de seus pés e implorar para que me aceitasse em sua vida, não como amigo, e sim como o homem que a amava.

Betina me deu trabalho e penei para conquistá-la. Meu passado quis nos separar e todas as merdas que fiz de errado com as mulheres quase me custaram o amor dela. Mas seu passado e toda a confusão que era a história de seus pais foi ainda mais opressor e a cada segredo revelado Betina se afastava um pouco mais.

Foi quanto tomei a decisão de protegê-la com a vida se fosse necessário, porque se havia uma pessoa que merecia ser feliz era ela, mesmo que eu não viesse a fazer parte de sua vida ou compartilhar de sua felicidade.

E quando a vi tão linda e meiga a me fitar com os olhos brilhantes naquela capela esquecida pelo tempo, agradei ao Universo com todo meu empenho, jurando que a faria a mulher mais feliz do mundo.

Contrariando minha família, havíamos nos casado na capela do povoado de pescadores que a levei para jantar, um encontro romântico muito

PERIGOSAS ACHERON

bem planejado, onde a seduzi, provei seu sabor e a fiz minha por inteira. Naquela noite fomos abençoados pelas estrelas e nos tocamos com todo o ardor que somente duas almas apaixonadas seriam capazes de viver.

Numa cerimônia simples e carregada de simbolismo eu prometi ser fiel a ela, a amá-la, respeitá-la na alegria e na tristeza, na saúde e na pobreza; e ela fez o mesmo, sempre a me fitar com aquele par de olhos que revelavam toda a ânsia de viver que ela sentia.

Sem uma recepção, fugimos no meu carro e conversamos até ela adormecer no meu ombro. Estava mais sonolenta em razão da gravidez, mais faminta e mais emotiva também. Deixei que dormisse e pudesse descansar, porque a noite seria longa e a queria disposta... Muito disposta

— Hugo, por Deus! Como me convenceu a fazer algo assim? — Escuto a voz de Betina vinda do banheiro e acabo sorrindo ao deixar minha imaginação voar para longe, para seu corpo esculpido pelos anos de balé. — Não poderia ter um fetiche mais normal? Como uma camisola de seda para rasgar? Não, fez questão que eu usasse

apenas as sapatilhas na noite de núpcias!

— Sai daí, amor! — Incentivo-a para que saia do banheiro e se revele como a personificação de todos os meus sonhos. — Sei que está linda!

— Vou sair, mas de *robbie*! — Resmunga em vão, porque não será hoje que ela me ludibriará mais uma vez. Tem me prometido isso há meses e não custa nada me fazer feliz.

— Vou até aí te buscar, mas não use o maldito *robbie*! — Ordeno com a voz embargada pelo tesão que me toma só em imaginá-la nua, só com as sapatilhas.

— Vou sair, então... Mas feche os olhos! — Bem, eu poderia fechar os olhos ou fingir que fecho só para deixá-la mais confiante.

— Já fechei os olhos. — Digo e escuto a porta ranger, meu corpo convulsiona de desejo e todo o sangue se concentra no meio das minhas pernas porque só de enxergá-la através dos cantos do olhos entreabertos, fingindo que não estou vendo, eu salivo como um adolescente prestes a ter a primeira transa.

Incapaz de controlar meus instintos, levanto e

PERIGOSAS NACIONAIS

vou até ela, pegando-a no colo e a levando para a cama, para que eu pudesse contemplá-la por inteira, reverenciá-la como a deusa que é, a minha deusa das sapatilhas da sorte.

— Estou com vergonha! — Solta quando me coloco sobre seu corpo delicadamente esculpido para enlouquecer um homem. — Muita vergonha.

— É linda! Perfeita, meu tesouro, minha mulher. — Beijo-a nas duas bochechas, depois na ponta do nariz, me perco no seu pescoço, cada vez mais inebriado pelo seu corpo de bailarina. — Obrigado, obrigado por me fazer o homem mais feliz do mundo.

— Tudo isso porque usei as sapatilhas? — Pergunta com os olhos em chamas. Ela me deseja e eu daria tudo o que ela pedisse.

Basta ela pedir.

— Só as sapatilhas, bailarina! Meu sonho de adolescente se realizou e estou louco para te amar como merece, como minha esposa. — Envolve meu pescoço, despenteando meus cabelos com os dedos, um gesto que sempre me deixa mais duro do que uma rocha.

PERIGOSAS ACHERON

— Me ame, Hugo! — Implora com desejo e uma paixão que lampeja na íris de seus olhos impressionantes, que sempre revelam o quanto pode ser ardente.

Evito falar, porque as palavras me somem da boca. Apenas a beijo e a toco em todas as partes que sou capaz de alcançar sem me afastar do contato de sua boca. Grudo-me em seu corpo como um esfomeado, um sedento em terras do deserto, exigindo também sua entrega.

— Vou te amar, Betina, como minha esposa. — Cochicho e ela sorri ainda com os lábios grudados aos meus, envolvendo minha cintura com as pernas e a imagem de suas sapatilhas me atíça para algo maior, mais potente.

— Só de sapatilhas! — Fala.

— Sempre só de sapatilhas e só para mim. — Confirmo e perco-me em seu corpo.

É como voltar no tempo ao poder tocá-la do jeito que eu havia imaginado, saciando anos de pensamentos lascivos. E é como sempre eu havia imaginado.

Não, definitivamente, não do jeito que sempre

havia imaginado.

É melhor, infinitamente, melhor.

A posição de nossos corpos nos convida para que nos uníssemos de imediato, sem perda de tempo e, assim, eu a invado com prazer, volúpia e um amor que não cabia mais dentro de mim. Movimento-me desesperadamente dentro dela e ela corresponde, deixando-me louco e ainda mais apaixonado.

O ritmo dos movimentos aumenta na sincronia de seus gemidos que me deixam cada vez mais perto de gozar.

Camisolas poderiam ser sim um objeto de sedução, mas sapatilhas superam no quesito fetiche.

— Seja meu por inteiro, Hugo! — Fala com os olhos perdidos, em busca de seu prazer, do nosso prazer. Nossa sintonia na cama me deixa sem fôlego e o barulho do choque de nossos corpos é o ápice de nossa cumplicidade. — Venha para mim, meu amor! — Ela convida e eu me perco na promessa de prazer, deixando-me envolver por braços esguios, pela pele sedosa e pelo perfume delicado.

O cheiro de Betina age como um potente afrodisíaco. O toque sedoso de sua pele sempre é como uma pólvora em meu corpo. Mas é sua voz a me chamar como um canto da sereia que me leva à perdição.

Entrego-me a ela e sinto o corpo esquentar primeiro, as veias se dilatam para que o sangue corresse potente e o prazer explodisse dentro dela, marcando-a para sempre como minha esposa, sabendo que não me cansarei jamais dela.

— Amo você, Betina! Amei você no passado quando nem sabia exatamente o que era esse sentimento que me incomodava tanto. — Deixo meu corpo cair para o lado, temendo machucar o bebê, que sabia não passar de um pequeno pontinho e que estava muito bem protegido dentro da barriga da mãe, puxando-a para meus braços, protegendo-a como um marido deveria fazê-lo. — Amarei para sempre, em outras vidas se duvidar.

— Amo amar você! — Ela fala sorridente enquanto eu afago sua barriga, uma pequena carícia por ter incomodado o sossego do nosso pequeno.

— Seremos uma família e isso é uma promessa que pretendo cumprir! Confia em mim, meu amor?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pergunto ansioso por sua resposta.

— Até de olhos fechados.

— Jura? — Insisto.

— Pelas sapatilhas da sorte. — Solto uma gargalhada e recebo um beijo em troca.

Eu havia conquistado o amor do meu amor, mas seu respeito, admiração e confiança me dão força para enfrentar qualquer coisa, para querer ser um homem melhor, um pai de família e o melhor dos maridos. Não irei falhar porque quando um homem encontra a mulher que vale a pena, é para sempre.

Fim.

PERIGOSAS ACHERON



Anos depois...

Um homem não tanto solitário quanto foi um dia. Era assim que Breno pensava de si mesmo. Uma vida de escolhas erradas e equívocos irremediáveis o fizeram viver entre a penumbra da promessa de uma vida feliz e a amarga realidade de estar ligado a uma mulher que abominava.

Havia dias que despertava do furor da alegria de ser chamado de pai por sua única verdadeira filha, aquela sangue do seu sangue, e amargava o peso da consciência por ter sido fraco em não lutar por aquilo que sempre considerou ser sua

felicidade.

Mas tudo havia ficado escuro, sem cor, quando ela lhe deixou. Não, Esther não havia lhe deixado por livre e espontânea vontade, ele sabia muito bem disso. Luiza a havia obrigado a deixá-lo e justo quando estavam determinados a viverem juntos, ao lado de Betina, e com uma vida toda pela frente.

Viver sem a mulher amada foi seu castigo por ter sido um fraco. Uma penitência muito justa: uma vida longa sem a mulher que havia levado consigo seu coração.

Mas ela havia deixado para trás uma parte dela, tão pequenina e bela quanto ela. Breno vivia pela neta e nela havia encontrado um forte motivo para querer viver, mesmo com tantos fantasmas para lidar, com tantas dores para lhe atormentar e com tanta amargura para espantar.

— Vovô! — Sua pequena princesa o chamava, empolgada com a borboleta azul que planava sobre eles. — Deve ser a vovó! — Segurava a barra da sua camisa com as mãozinhas rechonchudas lembrando muito sua avó.

— É sim sua vovó, Esther! — Breno sentia o

coração palpar de felicidade quando pronunciava o nome da neta, uma linda homenagem que a filha e o genro fizeram à mulher que mais amou no mundo, a sua alma gêmea.

A menina girou sobre os calcanhares e pediu o colo do avô, envolvendo-o com os bracinhos em um aperto de urso, como os dois costumavam chamar aquele carinho entre eles.

— Conte de novo a história da vovó e como é viver no céu? Por favor, vovô! — Esther pediu e sua empolgação era contagiante, mesmo que a história já houvesse sido contada mais de mil vezes.

E assim Breno entretinha a velhice, menos amarga e mais florida do que julgava merecer, dedicando-se à sua netinha para compensar um pouco o mal que cometeu à vida de sua Betina.

— Vovô! — Esther puxou o braço de Breno para que ele lhe desse atenção, exigindo ainda que a fitasse nos olhos, sempre sorrindo graciosamente. — Eu falei com o senhor.

— Ah, sim, e o que eu perdi por estar pensando bobagens? — Perguntou com um sorriso bobo grudado nos lábios. A pequena Esther tinha esse

efeito sobre ele.

— Que meu irmãozinho também precisa saber tudo sobre a vovó! Ele vai morrer de ciúmes por eu ter o nome dela. Não é lindo, vovô, meu nome?

— O mais lindo! – Tocou a ponta do nariz da neta, que lembrava o da mãe quando menina.

— Eu tenho o melhor de todos os vovôs da Via Láctea! – Breno sorriu com a referência. — Mas o outro vovô não pode saber que o senhor é o melhor dos vovôs, porque ele pode ficar triste. – Também tinha a alma benevolente da mãe e da avó, pensou Breno, encantado com a netinha.

— Será um segredo só nosso, meu bem! – Prometeu a Esther que abriu um sorriso encantador. Aquele sorriso ainda haveria de quebrar corações e o pai teria muito trabalho, um merecimento por ter lhe levado a filha. Mas Breno sabia que o genro amava Betina e não poderia haver marido mais leal e apaixonado do que Hugo.

— Conte a história antes que a vovó vá embora. – Esther apontou para a borboleta azul que voava sobre eles.

E assim Breno contou mais uma vez a história

PERIGOSAS NACIONAIS

de amor que não deu certo, mas que rendeu os mais lindos frutos, eternizando o amor.

PERIGOSAS ACHERON



Agradeço à você, querido leitor, que tem sido o principal motivo para me manter no caminho de contadora de histórias. Sem você nada disso seria possível.

Agradeço à minha generosa família que acreditou em meus sonhos e com seu apoio incondicional me deu forças e esperanças para acreditar que os sonhos valem a pena.

Agradeço ao meu esposo, companheiro de duas décadas, e com quem eu divido planos e ideias de enredos que só parecem se multiplicar em minha

mente.

Agradeço ao meu filho Augusto pelos dias em que não estive ao seu lado a fim de concluir mais uma história e pelo orgulho que sente de sua mãe ao me apresentar como escritora.

Agradeço às queridas Laizy Shaine, Julia Lollo e Camille Chiquetti, profissionais habilidosas e dedicadas, trazendo primor às minhas histórias.

E, por fim, agradeço a Deus pela graça de ter a chance de espalhar amor em forma de palavras, tocando corações mundo a fora.

PERIGOSAS NACIONAIS



Outras obras



UM AMOR PARA PENÉLOPE

Belle Époque, livro 1

PERIGOSAS ACHERON

Disponível em e-Book

Compre aqui!

Formato físico

Compre aqui!

SINOPSE

A VIDA FEZ de Penélope uma mulher forte e tenaz. No início do século XX, o sonho de toda mulher é ter um bom casamento e filhos, exceto para Penélope. Prestes a completar 25 anos, Penélope apenas quer receber a herança deixada pelo pai, um inglês que a deixou no Brasil ainda menina, e abrir uma escola para moças em São Paulo. Prestes a realizar seu sonho, Penélope é chamada por sua madrinha Violeta para que acompanhe a jovem Flora nos eventos sociais do Rio de Janeiro. Sem poder negar um pedido de sua amada madrinha, Penélope parte para o Rio de Janeiro, onde é acolhida pela tradicional família Gusmão de Albuquerque.

Dona de uma beleza incomum e de uma inteligência irreverente, Penélope acaba por ser cortejada por vários cavalheiros, o que desperta

PERIGOSAS ACHERON

ciúmes no solitário e responsável Felipe Gusmão de Albuquerque, o primogênito de Violeta. Viúvo e com uma filha pequena para educar, Felipe não esperava se apaixonar pela afilhada da mãe e fará de tudo para mantê-la distante de sua organizada e planejada vida. Felipe entende que Penélope não reúne as qualidades necessárias para ser a esposa de um rico banqueiro e chefe de uma das mais tradicionais famílias do Rio de Janeiro.

Atormentados pela forte atração que sentem um pelo outro, Penélope e Felipe sucumbirão ao desejo e um forte sentimento nascerá entre eles.



UMA PAIXÃO PARA FLORA

Belle Époque, livro 2

Disponível em e-Book

Compre aqui!

SINOPSE

O SONHO DE Flora sempre foi fazer uma grande estreia na sociedade carioca. O que aconteceu tardiamente, apenas aos 17 anos, pois sua família, diferente das outras da época, deseja que Flora tenha um casamento por amor, sem interesses superficiais.

Em meio à confusão de pretendentes ao coração

de Penélope, a filha de sua mãe, a caçula dos Gusmão de Albuquerque conhece Yuri Volkov, um imigrante russo que fez fortuna no Brasil ao se dedicar ao mundo do entretenimento. Yuri enxerga em Flora uma oportunidade de ser aceito pela nata social carioca e a seduz, forçando um casamento entre eles. Os planos do empresário não saem como o esperado e ele se vê apaixonado pela esposa, fazendo-o lutar para conseguir protegê-la de um passado marcado por atos ilícitos.

Atormentados pela forte paixão que sentem um pelo outro, Flora e Yuri terão que superar vários obstáculos para terem o merecido final feliz.



UMA NOITE PARA HELENA

Belle Époque, livro 3

Disponível em e-Book

Compre aqui!

SINOPSE

HELENA É UMA comprometida enfermeira que trabalha para um renomado médico em São Paulo. Viúva há anos, dedicou sua vida à educação de sua irmã menor, a quem considera uma filha. Sua determinação em ser um bom exemplo para a irmã mais nova ameaça ruir quando Bento é colocado sob seus cuidados. Considerado um dos melhores

partidos do Rio de Janeiro, e para fugir da fila interminável de pretendes, Bento havia cedido às pressões de seu irmão mais velho e se mudado para São Paulo, com o intuito de assumir o comando da filial do banco da família. Seriamente ferido em um duelo, Bento não esperava se apaixonar pela linda e destemida enfermeira. Ambos cedem ao desejo numa noite qualquer. Era para ser uma única noite, afinal, Helena era a mais velha dos dois e deveria ter mais juízo. Mas Bento não desistirá dela tão facilmente e dará início a um jogo de sedução, no qual o amor ditará o rumo dos acontecimentos.



UM CAVALHEIRO PARA LORENA

Belle Époque, livro 4

Disponível em e-Book

Compre aqui!

SINOPSE

LORENA, UMA RICA herdeira, foi colocada num sanatório pelo seu tio e tutor inescrupuloso, devido ao seu temperamento forte e rebelde para a época. Com a morte do ancião, Danilo Magalhães, um advogado bem-sucedido, assume a tutela e a administração dos seus bens. Intrigado com o novo

PERIGOSAS ACHERON

caso, Danilo toma a decisão de visitá-la e fica encantado com sua beleza e inteligência. Não querendo cometer uma injustiça, e desconfiado das reais intenções dos parentes de sua pupila, o advogado decide acolhê-la em sua casa, onde Lorena desabrocha para a vida, revelando-se uma jovem apaixonada pelos números e pelos grandes pensadores. Com ideias à frente de seu tempo e disposta a se tornar uma mulher de negócios, Lorena demonstra estar apta a gerir a Cervejaria que o pai lhe deixou como herança.

Seu espírito empreendedor e rebelde desperta sentimentos no solitário cavalheiro, que desacreditado ser capaz de amar novamente, encontra, nos braços de sua pupila, mais do que paixão e conforto. Uma união inusitada e improvável, na qual o amor terá que ser mais forte do que as intrigas e armadilhas que tentam afastá-los.



UM DUQUE PARA IRENE

Belle Époque, livro 5

Disponível em e-Book

Compre aqui!

SINOPSE

FILHA DE UM barbeiro-cirurgião e irmã de uma enfermeira, o maior desejo de Irene é se formar médica. Em busca de seu sonho, Irene se mudou para o Rio de Janeiro com o objetivo de frequentar a Escola de Medicina, onde foi acolhida pela família do seu cunhado, os Gusmão de Albuquerque, e patrocinada por Lady Penélope.

PERIGOSAS ACHERON

Sua determinação é ameaçada com a chegada do charmoso irmão de sua benfeitora. Willian McCrudden, o Duque de Cumberland, é um aristocrata inglês, cujo berço e influência o fazem um dos melhores partidos da Inglaterra. Altivo e comprometido com as tradições e com a linhagem da família, Willian não esperava se sentir atraído por uma jovem sem berço, cuja atividade favorita é irritá-lo, qualidades impróprias para uma futura duquesa. Pessoas de mundos e ideais diferentes que se veem apaixonados e sem saber o que fazer com o forte sentimento que os une.



UMA AVENTURA PARA ELOÍSE

Spin-off, série Belle Époque

Disponível em e-Book

Compre aqui!

SINOPSE

EM 1922, O SONHO de Eloíse é se tornar uma Médica Veterinária e desbravar o mundo em busca de aventuras. Apaixonada por animais desde menina e convicta de que as mulheres podem e devem ser mais do que apenas esposas, Eloíse vê numa expedição científica para a Amazônia a chance de viver uma grande experiência e

PERIGOSAS ACHERON

aperfeiçoar seus estudos na área das Ciências Naturais. Para tanto, precisará convencer seu pai a deixá-la se reunir aos Parker, um casal de cientistas norte-americanos. O que Eloíse não esperava, era se meter numa confusão com Adrian, o sobrinho dos Parker. Após um encontro inesperado, Eloíse e Adrian se veem às voltas com uma forte atração que ditará o rumo de suas vidas.

Uma Aventura para Eloíse é um *spin-off* da *Série Belle Époque*, ansiosamente aguardada pelas fãs da saga, que em formato de conto, narra parte da mocidade de Eloíse, a filha sapeca de Felipe Gusmão de Albuquerque e uma das personagens mais cativantes da Série.



UM MARIDO PARA LENITA

Spin-off, série Belle Époque

Disponível em e-Book

Compre aqui!

SINOPSE

O SONHO DE Lenita é se casar com um homem honrado e viver feliz para sempre. Como é a caçula da família, o pai de Lenita exige que suas irmãs mais velhas se casem antes, rejeitando, assim, todos os candidatos à mão da jovem. Quando sequestrada, Lenita conhece Dimitri Petrova, um mafioso russo que foi enviado ao Brasil para

convencer Yuri Volkov a retomar os negócios da Máfia Russa. Prática e cheia de vida, Lenita se apaixona pelo seu sequestrador em meio às confusões arranjadas por Flora, sua melhor amiga.

Um Marido para Lenita é o *spin-off* de *Uma Paixão para Flora*, o livro 2 da *Série Belle Époque*. Os acontecimentos deste conto são narrados pela destemida e determinada Lenita Moreira Sales, mais uma personagem fascinante da Saga.



UMA LUA DE MEL PARA JUDITE

Spin-off, série Belle Époque

Disponível em e-Book

Compre aqui!

SINOPSE

JUDITE E SEAN casaram-se em uma cerimônia dos sonhos. Entretanto, depois de uma longa lua de mel na Europa, as coisas não saíram como o esperado. Assoberbado com o trabalho, Sean quase não tem tempo para a esposa. Judite, afoita por atenção, interpreta equivocadamente a falta de atenção do marido, ensejando a primeira briga do

casal, que resulta em uma separação dolorosa para ambos, na qual o amor terá que ser o ingrediente essencial para juntá-los novamente.

Uma Lua de Mel para Judite é mais um *spin-off* de *Uma Paixão para Flora*, o livro 2 da *Série Belle Époque*, e narra os primeiros meses de casamento de Judite e Sean, um dos casais mais queridos da Série. Ela, uma italiana cheia de vida e ele, um irlandês inteligente e perspicaz. Duas almas que se encontram para viver o tão famoso “felizes para sempre”.



UM ROMANCE PARA BERENICE

Spin-off, série Belle Époque

Disponível em e-Book

Compre aqui!

SINOPSE

BERENICE É A personificação da doçura e do bom comportamento. Uma donzela de princípios que apenas quer encontrar seu par perfeito e ser feliz para sempre. Dona de uma personalidade tranquila em meio a uma família conhecida pelo gênio forte, Berenice encontrará o amor onde menos esperava. Eliseu Padilha, um médico recém-

formado e com um futuro brilhante, em visita aos tios no Rio de Janeiro, se encanta pela herdeira mais velha dos Gusmão de Albuquerque; e para tomá-la como esposa terá que provar que a merece, além de ser aprovado pela mais excêntrica família do Rio de Janeiro.

Um Romance para Berenice é o *spin-off* de *Uma Noite para Helena* e contará a história de Berenice e Eliseu, o casal simpático e apaixonado da Série, remetendo-nos aos anos anteriores ao primeiro livro.



UM NAMORADO PARA TELMA

Spin-off, série Belle Époque

Disponível em e-Book

Compre aqui!

SINOPSE

TELMA, DIFERENTEMENTE DE outras moças de sua idade, não sonha mais em ser pedida em casamento ou mesmo em viver uma grande história de amor. Professora em um grupo escolar, alterna seus dias entre ensinar e ler novelas góticas. Sendo a mais nova de quatro irmãs, acostumou-se a ser a tia que está disponível para cuidar dos

sobrinhos. O que Telma não esperava era reencontrar Thales, seu amor de infância que só tinha olhos para sua irmã mais velha. Thales Padilha voltou recentemente da Europa, formado em Direito e como um exímio boêmio apenas quer aproveitar os prazeres da vida e não pensa em se casar tão cedo. De um encontro inusitado, Telma e Thales implicam um com o outro e iniciam um jogo muito perigoso. Ele quer ajudá-la a arrumar um namorado, mas Telma tenta afastá-lo antes que acabe apaixonada e machucada.

Um Namorado para Telma é mais um *spin-off* de *Uma Noite para Helena*, o livro 3 da *Série Belle Époque* e conta a história de Thales Padilha, o primogênito peralta de Berenice e Eliseu.



UM HERÓI PARA LUCIANA

Spin-off, série Belle Époque

Disponível em e-Book

Compre aqui!

SINOPSE

LUCIANA SEMPRE OUSOU sonhar e querer demais para uma dama de sua época, o que lhe trouxe problemas sem precedentes. Dona de uma mente curiosa e fértil em demasia, foi aprisionada por decisão de seus pais dentro de um asilo para donzelas desajustadas ao se recusar desposar um rico fazendeiro mineiro e desejar cursar a Faculdade de Direito. Em clausura, encontra conforto na amizade de Lorena Neumann, com quem divide a esperança de liberdade. Lorena consegue a proteção do jovem advogado Danilo Magalhães

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Filho, que se compromete a não afastar as duas amigas. Para tanto, Danilo pede auxílio para resolver a situação a Álvaro Junqueira, seu colega de longa data e um brilhante causídico, que fica encantado com a ávida mente e com a beleza de Luciana. Não demora muito para os dois jovens se envolverem sentimentalmente e um escândalo poderá comprometer a reputação da jovem, que se vê obrigada a fugir com Álvaro para o exterior.

Um Herói para Luciana é o *spin-off* de *Um Cavaleiro para Lorena* e contará a história de Luciana e Álvaro, o casal apaixonado e escandaloso da Série, remetendo-nos aos acontecimentos ocorridos no livro 4 sob o ponto de vista de Luciana, brindando-nos ainda com relatos emocionantes de sua fuga para se casar com seu grande amor.

PERIGOSAS ACHERON



UM ESCÂNDALO PARA CECÍLIA

Spin-off, série Belle Époque

Disponível em e-Book

Compre aqui!

SINOPSE

CECÍLIA E MATTHEW cresceram como se fossem primos devido à proximidade de suas famílias: os Magalhães e os Gusmão de Albuquerque. Muito apegados um ao outro desde a infância, acabaram se afastando quando Matthew viajou à Inglaterra a fim de concluir seus estudos, já que lhe era uma oportunidade única de conviver

PERIGOSAS ACHERON

com o lado inglês de sua família. Sentindo-se traída e abandonada por aquele a quem julgava amá-la, Cecília resolveu fechar seu coração para o amor e dedicou-se à carreira de bailarina, tornando-se uma das mais notáveis no corpo de balé do Teatro Municipal. Matthew regressa ao Brasil e, ao encontrar uma bela e inteligente mulher no lugar de sua tímida amiga, deixa-se levar pelo desejo, seduzindo-a para seus braços. Cecília não o rechaça e depois de uma noite de amor um grande escândalo ameaça pairar sobre suas famílias, forçando-os a encarar a verdade sobre seus próprios sentimentos.

Um *Escândalo para Cecília* é mais um *spin-off* de *Um Cavalheiro para Lorena*, o livro 4 da *Série Belle Époque* e conta a história de Cecília, a primogênita de Lorena e Danilo, e Matthew, um dos filhos mais velhos de Penélope e Felipe.



UM INGLÊS PARA RITA

Spin-off, série Belle Époque

Disponível em e-Book

Compre aqui!

SINOPSE

RITA É UMA jovem que não espera muito da vida, a não ser manter seu bom emprego e ser feliz ao lado da mãe, uma ex-escrava que foi acolhida pela família Volkov. Meiga e de coração puro, não contava se apaixonar por um inglês que representava tudo o que ela mais abominava em um homem. Oscar desembarcou no Brasil a

PERIGOSAS ACHERON

contragosto para acompanhar o Duque de Cumberland, a quem servia como criado de quarto, única função que lhe restou depois de ser expulso do Exército Inglês por comportamento não digno de um cavalheiro. Em um encontro marcado pelo acaso, o jovem inglês fica encantado com a beleza de Rita, uma dama de pele da cor do caramelo e rosto delicado, que o seduz apenas com uma troca de olhares, fazendo-o reconsiderar as escolhas feitas até então.

Um Inglês para Rita é o *spin-off* de *Um Duque para Irene* e contará a história de Ritinha e Oscar, o casal que romperá as barreiras do preconceito para viver o mais genuíno dos amores da Série.



UM AMOR INESPERADO

Trilogia Amores Imperfeitos, 1
Prequel de Belle Époque

Disponível em e-Book

Compre aqui!

SINOPSE

VIOLETA NUNCA ESPEROU muito de sua vida, talvez um casamento com um bom homem que lhe desse filhos e uma família feliz. Filha de um excêntrico fidalgo português, cresceu no Brasil na companhia de suas três irmãs mais velhas e do caçula, o único varão a quem sempre amou como filho. Imbuída das ideias abolicionistas do pai,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acredita que a causa dos negros é o futuro da nação, o que a faz se envolver em projetos audaciosos para uma jovem dama de berço.

Fernão Benício é a esperança dos novos ventos que sopram cada vez mais desraigados entre os jovens brasileiros. Idealista, de mente ágil e empreendedor por vocação, fez a fortuna da família crescer ao se lançar no mercado de valores. Tido por muitos como revolucionário, milita em favor da liberdade e da igualdade. Um descrente no amor, não pretende se casar logo, inventando inúmeras desculpas para evitar o matrimônio.

Violeta e Fernão Benício irão provar que o amor pode nascer do inesperado.

Um Amor Inesperado narra a trajetória de Violeta e Fernão Benício, os patriarcas da Família Gusmão de Albuquerque, cujos descendentes tiveram suas histórias contadas por meio dos livros da Série Belle Époque.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



QUANDO ELA CHEGOU

Trilogia *Ela*, 1

Disponível em e-Book

Compre aqui!

Disponível em formato físico

Compre aqui!

SINOPSE

APAIXONADA POR ARQUITETURA e história, Camila Rossini sonhava se tornar uma arquiteta para trabalhar com restauração e conservação de prédios históricos. Jovem, linda, de personalidade forte e destemida, perfeccionista e

PERIGOSAS ACHERON

detalhista ao extremo, Camila precisou assumir a presidência da construtora da família quando seu irmão mais velho sofreu um grave acidente de trânsito.

Empenhada em manter os negócios da família, Camila deixa de lado seus sonhos e passa a viver para a empresa durante anos. Depois de um longo noivado, é abandonada no altar, o que a leva a questionar as escolhas que fez na vida e a embarcar numa viagem para o exterior.

Ao retornar para o Brasil, Camila decide recomeçar sua vida e realizar seus antigos sonhos. Muda-se para o Rio de Janeiro e aceita o cargo de assistente do genioso e controlador Murilo Mendonça Castro de Alcântara, um arquiteto talentoso e um mulherengo incorrigível. Uma forte atração surgirá entre os dois, fazendo-os sucumbir a uma tórrida paixão, que poderá mudar o curso de suas vidas para sempre.

Quando ela chegou é o primeiro livro da *Triologia Ela*, que narra os encontros de casais de mundos diferentes que descobrem no amor seu elo mais profundo.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



ELA É MINHA

Trilogia *Ela*, 2

Disponível em e-Book

Compre aqui!

SINOPSE

EM QUANDO ELA CHEGOU, o livro 1 da Trilogia Ela, conhecemos o charmoso e divertido arquiteto Eduardo Botelho Neves, o Edu. Abalado com o casamento de Murilo e Camila, a quem nutria uma paixão, Edu prefere se afastar dos amigos.

Depois de muita insistência, Edu aceita o convite

de Murilo para uma confraternização em sua casa, onde conhece Maria Lúcia Oliveira de Souza, a Malu, uma cientista com doutorado em física nuclear, que retorna ao Brasil para resolver pendências de seu misterioso passado.

O que Edu não esperava era se ver às voltas com a cientista e apaixonar-se por ela. Porém, Malu não quer se relacionar com ninguém, dificultando e criando barreiras para que Edu se aproxime.

Edu, um conquistador nato e um sedutor experiente, não mede esforços para conquistar Malu, usando todas as suas habilidades para atraí-la para sua cama. Ele a quer muito e ela se deixa levar pelo prazer. A atração entre os dois passa a ser irresistível e uma perseguição entre eles se inicia, levando-os a descobrir e a experimentar sentimentos nunca antes vividos.

Ela é minha é o segundo livro da Trilogia Ela, que narra os encontros de casais de mundos diferentes que descobrem no amor seu elo mais profundo.

Faz parte desta edição, como bônus especial, o conto Ela é Perfeita.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



EU QUERO ELA

Trilogia *Ela*, 3

Disponível em e-Book

Compre aqui!

SINOPSE

EM "EU QUERO ELA" é a vez de conhecermos o intelectual Leandro Navarro, um astrofísico introvertido que, arrependido de abandonar Camila no altar, inicia uma busca para encontrá-la e se desculpar pelo que havia feito com a esperança de reviver seu relacionamento.

O que Leandro não esperava era encontrá-la

casada e com filhos. Não bastasse o ciúme doentio do marido de sua ex-noiva, Leandro ainda precisará vencer as barreiras impostas pela cunhada de Camila. Ana Margarida Mendonça Marcuzzi, uma jovem extrovertida e cheia de vida, não medirá esforços para proteger o casamento do irmão, lançando mão da sedução para manter o cientista afastado da cunhada.

Desse encontro inusitado surge uma forte atração. Esse sentimento faz com que criem um elo, onde desejo e paixão os conduzirá a descobrir o real significado da palavra amor.

"Eu quero ela" é o terceiro livro da "Trilogia Ela", que narra a estória de casais de mundos diferentes que encontram no amor seu elo mais profundo.

Faz parte desta edição, como bônus especial, o conto *Para sempre ela*.



SEMPRE FOI VOCÊ

Disponível em formato físico

Compre aqui!

Disponível em e-Book

Compre aqui!

SINOPSE

DEPOIS DE UMA década e de escolhas erradas, Pedro reencontra a mulher de sua vida. Pedro e Melissa foram namorados na juventude, mas o destino os impediu de ficar juntos. Melissa casou-se com o melhor amigo de Pedro após ter fugido para o exterior. Pedro, por sua vez, casou-se com a

PERIGOSAS ACHERON

irmã mais nova de Melissa. Com o retorno de Melissa ao Brasil, agora viúva, a paixão adormecida entre os dois renasce ainda mais forte.

Preso a um casamento fracassado, Pedro precisará lutar para reconquistar o amor e a confiança de Melissa. Em meio a segredos e intrigas familiares, poderá o amor ser capaz de vencer?



AO SR. L, COM AMOR

Disponível em e-Book

Compre aqui!

SINOPSE

ATRAVÉS DE CARTAS não enviadas ao Senhor L., o amor idealizado da Senhorita S., conheceremos a transformação de uma menina tímida em uma mulher realizada e segura de suas escolhas. A primeira carta foi escrita no aniversário de 15 anos e, a partir de então, a cada 5 anos, a Senhorita S. escreveu uma nova carta, onde relatou os principais fatos, conquistas e sentimentos dos

PERIGOSAS ACHERON

últimos anos de sua vida e as marcas que um amor não correspondido deixou em sua alma. A última e derradeira carta foi escrita, após um encontro dos dois, 20 anos depois da primeira carta. Na última carta, a senhorita S. despede-se definitivamente da menina que um dia foi e dá boas-vindas à mulher madura e feliz que se tornou.



VIDAS ENTRELAÇADAS

Disponível em e-Book

Compre aqui!

SINOPSE

FREDERICO E JOÃO PEDRO, dois irmãos que cometem o pecado de amar a mesma mulher. Olívia é essa mulher, uma jornalista talentosa e uma mãe solteira dedicada, que desde os 15 anos é atormentada por pesadelos.

O destino trama um reencontro decidido por suas almas há longa data, no qual um acerto de contas é imprescindível para o resgate dos pecados dos

PERIGOSAS ACHERON

três. Paixão e desejo. Intrigas e amarguras. Ódio e amor. Vida e morte. Sentimentos que os macularam além da vida, entrelaçando-os numa ciranda interminável em busca da redenção.

Um enredo instigante, onde o passado interfere no presente de forma tão intensa que pode gerar consequências no futuro. Traumas e medos que marcam o presente de uma mulher, fazendo-a cometer os mesmos erros do passado.

Para corações fortes e apreciadores de um romance dramático, Vidas Entrelaçadas. Suspense, mistérios e um amor mais forte que tudo. Poderá, Olívia, superar as marcas do passado para, enfim, encontrar paz para sua alma atormentada?



A DAMA DA FLORESTA

Disponível em e-Book

Compre aqui!

SINOPSE

EILEEN CRESCEU ABRIGADA pela proteção da floresta, onde aprendeu a curar utilizando os vários tipos de plantas. Descendente de uma linhagem de curandeiras habilidosas, apenas quer fazer o bem e salvar vidas, seja tratando dos doentes ou trazendo vidas ao mundo. Ganha fama como parteira e é chamada para ajudar no nascimento da filha do Senhor das Terras de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Lyndford e da floresta que tem por lar.

Lorde Aaron de Brienne, o novo Duque de Lyndford, atravessou o Canal da Mancha como aliado do Rei Guilherme em busca de prosperidade e riqueza. Foi recompensado com terras e com um título da nobreza, mas perde em pouco tempo a esposa e se vê encantado pela beleza da misteriosa Eileen.

Um encontro não previsto, um amor impressionante que nem os desencontros serão capazes de torná-lo menos forte, e que coloca à prova um juramento de lealdade e conquistas arduamente forjadas na dureza da lâmina de uma espada. Um segredo que ameaça vir à tona, sacrificando mais do que são capazes de suportar. Dois mundos em constante duelo e um amor que precisará romper as barreiras do preconceito e a ganância dos homens.

PERIGOSAS ACHERON



O BEIJO DO SERTANEJO

Disponível em e-Book

Compre aqui!

SINOPSE

FERNANDA É UMA advogada dedicada, apesar de frustrada com o que o destino lhe trouxe. Desejava ter se tornado uma delegada, mas se viu às voltas com a guarda dos filhos do irmão quando ficaram órfãos. Noiva de um juiz por mais tempo do que acredita ser o certo, conformou-se com sua vida entediante e sem graça. Christian Daniel é o sucesso da música sertaneja no momento. Lindo,

PERIGOSAS ACHERON

atraente e talentoso, pode ter a mulher que deseja em sua cama e as dispensa no dia seguinte com toda a segurança que somente um astro pode fazer. Uma noite qualquer e uma confusão sem precedentes coloca Christian Daniel no caminho de Fernanda. Ela é designada pelo chefe para tirá-lo da prisão e ele se encanta pela mulher misteriosa e segura que é Fernanda. Despeitado por ter sido dispensado por Fernanda, Christian Daniel a persegue sem dó nem piedade, enredando-a para dentro de um jogo de sedução e luxúria do qual ambos podem sair chamuscados e apaixonados.



DIANE BERGHER é gaúcha de nascimento. Adotou Florianópolis como o lugar para viver com o marido e filho. É advogada com duas especializações na área e formação

em coaching e mentoring. Uma leitora compulsiva e escritora por vocação, acredita que sonhar acordada, fantasiar mundos e transformar realidades é a vocação da sua alma. *Quando Ela Chegou*, sua primeira obra, foi lançada na internet. Com um texto delicado e sensível, o romance conquistou o público feminino do site em que está hospedado.



Entre em contato com a autora em suas redes sociais:

Facebook | Instagram | Twitter

Gostou do livro? Compartilhe seu comentário nas redes sociais e na **Amazon** indicando-o para futuros leitores. Obrigada!